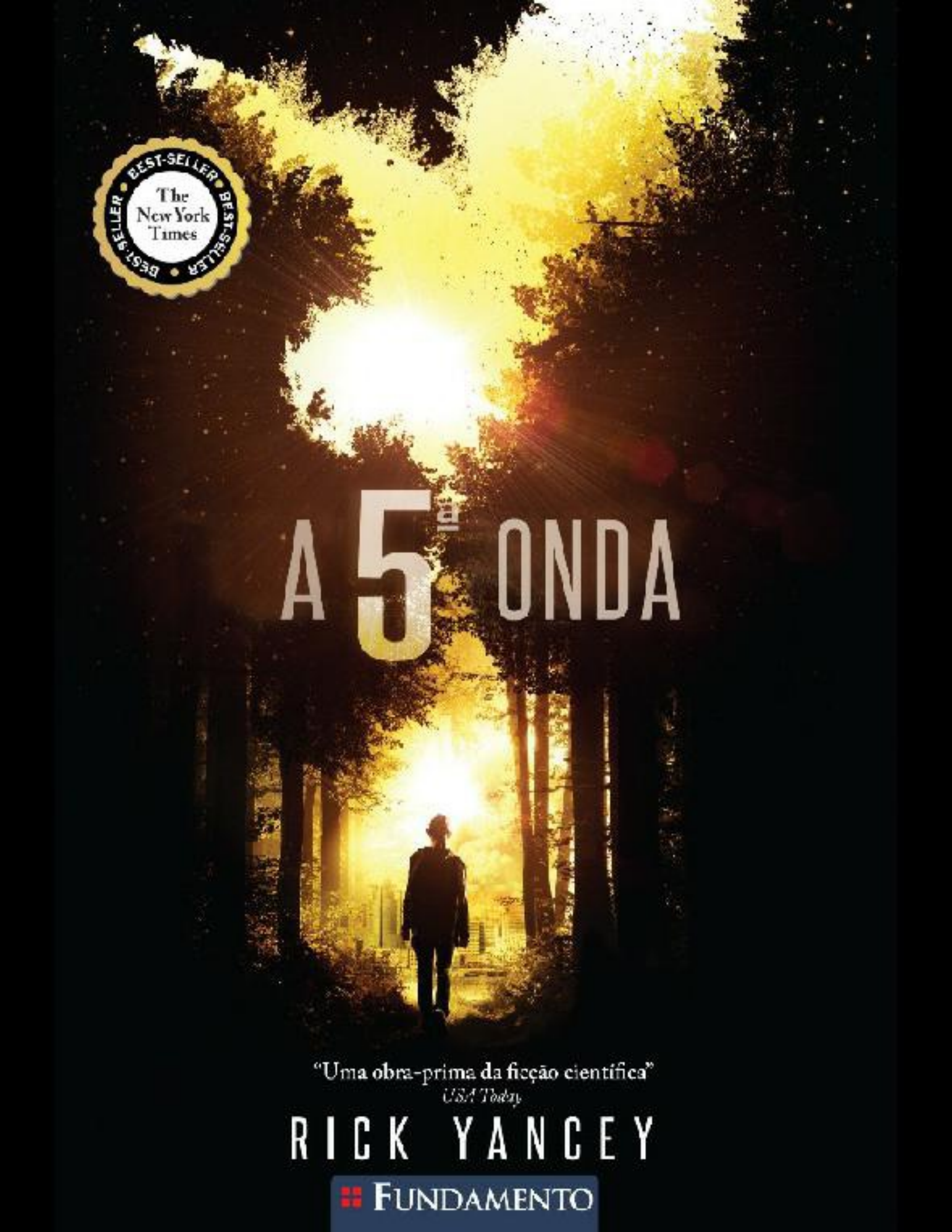

BEST-SELLER
The New York Times
BEST-SELLER
A 5ª ONDA
"Uma obra-prima da ficção científica"
USA Today
RICK YANCEY
FUNDAMENTO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

A 5ª ONDA

RICK YANCEY

EDITORA FUNDAMENTO

Para Sandy, cujos sonhos me inspiram e cujo amor persiste.

Se alienígenas nos visitarem, acho que o resultado seria semelhante ao obtido por Cristóvão Colombo quando aportou na América, o que não foi muito satisfatório para os americanos nativos.

Stephen Hawking

——— A 1ª Onda: *Apagam-se as luzes.*

——— A 2ª Onda: *Começa a arrebentação.*

——— A 3ª Onda: *Pestilência.*

——— A 4ª Onda: *Silenciador.*

Intrusão: 1995

Não haverá despertar.

A mulher adormecida nada sentirá na manhã seguinte, além de uma vaga sensação de inquietação e uma constante impressão de que alguém a observa. A ansiedade vai desaparecer em menos de um dia e logo será esquecida.

A lembrança do sonho vai permanecer um pouco mais.

Em seu sonho, uma grande coruja empoleirou-se no parapeito de sua janela e observou-a através do vidro com os olhos enormes rodeados de branco.

Ela não acorda. Nem o marido ao seu lado. A sombra que recai sobre eles não lhes perturba o sono. E o que a sombra veio buscar — o bebê no interior da mulher adormecida — nada sente. A intrusão não rompe a pele, não viola uma única célula do corpo dela ou do bebê.

Em menos de um minuto está acabado. A sombra se retira.

Agora, são apenas o homem, a mulher, o bebê dentro dela e o intruso dentro do bebê, dormindo.

A mulher e o homem vão despertar pela manhã. O bebê, alguns meses mais tarde, quando nascer.

O intruso dentro dele vai dormir e só vai despertar depois de vários anos, quando a inquietação da mãe da criança e a lembrança daquele sonho já terão há muito desaparecido.

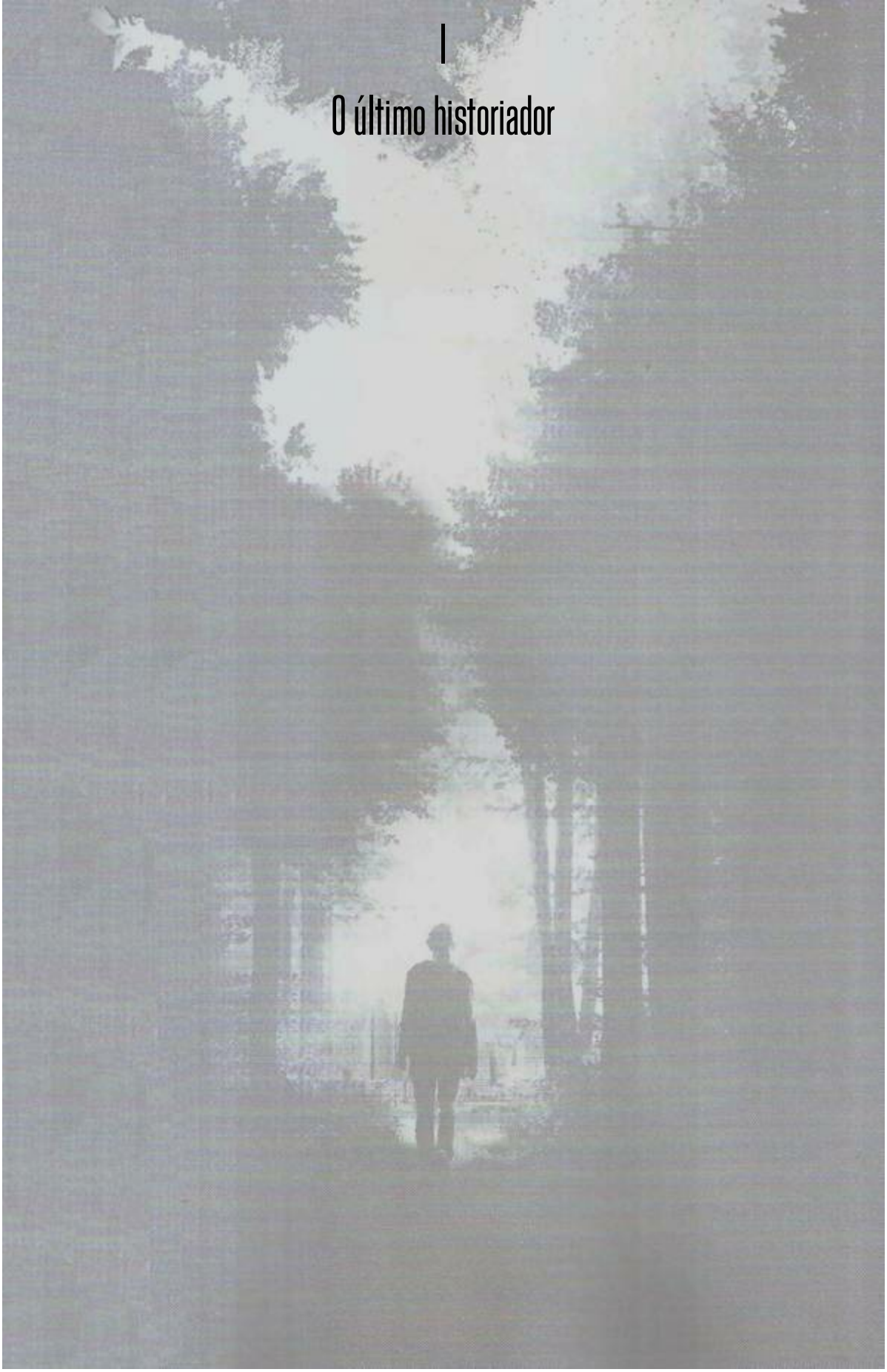
Cinco anos depois, durante uma visita ao zoológico com a criança, a mulher verá uma coruja idêntica à do sonho. Vê-la perturba-a por motivos que não compreende.

Ela não é a primeira a sonhar com corujas no escuro.

Ela não será a última.

I

O último historiador



1

Alienígenas são tolos.

Não estou falando dos verdadeiros alienígenas. Os Outros não são tolos. Os Outros são tão adiantados em relação a nós, que é o mesmo que comparar o ser humano mais estúpido com o cão mais inteligente. Sem condições.

Não, estou falando dos alienígenas dentro de nossas cabeças.

Aqueles que inventamos, os que viemos inventando desde que compreendemos que aquelas luzes cintilantes no céu são sóis como o nosso e, provavelmente, têm planetas como os nossos girando ao redor. Você sabe, os alienígenas que imaginamos, o tipo de alienígenas que *gostaríamos* que nos atacassem, alienígenas humanos. Vocês os viram milhões de vezes, Eles descem impetuosamente do céu em seus discos voadores para destruir Nova York, Tóquio e Londres, ou marcham pelo interior em imensas máquinas parecidas com aranhas mecânicas, disparando armas de raios, e sempre, sempre, a humanidade deixa de lado suas diferenças e agrupa-se para derrotar a horda alienígena. Davi derrota Golias, e todos (exceto Golias) vão felizes para casa.

Que droga.

É como uma barata elaborando um plano para derrotar o sapato que está prestes a esmagá-la.

É impossível ter certeza, mas aposto que os Outros sabiam dos alienígenas que imaginávamos. E aposto que eles acharam tudo muito engraçado. Eles devem ter rolado os traseiros no chão de tanto rir. Se é que têm senso de humor... ou traseiros. Eles devem ter rido como nós rimos quando um cão faz algo especialmente bonitinho e idiota, "Ah, esses humanos, tão bonitinhos e idiotas! Eles acham que gostamos do que fazem! Não é lindo?”

Esqueça os discos voadores, e homenzinhos verdes, e aranhas mecânicas gigantes cuspindo raios de fogo, Esqueça as batalhas épicas com tanques e jatos de guerra e a vitória final para nós, humanos intrépidos, brigões e indomados sobre o enxame de olhos esbugalhados, Isso está tão distante da verdade quanto o seu planeta agonizante se encontrava do nosso planeta vicejante.

A verdade é: quando nos encontrarem, a gente já era.

2

Às vezes, acho que sou a última pessoa na Terra.

O que significa que sou a última pessoa no Universo.

Sei que isso é bobagem. Eles não podem ter matado todos... ainda, Mas entendo como pode ter acontecido, afinal. E, então, acho que isso é exatamente o que os Outros querem que eu veja.

Você se lembra dos dinossauros? Pois bem.

Provavelmente, então, não sou o último humano na Terra, mas sou um dos últimos. Totalmente só — e com a probabilidade de continuar dessa forma — até que a 4ª Onda caia sobre mim e me derrube.

Esse é um dos meus pensamentos noturnos. Sabe, aqueles pensamentos que nos ocorrem às três da madrugada, tipo Deus-estou-ferrado; quando me enrolo como uma pequena bola tão apavorada, que não consigo fechar os olhos, mergulhada num medo tão intenso que tenho que me lembrar de respirar para que o coração continue a bater; quando meu cérebro apaga e começa a falhar como um CD arranhado. "Sozinha, sozinha, sozinha, Cassie, você está sozinha."

Eu me chamo Cassie.

Não Cassie de Cassandra, ou Cassie de Cassidy. Cassie de Cassiopeia, a constelação, a rainha presa à sua cadeira no céu do norte, bela, mas fútil, colocada nos céus por Poseidon, deus dos mares, como punição por sua arrogância. Em grego, meu nome significa "aquela cujas palavras se destacam".

Os meus pais não sabiam absolutamente nada sobre mitologia. Eles apenas acharam que era um nome bonito.

Mesmo quando havia pessoas por perto que me chamavam, nunca usavam o nome Cassiopeia. Somente meu pai, e somente quando estava me provocando, e sempre com um péssimo sotaque italiano: Cass-ee-oh-PEE-a. Ele me deixava maluca, Eu não achava divertido ou bonitinho, e aquilo me fazia detestar o próprio nome.

— Eu sou Cassie! — gritava. — Só Cassie! — Agora daria qualquer coisa para ouvi-lo chamar-me só mais uma vez.

Quando fiz 12 anos, quatro anos antes da Chegada, meu pai me deu um telescópio de presente de aniversário. Numa noite fria e clara de outono, ele instalou no quintal dos fundos e mostrou, a constelação.

— Está vendo como sé parece com um M? — perguntou.

— Por que deram o nome de Cassiopeia, se tem o formato de um M? — retruquei. — M de quê?

— Bem... não sei se tem algum significado — respondeu com um sorriso.

Minha mãe sempre dizia que essa era a sua melhor qualidade, portanto ele abusava dela, principalmente depois que começou a ficar calvo. Sabe, você atrai o olhar das pessoas para baixo.

— Então, significa qualquer coisa que você quiser Que tal *maravilhoso*? Ou *macio*? Ou *madrepérola*?

Ele pousou a mão no meu ombro, enquanto pela lente eu observava de olhos semicerrados do ponto em que nos encontrávamos das cinco estrelas que brilhavam havia mais de 50 anos-luz. Senti a respiração de meu pai no rosto, quente e úmida no ar frio e seco de outono. Sua respiração tão próxima, as estrelas de Cassiopeia tão distantes.

As estrelas parecem muito mais perto agora. Mais perto do que os 300 milhões de milhas que nos separam. Perto o bastante para serem tocadas, para que eu as toque, para que me toquem. Elas estão tão próximas de mim quanto a respiração do meu pai tinha estado.

Isso parece loucura. Estou louca? Perdi a cabeça? Só se pode dizer que alguém está

louco se houver outra pessoa que é normal. Como o bem e o mal. Se tudo fosse bom, nada seria mau.

Uau. Isso parece, bem... loucura.

Loucura: a nova normalidade.

Acho que poderia dizer que estou louca, já que há uma única pessoa com quem posso me comparar: eu mesma. Não quem sou agora, tremendo em uma barraca embrenhada na floresta, apavorada demais até para pôr a cabeça para fora do saco de dormir. Não essa Cassie. Não. Estou falando da Cassie que eu era antes da Chegada, antes de os Outros colocarem seus traseiros alienígenas em órbita alta. A Cassie de 12 anos, cujos maiores problemas eram as minúsculas sardas salpicadas no nariz, os cabelos crespos com que não conseguia fazer nada e o garoto bonitinho que a via todos os dias e não tinha noção de que ela existia. A Cassie que estava aceitando o fato de ser apenas uma menina comum. Comum na aparência. Comum na escola. Comum nos esportes como caratê e futebol. Basicamente, o único detalhe incomum nela era o nome esquisito — Cassie, de Cassiopeia, que aliás, ninguém conhecia — e sua habilidade para tocar o nariz com a ponta da língua, um talento que rapidamente perdeu o encanto, quando chegou ao ensino médio.

Provavelmente, segundo os padrões de Cassie, eu sou louca.

E ela também é, segundo os meus. Às vezes, grito com ela, essa Cassie de 12 anos de idade, me aborreço com seus cabelos, seu nome estranho ou com o fato de ser apenas "comum".

O que você está fazendo?" — grito comigo mesma. "- Você não sabe o que vai acontecer?"

Mas isso não é justo. Na verdade, ela não sabia, não tinha como saber, o que foi uma vantagem para ela, e o motivo para eu sentir tanta falta dela, mais do que de qualquer outra pessoa, se quiser ser sincera. Quando choro, quando me permito chorar, é por quem eu choro. Não choro por mim. Choro pela Cassie que se foi.

E me pergunto o que essa Cassie iria pensar a meu respeito.

A Cassie que mata.

3

Ele não podia ser muito mais velho do que eu. Teria 18. Talvez 19. Mas, droga, em minha opinião ele poderia ter 719 anos. Cinco meses se passaram, e ainda não tenho certeza se a 4ª Onda é humana ou alguma espécie de híbrido, ou mesmo os próprios Outros, embora eu não goste de pensar que os Outros tenham exatamente a nossa aparência, falem como nós e sangrem como nós. Gosto de pensar nos Outros como sendo... bem, outros.

Eu fazia minha incursão semanal em busca de água. Há um córrego perto de meu acampamento, mas receio que possa estar contaminado, seja por produtos químicos, esgoto ou alguns corpos corrente acima. Ou envenenado. Privar-nos de água potável seria uma excelente forma de nos eliminar rapidamente.

Assim, uma vez por semana coloco meu confiável Ml 6 no ombro e caminho para fora da floresta até a Interestadual. A três quilômetros ao sul, exatamente na saída 175, existem uns dois postos de gasolina com lojas de conveniência. Abasteço-me de toda a água engarrafada que consigo carregar, o que não é muito, pois água é pesado, e volto para a estrada e a relativa segurança das árvores o mais depressa possível, antes que a noite caia de vez. O anoitecer é o melhor momento para viajar. Nunca vi uma alma sequer ao anoitecer. Três ou quatro durante o dia e muitos mais à noite, mas nunca ao anoitecer.

Assim que passei pela estilhaçada porta frontal do posto, soube que algo estava diferente. Eu não *vi* nada diferente. A loja parecia exatamente igual à semana anterior, com as mesmas paredes grafitadas, prateleiras reviradas, chão coberto com caixas vazias e fezes de rato secas, caixas arrombados e geladeiras de cerveja saqueadas. Era a mesma confusão nojenta e malcheirosa que eu atravessava a cada semana havia um mês para chegar ao depósito atrás das gôndolas refrigeradas. Por que as pessoas apanharam a cerveja e os refrigerantes, o dinheiro dos caixas e do cofre, os rolos de bilhetes de loteria, mas deixaram dois engradados de água estava além de minha compreensão. O que elas tinham na cabeça? "É um apocalipse alienígena! Depressa, peguem a cerveja!"

O mesmo estrago provocado pelo desperdício, o mesmo mau cheiro de ratos e comida podre, a mesma espiral intermitente de poeira na luz obscura insinuando-se nas janelas sujas, todas as coisas deslocadas em seu lugar, imperturbadas.

Imóveis.

Algo estava diferente.

Eu me encontrava parada no pequeno monte de vidro quebrado do lado de dentro da porta. Não vi nada. Não ouvi nada. Não cheirei nem senti nada. Mas eu sabia.

Algo estava diferente.

Já fazia muito tempo desde que os humanos tinham sido animais predadores. Uma centena de milhares de anos atrás, mais ou menos. Contudo, enterrada profundamente em nossos genes, a memória permanece: a percepção da gazela, o instinto do antílope. O vento sussurra pela grama. Uma sombra corre entre as árvores. E a pequena voz se faz ouvir, e diz:

— *Shhh, agora está perto. Perto.*

Não me lembro de ter sacudido o fuzil do ombro. Num instante, ele estava pendurado nas minhas costas, no outro, estava em minhas mãos, boca para baixo, gatilho pronto.

Perto.

Eu nunca tinha atirado em nada maior do que um coelho, e, mesmo assim, foi uma espécie de experiência, para ver se realmente podia usar a coisa sem estourar alguma parte de meu corpo. Certa vez, atirei acima das cabeças de uns cães selvagens interessados demais no meu acampamento. Noutra oportunidade, diretamente para cima, mirando uma minúscula luz esverdeada e cintilante, que era a nave mãe deslizando silenciosamente pelos fundos da Via Láctea. Certo, admito que fui tola. Eu poderia igualmente ter erigido um cartaz com uma imensa seta apontando para a minha cabeça, exibindo os dizeres: EI-EI, ESTOU AQUI!

Depois do teste do coelho — aquele pobre coelhinho foi desintegrado, transformando Peter numa massa irreconhecível de ossos e intestinos despedaçados desisti da ideia de usar o fuzil para caçar. Nem mesmo para praticar pontaria, No silêncio que desabou após o ataque da 4ª Onda, os tiros soavam mais alto que uma explosão atômica.

Mesmo assim, achava meu M16 o melhor dos melhores. Sempre a meu lado, até durante a noite, enterrado no saco de dormir comigo, fiel e confiável. Na 4ª Onda, não se pode confiar que pessoas continuem sendo pessoas, mas se pode confiar que a sua arma ainda é sua arma.

Shhh, Cassie. Está perto.

Perto.

Eu deveria ter fugido. A vozinha estava zangada comigo. A vozinha era mais velha do que eu. Ela era mais velha do que a pessoa mais velha que já viveu.

Eu deveria ter dado ouvidos à voz.

Em vez disso, escutei o silêncio da loja abandonada com muita atenção. *Alguma coisa* estava perto. Dei um minúsculo passo para longe da porta, e o vidro quebrado rangeu suavemente sob meu pé.

E então *Alguma Coisa* fez um barulho, algo entre uma tossidela e um gemido. O barulho veio do aposento dos fundos, atrás dos refrigeradores, onde estava a minha água.

Esse era o momento em que eu não precisava daquela vozinha para me dizer o que fazer. Era óbvio, simples. Correr.

Mas não corri.

A primeira regra para sobreviver à 4ª Onda é não confiar em ninguém, não importa qual a sua aparência. Os Outros são muito espertos nessa questão — certo, eles são. espertos em tudo. Não importa se eles têm o aspecto correto, digam as coisas certas e façam exatamente o que você espera que façam. A morte de meu pai não é uma prova disso? Mesmo que o estranho esteja disfarçado de uma velhinha mais doce do que a sua tia- -avó Tilly carregando um gatinho indefeso no colo, não se pode saber ao certo, nunca se sabe, se ela *é* um deles, e que não há um 45 carregado atrás do gatinho.

Não é impensável. E, quanto mais se pensa no assunto, mais pensável ele se toma. A velhinha tem que sumir.

Essa é a parte difícil, a parte que, se eu pensasse demais nela, me faria rastejar para dentro do saco de dormir, fechar o zíper e morrer lentamente de inanição. Quando não se pode confiar em ninguém, então não se pode confiar em ninguém. É melhor acreditar na possibilidade de a tia Tilly ser um deles do que arriscar na probabilidade de tropeçar num colega sobrevivente.

Isso é assustadoramente diabólico.

Esse dilema nos dilacera. Ele facilita em muito a tarefa de nos caçar e erradicar. A 4ª Onda nos obriga à solidão. Somos minoria, enlouquecemos lentamente devido ao isolamento, ao medo e à terrível expectativa pelo inevitável.

Assim, não corri. Não poderia. Quer fosse um deles ou uma tia Tilly, tinha que defender meu território. A única forma de continuar viva é ficar sozinha. Essa é a regra número dois.

Segui os soluços com tossidelas, ou tossidelas com soluços, ou qualquer que seja o nome que quisesse dar aos sons, até chegar à porta que levava ao aposento dos fundos. Quase sem respirar, pisando nos calcanhares.

A porta estava entreaberta, o espaço largo apenas o suficiente para eu passar de lado. Um engradado de metal na parede diretamente a minha frente, e à direita, o longo corredor estreito que corria ao longo dos refrigeradores. Não havia janelas ali. A única luz era o laranja pálido às minhas costas, proporcionado pelo dia que terminava, ainda claro o suficiente para lançar minha sombra no chão grudento. Agachei-me. Minha sombra agachou-se comigo.

Eu não conseguia enxergar atrás do canto do refrigerador nem o corredor. Mas conseguia ouvir quem, ou o quê, estava na extremidade oposta, tossindo, gemendo, emitindo o soluço gorgolejante.

"Ou gravemente ferido, ou fingindo estar gravemente ferido", pensei. "Ou precisa de ajuda, ou é uma armadilha."

Era nisso que a vida na Terra tinha se transformado desde a Chegada. Um mundo de dúvidas e incertezas.

"Ou é um deles e sabe que estou aqui, ou não é um deles e precisa da minha ajuda."

De um jeito ou de outro, eu tinha que me levantar e virar aquela curva. Então, me levantei.

E virei a curva.

4

Ele se encontrava recostado à parede dos fundos, a seis metros de distância, as pernas longas estendidas, agarrando o estômago com uma das mãos. Usava uma roupa de proteção e calçava botas pretas, e estava coberto de fuligem e de sangue vivo. Havia sangue em todo o lugar. Na parede atrás dele; empoçando no concreto frio debaixo dele; encharcando o uniforme; colado aos cabeços. O sangue cintilava, escuro, negro como breu na semiescuridão.

Na outra mão, ele segurava uma arma, e essa arma estava apontada para a minha cabeça.

Imitei-o. A arma dele contra meu fuzil. Dedos apertando-se nos gatilhos: os dele, os meus.

O fato de estar apontando a arma para mim não provava nada. Talvez ele fosse mesmo um soldado ferido e pensasse que eu fosse um deles.

Ou talvez não.

— Largue a arma — ele tartamudeou.

"Talvez no inferno."

— Largue a arma! — gritou, ou tentou gritar.

As palavras saíram trêmulas e entrecortadas, derrotadas pelo sangue que subia das entranhas. Sangue escorria pelo lábio inferior e pendia, incerto, no queixo com a barba por fazer. Seus dentes cintilavam com sangue.

Sacudi a cabeça. Eu me encontrava de costas para a luz, e rezei para que ele não pudesse ver o quanto eu tremia, ou o medo em meu olhar. Aquele não era um maldito coelho tolo o suficiente para saltar em meu acampamento numa manhã ensolarada. Aquele era um ser humano. Ou, se não era, parecia-se exatamente com um.

A questão sobre matar é que você não sabe se consegue fazê-lo, até que realmente o faça.

Ele repetiu a ordem uma terceira vez, não tão alto quanto na segunda. Pareceu uma súplica.

— Largue a arma.

A mão que segurava a arma crispou-se. A boca do revólver mergulhou em direção ao piso. Não muito, mas meus olhos já tinham se acostumado à luz, e vi um fio de sangue escorrer pelo cano.

E, então, ele a soltou.

A arma caiu entre suas pernas com um forte tinido. O rapaz levou a mão vazia ao ombro, e lá manteve, palma estendida.

— Certo — ele disse, com um meio sorriso sangrento. — Sua vez.

Sacudi a cabeça.

— Outra mão — eu disse.

Desejei que minha voz transmitisse mais força do que sentia. Meus joelhos tinham começado a tremer, meus braços doíam, e minha cabeça girava. Além disso, também lutava contra o desejo de vomitar. Você não sabe se pode agir, até que o faça.

— Não posso — ele retrucou.

— Outra mão.

— Se eu mover essa mão, acho que meu estômago vai cair para fora,.

Ajustei a extremidade do fuzil de encontro ao ombro. Eu suava, tremia, tentava pensar. “Ou uma coisa, ou outra, Cassie, O que você vai fazer? Uma coisa... ou outra?”

— Estou morrendo — ele disse, simplesmente. A distância, os olhos do rapaz eram apenas pequenos pontos que refletiam a luz. — Então, você pode me matar ou me ajudar. Sei que é um ser humano...

— Como você sabe? — perguntei, depressa, antes que ele morresse diante de mim. Se ele fosse um verdadeiro soldado, talvez soubesse qual era a diferença. Seria uma informação extremamente útil.

— Porque, se não fosse, já teria me matado. — Ele sorriu de novo, covinhas nas faces, e foi então que me dei conta do quanto era jovem. Apenas alguns anos a mais do que eu.

— Viu? Também é assim que se sabe — ele tornou, com suavidade.

— Como se sabe o quê? — Meus olhos se enchiam de lágrimas. A imagem do corpo encolhido se agitava a minha frente como a imagem do espelho de uma das atrações de um parque de diversões. Mas eu não ousei afrouxar a mão no fuzil para esfregar os olhos.

— Que eu sou humano. Se não fosse, teria atirado em você.

Fazia sentido. Ou fazia sentido porque eu queria que fizesse? Talvez ele tivesse baixado a arma para que eu soltasse a minha e, assim que eu o fizesse, a segunda arma que estava escondendo sob a roupa apareceria, e a bala iria dizer olá para o meu cérebro.

Isso foi o que os Outros fizeram conosco. É impossível formar um grupo para lutar sem confiança. E, sem confiança, não havia esperança.

Como livrar a Terra de seres humanos? Livre os seres humanos de seu senso de humanidade.

— Tenho que ver sua outra mão — repliquei.

— Eu disse...

— Tenho que ver sua Outra mão! — repeti, a voz trêmula. Não pude evitar.

Ele, então, perdeu o controle.

— Então você simplesmente vai ter que atirar em mim, fulana! Atire em mim e acabe com isso!

A cabeça do rapaz tombou de encontro à parede, a boca aberta, e um terrível grito de angústia se fez ouvir, quicou da parede e do chão para o teto, e golpeou meus ouvidos. Eu não soube dizer se ele gritava de dor ou por se dar conta de que eu não iria salvá-lo. Ele tinha desistido da esperança, e isso mata. Desistir de ter esperanças mata antes que você morra. Muito antes que você morra.

— Se eu lhe mostrar — ele disse, respirando com dificuldade, balançando para a frente e para trás no concreto coberto de sangue se eu lhe mostrar, você me ajuda?

Não respondi. Não respondi porque não tinha uma resposta. Eu estava jogando essa partida um nanossegundo por vez.

E, então, o rapaz decidiu por mim. Ele não ia deixar que eles vencessem, é o que penso agora. Ele não ia parar de ter esperanças, Se eu o matasse, pelo menos ele morreria com uma fração de sua humanidade intacta.

Com uma careta, levantou a mão esquerda devagar. Não restava muito do dia, mal havia luz, e a luz que havia parecia estar se afastando de sua origem, fugindo dele, passando por mim e pela porta semiaberta.

A mão dele estava coberta de sangue meio coagulado, dando a impressão de estar calçando uma luva rubra.

A luz intermitente beijou-lhe a mão ensanguentada e tremeluziu ao longo de algo comprido, fino e metálico. O meu dedo voltou ao gatilho, e o fuzil quicou forte contra meu ombro, o cano escoiceou em minha mão, enquanto eu esvaziava o pente de balas, e de uma grande distância ouvi alguém gritar, mas não era o rapaz, era eu, eu e todos os humanos que foram deixados, se é que alguém havia sido deixado, aos gritos, indefesos, desesperançados, porque não entendemos os fatos, porque entendemos tudo errado. Não havia um enxame de alienígenas descendo do céu em discos voadores ou grandes andadores de metal como algo saído da Guerra das Estrelas ou pequenos E.T.s enrugados e bonitinhos que só queriam arrancar algumas folhas, comer alguns confeitos de chocolate e ir para casa. Não é assim que termina.

Não é assim que termina, mesmo.

Tudo termina conosco nos matando uns aos outros atrás de fileiras de refrigeradores de cerveja vazios na luz mortiça do fim de um dia de verão.

Fui até o rapaz antes que a última luz se fosse. Não para conferir se estava morto. Eu sabia que estava. Eu queria ver o que ainda segurava na mão ensanguentada.

Era um crucifixo.

5

Ele foi a última pessoa que vi.

Agora as folhas estão caindo em abundância, e as noites ficaram frias. Não posso ficar nessa floresta. Não há folhas para me esconder dos teleguiados, não posso arriscar acender uma fogueira, portanto, tenho que sair daqui.

Sei para onde devo ir. Eu sabia havia muito tempo. Fiz uma promessa. O tipo de promessa que não se pode quebrar, pois, se isso acontecer, você terá quebrado parte de si mesmo. Talvez a parte mais importante.

Mas você se diz coisas. Coisas como: "Primeiro, preciso chegar a algumas conclusões. Não posso simplesmente entrar na toca do leão sem um plano." Ou "Acabou, não adianta mais. Você esperou demais."

Qualquer que fosse o motivo por não ter partido antes, eu deveria ter ido embora na noite em que o matei. Não sei como ele foi ferido; por mais que estivesse apavorada, deveria ter examinado o corpo dele, mas não o fiz. Acho que ele poderia ter se ferido em um acidente, mas era mais provável que alguém — ou algo — tivesse atirado nele. E, se alguém ou algo tivesse atirado nele, esse alguém ou algo ainda estava em algum lugar... a menos que o Soldado do Crucifixo tivesse acabado com ele/ela/eles/a coisa. Ou o rapaz era um deles, e o crucifixo era um truque...

Outra maneira que os Outros encontraram para confundir nossa mente: as circunstâncias incertas de nossa destruição certa. Talvez seja esse o objetivo da 5ª Onda: atacar-nos do interior, transformando as nossas mentes em armas.

Talvez o último ser humano da Terra não morra de fome, de abandono, ou virando refeição de animais selvagens.

Talvez o último a morrer seja morto pelo último a viver.

"Está bem, Cassie, não é essa linha de pensamento que você quer seguir."

Sinceramente, embora fosse suicídio ficar nesse lugar e ter uma promessa a cumprir, não quero partir. Essa floresta tem sido o meu lar há muito tempo. Conheço cada trilha, cada árvore, cada trepadeira e arbusto. Vivi na mesma casa durante 16 anos e não sei dizer exatamente como é o quintal dos fundos, mas posso descrever em detalhes cada folha e galho dessa região da floresta. Não tenho ideia do que existe lá fora, além dessas árvores e do trecho de três quilômetros que percorro todas as semanas em busca de suprimentos. Imagino que haja muita coisa parecida com isso: cidades abandonadas cheirando a esgoto e corpos em decomposição, casas incendiadas de que sobraram apenas as paredes, cães e gatos selvagens, engavetamentos de veículos que se estendem por quilômetros na rodovia. E corpos. Muitos, e muitos corpos.

Junto minhas coisas. Essa barraca foi meu lar durante muito tempo, mas é volumosa demais, e preciso viajar com pouco peso. Apenas o essencial, com a Luger, o Ml6, a munição e meu confiável facão de caça no topo da lista, Saco de dormir, estojo de primeiros socorros, cinco garrafas de água, três caixas de salgadinhos e algumas latas de sardinha. Eu detestava sardinhas antes da Chegada, mas passei a realmente gostar delas. O primeiro artigo que procuro numa mercearia? Sardinhas.

Livros? São pesados e ocupam espaço na minha mochila já lotada. Mas aprecio os livros. Assim como meu pai. Nossa casa tinha pilhas que iam do chão ao teto com todos os livros que ele conseguiu encontrar depois que a 3ª Onda fez mais de 3,5 milhões de pessoas desaparecerem. Enquanto o resto de nós buscava água potável e alimentos, e estocava armas para o próximo ataque que sabíamos iria ocorrer, papai carregava livros para casa no carrinho de mão de meu irmãozinho.

Os números assustadores não o afetavam. O fato de termos reduzido de 7 bilhões para algumas centenas de milhares de pessoas em quatro meses não abalava sua confiança de que a nossa raça iria sobreviver.

— Temos que pensar no futuro — insistia. — Quando isso terminar, vamos ter que reconstruir praticamente todos os aspectos da civilização.

Lanterna com bateria solar.

Escova e pasta de dentes. Quando chegar a hora, estou determinada a, pelo menos, ir com os dentes limpos.

Luvas. Dois pares de meias, roupa de baixo, caixa de sabão em pó tamanho viagem, desodorante, xampu (um fim limpo).

Tampões. Sempre fico preocupada com meu estoque, e se vou conseguir encontrar mais.

Minha sacolinha de plástico cheia de fotografias. Meu pai. Minha mãe. Meu irmãozinho Sammy. Meus avós. Lizbeth, minha melhor amiga. Uma de Ben Parish, um-dos-realmente-mais-lindos, recortada do livro do ano, porque Ben era meu futuro namorado e/ou/talvez futuro marido, Não que ele soubesse. Ele mal sabia que eu existia. Tínhamos alguns conhecidos em comum, mas eu era a garota que ficava em segundo plano, mesmo depois de vários obstáculos removidos. A única coisa errada com Ben era a altura: tinha mais de 15 centímetros a mais que eu. Bem, duas coisas: a altura e o fato de estar morto.

Meu celular. Ele foi detonado na 1ª Onda, e não havia meios de recarregá-lo. As torres de celulares não funcionavam e, mesmo que funcionassem, não havia ninguém a quem chamar. Mas, sabe como é, é o meu celular.

Cortador de unhas.

Fósforos. Não acendo fogueiras, mas em algum momento posso precisar queimar ou explodir alguma coisa.

Dois blocos em espiral, pautados, um com capa roxa, o outro, vermelha, Minhas cores preferidas, além de serem meus diários. Faz parte do lance da esperança. Porém, se eu for a última e não houver ninguém para lê-los, talvez um alienígena o faça, e ele vai saber exatamente o que penso deles. No caso de você ser um alienígena e estiver lendo isto, VÁ SE DANAR.

Meu pacotinho de balas Starburst, já sem o sabor laranja. Três embalagens de balas de menta e meus dois últimos pirulitos.

A aliança de casamento de minha mãe.

O velho e maltrapilho urso de Sammy. Não que me pertença agora, Não que eu fique abraçada a ele ou coisa parecida.

Isso é tudo que consigo enfiar na mochila. Estranho. Parece ser demais e, ao mesmo

tempo, insuficiente.

Ainda há lugar para algumas brochuras. Aí *Aventuras de Huckleberry Finn* ou *As Vinhas da Ira*? Os poemas de Sylvia Plath ou Shel Silverstein? Provavelmente levar Plath não é uma boa ideia. Deprimente. Silverstein é para crianças, mas ainda me faz sorrir. Resolvo levar *Huckleberry* (parece apropriado) e *Where the Sidewalk Ends* (Onde. termina a calçada). Encontro você lá em breve, Shel. Suba a bordo, Jim.

Penduro a mochila em um dos ombros, o fuzil no outro, e dirijo-me para a trilha que leva à rodovia. Não olho para trás.

Paro entre a última fileira de árvores. Uma barragem de 60 metros estende-se até as pistas que conduzem ao sul, coberta por carros quebrados, pilhas de roupas, sacos de lixo de plástico rasgados, carcaças queimadas de caminhões que transportavam de gasolina a leite. Havia acidentes por toda parte, alguns de menor importância, alguns engavetamentos que serpenteiam pela interestadual por quilômetros, e o sol da manhã faz todo aquele 'vidro quebrado cintilar.

Não há corpos. Esses carros estão ali desde a 1ª Onda, há muito abandonados pelos donos.

Não foram muitas as pessoas que morreram na 1ª Onda, o pulso eletromagnético maciço que cortou a atmosfera precisamente às 11 horas do décimo dia. Somente cerca de meio milhão, papai arriscou. Certo, meio milhão parece muita gente, mas definitivamente é só uma gota no mar populacional. A Segunda Guerra Mundial matou centenas de vezes mais.

E tivemos tempo para nos preparar para ela, embora não tivéssemos bem certeza para o que estávamos nos preparando. Dez dias depois que as primeiras imagens via satélite da nave mãe passaram por Marte até o lançamento da 1ª Onda. Dez dias de ação violenta. Lei marcial, greves brancas nas Nações Unidas, desfiles, festas nas coberturas, chats intermináveis na internet e a cobertura ininterrupta da Chegada por todos os meios de comunicação. O presidente dirigiu-se à nação — e, então, desapareceu em seu *bunker*. O Conselho de Segurança convocou uma sessão de emergência secreta, fechada à imprensa.

Muitas pessoas simplesmente Se mandaram, como nossos vizinhos, os Majewski. Juntaram seus pertences na tarde do sexto dia, levando tudo que podiam, e puseram o pé na estrada, juntando-se a um êxodo em massa para algum outro lugar, pois, por algum motivo, qualquer outro lugar parecia mais seguro. Milhares de pessoas foram para as montanhas... ou para o deserto... ou para os pântanos. Sabe... algum outro lugar.

O outro lugar dos Majewski era a Disneylândia. Eles não eram os únicos, Disney quebrou os recordes de público naqueles dez dias antes do ataque do pulso eletromagnético.

Meu pai perguntou ao sr, Majewski:

— Então, por que Disneylândia?

E o sr, Majewski disse:

— Bom, as crianças nunca foram.

Os seus dois filhos estavam na faculdade.

Calheríne, que tinha vindo de Baylor no dia anterior, perguntou:

— Para onde vocês estão indo?

— Para nenhum lugar — respondi.

E eu não queria ir a lugar algum. Eu ainda me encontrava em um estado de negação, fingindo que toda aquela história estranha de alienígenas acabaria se resolvendo, mas não sabia como, talvez com a assinatura de algum tratado de paz intergaláctico. Ou talvez eles passassem afim de recolher algumas amostras de solo e fossem embora. Ou talvez eles viessem passar férias, como os Majewski indo à Disneylândia.

— Vocês precisam ir embora — ela disse. — Eles vão atacar as cidades primeiro.

— Talvez você tenha razão — eu disse. — Eles nunca pensariam em dominar o Magic Kingdom.

— Como você prefere morrer? — ela disparou. — Escondida debaixo da cama, ou numa montanha-russa?

Boa pergunta.

Meu pai disse que o mundo estava se dividindo em dois campos: os corredores e os entocados. Os corredores iam para as colinas — a montanha-russa. Os entocados cobriam as janelas com tábuas, estocavam enlatados e munição e mantinham a televisão sintonizada no canal de notícias.

Não houve mensagens de nossos penetras galácticos durante os dez primeiros dias. Nada de shows de luzes, nada de aterrissagem de sujeitos estúpidos de olhos esbugalhados usando macacões prateados no gramado sul da Casa Branca, exigindo ser levados ao nosso líder. Nada de pontas brilhantes girando e distribuindo em alto volume a linguagem universal da música. E nenhuma resposta quando enviamos a nossa mensagem. Algo como: "Olá, bem-vindos à Terra. Esperamos que apreciam a estada. Por favor, não nos matem."

Ninguém sabia o que fazer. Imaginamos que o governo talvez soubesse. O governo tinha planos para tudo, de modo que supusemos que teriam um plano para o aparecimento de um E.T., sem convite e sem aviso, como o primo esquisito de quem ninguém na família gosta de falar.

Algumas pessoas se entocaram. Algumas pessoas correram. Algumas se casaram, outras se divorciaram, outras ainda fizeram bebês. Algumas se mataram. Nós vagávamos como zumbis, robóticos e com rostos inexpressivos, incapazes de absorver a magnitude do que estava ocorrendo.

Agora, é difícil acreditar, mas minha família, como a maioria das pessoas, continuou com sua vida como se o falo mais monumentalmente estarrecedor na história da humanidade não estivesse acontecendo bem debaixo do nosso nariz. Meus pais foram trabalhar, Sammy foi para a creche, e eu, à escola e ao treino de futebol, Era tão normal, e era super estranho. No fim do primeiro dia, todos com mais de 2 anos de idade tinham visto a nave mãe de perto milhares de vezes, aquele imenso casco cinza-esverdeado cintilante, quase do tamanho de Manhattan, circulando a 400 quilômetros acima da Terra, A NASA anunciou um plano para retirar um ônibus espacial do meio da naftalina para tentar contato.

"Bom, essa é uma boa ideia" pensamos. "Esse silêncio é ensurdecedor. For que eles vieram de milhões de quilômetros de distância só para nos observar? Que grosseria."

No terceiro dia, saí com um garoto chamado Mitchell Phelps. Bom, tecnicamente nós fomos para o *lado de fora*. O encontro foi 110 quintal dos fundos de minha casa por causa do toque de recolher. Ele passou pelo *drive-thru* da Starbucks a caminho de casa e nos sentamos no pátio, sorvendo nossas bebidas e fingindo que não víamos a sombra de meu pai que andava de um lado a outro na sala de estar. Mitchell tinha mudado para a cidade alguns dias antes da Chegada. Ele se sentou atrás de mim na aula de Literatura e cometi 0 erro de lhe emprestar o marcador de texto. Assim, quando meu dei conta, ele me convidou para sair, porque uma garota que lhe empresta o marcador de texto deve achar que você é um gato. Não sei por que aceitei. Ele não era muito bonitinho e nem tão interessante, e, decididamente, não era Ben Parish. Ninguém era, exceto Ben Parish, e, esse era todo o problema.

No terceiro dia, ou se conversava sobre os Outros 0 tempo todo, ou se tentava não falar sobre eles de jeito nenhum. Eu me inseri na segunda categoria.

Mitchell estava incluído na primeira.

— E se eles forem "nós"? — perguntou.

Não demorou muito após a Chegada para que todos os paranoicos em conspiração começassem a tagarelar sobre projetos governamentais sigilosos ou um plano secreto para fabricar uma crise alienígena a fim de usurpar nossas liberdades. Acho que ele ia seguir essa linha de pensamento e gemi.

— O quê? — ele perguntou. — Não estou falando de *nós* nós. Quer dizer, e se eles forem nós vindos do futuro?

— E então é como o Exterminador do Futuro, certo? — retruquei, revirando os olhos. — Eles vieram para impedir a revolta das máquinas. Ou, talvez, eles *sejam* as máquinas. Talvez seja a Skynet.

— Acho que não — ele replicou, agindo como se eu estivesse falando sério. — É o paradoxo do avô.

— O quê? E que raios é o paradoxo do avô?

Ele tinha falado como se supusesse que eu sabia o que era o paradoxo do avô, porque, se eu não soubesse, então eu era uma tonta. Detesto quando as pessoas agem assim.

— Eles... isto é, nós... não podemos voltar no tempo para mudar alguma coisa. Se você voltasse no tempo e matasse o seu avô antes de você nascer, então não poderia voltar no tempo para matar o seu avô.

— E por que você iria querer matar o seu avô? — Torci o canudinho do meu Frapuccino de morango para produzir aquele som peculiar de canudinho-dentro-da-tampa.

— A questão é apenas mostrar mudanças na História — ele tornou. Como se fosse eu que tivesse tocado no assunto das viagens no tempo.

— Temos que falar nisso?

— O que mais há para falar?

As sobrancelhas do garoto subiram em direção ao contorno do couro cabeludo. Mitchell tinha sobrancelhas peludas. Foi um dos primeiros detalhes que notei nele. Ele também roía as unhas. Esse foi o segundo detalhe que notei. Cuidar das cutículas revela

muito sobre as pessoas.

Tirei o celular do bolso e enviei um torpedo para Lizbeth.

AJUDE-ME.

— Você está com medo? — ele perguntou, tentando atrair minha atenção. Ou me passar uma sensação de tranquilidade. Estava olhando fixamente para mim.

Sacudi a cabeça.

— Só entediada.

Mentira. Eu estava com medo. Sabia que estava sendo perversa, mas não consegui evitar. Por algum motivo que não sei explicar, eu estava zangada com ele. Talvez eu estivesse realmente zangada comigo mesma por aceitar um encontro com um sujeito no qual não estava interessada. Ou talvez eu estava zangada com ele por não ser Ben Parish, o que não era culpa dele. Mas, mesmo assim...

AJUDAR EM QUÊ?

— Não importa o assunto sobre o que a gente converse — ele disse.

O menino estava olhando para o canteiro de rosas, agitando o resto do café, seu joelho subindo e descendo com tanta violência sob a mesa, que meu copo balançou.

MITCHELL. Achei que não precisava dizer mais nada.

— Para quem você está mandando mensagens?

DISSE PARA NÃO SAIR COM ELE.

— Você não conhece — respondi.

NÃO SEI POR QUE ACEITEI.

— Podemos ir a algum lugar — ele sugeriu. — Quer ir ao cinema?

— Tem o toque de recolher — lembrei. Além de soldados e veículos de emergência, ninguém pode estar na rua depois das nove.

TUDO PARA DEIXAR BEN COM CIUME.

— Você está chateada ou algo parecido?

— Não — respondi. — Eu falei o que era.

Mitchell franziu os lábios, frustrado, sem saber o que dizer.

— Eu só estava tentando deduzir quem eles podem ser — ele falou.

— Você e todo mundo no planeta — retruquei. — Ninguém sabe, e eles não nos dizem nada, e assim todos ficam por aí adivinhando, teorizando, e tudo isso não faz muito sentido. Talvez eles sejam homens-rato viajando no espaço vindos do planeta Queijo para buscar o nosso provolone.

BP NÃO SABE QUE EXISTO.

— Sabe — ele disse é falta de educação mandar torpedos, enquanto estou tentando conversar com você.

Ele tinha razão. Guardei o celular no bolso. “O que está havendo comigo?” perguntei-me. A velha Cassie nunca teria feito isso. Os Outros já estavam me transformando em alguém diferente, mas que tentava fingir que nada tinha mudado, principalmente eu.

— Você soube? — ele perguntou, voltando diretamente ao assunto que falei que me entediava. — Eles estão construindo uma pista de aterrissagem.

Eu tinha ouvido falar nisso. No Vale da Morte. Isso mesmo: Vale da Morte.

— Pessoalmente, acho que não é uma ideia muito inteligente — opinou.

— Estender um tapete de boas-vindas.

— Por que não?

— Já faz três dias. Três dias, e eles recusaram qualquer tipo de contato. Se fossem amigos, por que não nos cumprimentam?

— Talvez sejam tímidos. — Enrolando uma mecha de cabelos no dedo, puxando-a com delicadeza a fim de causar aquela dor semiagradável.

— Como um garoto recém-chegado — ele disse, sendo o garoto recém- chegado.

Ser o garoto novo não deve ser fácil. Achei até que deveria me desculpar por ter sido grosseira.

— Eu fui um pouco mal-educada antes — admiti. — Sinto muito.

Mitchell me lançou um olhar confuso. Ele estava falando sobre alienígenas, não sobre si mesmo, e então eu disse algo a meu respeito, que também não tinha nada a ver.

— Tudo bem — ele afirmou. — Ouvi dizer que você não sai muito com garotos.

Aaai.

— O que mais você ouviu? — Uma daquelas perguntas cuja resposta não se quer saber, mas tem que perguntar assim mesmo.

Ele sorveu seu café com leite pelo pequeno orifício na tampa de plástico.

— Não muita coisa. Não saí por aí perguntando.

— Você perguntou para alguém, e lhe disseram que não namoro muito.

— Eu só disse que estava pensando em convidar você para sair e eles disseram: "É, a Cassie é bem legal." E aí perguntei: "Como ela é?" E eles disseram que você era legal, mas eu não devia ter muitas esperanças porque você meio que arrastava a asa para o Ben Parish,,.

— Eles disseram o quê? Quem falou isso?

Mitchell deu de ombros.

— Não lembro o nome dela.

— Foi Lizbeth Morgan? "Eu vou matá-la,"

— Não sei o nome dela — ele insistiu.

— Como ela é?

— Cabelos castanhos compridos. Óculos. Acho que o nome dela é Carly, sei lá.

— Não conheço nenhuma...

Ah, Deus, alguma Carly que eu nem conheço sabe de mim e Ben Parish, ou da ausência de mim e Ben Parish. E se Carly-ou-alguém sabe disso, então todos sabem.

— Bom, eles estão enganados — disparei. — Não arrasto asa nenhuma para Ben Parish.

— Não importa.

— Para mim, importa.

— Talvez isso não esteja funcionando — ele disse. — Tudo que digo deixa você entediada ou zangada.

— Não estou zangada — respondi, zangada.

— Está bem, então me enganei.

Não, ele estava certo. E eu estava errada em não contar que a Cassie que ele

conhecia não era a Cassie que eu costumava ser, a Cassi pré-Chegada que não faria mal a uma mosca. Eu não estava preparada para admitir a verdade: não era só o mundo que tinha mudado com a chegada dos Outros. Nós mudamos. Eu mudei. No momento em que a nave mãe apareceu, comecei a descer por um caminho que iria terminar nos fundos de uma loja de conveniência atrás de alguns refrigeradores de cerveja vazios. Aquela noite com Mitchell foi apenas o início de minha evolução.

Mitchell estava certo sobre os outros não pararem para dizer oi. Na noite da 1ª Onda, o maior especialista em física teórica do mundo, um dos sujeitos mais inteligentes do planeta (foi o que surgiu na tela sob a cabeça falante: UM DOS SUJEITOS MAIS INTELIGENTES DO MUNDO), apareceu na CNN e disse:

— O silêncio não está me estimulando. Não posso pensar em uma razão benigna para isso. Receio que podemos esperar algo mais próximo à chegada de Cristóvão Colombo às Américas do que uma cena de *Contatos Imediatos do 3º Grau*, e todos sabemos o que isso causou para os americanos nativos.

Eu virei para o meu pai e disse:

— Nós devíamos atacá-los com armas nucleares — disse bem alto, para ser ouvida acima do som da TV.

Papai sempre aumentava o volume durante o noticiário para pode escutar, apesar da televisão de minha mãe na cozinha. Ela gostava de assistir ao canal Discovery, enquanto cozinhava. Eu chamava a situação de guerra dos controles remotos.

— Cassie!

Ele ficou tão chocado, que os dedos dos pés se encolheram dentro das meias brancas esportivas. Ele cresceu assistindo a Contatos Imediatos, E.T. e Jornada nas Estrelas, e aceitava totalmente a ideia de que os Outros tinham vindo para nos libertar de nós mesmos. O fim da fome. O fim das guerras. A erradicação das doenças. A revelação dos segredos do cosmos.

— Você não entende que essa pode ser a próxima etapa de nossa evolução? Um enorme salto para a frente. Imenso. — Ele me deu um abraço tranquilizador. — Somos muito afortunados por sermos testemunhas desse fato.

E, então, ele acrescentou casualmente, como se estivesse falando sobre o conserto de uma torradeira.

— Além do mais, um dispositivo nuclear não pode causar muitos danos no vácuo do espaço. Não há nada para carregar a onda de choque.

— Então esse geniozinho na TV tem a cabeça cheia de merda?

— Não fale assim, Cassie — ele repreendeu. — Ele tem direito de dar sua opinião, mas é só isso. Uma opinião.

— Mas, e se ele estiver certo? E se essa coisa lá em cima for a versão deles de uma Estrela da Morte?

— Atravessar metade do Universo só para nos destruir?

Ele deu tapinhas na minha perna e sorriu. Minha mãe aumentou o volume da televisão da cozinha. Ele também aumentou o volume da televisão na sala de estar.

— Certo, mas e a horda intergaláctica mongol, como ele estava falando? — eu quis saber. — Talvez eles tenham vindo para nos conquistar, nos jogar em reservas, nos

escravizar...

— Cassie — ele replicou. — Simplesmente porque alguma coisa *poderia* acontecer não significa que *vai* acontecer. Seja como for, tudo isso é só especulação. Desse sujeito. Minha. Ninguém sabe por que eles estão aqui. Não pode ser igualmente provável que tenham viajado tão longe para nos salvar?

Quatro meses depois de proferir aquelas palavras, meu pai estava morto.

Ele estava enganado sobre os Outros. E eu estava enganada. E Um dos Sujeitos Mais Inteligentes do Mundo estava enganado.

O objetivo não era nos salvar. Também não era nos escravizar ou agrupar em reservas.

O objetivo era nos matar.

A todos nós.

6

Durante muito tempo, considerei a possibilidade de viajar de dia ou de noite. Se você está preocupada com eles, a escuridão é melhor. Contudo, a luz do dia é preferível se você quer avistar um míssil teleguiado de reconhecimento, antes que ele o aviste.

Os teleguiados apareceram no finalzinho da 3ª Onda. Em forma de charuto cinza desbotado, deslizando veloz e silenciosamente milhares de metros acima. Às vezes, eles atravessavam o céu sem parar. Outras, eles circulavam sobre nossas cabeças como busardos. Eles são capazes de curvas muito fechadas e parar subitamente, indo de mach 2 (duas vezes a velocidade do som) a zero em menos de um segundo. Foi assim que soubemos que os mísseis de reconhecimento não eram nossos.

Soubemos que não eram pilotados por ninguém (ou por nenhum Outro) porque um deles caiu a alguns quilômetros de nosso campo de refugiados. Um *shup-vump*\ No momento em que rompeu a barreira do som, fez-se um som agudo de estourar os tímpanos quando ele disparou em direção à Terra como um foguete, o chão estremecendo sob nossos pés quando mergulhou em um milharal abandonado. Uma equipe de reconhecimento foi até o local da queda para uma verificação. Certo, não era realmente uma equipe, apenas meu pai e Hutchfield, o sujeito encarregado do campo. Ele voltaram com a notícia de que a coisa estava vazia. Tinham certeza? Talvez o piloto tivesse saltado antes do impacto, Meu pai disse que a nave estava repleta de instrumentos e que não havia espaço para um piloto.

— A menos que ele tivesse 5 centímetros de altura.

A suposição suscitou fortes gargalhadas. De alguma forma, quando se pensou nos Outros como seres de 5 centímetros, a piada tornou o horror menos horrível.

Optei por viajar durante 0 dia. Poderia manter um olho no céu e o outro no chão. No fim, acabei balançando a cabeça para cima e para baixo, para baixo e para cima, de um lado a outro, depois para cima de novo, como um fã num show de rock, até ficar tonta e enjoada.

Além disso, à noite há outros detalhes com que se preocupar, além dos mísseis

teleguiados. Cães selvagens, coiotes, ursos e lobos vindos do Canadá, talvez mesmo um leão ou tigre fugidos de um zoológico. Eu sei, eu sei, há uma piada saída do *Mágico de Oz* embutida aqui. Portanto, me processe judicialmente.

E, embora não fosse *muito* melhor, acho que eu teria melhores chances contra um deles à luz do dia. Ou mesmo contra um dos meus, se eu não for a ultima. E se eu tropeçar em outro sobrevivente que decide que a melhor atitude a se tomar é dar uma de Soldado do Crucifixo com todos que encontrar?

Esse fato me faz lembrar a questão da melhor atitude que *eu* devo tomar. Atiro assim que vir alguém? Espero que façam o primeiro movimento e me arrisco a ser morta? Pergunto-me, não pela primeira vez, por que raios não criamos algum tipo de código ou aceno de mão secreto ou algo parecido antes de eles aparecerem, algo que nos identificasse como os bons sujeitos. Não tínhamos como saber se eles iriam aparecer, mas tínhamos quase certeza de que alguma coisa iria, cedo ou tarde.

É difícil planejar algo que vai acontecer no futuro, quando o que vai acontecer no futuro é algo que não se planejou.

Primeiro, tente vê-los, decidi. Esconda-se. Nada de pôr as cartas na mesa. Chega de Soldados do Crucifixo!

O dia está claro, não há vento, mas está frio. Não há nuvens no céu. Caminhando, balançando a cabeça para cima e para baixo, de um lado a outro, mochila batendo numa das omoplatas, o fuzil na outra, acompanhando a margem externa da mediana que separa as faixas sul e norte, parando ao intervalo de alguns passos para me virar bruscamente e examinar o território às minhas costas. Uma hora. Duas. E não percorri mais do que uma milha.

O fato mais assustador, mais assustador do que os carros abandonados, o rosnado do metal amassado e o vidro quebrado cintilando sob o sol de outubro, mais assustador do que todo o lixo e toda a droga descartada espalhada no meio da estrada, quase tudo oculto pelo capim na altura dos joelhos, de modo que a faixa de terra parecia encaroçada, coberta por furúnculos, o mais assustador era o silêncio.

O Zum se foi.

Você se lembra do Zum.

A menos que tenha crescido no alto de uma montanha ou vivido numa caverna durante toda a vida, o Zum sempre estava por perto. Era assim a vida. Era o mar em que nadávamos. O som constante de todas as coisas que construímos a fim de facilitar e deixar a vida um pouco menos entediante. O som mecânico. A sinfonia eletrônica. O Zum representa todas as nossas coisas e todos nós. E se foi.

Esse é o som da Terra antes de a conquistarmos.

Às vezes, na minha barraca, tarde da noite, tenho a impressão de que ouço as estrelas raspando o céu. Tamanho é o silêncio. Após alguns momentos, é até mais do que se pode suportar. Quero gritar com toda a força dos meus pulmões. Quero cantar, bater os pés, bater palmas, qualquer coisa que declare minha presença. As palavras da conversa com o soldado tinham sido as primeiras ditas em voz alta em semanas.

O Zum se foi no décimo dia após a Chegada. Eu estava sentada na terceira aula; digitando o último torpedo que iria enviar. Não lembro exatamente o que dizia.

Onze horas da manhã. Um dia quente e ensolarado no início da primavera. Um dia para vaguear, sonhar e desejar estar em qualquer lugar que não fosse a aula de cálculo da srta. Paulson.

A 1ª Onda chegou sem muito alarde. Não foi um acontecimento dramático. Não houve choque nem temor.

As luzes simplesmente se apagaram.

A que se encontrava sobre a srta. Paulson queimou.

A tela do meu celular escureceu.

Alguém nos fundos da sala emitiu um grito agudo. Clássico. Não importa a hora do dia em que acontece, a energia falta, e alguém grita, como se todo o edifício estivesse desabando.

A srta. Paulson mandou que ficássemos nas carteiras. Isso é outra coisa que as pessoas fazem quando falta energia. Elas se levantam de um salto... Por quê? É esquisito. Estamos tão acostumados à eletricidade que, quando falta, não sabemos o que fazer. Assim, pulamos, gritamos ou começamos a tagarelar feito idiotas. Entramos em pânico. É como se alguém nos tivesse tirado o oxigênio. Contudo, a Chegada tornou tudo pior. Dez dias sobre brasas aguardando que algo aconteça, enquanto nada acontece, deixa as pessoas sobressaltadas.

Assim, quando desligaram o interruptor, ficamos mais histéricos do que o normal.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo. Quando anunciei que meu telefone tinha parado de funcionar, todos tiraram os telefones mudos do bolso. Neal Croskey, que estava sentado no fundo da sala, ouvindo seu iPod enquanto a srta. Paulson dava aula, puxou os fones dos ouvidos e perguntou em voz alta por que a música tinha parado.

Depois que puxam o nosso tapete, depois que entramos em pânico, corremos para a janela mais próxima. Ninguém sabe bem por quê. É aquela sensação de "melhor-ir-ver-o-que-está-acontecendo". O mundo funciona de fora para dentro. Assim, se as luzes se apagam, você olha para fora.

E a srta. Paulson, andando a esmo ao redor da turba reunida em frente às janelas.

— Quietos! Voltem aos seus lugares! Tenho certeza de que vão nos avisar...

Houve um aviso, cerca de um minuto depois. Não pelos alto-falantes, porém, nem por parte do sr. Faulks, o vice-diretor. Ele veio do céu, deles. Sob a forma de um 727 virando em direção à Terra de uma distância de 10 mil pés até desaparecer atrás de uma fileira de árvores e explodir, fazendo subir uma bola de fogo que me lembrou da nuvem em forma de cogumelo provocada por uma explosão atômica.

"Ei, terrenos! Vamos começar essa festa!"

É de se imaginar que um acontecimento dessa natureza nos fizesse mergulhar debaixo das carteiras, mas não foi o que ocorreu. Amontoamo- -nos na janela e examinamos o céu sem nuvens à procura do disco voador que certamente tinha derrubado o avião. Tinha que ser um disco voador, certo? Sabíamos como uma invasão alienígena da mais alta categoria acontecia. Discos voadores disparando pela atmosfera, esquadrões de F-16 a toda velocidade em seus calcanhares, mísseis superfície-ar e rastreadores gritando dos *bunkers*. De uma forma irreal e reconhecidamente doentia, queríamos ver algo parecido. Assim, essa se tornaria uma invasão alienígena

perfeitamente normal.

Esperamos junto às janelas durante meia hora. Ninguém falou muito. A srta. Paulson nos mandou voltar às carteiras. Nós a ignoramos. Trinta minutos na 1ª Onda, e a ordem social já estava se deteriorando. As pessoas continuavam a verificar os celulares, Não conseguíamos ligar os fatos: a queda do avião, a falta de energia, os telefones sem sinal, o relógio na parece com o ponteiro grande congelado no número 12, o pequeno no 11.

Então, a porta se abriu, e o sr. Faulks nos disse para irmos até o ginásio de esportes. Achei que foi uma medida esperta. Levar todos a um lugar para que os alienígenas não precisassem desperdiçar munição.

Assim, a tropa se encaminhou até o ginásio. Sentei-me nas arquibancadas na escuridão quase total, enquanto o diretor andava de um lado a outro, parando de tempos em tempos para mandar que ficássemos em silêncio e esperássemos pela chegada de nossos pais.

E quanto aos alunos cujos carros se encontravam na escola? Eles não poderiam sair?

— Os seus carros não vão funcionar.

"Que M é essa? O que ele quer dizer com nossos carros não vão funcionar?"

Uma hora se passou. Depois duas. Sentei-me ao lado de Lizbeth. Não conversamos muito e, quando falávamos, sussurrávamos. Não tínhamos receio do que estávamos ouvindo. Não tenho certeza do que estávamos ouvindo, mas era parecido com o silêncio que se faz antes de as nuvens se abrirem e o trovão disparar para baixo.

— Essa pode ser a coisa — Lizbeth sussurrou.

Ela esfregou o nariz, nervosa, enterrou as unhas pintadas nos cabelos loiros tingidos, bateu o pé, passou a ponta do dedo na pálpebra: tinha começado a usar lentes de contato, que a incomodavam com frequência.

— É alguma coisa, com certeza — sussurrei de volta.

— Quer dizer, essa pode ser *aquela* coisa. A coisa, o fim.

Ela continuou tirando e recolocando a bateria no celular. Acho que era melhor do que não fazer nada.

Minha amiga começou a chorar. Tomei-lhe o telefone e segurei-lhe a mão. Olhei em volta. Ela não era a única que chorava. Outras crianças rezavam, e outras faziam ambas as coisas — choravam e rezavam. Os professores estavam reunidos junto às portas do ginásio, formando um escudo humano, caso as criaturas do espaço cósmico decidissem arrombar a porta.

— Tem tanta coisa que eu queria fazer — Lizbeth falou. — Eu nem mesmo... — ela engoliu um soluço. — Você sabe.

— Tenho a impressão de que muito desse "você sabe" está acontecendo bem agora — eu disse. — Provavelmente exatamente debaixo dessas arquibancadas.

— Você acha? — Lizbeth enxugou as faces com a palma da mão. — E você?

— Sobre "você sabe"? — Eu não me incomodava em falar sobre sexo. Meu problema era falar sobre sexo quando tinha a ver comigo.

— Ah, eu sei que você não "você sabe". Deus, não estou falando ***disso.***

— Pensei que a gente estava.

— Estou falando das nossas vidas, Cassie! Jesus, isso pode ser o fim desse mundo doido, e tudo que você quer é falar de sexo!

Ela arrancou o celular da minha mão e remexeu na tampa da bateria.

— Motivo pelo qual você deveria simplesmente dizer a ele — ela falou, brincando com os cordões do capuz.

— Dizer o que para quem? — Eu sabia exatamente o que ela queria dizer; eu só estava ganhando tempo.

— Ben! Você devia contar a ele como se sente, como tem se sentido desde o sexto ano.

— Você está brincando, certo? — repliquei, sentindo meu rosto ficar quente.

— E então você deveria fazer amor com ele.

— Cale a boca, Lizbeth.

— É verdade.

— Não penso em fazer sexo com Ben Parish desde o oitavo ano — sussurrei. Oitavo ano? Olhei para minha amiga para verificar se ela estava mesmo ouvindo. Aparentemente, não estava.

— Se eu fosse você, iria até lá agora e diria: "Acho que isso é o fim. Isso é o fim, e eu seria uma idiota se morresse no ginásio desta escola sem nunca ter feito sexo com você." E então você sabe o que eu faria?

— O quê? — perguntei, reprimindo o riso, imaginando a expressão no rosto de Ben.

— Eu o levaria para o jardim de flores e faria sexo com ele.

— No jardim de flores?

— Ou no vestiário. — Ela acenou freneticamente com a mão ao redor, a fim de incluir toda a escola, ou talvez todo o mundo. — Não importa onde.

— O vestiário cheira mal. — Olhei para o contorno da cabeça fantástica de Ben Parish, duas fileiras adiante, — Esse tipo de coisa só acontece nos filmes — ajuntei.

— É, totalmente irreal, nada parecido com o que está acontecendo agora.

Lizbeth tinha razão. Era totalmente irreal. Ambos os cenários, a invasão alienígena na Terra e a invasão de Ben Parish por mim.

— Pelo menos você poderia contar como se sente — ela disse, lendo minha mente.

É, poderia. Iria? Bem...

Mas nunca fui. Aquela foi a última vez em que vi Ben Parish, sentado no ginásio (a casa dos Hawks!) escuro e abafado a duas fileiras de distância, e mesmo assim de costas. É provável que ele tenha morrido na 3ª Onda, como quase todos os outros; e eu nunca disse o que sentia por ele. Deveria ter dito. Ele sabia quem eu era, pois sentava atrás de mim em várias aulas.

Ele provavelmente não se lembrava, mas na escola fundamental tomávamos o mesmo ônibus, e houve uma tarde em que ouvi quando ele contou sobre a irmãzinha que tinha nascido no dia anterior. Eu então me virei e disse: "*O* meu irmão nasceu na semana passada!" E ele respondeu: "É mesmo?" Não com sarcasmo, mas como se achasse o fato uma coincidência interessante. E por cerca de um mês andei por aí pensando que tínhamos essa ligação especial baseada nos bebês. Então, passamos ao ensino médio. Ele se tornou astro do time, e eu me tornei apenas mais uma garota vendo-o marcar gols para

o colégio. Eu o via nas aulas ou nos corredores, e, às vezes, tinha que lutar contra o impulso de correr até ele e dizer, "Ei, eu sou Cassie, a garota do ônibus. Você se lembra dos bebês?"

O engraçado é que ele certamente se lembraria. Ben Parish não podia se satisfazer em ser o garoto mais bonito do colégio. Apenas para me atormentar com sua perfeição, ele também insistiu em ser um dos mais inteligentes. E eu já mencionei que ele era gentil com pequenos animais e crianças? A sua irmãzinha assistia a todos os jogos da lateral, e, quando ganhamos o título do distrito, Ben correu diretamente para a lateral, colocou-a nos ombros e liderou o desfile ao redor do campo, enquanto ela acenava para a multidão como uma rainha que regressava ao lar.

Ah, mais uma coisa: seu sorriso estonteante. Não me faça falar mais.

Após mais uma hora no ginásio escuro e abafado, vi meu pai aparecer na entrada. Ele acenou de leve, como se aparecesse todos os dias no colégio para me levar para casa após um ataque alienígena. Abracei Lizbeth e prometi que ligaria assim que os celulares voltassem a funcionar. Eu ainda estava praticando o pensamento pré-invasão. Sabe, a energia acaba, mas sempre volta. Assim, apenas a abracei, e não me lembro de ter dito que a amava.

Saímos e eu disse:

— Onde está o carro?

E papai disse que o carro não estava funcionando. Nenhum carro estava funcionando. As ruas estavam pontilhadas com carros e ônibus, motocicletas e caminhões sem bateria, batidas, veículos amontoados em todos os quarteirões, carros dobrados em volta de postes de luz e saindo de edifícios. Muitas pessoas ficaram encurraladas quando o PEM chegou. As travas automáticas das portas pararam de funcionar, e elas tiveram que quebrar as janelas, ou simplesmente esperar sentadas que alguém as resgatasse. As pessoas feridas, que ainda podiam se movimentar, rastejavam pela beira das ruas e calçadas à espera de paramédicos, mas nenhum paramédico aparecia porque as ambulâncias, carros de bombeiros e viaturas de polícia também não funcionavam. Tudo que dependia de baterias ou eletricidade, ou tinha um motor, parou às 11 horas da manhã.

Papai caminhava, enquanto falava, segurando meu pulso com firmeza, como se tivesse medo de que algo descesse do céu e me arrebatasse.

— Nada funciona. Não temos eletricidade, telefone, água...

— Vimos um avião cair.

Meu pai assentiu.

— Tenho certeza de que todos caíram. Toda e qualquer coisa no céu, quando a coisa chegou. Jatos de combate, helicópteros, caminhões do exército...

— Quando o que chegou?

— PEM — ele disse. — Pulso eletromagnético. É só gerar um potente o suficiente, e é possível derrubar todo o sistema. Energia, comunicações, transportes... Qualquer coisa que voe ou funcione a motor é desligada.

A distância do colégio até minha casa era de 2,5 quilômetros. Foram os 2,5 quilômetros mais longos que já percorri. Tinha-se a sensação de que uma cortina tinha

caído sobre tudo, uma cortina pintada exatamente parecida com o que estava ocultando. Porém, havia vestígios, pequenas frestas na pintura que diziam que algo tinha saído muito errado. Como todas as pessoas paradas nas suas varandas da frente segurando os telefones mudos, olhando para o céu, ou curvando-se sobre o capô aberto dos carros, remexendo nos fios, porque é isso que se faz quando o carro para: você remexe na fiação.

— Mas está tudo bem — ele disse, apertando meu pulso. — Há uma boa chance de nossos sistemas reserva não terem sido danificados, e tenho certeza de que o governo tem um plano de contingência, bases protegidas, esse tipo de coisa.

— E como puxar nosso tapete se encaixa no plano deles de nos ajudar na próxima etapa de nossa evolução, pai?

Eu me arrependi do que disse no momento em que as palavras deixaram minha boca. Mas eu estava perdendo o controle, Ele não se aborreceu. Ele me olhou e sorriu, tranquilizador, e disse:

— Vai ficar tudo bem — porque isso era o que eu queria que dissesse, e era o que ele queria dizer, e é isso que se faz quando a cortina está caindo: você diz o texto que o público espera ouvir.

7

Por volta do meio-dia, empenhada na missão de cumprir minha promessa, parei para tomar água e comer uma tirinha de carne seca Slim Jim. Sempre que como um Slim Jim, ou uma lata de sardinhas, ou qualquer outro alimento pré-embalado, penso: "Bom, agora existe um a menos dessa coisa no mundo." Aos poucos, estou fazendo desaparecer os indícios de nossa presença aqui, uma dentada após outra.

Decidi que qualquer dia desses iria reunir coragem para apanhar uma galinha e torcer seu delicioso pescoço. Eu mataria por um *cheesebúrguer*. Sinceramente. Se tropeçasse em alguém comendo um *cheesebúrguer*, eu o mataria para tomar-lhe o sanduíche.

Há muitas vacas por aí. Poderia atirar numa delas e desossá-la com a faca de caça. Tenho certeza de que não teria problemas em abater uma vaca. A parte mais difícil seria cozinhá-la. Acender uma fogueira, mesmo à luz do dia, era a forma mais certa de convidá-los para a refeição ao ar livre.

Uma sombra dispara pela grama a uns dez metros à minha frente. Viro a cabeça bruscamente para trás, batendo-a com força na lateral de um Honda Civic ao qual estava recostada enquanto degustava meu lanche. Não era uma aeronave teleguiada. Era um pássaro, uma gaivota, imaginem só, deslizando sobre a superfície com um mínimo movimento das asas estendidas. Uma reação súbita fez passar um calafrio pela espinha. Detesto pássaros. Não os detestava antes da Chegada. Não os detestava após a 1ª Onda. Não os detestava após a 2ª Onda, que realmente não me afetou tanto assim.

Mas depois da 3ª Onda, passei a detestá-los. Não por culpa deles, eu sei. Era como um homem diante do pelotão de fuzilamento que detesta as balas, mas eu não conseguia evitar.

Pássaros são uma droga.

8

Após três dias na estrada, cheguei à conclusão de que carros são animais de carga.

Eles rondam em grupo. Eles morrem em blocos. Blocos de colisões. Blocos de estábulos. Eles cintilam a distância como joias. E, subitamente, os blocos param. A estrada fica vazia por quilômetros. Sou apenas eu e o rio de asfalto cortando um desfiladeiro de árvores seminuas, as folhas enrugadas apegando-se desesperadamente aos galhos escuros. Existe a estrada, o céu vazio, o capim alto e marrom e eu.

Esses trechos vazios são os piores. Carros oferecem cobertura. E abrigo. Eu durmo nos que não estão destruídos (ainda não encontrei nenhum trancado). Se é que se pode chamar isso de dormir. O interior malcheiroso, abafado. Não se consegue abrir as janelas, e deixar a porta aberta está fora de cogitação. A fome corroendo. E os pensamentos noturnos. "Sozinha, sozinha, sozinha."

E o pior dos piores pensamentos noturnos: não sou projetista de aeronaves alienígenas teleguiadas, mas, se fosse, iria garantir que seu dispositivo de detecção fosse sensível o suficiente para captar o sinal da temperatura corporal através do capô do carro. Isso nunca falha: no momento em que começo a adormecer, imagino todas as quatro portas se abrindo bruscamente e dúzias de mãos tentando me pegar, mãos ligadas a braços ligados a seja lá o que forem. E, então, estou em pé, remexendo no meu Ml6, espiando sobre o banco traseiro, dando um giro de 360 graus, sentindo-me encurralada e um pouco cega atrás das janelas embaçadas pelo vapor.

O dia chega. Espero que a névoa da manhã de desfaça, tomo um pouco de água, escovo os dentes, verifico as armas duas vezes, conto meus suprimentos e pego a estrada de novo. Olho para cima, olho para baixo, olho toda a volta. Não paro nas saídas. Por ora, a água é suficiente. Nada vai me fazer aproximar de alguma cidade, a menos que seja necessário.

Por inúmeras razões.

Você sabe como afirmar quando se está se aproximando de uma delas? O cheiro. Você consegue sentir o cheiro de uma cidade a quilômetros de distância.

Ela cheira a fumaça. E a esgoto a céu aberto. E a morte.

Na cidade, é difícil dar dois passos sem tropeçar em um cadáver. Engraçado: pessoas também morrem em grupos.

Começo a sentir o cheiro de Cincinnati a cerca de 2 quilômetros antes de ver a placa de saída. Uma espessa coluna de fumaça se levanta preguiçosamente para o céu sem nuvens.

Cincinnati está em chamas.

Não me surpreendo. Após a 3ª Onda, o segundo acontecimento mais comum encontrado nas cidades, depois dos corpos, eram os incêndios. A simples queda de um relâmpago era capaz de destruir dez quarteirões de uma cidade. Não tinha sobrado ninguém para apagar o fogo.

Os meus olhos começam a lacrimejar. O mau cheiro de Cincinnati me dá ânsia de vômito. Paro tempo suficiente para amarrar um trapo sobre a boca e o nariz e, então, apresso o passo. Tiro o fuzil do ombro e seguro diante do corpo, enquanto caminho depressa, Eu estava com uma sensação ruim quanto a Cincinnati, A velha voz dentro de minha cabeça estava desperta.

"Corra, Cassie. Corra."

E, então, em algum ponto entre as Saídas 17 e 18, encontro os corpos.

9

Eram três, não amontoados como o pessoal da cidade, mas espalhados na faixa central da estrada. O primeiro era um sujeito mais velho, a idade próxima da de meu pai. Usava *blue jeans* e um blusão de moletom do Bengals, time de futebol de Cincinnati. Rosto para baixo, braços estendidos. Tinha levado um tiro na nuca.

O segundo, a cerca de 30 metros de distância, é uma moça, um pouco mais velha do que eu, vestindo calças de pijama masculino e um top da Victoria's Secret. Um fio roxo nos cabelos bem curtos. Um anel de caveira no dedo indicador esquerdo. Esmalte preto nas unhas, lascado. E um buraco de bala na nuca.

Mais alguns metros, e lá estava o terceiro. Um garoto de uns 12 anos. Tênis de basquete de cano alto, brancos, novos em folha. Camiseta preta. Difícil dizer como era o seu rosto.

Deixo o garoto e volto à moça. Ajoelho-me na alta grama marrom ao seu lado. Toco o pescoço pálido. Ainda quente.

"Ah, não. Não, não, não."

Trotei de volta para o primeiro sujeito. Ajoelhei-me. Toquei a palma da mão estendida. Examino o buraco ensanguentado entre as orelhas. Brilhante. Ainda úmido.

Congelo. Atrás de mim, a estrada. Ã minha frente, mais estrada, A direita, árvores. À esquerda, mais árvores. Montes de carros na faixa sul, os mais próximos agrupados a cerca de 300 metros de onde me encontrava. Algo me faz olhar para cima. Bem para cima.

Uma mancha cinza desbotada de encontro ao estonteante fundo azul outonal.

Imóvel.

"Olá, Cassie, O meu nome é sr. Teleguiado. Prazer em conhecê-la!"

Eu me levanto e, quando o faço, no exato momento em que me levanto — se eu tivesse permanecido paralisada ali um milissegundo a mais, o sr. Desconhecido e eu estaríamos exibindo buracos semelhantes algo atinge minha perna, um soco quente bem acima do joelho, que me faz perder o equilíbrio, jogando-me caída sobre o traseiro.

Não ouvi o tiro. Senti o vento frio na grama e meu próprio hálito quente sob o trapo, e o sangue acelerando nos ouvidos. Isso foi tudo antes de a bala me atingir.

Silenciador.

Faz sentido. É claro que usavam silenciadores. E agora descobri o nome perfeito para eles: Silenciadores. Um nome que combina com a descrição do cargo.

Algo assume o controle quando se enfrenta a morte. A parte frontal de seu cérebro

desiste, entrega o controle para a sua parte mais antiga, a parte que cuida das batidas do coração, da respiração e do piscar dos olhos. A parte da natureza feita primeiro, para manter o seu traseiro intacto. A parte que estica o tempo como um gigantesco caramelo, fazendo a segunda parecer uma hora e um minuto mais longa do que uma tarde de verão.

Estendo-me na direção do fuzil. Eu tinha deixado cair o M16, quando o tiro atingiu o alvo, e o chão diante de mim explode, cobrindo-me com uma chuva de grama despedaçada e torrões de terra e pedregulhos.

Certo, esqueça o Ml6.

Arranco a Luger da cintura e dou uma espécie de salto acelerado, ou uma corrida saltitante, na direção do carro mais próximo. A dor não é forte, embora a experiência me diga que ambas vamos acabar muito íntimas depois, mas posso sentir o sangue encharcando meus jeans quando chego ao carro, um velho Buick sedan.

O para-brisa traseiro se estilhaçou quando mergulhei. Rastejo de costas, até conseguir ficar totalmente sob o veículo. Não sou uma garota grande, mas o local é apertado, não há espaço para rolar, nem jeito de virar, se ele aparecer do lado esquerdo.

Encurralada.

"Esperta, Cassie. Muito esperta. Nota 10 em todas as matérias? Medalha de honra? Ceeeerto!"

"Você deveria ter ficado no seu pequeno trecho de floresta, em sua pequena barraca, com seus pequenos livros e suas lindas pequenas lembranças. Pelo menos, quando viessem à sua procura, haveria espaço para correr."

Os minutos passaram. Fiquei deitada de costas, sangrando no concreto. Rolando a cabeça para a direita, para a esquerda, erguendo-a um centímetro para olhar além de meus pés, para a traseira do carro. Onde diabos ele se meteu? Por que está demorando tanto? E, então, concluo: ele usou um fuzil de alta potência com mira telescópica. Só podia ser. Isso significa que ele podia estar a quase um quilômetro de distância, quando atirou.

O que também significa que tenho mais tempo do que imaginei a princípio. Tempo para planejar alguma coisa, além de proferir uma oração desesperada e desconjuntada.

"Faça com que vá embora. Faça com que seja rápido. Deixe-me viver. Deixe que ele acabe com tudo..."

Estou tremendo incontrolavelmente. Estou suando. Estou gelada.

"Você vai entrar em choque. Pense, Cassie."

Pense.

É para isso que fomos feitos. É o que nos trouxe até aqui. É o motivo de eu ter esse carro onde me esconder. Somos humanos.

E humanos pensam. Planejam. Sonham e, então, transformam o sonho em realidade.

"Transforme-o em realidade, Cassie."

A menos que desça, ele não vai conseguir chegar até onde estou. E quando descer... quando ele abaixar a cabeça para me procurar... quando ele estender a mão para agarrar meu tornozelo e me arrastar para fora...

Não. Ele é esperto demais para isso. Ele vai imaginar que estou armada. Não iria se

arriscar. Não que os Silenciadores se importem em viver ou morrer... ou será que se importam? Silenciadores sentem medo? Eles não amam a vida: vi o suficiente para saber disso. Mas amariam a própria vida mais do que amam tirar a dos outros?

O tempo se arrasta. Um minuto é mais longo do que uma estação. Por que está demorando tanto?

Agora é um mundo de dúvidas e incertezas. Ou ele está vindo para acabar comigo, ou não. Mas ele tem que acabar comigo, não é? Não é esse o motivo pelo qual ele está aqui? Não é essa a maldita razão de tudo?

Ou/ou: Ou eu corro — ou saltito, rastejo ou rolo ou fico debaixo desse carro e sangro até a morte. Se me arriscar a fugir, é um tiro certo, não vou conseguir andar meio metro. Se eu ficar, o resultado é o mesmo, apenas mais doloroso, mais apavorante e muito, muito mais lento.

Estrelas negras brotam e dançam diante dos meus olhos. Não consigo encher os pulmões de ar.

Estendo a mão esquerda e arranco o trapo do rosto.

O trapo.

"Cassie, você *é* uma idiota."

Coloco a arma no chão ao meu lado. Essa é a parte mais difícil, separar-me da arma.

Ergo a perna, deslizo o trapo debaixo dela. Não consigo levantar a cabeça para ver o que estou fazendo. Olho para além das estrelas negras que se multiplicam diante de mim para o interior sombrio do Buick, enquanto puxo as duas extremidades do tecido, amarro-as com força, o máximo que consigo, e tateia o nó. Estendo mais a mão e examino o ferimento com a ponta dos dedos. Ainda está sangrando, mas são apenas algumas gotas comparadas ao jorro borbulhante que ocorria antes de fazer o torniquete.

Apanho a arma. Melhor. A visão clareia um pouco e não sinto mais tanto frio. Mexo o corpo alguns centímetros para a esquerda; não gosto de ficar deitada em meu sangue.

Onde ele está? Já teve tempo suficiente para acabar com isso...

"A menos que ele esteja acabado,"

Parei imediatamente o que estava fazendo. Durante alguns segundos, esqueci-me totalmente de respirar.

"Ele não vem. Ele não vem porque não precisa vir. Ele sabe que você não vai se atrever a sair, e se não sair e correr, não vai conseguir sobreviver. Ele sabe que você vai morrer de fome, de hemorragia ou desidratação." "Ele sabe o que eu sei: correr = morrer, ficar = morrer."

"É hora de ele passar para outra vítima."

Se houver outra vítima.

Se eu não for a última.

"Ora, Cassie! De 7 bilhões para apenas uma em cinco meses? Você não é a última, e, mesmo que fosse o último ser humano na Terra, principalmente se for, não pode permitir que tudo acabe desse jeito. Presa debaixo de um maldito Buick, sangrando até todo o sangue se esvair. É assim que a humanidade vai se despedir? Para o inferno, é claro que não."

10

A 1ª Onda levou meio milhão de pessoas.

A 2ª Onda fez esse número parecer uma piada.

No caso de você não saber, vivemos em um planeta em contínuo movimento, Os continentes repousam sobre placas de pedra chamadas placas tectônicas, e essas placas flutuam em um mar de lava derretida, Elas raspam, e roçam, e empurram umas às outras constantemente, criando uma pressão enorme. Ao longo do tempo, a pressão aumenta cada vez mais, até que a placa desliza, liberando imensas quantidades de energia na forma de terremotos. Se um desses tremores se der ao longo de uma das falhas que circundam todos os continentes, a onda de choque produz uma super onda chamada *tsunami*.

Mais de 40% da população do mundo vivem a uma distância de 90 quilômetros do litoral. Isso representa 3 bilhões de pessoas.

E os Outros só precisam fazer chover.

Pegue uma haste duas vezes maior do que o Empire State Building e três vezes mais pesada. Posicione-a sobre uma dessas falhas geológicas. Deixe-a cair da atmosfera superior. Você não precisa de nenhum sistema de propulsão ou orientação: simplesmente deixe-a cair. Graças à gravidade, quando atingir a superfície, ela estará viajando a 20 quilômetros por segundo, 20 vezes mais rápido do que uma bala.

Ela vai atingir a superfície com uma força um bilhão de vezes maior do que a bomba atirada em Hiroshima.

Adeus, Nova York. Adeus, Sydney. Adeus, Califórnia, Washington, Oregon, Alaska, Colúmbia Britânica. Até logo, costa leste.

Japão, Hong Kong, Londres, Roma, Rio.

Foi bom conhecer você. Espero que tenha apreciado a estada!

A 1ª Onda terminou em segundos.

A 2ª Onda durou um pouco mais. Cerca de um dia.

A 3ª Onda? Essa durou ainda mais: 12 semanas. Doze semanas para matar... bem, papai calculou que 97% dos desafortunados sobreviveram às duas primeiras.

Noventa e sete por cento de 4 bilhões? Faça as contas.

Foi quando o Império Alienígena desceu em seus discos voadores e começou a ir embora, certo? Quando o povo da Terra se uniu sob uma bandeira para brincar de Davi e Golias. Nossos tanques contra suas armas de raios. Venham com tudo!

Não tivemos tanta sorte.

E eles não foram tão tolos.

Como se perde quase 4 bilhões de pessoas em três meses?

Pássaros.

Quantos pássaros há no mundo? Quer dar um palpite? Um milhão? Um bilhão? E que tal mais de três centenas de bilhões? Isso representa cerca de 75 pássaros para cada homem, mulher e criança, ainda vivos após as primeiras duas ondas.

Existem milhares de espécies de pássaros em todos os continentes. E pássaros não

reconhecem fronteiras. E eles também defecam bastante.

Eles defecam umas seis vezes ao dia. Isso representa mais de um trilhão de pequenos mísseis descendo dos céus o dia todo, todos os dias.

Seria impossível inventar um sistema de envio mais eficiente de um vírus com uma taxa de mortalidade de 97%.

Meu pai achou que eles usaram algo parecido com o vírus Ebola *e o* modificaram geneticamente. O Ebola não se propaga pelo ar, mas a mudança de uma única proteína pode fazer com que seja transportado pelo ar. O vírus se instala nos pulmões, provoca uma tosse persistente, febre, dores de cabeça. Uma dor muito forte, Você começa a cuspir gotículas de sangue repletas de vírus, O "micróbio" entra no fígado, nos rins, no cérebro. Agora eles já são bilhões dentro de você. Você se tornou uma bomba viral. E, quando explodir, vai atingir todos ao seu redor com o vírus, Eles chamam isso de dessangramento, Como ratos que fogem de um navio prestes a afundar, o vírus é expelido por todos os orifícios, A boca, o nariz, os ouvidos, o ânus, até os olhos. Você chora lágrimas de sangue, literalmente.

Tínhamos diferentes nomes para a condição. A Morte Vermelha, ou a Praga de Sangue. A Pestilência. O Tsunami Vermelho. O Quarto Cavaleiro. Seja qual for o nome escolhido, após três meses, 97 pessoas em cada 100 tinham morrido.

É um número que representa muitas lágrimas de sangue.

O tempo corria em sentido inverso, A 1ª Onda nos atirou de volta ao século 18. As duas seguintes nos jogaram no período Neolítico.

Voltamos a ser caçadores. Nômades. A base da pirâmide.

Mas não estávamos prontos para desistir da esperança. Não ainda.

Restavam ainda muitos de nós para revidar.

Não podíamos enfrentá-los diretamente, mas podíamos usar a estratégia da guerra de guerrilhas. Podíamos atacar seus traseiros alienígenas de maneira indiscriminada. Tínhamos armas e munição suficientes e até algum transporte que sobreviveu à 1ª Onda. O exército tinha sido dizimado, mas ainda havia unidades funcionais em todos os continentes. Havia *bunkers,* cavernas e bases subterrâneas onde podíamos nos esconder durante anos. "Vocês serão a América, invasores alienígenas, e nós seremos o Vietnã."

E os Outros dizem "É, certo, é isso aí."

Pensamos que eles tinham jogado tudo sobre nós, ou pelo menos o pior, pois era difícil imaginar algo pior do que a Morte Vermelha. Os que sobreviveram à 3ª Onda, os dotados de imunidade natural a doenças, encolheram-se junto ao chão, se abasteceram e aguardaram que as Pessoas Encarregadas nos dissessem o que fazer. Sabíamos que alguém tinha que estar no controle, pois ocasionalmente um jato de guerra sibilava pelo céu, e nós ouvíamos o que pareciam batalhas de tiros na distância e o ribombar de caminhões do exército além do horizonte.

Acho que minha família teve mais sorte do que as demais. O Quarto Cavaleiro cavalgou para longe com minha mãe, mas meu pai, Sammy e eu sobrevivemos. Meu pai se gabou de nossos genes superiores. Não é algo que se faria normalmente, vangloriar-se no topo de um Everest de cerca de 7 bilhões de mortos. Papai estava simplesmente sendo quem era, tentando interpretar as vésperas da extinção humana da melhor forma

possível.

A maioria das cidades e vilas foi abandonada após o Tsunami Vermelho. Não havia eletricidade nem água corrente, e lojas e estabelecimentos comerciais havia muito tinham sido despojados de todos os artigos valiosos. Esgotos de 4 centímetros de profundidade corriam a céu aberto em algumas ruas. Incêndios provocados por relâmpagos em tempestades de verão eram comuns.

E ainda havia o problema dos cadáveres.

Eles estavam em todos os lugares: casas, abrigos, hospitais, apartamentos, edifícios comerciais, escolas, igrejas, sinagogas e armazéns.

Há um ponto crítico em que a simples intensidade da morte é devastadora. Não se pode enterrar ou cremar os corpos com a rapidez necessária. Aquele verão da Pestilência foi brutalmente quente, e o mau cheiro de carne em decomposição pairava no ar como uma nociva névoa invisível. Embebíamos tiras de tecido em perfume e amarrávamos sobre a boca e nariz. No fim do dia, o cheiro desagradável tinha impregnado o material e só o que se podia fazer era sentar e ficar enjoado.

Até... engraçado... que se ficasse acostumado com o cheiro.

Aguardamos a *3ª Onda* protegidos em nossa casa. Em parte porque havia uma quarentena. E em parte porque alguns doidos vagavam pelas ruas, invadindo e incendiando casas, além de todas as histórias de morte, estupro e saques. E também porque estávamos apavorados à espera do que poderia vir em seguida.

Mas, principalmente, porque meu pai não queria deixar minha mãe. Ela estava doente demais para viajar, e ele não conseguiu se decidir a abandoná-la.

Ela lhe disse para partir. Deixá-la para trás. Ela ia mesmo morrer. Ela não era mais importante. Importante éramos Sammy e eu, manter-nos em segurança, pensar no futuro e agarrar-se à esperança de que amanhã seria melhor do que hoje.

Meu pai não discutiu, mas também não a deixou. Ele esperou pelo inevitável, mantendo-a o mais confortável possível, e examinando mapas, fazendo listas e reunindo suprimentos. Isso ocorreu na época em que começou a febre de acumular livros e a necessidade-de-reconstruir-a-civilização, Nas noites em que o céu não estava totalmente encoberto por fumaça., íamos para o quintal dos fundos e nos revezávamos no meu velho telescópio para observar a nave mãe navegar majestosamente atrás da Via Láctea. Sem as luzes criadas pelos homens para ofuscá-las, as estrelas estavam mais brilhantes, cintilantemente brilhantes.

— O que estamos esperando? — eu perguntava a ele. Eu ainda esperava, como todo mundo, os discos voadores, os andadores mecânicos e os canhões a laser. — Por que eles simplesmente não acabam com tudo?

E meu pai balançava a cabeça.

— Não sei, meu doce — ele respondia. — Talvez já tenha acabado. Talvez o objetivo não seja matar todo mundo, apenas nos reduzir a um número controlável.

— E então, o quê? O que eles querem?

— Acho que *é* mais uma questão do que eles precisam — meu pai respondeu com suavidade, como se estivesse dando péssimas notícias. — Sabe, eles estão sendo muito cuidadosos.

— Cuidadosos?

— Para não causar mais danos do que o necessário. Esse é o motivo pelo qual estão aqui, Cassie. Eles precisam da Terra.

— Mas não da gente — sussurrei. Eu estava prestes a perder o controle... de novo. Pela trilionésima vez.

Meu pai pousou a mão no meu ombro, pela trilionésima vez, e disse:

— Bem, tivemos a nossa chance. E não estávamos cuidando muito bem do nosso legado. Aposto que, se houvesse um jeito de voltar ao tempo dos dinossauros e entrevistá-los antes de o asteroide cair...

Foi então que eu lhe dei um soco muito forte. Corri para dentro.

Não sei o que era pior, dentro ou fora. Do lado de fora, sentíamo-nos totalmente expostos, constantemente observados, nus sob o céu nu. Mas, do lado de dentro, era um perpétuo crepúsculo. Janelas cobertas por tábuas que bloqueavam a luz do sol durante o dia, velas à noite. Estávamos ficando sem velas, não podíamos usar mais que uma em cada aposento, e sombras profundas moviam-se furtivamente nos cantos antes familiares.

— O que foi, Cassie?

Sammy. Cinco. Adorável. Enormes olhos castanhos de urso de pelúcia, agarrando o outro membro da família de enormes olhos castanhos, o de brinquedo, que agora levo no fundo da mochila.

— Por que você está chorando?

Ver minhas lágrimas incitou-o a chorar também.

Passei por ele sem dar atenção, fui para o quarto do dinossauro humano de 16 anos, *Cassiopeia Sullivanus extinctus*. E, então, voltei para o meu irmão. Não podia deixá-lo chorando daquela maneira. Tínhamos ficado muito unidos desde a doença de nossa mãe. Quase todas as noites, pesadelos o levavam até o meu quarto. Ele se arrastava para dentro de minha cama e apertava o rosto de encontro ao meu peito. Às vezes, ele esquecia e me chamava de mamãe.

— Você viu eles, Cassie? Eles estão chegando?

— Não, garoto — respondi, secando suas lágrimas. — Ninguém está chegando.

Ainda não.

11

Minha mãe morreu numa terça-feira.

Meu pai enterrou-a no quintal, no canteiro de rosas. Foi o que ela pediu antes de morrer. Na época da Pestilência, quando centenas morriam todos os dias, a maioria dos corpos era levada para os subúrbios e cremada. Cidades agonizantes eram cercadas pelas fogueiras constantemente ardentes dos mortos.

Ele me disse para ficar com Sammy. Sammy, que passara a se comportar como um zumbi, arrastando os pés, boca aberta, chupando o dedo, como se tivesse voltado a ter 2 anos, e um vazio nos olhos de urso de pelúcia. Apenas alguns meses antes, minha mãe o empurrava no balanço, levava-o às aulas de caratê, dava-lhe banho, dançava com ele ao

som de sua música preferida. Agora, ela se encontrava embrulhada em um lençol branco, sendo levada para o quinta! dos fundos no ombro de papai.

Pela janela da cozinha, vi meu pai ajoelhado junto à cova rasa. A cabeça estava baixa, os ombros sacudiam. Nunca o tinha visto perder o controle, nem uma única vez, desde a Chegada. As coisas pioravam, e exatamente quando se pensava que elas não podiam ficar piores, elas ficavam ainda mais ruins, mas meu pai nunca se alterava. Mesmo quando minha mãe começou á exibir os primeiros sinais de infecção, ele manteve a calma, principalmente diante dela. Ele não conversava sobre o que acontecia do lado de fora das portas e janelas cobertas de tábuas. Punha compressas úmidas em sua testa, dava-lhe banho, trocava suas roupas, alimentava-a. Nunca o vi chorando na frente dela. Enquanto algumas pessoas se matavam a tiros, enforcavam-se, engoliam punhados de pílulas e saltavam de lugares altos, meu pai se escondia na escuridão.

Ele cantava para minha mãe, repetia piadas tolas que ela tinha ouvido milhares de vezes, e mentia, Ele mentia do jeito que os pais faziam, aquelas mentiras boas que nos ajudam a dormir.

— Hoje escutei outro avião. Parecia um jato de guerra. Isso quer dizer que nosso pessoal conseguiu passar.

— A sua febre baixou um pouco, e seus olhos estão mais brilhantes. Talvez não seja nada sério. Talvez seja só a gripe de sempre.

Nas horas finais, enxugou suas lágrimas de sangue.

Aparou-a, enquanto vomitava a massa negra viral em que seu estômago tinha se transformado.

Levou a mim e Sammy até o quarto para dizer adeus.

— Está tudo bem — ela disse para Sammy. — Tudo vai ficar bem.

Para mim, ela disse:

— Agora ele vai precisar de você, Cassie. Cuide dele. Cuide de seu pai.

Eu disse que ela iria melhorar. Algumas pessoas melhoravam. Elas adoeciam, e, de repente, o vírus abandonava-lhes o corpo. Ninguém entendia a razão. Talvez ele decidisse que o gosto não lhe agradava. E eu não disse que ela ia melhorar para diminuir seu temor. Eu realmente acreditava naquela possibilidade. Tinha que acreditar.

— Você é tudo que eles têm — minha mãe respondeu. Foram suas últimas palavras para mim.

A mente era a última a partir, levada pelas águas vermelhas do Tsunami. O vírus assumia controle total. Algumas pessoas enlouqueciam, à medida que ele cozinhava seus miolos. Elas desferiam socos, arranhavam, chutavam, mordiam. Como se o vírus que precisava de nós também nos detestasse e não visse a hora de se livrar de nós.

Minha mãe olhou para o meu pai e não o reconheceu. Ela não sabia onde se encontrava, quem era ou o que estava acontecendo com ela. E havia aquele permanente sorriso assustador, os lábios ressecados mostrando as gengivas ensanguentadas, os dentes manchados de sangue. Sons saíam de sua boca, mas não eram palavras. O lugar no cérebro que formava as palavras estava tomado pelo vírus, e o vírus não conhecia linguagem. Ele só sabia como se multiplicar.

E, então, minha mãe morreu em meio a uma fúria de movimentos bruscos e gritos

gorgolejantes, os hóspedes indesejados saindo em disparada por todos os orifícios, pois ela estava acabada: eles a tinham esgotado, e era hora de apagar as luzes e encontrar um novo lar.

Papai lhe deu um último banho. Penteou seus cabelos. Escovou o sangue ressecado dos dentes. Quando veio me contar que ela havia partido, ele estava calmo. Ele não perdeu o controle. Abraçou-me enquanto eu o perdia.

Agora, eu o observava pela janela da cozinha. Ajoelhado junto ao canteiro de rosas, achando que ninguém podia vê-lo, meu pai soltou o cabo no qual vinha se segurando, afrouxou a corda que o mantinha equilibrado o tempo todo, enquanto todos a sua volta lançavam-se em queda livre.

Certifiquei-me de que Sammy estava bem e saí. Sentei-me ao lado dele, pus a mão em seu ombro. A última vez em que toquei meu pai tinha sido com o punho, e com muito mais força. Eu não disse nada, e nem ele, não durante muito tempo.

Ele escorregou algo para a minha mão. A aliança de casamento de minha mãe. Ela queria que eu a tivesse, ele contou.

— Vamos embora, Cassie. Amanhã cedo.

Assenti com um gesto de cabeça. Eu sabia que ela era a única razão pela qual ainda não tínhamos partido. Os delicados ramos das roseiras balançavam e oscilavam, como que imitando o meu gesto de cabeça.

— Para onde a gente vai?

— Embora. — Ele olhou ao redor, os olhos arregalados e assustados. — Aqui não é mais seguro.

"Dã", pensei. "E quando foi?"

— A base da Força Aérea Wright-Patterson fica apenas a uns 160 quilômetros daqui. Se andarmos depressa, e o tempo continuar bom, podemos estar lá em cinco ou seis dias.

— E depois... o quê?

Os Outros nos tinham condicionado a pensar dessa maneira, "Certo, fazemos isso, e depois, o quê?" Olhei para o meu pai, esperando uma resposta. Ele era o homem mais inteligente que já conheci. Se não tinha uma resposta, ninguém mais teria. Eu, com certeza, não tinha. E, com certeza, queria que ele tivesse. Precisava que ele tivesse.

Meu pai sacudiu a cabeça, como se não tivesse entendido a pergunta.

— O que tem em Wright-Patterson? — eu quis saber.

— Não sei se tem alguma coisa lá. — Ele tentou sorrir, mas fez uma careta, como se o sorriso provocasse dor.

— Então, por que estamos indo?

— Por que não podemos ficar aqui — ele falou entre dentes cerrados.

— E, se não podemos ficar aqui, temos que ir a algum lugar. Se sobrou alguma coisa parecida com um governo...

Ele balançou a cabeça. Ele não tinha ido ao jardim para aquilo. Ele tinha saído para enterrar a esposa.

— Vá para dentro, Cassie.

— Eu ajudo você.

— Não preciso da sua ajuda.

— Ela é minha mãe. Eu também a amava. Por favor, me deixe ajudar.

Eu estava chorando outra vez. Ele não viu. Não estava olhando para mim, também não estava olhando para minha mãe. Na verdade, ele não estava olhando para nada. Havia, de certa forma, um buraco negro onde antes se encontrava o mundo, e nós dois estávamos caindo dentro dele. Onde poderíamos nos segurar? Puxei a mão dele de cima do corpo de mamãe e apertei-a de encontro ao meu rosto, disse-lhe que o amava, que mamãe o amava e que tudo ficaria bem, e o buraco negro perdeu um pouco de sua força.

— Vá para dentro — repetiu, com suavidade. — Sammy precisa de você mais do que ela.

Entrei. Sammy estava sentado no chão do quarto, brincando com o videogame, destruindo a Estrela da Morte.

— Shruuuuuum, shruuuuuum, vou entrar, Red 1!

E, do lado de fora, meu pai ajoelhou-se na terra recém-revolvida. Terra marrom, rosa vermelha, céu cinza, lençol branco.

12

Acho que agora preciso falar sobre Sammy. Não sei bem como chegar lá.

Lá sendo aquele pequeno trecho ao ar livre, onde o sol beijou minha face arranhada quando escorreguei de sob o Buick. Aquele pequeno trecho foi o mais difícil. O trecho mais longo do universo. O trecho que se estendia por milhares de quilômetros.

Lá sendo o local na estrada em que me virei para enfrentar o inimigo que não podia ver.

Lá sendo a única coisa que evitava que eu enlouquecesse totalmente, a coisa que os Outros não foram capazes de tomar de mim depois de terem me tirado tudo.

Sammy é a razão pela qual não desisti; por que não fiquei debaixo daquele carro e esperei pelo fim.

A última vez em que o vi foi pela janela traseira de um ônibus escolar. Sua testa pressionada de encontro ao vidro. Acenando para mim. E sorrindo. Como se ele fosse para uma viagem de campo: entusiasmado, agitado, nem um pouco temeroso. Estar com todas as outras crianças ajudou. E o ônibus da escola, que era tão normal. O que é mais comum do que um enorme ônibus escolar amarelo? Na verdade, tão normal, que vê-lo entrando 110 campo de refugiados após os quatro meses de horror foi chocante. Foi como ver um McDonald's na Lua. Totalmente esquisito e louco, algo que simplesmente não deveria estar *acontecendo.*

Estávamos no campo somente há algumas semanas. Das cerca de 50 pessoas ali, nós éramos a única família. Os demais eram viúvos ou órfãos. Os últimos com os familiares, estranhos antes de chegar ao campo. O mais velho provavelmente tinha cerca de 60 anos. Sammy era o mais novo, mas havia outras sete crianças, nenhuma com mais de 14 anos, exceto eu.

O campo situava-se a 30 quilômetros a leste de onde vivíamos, aberto na floresta durante a 3ª Onda para a construção de um hospital de campanha depois que os da

cidade tinham atingido a capacidade total. Os edifícios foram erguidos apressadamente, feitos de madeira serrada à mão e zinco recuperado. Uma ala principal para infectados e um barracão menor para os dois médicos que cuidavam dos moribundos antes que eles, também, fossem derrotados pelo Tsunami Vermelho. Havia um jardim de verão e um sistema que captava água da chuva para banhos, limpeza e consumo pessoal.

Comíamos e dormíamos 110 edifício grande. Cerca de 600 pessoas haviam sangrado até a morte ali, mas o chão e as paredes tinham sido lavados com cloro, e os catres em que tinham morrido, queimados. O cheiro ainda lembrava levemente a Pestilência {algo parecido com leite azedo), e o cloro não tinha removido todas as manchas de sangue. Havia desenhos de minúsculos pontos cobrindo as paredes e longas manchas em forma de foice no chão. Era como viver em uma pintura abstrata em 3-D.

O barracão era uma combinação de depósito e esconderijo para armas. Legumes enlatados, carnes embaladas, grãos, farináceos, tecidos etc., e gêneros de primeira necessidade, como sal. Revólveres, pistolas, semiautomáticas, até algumas pistolas de sinalização. Todos os homens estavam armados até os dentes: era a volta do Velho Oeste.

Um fosso raso foi aberto a algumas centenas de metros no interior da floresta, atrás do conjunto. O fosso servia para cremar corpos. Não tínhamos permissão para ir até lá, portanto, naturalmente, eu e algumas das outras crianças mais velhas fomos. Havia esse garoto estranho que chamavam de Brilhantina, provavelmente por causa de seus cabelos longos e penteados para trás com gel. Brilhantina tinha 13 anos e era um caçador de tesouros. Ele realmente andava entre as cinzas para recuperar joias, moedas e qualquer coisa que considerasse valiosa ou "interessante" Ele jurava não agir dessa maneira por ser doido.

— Essa é a diferença agora — ele dizia, soltando uma risadinha de desdém, examinando sua última aquisição com as unhas sujas, as mãos enluvadas com o pó cinza dos restos mortais das pessoas.

A diferença entre o quê?

— Entre ser o Homem ou não. O sistema de troca de mercadorias está de volta, garota! — ele disse, erguendo um colar de diamantes. — E, quando tudo acabar, exceto pelos gritos, as pessoas com as coisas boas vão dar as cartas.

A ideia de que eles queriam matar *todos* nós ainda não era algo que tinha ocorrido a ninguém, até mesmo aos adultos. Brilhantina considerava-se um dos americanos nativos que vendeu Manhattan por um punhado de contas, e não um pássaro Dodô, o que estava muito mais perto da verdade.

Papai tinha ouvido falar do campo algumas semanas antes, quando minha mãe começou a mostrar os primeiros sinais da Pestilência. Ele tentou convencê-la a ir, mas ela sabia que não havia nada que se pudesse fazer. Se ia morrer, queria morrer em sua casa, e não em algum falso hospital no meio da floresta. Então, depois, quando se aproximavam suas últimas horas, chegaram informações de que o hospital tinha sido transformado em um ponto de encontro, um tipo de local protegido para sobreviventes, longe o suficiente da cidade para ser relativamente seguro na próxima Onda, seja lá como ela fosse ocorrer (embora a melhor aposta estava em algum tipo de bombardeio aéreo), mas perto o bastante das Pessoas Encarregadas de descobrir quando viriam nos resgatar, se é que

havia Pessoas Encarregadas, e se viriam.

O chefe não oficial do campo era um militar aposentado chamado Hutchfield. Ele era um Lego humano: mãos quadradas, cabeça quadrada, maxilar quadrado. Usava a mesma camiseta apertada todos os dias, manchada com algo que podia ser sangue, embora as botas pretas sempre brilhassem como um espelho. Tinha a cabeça raspada (mas não o peito, nem as costas, fato que ele deveria levar em consideração). Era coberto de tatuagens. E gostava de armas. Duas no quadril, uma nas costas, no cós das calças, mais uma pendurada no ombro. Ninguém carregava mais armas do que Hutchfield. Talvez isso tivesse algo a ver com o fato de ele ser o chefe não oficial.

Sentinelas nos viram chegando. Quando atingimos a estrada de terra que levava à floresta e ao campo, Hutchfield estava lá com outro sujeito chamado Brogden, Tenho quase certeza de que deveríamos notar o arsenal bélico pendurado em seus corpos. Hutchfield mandou que nos separássemos. Ele ia conversar com meu pai. Brogden ficou comigo e Sams. Eu disse a Hutchfield o que achava da ideia. Sabe, exatamente onde em seu traseiro tatuado ele deveria enfiá-la.

Eu tinha acabado de perder minha mãe e não estava muito ansiosa com a perspectiva de perder meu pai.

— Está tudo bem, Cassie — meu pai me tranquilizou.

— Não conhecemos esses caras — argumentei. — Eles podem ser outro grupo de *Dedos Moles,* pai.

Dedo mole era gíria para "bandidos com armas" os assassinos, estupradores, comerciantes de mercado negro, sequestradores e todo o tipo de malandro que surgiu durante a 3ª Onda, motivo pelo qual as pessoas formavam barricadas em suas casas e estocavam comida e armas. Não foram os alienígenas que nos incitaram a nos preparar para a guerra em primeiro lugar: foram nossos companheiros humanos.

— Eles só estão sendo cautelosos — papai contra-argumentou. — No lugar deles, eu faria a mesma coisa.

Ele me deu um tapinha, e eu o olhei como se dissesse: "Droga, meu velho, se me der outro tapinha condescendente..."

— Vai ficar tudo bem, Cassie.

Ele se afastou com Hutchfield, fora do alcance dos nossos ouvidos, mas ainda à vista. Isso fez com que me sentisse um pouco melhor. Puxei Sammy para perto de mim e fiz o melhor que pude para responder às perguntas de Brogden, sem socá-lo com a mão livre.

— Como vocês se chamam?

— De onde vocês são?

— Alguém do seu grupo foi infectado?

— Há alguma coisa que possam contar sobre o que está acontecendo?

— O que viram?

— O que ouviram?

— Por que estão aqui?

— Você está falando deste campo, ou está falando do aspecto existencial? — perguntei.

O homem franziu as sobrancelhas, formando uma única linha dura, e disse:

— Hã?

— Se você perguntasse antes de toda essa merda acontecer, eu diria algo como: "Estamos aqui para servir nossos semelhantes ou contribuir com a sociedade" Se eu quisesse bancar a espertinha, eu diria: "Porque, se não estivéssemos aqui, estaríamos em algum outro lugar," Mas, como essa merda toda aconteceu, vou dizer que é porque temos muita sorte.

Ele me fitou com os olhos semicerrados antes de dizer, irritado:

— Você é espertinha.

Não sei como meu pai respondeu a essa pergunta, mas, aparentemente, passou pela inspeção, porque nos permitiram entrar no campo com todos os privilégios, o que queria dizer que meu pai (mas não eu) pôde escolher algumas armas do esconderijo. Meu pai tinha uma opinião sobre armas. Não gostava delas, dizia que elas não matavam pessoas, mas facilitavam a tarefa. Agora ele não as considerava tão perigosas, mas sim ridiculamente inúteis.

— Para que você acha que elas vão servir contra uma tecnologia milhares, se não milhões, de anos à nossa frente? — ele perguntou a Hutchfield.

— É como usar um porrete e pedras contra um míssil tático.

O argumento não funcionou com Hutchfield. Pelo amor de Deus, ele era um militar. O fuzil era o seu melhor amigo, seu companheiro mais confiável, a resposta a todas as perguntas possíveis.

Não entendi aquilo na época. Mas entendo agora.

13

Quando o tempo estava bom, todos ficavam ao ar livre até a hora de dormir. Aquele galpão caindo aos pedaços emitia energias negativas, por causa do motivo pelo qual tinha sido construído, Porque existia. O que o tinha levado, e a nós, para aquela floresta. Algumas noites, o clima era leve, quase como se estivéssemos em um acampamento de verão, onde, por algum milagre, todos se gostavam. Alguém contava que tinha ouvido o som de um helicóptero naquela tarde, o que despertava uma onda de especulações cheias de esperança de que as Pessoas Encarregadas estavam se organizando e se preparando para o contra-ataque.

Em outras, o estado de espírito estava sombrio, e a sensação de ansiedade pairava pesada no ar do crepúsculo. Nós éramos os felizardos. Tínhamos sobrevivido ao ataque eletromagnético, à obliteração das costas, à praga que matou todos os que conhecíamos e amávamos. Vencêramos as forças em contrário. Tínhamos encarado a face da Morte, e a Morte piscou primeiro. Se você acha que isso fazia com que nos sentíssemos corajosos e invencíveis, está enganado.

Nós éramos como os japoneses que sobreviveram à primeira explosão da bomba de Hiroshima. Não compreendíamos por que ainda estávamos ali e não tínhamos muita certeza de querer estar.

Contamos histórias sobre nossas vidas antes da Chegada. Choramos abertamente

pelos que haviam morrido. Sofríamos secretamente por nossos smartphones, nossos carros, nossos fornos de micro-ondas e a internet.

Observávamos o céu da noite. A nave mãe certamente nos vigiava, um malévolo olho verde-claro.

Havia discussões sobre para onde deveríamos ir. Era praticamente certo que não poderíamos ficar escondidos naquela floresta por tempo indefinido. Mesmo que os Outros não estivessem para vir a qualquer momento, o inverno estava. Tínhamos que encontrar um abrigo melhor. Tínhamos suprimentos para vários meses, ou menos, dependendo de quantos novos refugiados surgissem no campo. Deveríamos esperar pelo resgate, ou pôr o pé na estrada para encontrá-lo. Meu pai preferia a segunda opção. Ele ainda queria dar uma olhada em Wright-Patterson. Se havia Pessoas Encarregadas, a probabilidade de as encontrarmos lá era muito maior.

Depois de algum tempo, cansei daquilo. Na verdade, falar sobre o problema tinha substituído o ato de fazer algo a respeito. Estava pronta para dizer ao meu pai que deveríamos falar àqueles idiotas arrogantes para engolir aquelas besteiras e partir para Wright-Patterson com quem quer que quisesse nos acompanhar. O resto que se danasse.

Às vezes, pensei, força numérica era um conceito altamente superestimado.

Levei Sammy para dentro e o coloquei na cama. Rezei com ele.

— Agora, me deito para dormir...

Para mim, apenas palavras ao vento. Incoerentes. Não tinha muita certeza do que era, mas eu sentia que, quando se tratava de Deus, havia uma promessa quebrada em algum lugar.

Era uma noite clara de lua cheia. Senti-me tranquila o bastante para dar uma caminhada na floresta.

Alguém no campo tinha apanhado o violão. A melodia se espalhava pela trilha e me seguia por entre as árvores, Era a primeira música que eu ouvia desde a 1ª Onda.

“E, no fim, ficamos acordados E sonhamos em realizar a nossa fuga”

De repente, eu só quis me enrolar como uma pequena bola e chorar. Eu queria partir por entre aquelas árvores e correr até as pernas não mais suportarem. Eu queria vomitar. Eu queria gritar até minha garganta sangrar. Eu queria ver minha mãe outra vez, e Lizbeth, e todos os meus amigos, até os de quem não gostava, e Ben Parish, só para lhe dizer que o amava e queria ter um bebê com ele mais do que queria viver.

O som da música diminuiu, foi abafado pelo som definitivamente menos melódico dos grilos.

Um galho estalou.

E uma voz veio das árvores atrás de mim.

— Cassie! Espere!

Continuei andando. Reconheci a voz. Talvez eu tivesse atraído má sorte por pensar em Ben. Como quando se está louca para comer chocolate e a única coisa na sua mochila é um saquinho amassado de balinhas sabor frutas.

— Cassie!

Agora ele estava correndo. Eu não estava disposta a correr, portanto permiti que me alcançasse.

Esse era um detalhe que não tinha mudado: a única forma certa de não ficar sozinha era querer ficar sozinha.

— O que está fazendo? — Brilhantina perguntou.

Ele estava se esforçando para encher os pulmões de ar. Faces muito vermelhas, têmporas brilhantes, talvez por causa de todo aquele gel nos cabelos.

— Não *é* óbvio? — disparei. — Estou construindo um dispositivo nuclear para derrubar a nave mãe.

— Armas nucleares não vão resolver — ele replicou, endireitando os ombros. — A gente deveria construir um canhão a vapor de Fermi.

— Fermi?

— O cara que inventou a bomba.

— Pensei que tivesse sido Oppenheimer.

Ele pareceu impressionado por eu saber algo sobre história.

— Bom, talvez ele não a tenha inventado, mas foi o patrono.

— Brilhantina, você é doido — eu disse. A frase soou dura, e acrescentei:

— Mas eu não conheci você antes da invasão.

— Você cava um grande buraco e coloca uma ogiva no fundo. Aí, enche o buraco com água e cobre com algumas toneladas de aço. A explosão instantaneamente transforma a água em vapor, o que atira o aço ao espaço numa velocidade seis vezes maior do que a do som.

— É — eu disse. — Alguém deveria mesmo fazer isso. É por isso que está me perseguindo? Você quer que eu o ajude a construir um canhão nuclear a vapor?

— Posso fazer uma pergunta?

— Não.

— Estou falando sério.

— Eu também.

— Se você tivesse só vinte minutos de vida, o que iria fazer?

— Não sei — respondi. — Mas não teria nada a ver com você.

— Como assim? — Ele não esperou pela resposta. Provavelmente imaginou que seria algo que ele não gostaria de ouvir. — E se eu fosse a última pessoa na Terra?

— Se você fosse a última pessoa na Terra, eu não estaria aqui para fazer nada com você.

— Certo. E se nós fôssemos as duas últimas pessoas na Terra?

— Então você ainda acabaria sendo a última, pois eu iria me matar.

— Você não gosta de mim.

— É mesmo? Como você descobriu?

— Digamos que a gente os veja, bem aqui, exatamente agora, descendo para acabar com a gente. O que você iria fazer?

— Não sei. Pediria para matar você primeiro. Aonde você quer chegar?

— Você é virgem? — ele perguntou, de repente.

Olhei para o garoto. Ele falava mesmo sério, mas a maioria dos meninos de 13 anos fala, quando só trata de questões hormonais.

— Vá se danar — eu disse, e passei rapidamente por ele, andando na direção do

campo.

Péssima escolha de palavras. Ele trotou atrás de mim, e nem um fio dos cabelos emplastrados se moveu enquanto corria, Era como um brilhante capacete escuro.

— Estou falando sério, Cassie — ele disse, ofegante. — Estamos numa época em que qualquer noite pode ser a última.

— Tonto, também era assim antes de eles virem.

Ele agarrou meu pulso, me fez virar, aproximou o rosto largo e meloso do meu. Eu era 3 centímetros mais alta do que ele, mas ele pesava 10 quilos a mais do que eu.

— Você quer mesmo morrer sem saber como é?

— Como você tem certeza de que eu não sei? — respondi, libertando-me. — E nunca mais ponha as mãos em mim. — Mudando de assunto.

— Ninguém vai saber — ele insistiu. — Não vou contar para ninguém.

O garoto tentou me agarrar de novo. Afastei a mão dele, dando-lhe um tapa com a esquerda e um soco forte no nariz com a direita. Consegui fazer escorrer o sangue vermelho vivo para a sua boca, e ele sentiu ânsia de vômito.

— Sua vaca — ele xingou. — Pelo menos você tem alguém. Pelo menos nem todos que conheceu na sua vida idiota estão mortos.

Ele irrompeu em lágrimas, caiu na trilha, deu-se por vencido, o grande Buick que está estacionado sobre você, a terrível sensação de que, por pior que tenha sido, vai ficar ainda pior.

"Ah, droga"

Sentei-me na trilha ao lado dele, disse que reclinasse a cabeça para trás, Ele se queixou de que aquela medida fazia o sangue escorrer pela garganta.

— Não conte para ninguém — ele implorou. — Minha reputação vai por água abaixo.

Eu ri. Não consegui evitar.

— Onde você aprendeu a fazer isso? — ele quis saber.

— Com as Bandeirantes.

— Existem distintivos para isso?

— Existem distintivos para tudo.

Na verdade, tinham sido sete anos de aulas de caratê. Deixei o curso no ano anterior. Não me lembro agora dos motivos. Na época, me pareceram bons.

— Eu também sou — ele disse.

— O quê?

Ele cuspiu uma porção de sangue e saliva na terra.

— Virgem.

Que choque.

— O que faz você pensar que eu sou virgem? — perguntei.

— Você não teria me batido se não fosse.

Em nosso sexto dia no campo, vi pela primeira vez uma aeronave teleguiada.

Um brilho cinza no claro céu da tarde.

Houve muitos gritos e correr ias, pessoas apanhando armas, acenando com os chapéus e as camisas, ou apenas agindo de modo descontrolado: chorando, pulando, abraçando, batendo as mãos espalmadas uns nos outros. Eles pensaram que seriam resgatados. Hutchfield e Brogden tentaram acalmar a todos, mas sem sucesso. A aeronave zuniu pelo céu, desapareceu atrás das árvores e então voltou, mais devagar dessa vez. Do chão, ela parecia um pequeno dirigível. Hutchfield e meu pai encontravam-se agachados na entrada das barracas, observando-a, agitando os binóculos de um lado a outro.

— Sem asas. Sem marcas. E você viu a primeira passagem? Mach 2, no mínimo. A menos que tenhamos lançado alguma aeronave secreta, não tem jeito de essa coisa ser terrestre. — Enquanto falava, Hutchfield socava a terra ao ritmo de suas palavras.

Meu pai concordou. Nós estávamos reunidos nos barracões. Meu pai e Hutchfield ficaram na entrada, ainda virando os binóculos de um lado a outro.

— São os alienígenas? — Sammy perguntou. — Eles estão vindo, Cassie?

— Shhh.

Olhei para o outro lado e vi Brilhantina me observando. "Vinte minutos", ele disse inaudível, apenas movendo os lábios.

— Se eles vierem, vou dar uma surra neles — Sammy sussurrou. — Vou usar golpes de caratê, e vou matar todos eles.

— Isso mesmo — concordei, correndo os dedos por seus cabelos, nervosa.

— Eu não vou fugir — ele disse. — Vou matar todos eles por terem matado minha mãe.

O teleguiado desapareceu. Diretamente para o alto, meu pai me contou mais tarde. Se tivesse piscado, não teria visto.

Reagimos ao teleguiado como todos iriam reagir.

Ficamos histéricos.

Algumas pessoas correram. Agarraram tudo que conseguiam carregar e dispararam para a floresta. Algumas apenas fugiram com as roupas do corpo e o medo nas entranhas. Nada que Hutchfield disse foi capaz de impedi-las.

Os demais amontoaram-se nos barracões até a noite chegar, e, então, levamos a histeria adiante. Eles tinham nos visto? Os *stormtroopers*, exércitos de clones ou robôs caminhantes viriam em seguida? Estávamos prestes a ser fritos por canhões de laser? Estava escuro como breu. Não conseguíamos ver a ponta do nariz porque não ousávamos acender as lamparinas de querosene. Sussurros frenéticos. Choros abafados. Encolhidos nos catres, pulando ao mínimo som. Hutchfield designou os melhores atiradores para a vigilância noturna. Se algo se mover, atire. Ninguém podia sair sem permissão. E Hutchfield nunca dava permissão.

A noite durou milhares de anos.

Meu pai aproximou-se de mim no escuro e colocou algo em minhas mãos.

Uma Luger semiautomática carregada.

— Você não gosta de armas — sussurrei.

— Eu não gostava de muitas coisas.

Uma senhora começou a recitar o Pai Nosso. Nós a chamávamos de Madre Teresa. Pernas compridas. Braços finos. Um vestido azul desbotado. Cabelos grisalhos e finos. Em algum ponto, ao longo do caminho, ela havia perdido a dentadura. Sempre estava girando o terço nas mãos e conversando com Jesus. Alguns outros uniram-se a ela. Depois, mais outros.

— Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido. — Ponto em que o seu arqui-inimigo, o único ateu na trincheira do Campo Ashpit, um professor universitário chamado Dawkins, gritou:

— Especialmente os de origem extraterrestre!

— Você vai para o inferno! — berrou outra voz no escuro.

— Como vou saber a diferença? — Dawkins gritou de volta.

— Quietos! — Hutchfield ordenou com suavidade de sua posição na entrada. — Parem com essa ladainha, pessoal!

— Seu julgamento recaiu sobre nós — Madre Teresa choramingou.

Sammy encolheu-se para mais perto de mim no catre. Empurrei a arma entre minhas pernas. Tive receio de que ele a agarrasse e, por acidente, estourasse minha cabeça.

— Calem a boca, todos vocês! — eu disse. — Vocês estão amedrontando o meu irmão.

— Não estou com medo — Sammy falou. Seu pequeno punho revirava minha camiseta. — Você está com medo, Cassie?

— Sim — admiti.

Beijei-lhe o alto da cabeça. Seus cabelos exalavam um cheiro um tanto azedo. Decidi que os lavaria na manhã seguinte.

Se ainda estivéssemos ali pela manhã.

— Não, você não está — ele disse. — Você nunca tem medo.

— Estou com tanto medo agora que poderia fazer xixi nas calças.

Ele riu. O rosto dele estava quente na curva de meu braço. Será que ele estava com febre? É assim que começa. Eu disse para mim mesma que estava sendo paranoica. Ele tinha sido exposto centenas de vezes. E o Tsunami Vermelho toma conta rapidamente após o contágio, a menos que você esteja imunizado. E Sammy certamente estava. Caso contrário, já estaria morto.

— E melhor você usar uma fralda — ele brincou.

— Talvez eu use.

— Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte...

Ela não ia parar. Eu podia ouvir as contas do terço clicarem no escuro. Dawkins estava cantarolando alto para abafar as orações da mulher. — Três ratos cegos. — Eu não sabia dizer quem era mais desagradável: se a fanática ou o cético.

— Mamãe disse que eles podem ser anjos — Sammy falou, de repente.

— Quem? — eu quis saber.

— Os alienígenas. Quando eles chegaram, perguntei se tinham vindo para matar a gente, e ela disse que talvez eles não fossem alienígenas. Talvez eles fossem anjos do céu, como na Bíblia, quando os anjos falam com Abraão, com Maria, com Jesus e todo mundo.

— Com certeza eles falaram muito mais com a gente desde então — eu disse.

— Mas então eles mataram a gente, Eles mataram a mamãe.

Ele começou a chorar.

Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos" Beijei o alto da cabeça de meu irmão, e massageei seus braços.

Ungiu minha cabeça com óleo."

— Cassie, Deus odeia a gente?

— Não. Eu não sei.

— Ele odeia a mamãe?

— Claro que não. Mamãe era uma boa pessoa.

— Então, por que Ele deixou ela morrer?

Sacudi a cabeça. Eu me sentia pesada, como se pesasse 20 mil toneladas. O meu cálice transborda."

— Por que Ele deixou os alienígenas virem para matar a gente? Por que Ele não faz eles pararem?

— Talvez — sussurrei devagar. Até minha língua parecia pesada. — Talvez Ele faça isso.

A bondade e a misericórdia certamente me seguirão todos os dias da minha vida."

— Não deixe que eles me peguem, Cassie. Não me deixe morrer.

— Você não vai morrer, Sams.

— Promete?

Prometi.

15

No dia seguinte, o teleguiado retornou.

Ou um teleguiado diferente, semelhante ao primeiro. É provável que os Outros não tenham percorrido toda a distância de outro planeta com apenas uma aeronave.

Ele se moveu lentamente pelo céu. Silencioso. Nenhum rugido de motor. Nenhum zunido. Apenas deslizando sem som algum, como uma isca de peixe puxada pela água calma. Amontoamo-nos nos barracões. Não foi preciso que ninguém mandasse. Eu me vi sentada num catre, ao lado de Brilhantina.

— Eu sei o que eles vão fazer — o garoto sussurrou.

— Não fale — retruquei, também num sussurro.

Ele assentiu, e disse:

— Bombas sônicas. Você sabe o que acontece quando é atingido por 200 decibéis? Os seus tímpanos explodem. Os seus pulmões arrebentam, e o ar entra na corrente sanguínea, e então o seu coração para.

— De onde você tira todo esse lixo, Brilhantina?

Papai e Hutchfield estavam agachados junto ã porta aberta outra vez. Eles ficaram observando o mesmo ponto durante vários minutos. Aparentemente, o teleguiado tinha ficado parado no ar.

— Olhe, trouxe uma coisa para você — Brilhantina disse. Era um colar com um pendente de diamante. Saqueado do fosso de cinzas.

— Que nojento — eu disse.

— Por quê? Não é como se eu tivesse roubado ou coisa parecida. — Ele ficou amuado. — Eu sei o que é. Não sou burro. Não é o colar. Sou eu. Você aceitaria sem pensar, se me achasse um gato.

Perguntei-me se ele tinha razão. Se Ben Parish tivesse desenterrado o colar do fosso, eu teria aceitado o presente?

— Não que eu ache que você *seja* — ele acrescentou — Que chato. Brilhantina, o ladrão de túmulos, não acha que sou uma gata.

— Então, por que quer me dar isso?

— Eu fui um idiota naquela noite na floresta. Eu não quero que você me odeie, ou pense que sou uma besta.

Um pouco tarde para isso.

— Não quero joias de pessoas mortas — falei.

— Elas também não — o menino replicou, referindo-se aos mortos.

Ele não ia me deixar em paz. Levantei-me para ficar atrás de meu pai.

Por cima de seu ombro, vi um pequeno ponto cinza, uma manchinha prateada na imaculada superfície do céu.

— O que está acontecendo? — sussurrei.

Exatamente nesse momento, o ponto desapareceu. Moveu-se tão depressa que pareceu se apagar.

— Voos de reconhecimento — Hutchfield falou em voz baixa. — Tem que ser.

— Nós tínhamos satélites que podiam registrar alguém nos vigiando quando em órbita — meu pai disse em voz baixa. — Se podíamos fazer isso com nossa tecnologia primitiva, por que eles iriam precisar sair de sua nave para nos espiar?

— Você tem alguma teoria melhor? — Hutchfield perguntou, irritado, pois não gostava de ver suas opiniões questionadas.

— Talvez não tenha nada a ver com a gente — papai ressaltou, — Essas coisas podem ser sondas ou dispositivos atmosféricos usados para medir alguma coisa que não pode ser feita do espaço. Ou eles estão procurando algo que não pode ser detectado até que estejamos praticamente neutralizados.

Então, meu pai suspirou. Eu conhecia aquele suspiro. Era um sinal de que ele preferia que uma coisa que acreditava ser verdadeira não o fosse.

— Tudo se resume numa questão simples, Hutchfield: por que eles estão aqui? Não é para saquear os recursos de nosso planeta, pois há muitos espalhados por todo o universo, portanto não é preciso viajar centenas de anos-luz para obtê-los. Também não é para nos matar, embora nos matem, ou a maioria de nós, se necessário. Eles são como o senhorio que expulsa um inquilino caloteiro para poder limpar a casa para o novo inquilino, Acho que isso sempre teve a ver com preparar o lugar.

— Preparar? Preparar para quê?

Meu pai exibiu um sorriso destituído de humor.

— Para o dia da mudança.

16

Uma hora antes do amanhecer. Nosso último dia no Campo Ashpit. Um domingo.

Sammy ao meu lado. Garotinho confortavelmente aquecido, uma das mãos no urso, a outra no meu peito, punho enroscado e rechonchudo de bebê.

A melhor parte do dia.

Aqueles poucos segundos quando você acorda, mas se sente vazio. Você se esquece de onde está. O que é agora, o que era antes. É tudo respiração, batimentos cardíacos e sangue fluindo. É como estar novamente no útero da mãe. A paz do vazio.

Foi o que pensei que o som era, no início. As batidas do meu coração.

Tum-tum-tum-tum. Levemente, depois mais alto, depois muito alto, alto o bastante para sentir as batidas na pele. Um brilho surgiu subitamente no aposento e ficou mais intenso. As pessoas tropeçavam de um lado a outro, puxavam as roupas, procuravam armas. O brilho esmaeceu, voltou. Sombras saltavam pelo chão, corriam para o teto. Hutchfield gritava para que todos se mantivessem calmos. Não funcionou. Todos reconheceram o som. E todos sabiam o que o som significava.

Resgate!

Hutchfield tentou bloquear a passagem da entrada com o corpo.

— Fiquem aqui dentro! — ele gritou. — Não queremos...

Ele foi empurrado para fora do caminho. Ah, sim, nós queremos. Saímos pela porta aos borbotões, ficamos no pátio e acenamos para o helicóptero, um Falcão Negro, enquanto ele dava outra volta sobre o local; negro de encontro ao do céu escuro que se iluminava com a raiar do dia. O holofote disparou para baixo, ofuscando-nos, mas quase todos nós já estávamos impedidos de enxergar devido às lágrimas. Saltamos, gritamos, nos abraçamos. Algumas pessoas acenavam pequenas bandeiras americanas, e me lembro de ter me perguntado onde raios elas as conseguiram.

Hutchfield gritava furiosamente conosco para que entrássemos outra vez. Ninguém lhe deu ouvidos. Ele não era mais nosso chefe. As Pessoas Encarregadas tinham chegado.

E, então, da mesma forma inesperada que tinha chegado, o helicóptero prescreveu uma última volta e desapareceu de nossas vistas com estrondo, O som dos rotores desapareceu. Um pesado silêncio o substituiu. Ficamos confusos, perplexos, assustados. Eles certamente nos viram. Por que não pousaram?

Esperamos o helicóptero voltar. Esperamos a manhã inteira. Pessoas arrumaram seus pertences. Especulavam sobre onde nos levariam, como seria, quantos pessoas estariam lá. Um helicóptero Falcão Negro! O que mais teria sobrevivido à 1ª Onda? Sonhamos com luz elétrica e chuveiros quentes.

Ninguém duvidou de que seríamos resgatados, agora que as Pessoas Encarregadas sabiam sobre nós. A ajuda estava a caminho.

Meu pai, sendo como era, não tinha tanta certeza.

— Talvez eles não voltem — ele disse.

— Pai, eles não iam simplesmente deixar a gente aqui — repliquei. Às vezes, era preciso falar como se ele tivesse a idade de Sammy. — Isso não teria sentido.

— Pode não ter sido uma busca e resgate. Talvez eles estivessem procurando algo diferente.

— O teleguiado?

O que tinha caído na semana anterior. Ele assentiu.

— Mesmo assim, agora eles sabem que estamos aqui — argumentei. — Eles vão fazer alguma coisa.

Meu pai assentiu de novo. Distraído, estava pensando em outra coisa.

— Eles vão — ele disse, olhando sério para mim. — Você ainda tem a arma?

Apalpei o bolso de trás. Ele envolveu-me com um braço e me conduziu para o depósito. Ele puxou de lado um velho encerado num canto. Debaixo dele, havia um fuzil de assalto M16 semiautomático, O mesmo fuzil que seria meu melhor amigo depois que todos se fossem.

Meu pai o pegou, virou-o nas mãos, inspecionando-o com a mesma expressão de professor distraído no olhar.

— O que você acha? — ele perguntou.

— Sobre isso? É totalmente irado.

Ele não pulou ao ouvir a gíria. Em vez disso, riu alto.

Ele me mostrou como a arma funcionava, como segurá-la, como mirar, como trocar o pente de balas.

— Tome, experimente.

Meu pai segurou-a em minha direção.

Acho que ele ficou agradavelmente surpreso com a rapidez de meu aprendizado. E minha coordenação era muito boa, graças às aulas de cara- tê. Quando se trata de desenvolver movimentos graciosos, aulas de dança não chegam nem aos pés das aulas de caratê.

— Fique com ela — meu pai disse quando tentei devolvê-la. — Eu a escondi aqui para você.

— Por quê? — Eu quis saber. Não que tê-la me incomodasse, mas meu pai estava começando a me deixar histérica. Enquanto todos os demais comemoravam, ele estava me treinando a usar armas de fogo.

— Você sabe dizer quem é o inimigo em tempos de guerra, Cassie?

— Os olhos dispararam ao redor do barracão. Por que ele não conseguia olhar para mim? — O sujeito que atira em você. E assim se que fica sabendo. Não se esqueça disso. — Meu pai mostrou a arma com um gesto de cabeça.

— Não ande por aí com ela. Deixe-a por perto, mas escondida. Não aqui, e também não nos barracões. Entendeu?

Tapinha no ombro. Tapinha no ombro insuficiente. Forte abraço.

— De agora em diante, não tire os olhos de Sam. Entendeu, Cassie? Nunca. Agora, vá procurá-lo. Eu gostaria de falar com Hutchfield. E... Cassie... Se alguém tentar tirar esse fuzil de você, mande falar comigo. Se ainda assim tentarem tomá-lo, atire.

Ele sorriu. Não com os olhos, porém. Seu olhar estava duro, vazio e frio como o de um tubarão.

Ele teve sorte, o meu pai. Todos nós tivemos. A sorte nos fez atravessar as três

primeiras Ondas. Mas mesmo o melhor apostador vai lhe dizer que a sorte não dura para sempre. Acho que meu pai teve essa sensação naquele dia. Não que nossa sorte tivesse acabado. Ninguém podia saber quando isso iria ocorrer. Mas acho que ele sabia que, no fim, não seriam os felizardos a permanecerem vivos.

Seriam os durões. Os que diriam à Senhora Sorte para se danar. Os com corações de pedra. Os que poderiam deixar uma centena morrer para que apenas um vivesse. Os que viam a sabedoria em incendiar uma mia a fim de salvá-la.

A ordem agora era TOFER (Totalmente Ferrado).

E, quem não concordasse, seria apenas um cadáver prestes a se materializar.

Peguei o Ml 6 e escondi atrás de uma árvore na beira da trilha que levava ao fosso de cinzas.

17

Os últimos resquícios do mundo que conheci desfizeram-se numa ensolarada e quente tarde de domingo.

Anunciados pelo rugido dos motores a diesel, o retumbar e guinchar de eixos, o gemido de freios a ar. Nossas sentinelas avistaram o comboio bem antes de ele atingir o local. Viram a luz intensa do sol refletindo-se das janelas e as colunas de poeira seguindo os imensos pneus como esteiras. Não corremos para fora a fim de recebê-los com beijos e flores. Ficamos para trás, enquanto Hutchfield, meu pai e mais quatro dos melhores atiradores foram até eles. Todos estavam um pouco assustados, E muito menos entusiasmados do que apenas algumas horas antes.

Tudo que esperávamos fosse acontecer desde a Chegada não aconteceu. Tudo que não esperávamos, aconteceu. Foram necessárias três semanas da 3ª Onda para compreender que a gripe fatal fazia parte do plano deles. Mesmo assim, continuamos a acreditar no que sempre acreditamos, pensar no que sempre pensamos, esperar o que sempre esperamos, portanto, nunca foi "Vamos ser resgatados?", e sim "Quando vamos ser resgatados?"

E, quando vimos exatamente o que queríamos ver, o que esperávamos ver, o grande caminhão truck carregado de soldados, os veículos militares multifuncionais, Humvees carregados de metralhadoras e mísseis superfície-ar, ainda nos contivemos.

E, então, os ônibus escolares surgiram em nosso campo de visão.

Eram três, um colado ao outro.

Lotados de crianças.

Ninguém esperava por aquilo. Como eu disse, o fato foi estranhamente normal, e ao mesmo tempo chocantemente surreal. Alguns de nós chegaram a rir. Um maldito ônibus escolar amarelo! Onde diabos estava a escola?

Após alguns minutos tensos, quando tudo que ouvíamos era o ronco áspero dos motores e os leves risos e chamados das crianças nos ônibus, meu pai deixou Hutchfield conversando com o comandante e aproximou-se de mim e Sammy. Um grupo de pessoas reuniu-se a nossa volta para escutai".

— Eles vieram de Wright-Patterson — meu pai contou, parecendo sem fôlego. — E, pelo que parece, muito mais militares do que imaginamos sobreviveram.

— Por que eles estão usando máscaras de gás? — perguntei.

— Por precaução — ele respondeu. — Eles têm estado confinados desde a chegada da praga. Todos estivemos expostos. Todos podemos ser transmissores.

Ele olhou para Sammy, colado junto a mim, os braços em volta de minha perna.

— Eles vieram buscar as crianças — papai informou.

— Por quê? — indaguei.

— E nós? — Madre Teresa quis saber. — Eles não vão nos levar também?

— O comandante disse que eles vão voltar para nos buscar. Nesse momento, só tem espaço para as crianças.

Olhei para Sammy.

— Eles não vão nos separar — disse ao meu pai.

— Claro que não. — Ele se virou e marchou abruptamente para os barracões. Saiu de novo, carregando minha mochila e o urso de Sammy, — Você vai com ele.

Meu pai não tinha entendido.

— Não vou sem você — afirmei. O que acontecia com sujeitos como o meu pai? Algum chefão aparecia, e eles ficavam sem cérebro.

— Você ouviu o que ele disse! — Madre Teresa gritou com voz aguda, sacudindo o terço. — Só as crianças! Se mais alguém for, essa pessoa deveria ser eu... as mulheres. É assim que se faz. Mulheres e crianças primeiro! Mulheres e crianças.

Meu pai a ignorou. Lá veio a mão em meu ombro. Livrei-me dela com um safanão.

— Cassie, elos precisam levar os mais vulneráveis para um lugar seguro primeiro. Eu só vou estar algumas horas atrás de você...

— Não! — gritei. — Ou ficamos ou vamos todos, pai. Diga que vamos ficar bem aqui até eles voltarem. Eu posso cuidar dele. Sempre cuido dele.

— E você vai cuidar dele, Cassie, porque você também vai.

— Não sem você. Não vou deixar você aqui, pai.

Ele sorriu domo se eu tivesse dito alguma infantilidade.

— Sei cuida" de mim mesmo.

Não consegui transformar em palavras... a sensação que me queimava as entranhas. De que dividir o que restava de nossa família seria o final dela. Que, se eu o deixasse para trás, nunca mais o veria. Talvez fosse irracional, mas o n undo em que eu vivia tinha deixado de ser racional.

Meu pai soltou Sammy de minha perna com dificuldade, apoiou-o no quadril, agarrou meu cotovelo com a mão livre e marchou conosco em direção aos ônibus. Não se podia ver os rostos dos soldados através das máscaras de gás parecidas com besouros, mas se podia ler os nomes bordados nas roupas camufladas.

Greene.

Walters.

Parker.

Bons e sólidos nomes americanos. E as bandeiras americanas nas mangas.

E a posição ereta, mas relaxada, de seus corpos, alerta, mas tranquilos. Molas

espirais.

A aparência esperada de um soldado.

Chegamos ao último ônibus na fila. As crianças em seu interior gritavam e acenavam para nós. Era tudo uma grande aventura.

O soldado corpulento na porta ergueu a mão. O crachá dizia que seu nome era Branch.

— Crianças somente — ele disse, a voz abafada pela máscara.

— Eu sei, cabo — papai respondeu.

— Cassie, por que você está chorando? — Sammy perguntou, e estendeu a mãozinha até o meu rosto.

Meu pai abaixou Sammy até o chão, ajoelhou-se para aproximar o rosto do dele.

— Você vai viajar, Sam — meu pai falou. — Esses soldados legais vão levar você a um lugar em que vai ficar em segurança.

— Você não vai, papai? — meu irmão perguntou, puxando a camisa do pai com as pequenas mãos.

— Sim, Sim, papai vai, só que não agora. Mas não vai demorar. Não vai demorar nada.

Ele puxou Sammy para os seus braços. Último abraço.

— Agora, seja um bom garoto. Faça o que esses soldados legais mandarem, tudo bem?

Sammy assentiu com um gesto de cabeça, e deslizou a mão para dentro da minha.

— Vamos, Cassie. Nós vamos andar de ônibus!

A máscara negra virou-se bruscamente, a mão enluvada se ergueu.

— Só o garoto.

Comecei a dizer algumas obscenidades. Eu não estava contente em deixar meu pai para trás, mas Sammy não ia a lugar algum sem mim.

O cabo me interrompeu.

— Só o menino.

— Ela é irmã dele — meu pai tentou. Ele estava sendo razoável. — E ela também é uma criança. Ela só tem 16 anos.

— Ela vai ter que ficar aqui — o cabo replicou.

— Então ele não vai subir — respondi, envolvendo o peito de Sammy com as duas mãos. Ele teria que arrancar os meus braços para tirar meu irmãozinho de mim.

Seguiu-se aquele terrível momento em que o cabo nada disse. Eu tive vontade de arrancar a máscara de sua cabeça e cuspir em seu rosto. O sol se refletia no visor, uma detestável bola de luz.

— Você quer que ele fique?

— Quero que ele fique *comigo* — corrigi. — No ônibus. Fora do ônibus. Em qualquer lugar. Comigo.

— Não, Cassie — meu pai interferiu.

Sammy começou a chorar. Ele entendeu: era nosso pai e o soldado contra mim e ele, e não havia como vencer aquela batalha. Ele entendeu a situação antes que eu.

— Ele pode ficar — o soldado concordou. — Mas não podemos garantir a segurança

dele.

— Ah, é mesmo? — gritei em seu rosto de besouro. — Você acha? E você pode *garantir* a segurança de quem?

— Cassie... — meu pai começou.

— Você não pode garantir merda nenhuma — berrei.

O cabo me ignorou.

— Depende do senhor — ele disse para o meu pai.

Pai — pedi. — Você ouviu. Ele pode ficar com a gente.

Meu pai mordeu o lábio inferior. Ele ergueu a cabeça, coçou o queixo e examinou o céu vazio. Ele estava pensando nos teleguiados, sobre o que sabia e o que não sabia. Ele estava lembrando o que tinha aprendido. Ele estava pesando os prós e os contras, e calculando probabilidades, e ignorando a vozinha que vinha do fundo de seu ser: "Não o deixe partir."

Assim, naturalmente, ele tomou a atitude que lhe parecia mais sensata. Ele era um adulto responsável, e é isso que adultos responsáveis fazem.

Tomam atitudes sensatas.

— Você tem razão, Cassie — ele disse, finalmente. — Eles não podem garantir a nossa segurança. Ninguém pode. Mas alguns lugares são mais seguros que outros. — Ele agarrou a mão de Sammy — Vamos, companheiro.

— Não! — Sammy gritou, lágrimas escorrendo pelas faces ruborizadas.

— Não sem a Cassie!

— A Cassie vai — papai prometeu. — Nós dois vamos, Nós vamos estar bem atrás de você.

— Eu vou protegê-lo, vigiá-lo, não vou deixar que nada lhe aconteça — implorei. — Eles vão voltar para buscar o resto das pessoas, certo? A gente só vai esperar eles voltarem. — Puxei a camisa de meu pai e exibi o meu melhor olhar pidão. O que normalmente fazia com que meus pedidos fossem atendidos. — Por favor, pai, não faça isso. Não está certo. Temos que ficar juntos. O tempo todo.

Não ia funcionar. Ele tinha aquela expressão dura no olhar novamente: fria, fechada, implacável.

— Cassie — ele disse. — Diga a seu irmão que está tudo bem.

Eu obedeci. Depois de dizer a mim mesma que tudo estava bem. Eu disse a mim mesma para confiar em meu pai, confiar nas Pessoas Encarregadas, confiar que os Outros não iriam incendiar ônibus escolares lotados de crianças, confiar que a própria confiança não tivesse seguido o caminho dos computadores, da pipoca de micro-ondas e do filme de Hollywood, em que os sujeitos nojentos do planeta Xercon são derrotados nos dez minutos finais.

Ajoelhei-me no chão empoeirado, diante dó meu irmãozinho.

— Você precisa ir, Sams — eu disse. Seu lábio inferior subia e descia. Agarrando o urso junto ao peito.

— Mas, Cassie, quem vai abraçar você quando tiver medo? — Ele estava falando muito sério. Com o pequeno cenho franzido, ele parecia tanto com meu pai, que quase ri.

— Não estou mais com medo. Você também não deve ter. Agora os soldados estão

aqui e eles vão nos deixar num lugar seguro.

Olhei para o cabo Branch.

— Não é verdade?

— É isso mesmo.

— Ele parece o Darth Vader — Sammy sussurrou. — A voz também.

— É mesmo, e você se lembra do que acontece? No final, ele vira um cara bonzinho.

— Só depois de explodir um planeta inteiro e matar muita gente.

Não consegui evitar, soltei uma risada. Deus, ele era esperto! As vezes, eu achava que ele era mais esperto do que eu e meu pai juntos.

— Você vem mais tarde, Cassie?

— Pode apostar.

— Promete?

Prometi. Não importa o que aconteça. Não... importa... o que... aconteça.

Isso era tudo que ele precisava ouvir. Ele empurrou o urso no meu peito.

— Sam?

— Para você, quando sentir medo. Mas não deixe ele aqui. — Meu irmão ergueu um pequeno dedo para dar ênfase ao pedido. — Não esqueça.

Ele estendeu a mão ao cabo.

— Vamos em frente, Vader!

A mão enluvada envolveu a mão rechonchuda. O primeiro degrau era quase alto demais para suas pequenas pernas. As crianças no interior do ônibus gritaram e bateram palmas quando ele subiu e andou pelo corredor central.

Sammy foi o último a embarcar. A porta se fechou. Meu pai tentou me abraçar, mas me afastei. A rotação do motor aumentou. Os freios a ar chiaram.

£ lá estava o rosto dele de encontro ao Vidro borrado e seu sorriso, enquanto ele disparava por uma galáxia muito distante em seu jato amarelo, numa hipotética velocidade maior do que a da luz, até que a empoeirada espaçonave foi engolida pela poeira.

18

— Por aqui, senhor — o cabo disse educadamente, e nós o seguimos até o fundo do conjunto.

Dois veículos militares partiram para escoltar os ônibus de volta a Wright-Patterson. Os restantes foram estacionados virados para os barracões e o armazém, os canos das metralhadoras apontados para o chão, como cabeças pendentes de alguma criatura metálica em meio a um cochilo.

O conjunto estava vazio. Todos — inclusive os soldados — encontravam-se no interior dos barracões.

Todos, exceto um.

Enquanto andávamos, Hutchfield saiu do depósito. Não sei o que brilhava mais: se a cabeça raspada ou o sorriso.

— Fantástico, Sullivan! — ele exclamou para o meu pai. — E você queria partir depois daquele primeiro teleguiado.

— Parece que me enganei — papai respondeu, com um sorriso tenso.

— Reunião com o coronel Vosch em cinco minutos. Mas antes preciso de seu material bélico.

— Meu o quê?

— A sua arma. Ordens do coronel.

Meu pai olhou para o soldado parado ao nosso lado. Os olhos negros e vazios da máscara o fitavam.

— Por quê? — meu pai quis saber.

— Você precisa de uma explicação? — O sorriso de Hutchfield permaneceu, mas seus olhos se estreitaram.

— Sim, eu gostaria disso.

— É POP, Sullivan, procedimento de operação padrão. Não se pode ter um bando de civis destreinados e inexperientes acumulando tensão em tempos de guerra. — Ele falava alto, como se meu pai fosse um idiota.

Ele estendeu a mão. Meu pai tirou a espingarda do ombro, devagar. Hutchfield arrancou a arma das mãos do meu pai e desapareceu no depósito.

Papai virou-se para o soldado.

— Alguém fez contato com os... — ele parou, à procura da palavra certa.

— Os Outros?

— Não. — Uma palavra, dita em tom monótono e áspero.

Hutchfield saiu e agilmente cumprimentou o cabo. Agora ele estava totalmente mergulhando em seu elemento, de volta com os irmãos em armas. O homem parecia explodir de entusiasmo, como se a qualquer minuto fosse urinar nas calças.

— Todas as armas contadas e em segurança, cabo.

"Todas, exceto duas", pensei. Olhei para o meu pai. Ele não moveu um músculo, exceto aqueles em volta dos olhos. Movimento rápido para a direita, para a esquerda. Não.

Eu só conseguia atinar com um motivo para meu pai agir daquela forma. E, quando penso no assunto, se penso muito no assunto, começo a detestar meu pai. Eu o detesto por não ter confiado nos próprios instintos. Eu o detesto por ter ignorado a vozinha que certamente sussurrou, "Isso está errado. Algo nessa história está errado."

Eu o detesto agora. Se ele estivesse aqui nesse momento, eu lhe daria um soco no rosto por ter sido tão bobo e ignorante.

O cabo começou a caminhar na direção dos barracões. Era hora do relatório do coronel Vosch.

Hora de o mundo acabar.

19

Saquei Vosch no mesmo instante.

Parado imediatamente do lado de dentro da porta, era o único sujeito de uniforme que não apertava um fuzil de encontro ao peito.

Ele fez um gesto de cabeça para Hutchfield quando entramos no velho hospital/sepultura. Em seguida, o cabo bateu continência e espremeu-se na fila de soldados que circundava as paredes.

E foi assim: soldados parados ao longo de três das quatro paredes, refugiados no meio.

A mão de meu pai procurou a minha, O urso de Sammy em uma das mãos, a outra presa à dele.

"E então, pai. Aquela pequena voz ficou mais forte quando você viu os homens armados de encontro à parede? Foi por isso que pegou a minha mão?

— Bom, agora vamos ter algumas respostas? — alguém gritou, quando entramos.

Todos, exceto os soldados, começaram a falar ao mesmo tempo, fazendo perguntas aos brados.

— Eles pousaram?

— Qual é a aparência deles?

— O que eles são?

— O que são aquelas naves cinza que vemos toda hora no céu?

— Quando vamos sair daqui?

— Quantos sobreviventes vocês encontraram?

Vosch ergueu a mão, pedindo silêncio. Apenas a metade obedeceu.

Hutchfield bateu uma continência rápida.

— Contagem completa, todos presentes, senhor!

Fiz uma rápida contagem de cabeças.

— Não — eu disse. Ergui a voz para ser ouvida acima do burburinho. — Não! — Olhei para o meu pai. — Brilhantina não está aqui.

Hutchfield franziu o cenho.

— Quem é Brilhantina?

— Ele é um doi... um garoto...

— Garoto? Então ele partiu nos ônibus com os outros.

"Os outros." Agora que penso no assunto, acho tudo um pouco engraçado. Engraçado de um modo enjoativo.

— Precisamos de todos neste edifício — Vosch falou por detrás da máscara. Sua voz era muito grave, um retumbar subterrâneo.

— Provavelmente ele perdeu o controle — eu disse. — Ele é meio esquisito.

— Para onde poderia ter ido? — Vosch indagou.

Sacudi a cabeça. Eu não tinha ideia. E então me ocorreu, mais do que uma ideia. Eu sabia onde Brilhantina tinha ido.

— O fosso de cinzas.

— Onde é o fosso de cinzas?

— Cassie — meu pai chamou, apertando minha mão com força. — Por que não vai buscar Brilhantina para nós para que o coronel possa começar a reunião?

— Eu?

Não entendi. Acho que a pequena voz de meu pai estava gritando nesse momento, mas eu não a escutei, e ele não podia falar em voz alta. Ele só pôde tentar transmitir a mensagem pelo olhar. Talvez fosse isto: "Você sabe dizer quem é o inimigo, Cassie?"

Não sei por que ele não se ofereceu para me acompanhar. Talvez ele achasse que uma garota não iria levantar nenhuma suspeita, e um de nós conseguiria se salvar. Ou pelo menos teria a chance de fazê-lo.

Talvez.

— Tudo bem — Vosch concordou. — Vá com ela — ele ordenou, estalando o dedo para o cabo Branch.

— Ela pode ir sozinha — meu pai disse. — Ela conhece essa floresta como a palma da mão. Cinco minutos, certo, Cassie? — Ele olhou para Vosch e sorriu. — Cinco minutos.

— Não seja tolo, Sullivan — Hutchfield falou. — Ela não pode sair por aí sem uma escolta.

— Claro — meu pai reforçou. — Certo. E claro que você tem razão.

Ele se inclinou e me abraçou. Não com muita força, não por muito tempo. Um abraço rápido. Apertar. Soltar. Qualquer coisa além disso iria parecer uma despedida.

"Adeus, Cassie."

Branch se virou para o comandante e perguntou:

— Prioridade máxima, senhor?

— Prioridade máxima — Vosch concordou, assentindo com um gesto.

Saímos para a brilhante luz do sol, o homem com a máscara de gás e a garota com o urso de pelúcia. Logo à frente, alguns soldados recostados de encontro a um veículo militar. Eu não os tinha visto quando passamos pelos veículos antes. Eles se endireitaram ao nos ver, O cabo Branch fez um sinal de positivo e ergueu o indicador. Prioridade máxima.

— É muito longe? — ele perguntou.

— Não muito — respondi. Em minha opinião, minha voz saiu muito fraca. Talvez fosse o urso de Sammy, puxando-me de volta à infância.

Ele me acompanhou pela trilha que serpenteava na floresta densa atrás dos edifícios, o fuzil à frente do corpo, cano para baixo. O chão seco rangia sob suas botas marrons, em protesto.

O dia estava quente, porém mais fresco sob as árvores, as folhas de um verde vivo de fim de verão. Passamos a árvore onde eu tinha escondido o Ml6. Não olhei para ela. Continuei andando em direção à clareira.

E ali estava ele, o merdinha, enterrado até os tornozelos em ossos e poeira, revirando os restos despedaçados em busca daquela última e inútil quinquilharia, a última antes de partir para que, quando chegasse ao fim da jornada, ele fosse O Cara.

Ele virou a cabeça quando entramos na clareira. Brilhando com o suor e o gel com que emplastava o cabelo. Listras de fuligem negra manchavam seu rosto. Ele parecia um deprimente substituto de jogador de futebol americano. Quando nos viu, a mão desapareceu em suas costas, e algo cintilou ao sol.

— Ei, Cassie! Ei, olha só você aqui. Voltei para cá para procurar você, pois não estava nos barracões, e então eu vi... achei isso...

— É ele? — o soldado me perguntou. Ele pendurou o fuzil no ombro e deu um passo na direção do fosso.

Era eu, o soldado no centro, e Brilhantina no fosso de cinzas e ossos.

— É — respondi. — Esse é Brilhantina.

— Esse não é o meu nome — ele guinchou. — O meu verdadeiro nome é...

Nunca vou saber o verdadeiro nome de Brilhantina.

Não vi a arma nem o movimento do braço do soldado. Não vi o soldado sacá-la do coldre, mas eu não estava olhando para o soldado, Eu estava olhando para Brilhantina. A cabeça dele virou para trás com um estalo, como se alguém tivesse puxado seus cachos engordurados, e ele meio que dobrou o corpo quando caiu, agarrando os tesouros dos mortos na mão.

20

Minha vez.

A garota com a mochila nas costas carregando um ridículo urso de pelúcia, parada a apenas alguns metros atrás dele.

O soldado virou-se bruscamente, braço estendido, Minha memória está um tanto confusa sobre o que ocorreu em seguida. Eu não me lembro de ter deixado o urso cair ou ter arrancado a arma do bolso de trás. Nem mesmo me lembro de ter puxado o gatilho.

A próxima lembrança nítida que tenho é o visor preto se estilhaçando.

E o soldado caindo de joelhos à minha frente.

E ver os seus olhos.

Seus três olhos.

Bem, naturalmente, mais tarde me dei conta de que ele não tinha três olhos. O do meio era o orifício escurecido da entrada da bala.

Ele deve ter ficado chocado ao se virar e ver uma arma apontada para o seu rosto. A surpresa o fez hesitar. Quanto tempo? Um segundo? Menos? Mas, naquele milissegundo, a eternidade se enrodilhou em si mesma como uma anaconda gigante. Se você já vivenciou um acidente traumático, sabe do que estou falando. Quanto tempo dura a colisão de um automóvel? Dez segundos? Cinco? Não parece tão pouco quando se é a vítima. Parece que dura uma eternidade.

Ele desabou com o rosto no chão. Não havia dúvidas de que eu o havia matado. Minha bala tinha aberto um buraco do tamanho de um pires na parte posterior da cabeça dele.

Mas eu não baixei a arma. Mantive-a apontada para a sua meia cabeça, enquanto recuava de costas para a trilha.

Então me virei e corri o mais depressa que pude.

Na direção errada.

Na direção dos edifícios.

Nada inteligente, Mas eu não estava raciocinando naquele momento. Tenho só 16 anos, e aquela foi a primeira pessoa em quem tinha atirado, diretamente no rosto, Era

uma situação difícil de enfrentar.

Eu só queria voltar para o meu pai.

Ele daria um jeito naquilo.

Por que é isso que os pais fazem. Dão um jeito nas coisas.

No início, minha mente não registrou os sons. A floresta ecoava as explosões ritmadas das armas automáticas e os gritos das pessoas, mas eu não estava assimilando nada, como não assimilei a cabeça de Brilhantina sendo atirada para trás com um estalo e o jeito como ele desabou na poeira cinzenta, como se todos os ossos de seu corpo repentinamente tivessem se transformado em gelatina, o modo como seu matador se virou em uma pirueta executada com perfeição, com o cano da arma cintilando sob a luz do sol.

O mundo estava se despedaçando, e os pedaços estavam caindo ao meu redor como chuva.

Era o começo da 4ª Onda.

Brequei, deslizando no chão antes de chegar ao conjunto. O cheiro quente de pólvora. Fios de fumaça saindo em espiral das janelas do barracão. Havia uma pessoa rastejando na direção do depósito.

Era meu pai.

Suas costas estavam arqueadas. Seu rosto estava coberto de terra e sangue. O chão atrás dele tinha ficado marcado com seu sangue.

Ele olhou para mim quando saí do meio das árvores.

"Não, Cassie", ele disse apenas movendo os lábios. Os braços não aguentaram. Ele tombou para o lado e ficou imóvel.

Um soldado surgiu do barracão. Ele andou até o meu pai. Tranquilo, com a leveza de um felino, ombros relaxados, braços pendendo ao longo do corpo.

Recuei para entre as árvores. Levantei a arma, mas eu me encontrava a mais de 300 metros de distância. Se errasse...

Era Vosch. Parado acima do vulto encolhido de meu pai, parecia ainda mais alto. Meu pai não se movia. Acho que estava se fingindo de morto.

Não importava.

Vosch atirou nele mesmo assim.

Não me lembro de ter provocado nenhum ruído, quando o homem puxou o gatilho, mas devo ter feito algo para despertar os instintos de Vosch. A máscara negra virou de um lado a outro rapidamente, a luz do sol se refletindo do visor. Ele ergueu o dedo indicador para dois soldados que saíam dos barracões, e virou o polegar em minha direção.

Prioridade máxima.

21

Eles dispararam em minha direção como dois guepardos, tal foi a rapidez com que pareciam se mover. Nunca na vida tinha visto alguém correr tão depressa. A única coisa

semelhante era uma garota apavorada ao extremo que tinha acabado de ver o pai sendo assassinado no chão.

Folhas, galhos, trepadeiras, sarças. O vento forte nos meus olhos. O *shuf-shuf-shuf* rápido como um raio dos meus sapatos na trilha.

Fragmentos de céu azul entre a copa das árvores, fios da luz do sol empalando a terra estremecida. O mundo desfeito adernado.

Desacelerei quando me aproximei do local onde tinha escondido o último presente de meu pai. Movimento errado. A bala de grosso calibre atingiu o tronco da árvore a 5 centímetros do meu ouvido. O impacto atirou fragmentos de madeira pulverizada no meu rosto. Lascas minúsculas, finas como fios de cabelos, encravaram-se na minha face.

"Você sabe dizer quem é o inimigo, Cassie?"

Eu não podia correr mais que eles.

Eu não podia atirar melhor que eles.

Talvez pudesse ser mais esperta que eles.

22

Os soldados entraram na clareira e a primeira coisa que viram foi o corpo do cabo Branch, ou quem quer que fosse que se apresentasse com aquele nome.

— Tem um aqui — ouvi um deles dizer.

O ranger de botas pesadas numa concavidade cheia de ossos quebradiços.

— Morto.

O som metálico de uma frequência estática, e então:

— Coronel, achamos Branch e um civil não identificado. Negativo, senhor. Branch foi morto, repito, Branch foi morto. — Então ele falou com o companheiro, o que se encontrava ao lado de Brilhantina. — Vosch nos quer de volta o mais rápido possível.

Crunch-crunch fizeram os ossos quando ele saiu do fosso.

— Ela largou isso.

Minha mochila. Eu tinha tentado jogá-la na floresta, o mais longe possível do fosso, mas ela atingiu uma árvore e aterrissou exatamente na extremidade oposta da clareira.

— Esquisito — a voz disse.

— Está tudo certo — o companheiro falou. — O Olho vai cuidar dela.

O *Olho'?*

As vozes diminuíram. O som da floresta em paz voltou. Um sussurro do vento. O gorjeio dos pássaros. Em algum lugar, um esquilo se agitava em um arbusto.

Mesmo assim, não me movi. A cada vez em que o impulso de correr começava a surgir em mim, eu o reprimia.

"Não se apresse agora, Cassie. Eles fizeram o que foram enviados para fazer. Você tem que ficar aqui até escurecer. Não se mexa!"

Portanto, não me mexi. Permaneci deitada na cama de pó e ossos, coberta pelas cinzas de suas vítimas, a colheita amarga dos Outros.

E tentei não pensar naquilo.

No que me cobria.

Então pensei: "Esses ossos eram pessoas, e essas pessoas salvaram minha vida", e então não me senti tão enojada.

Eram apenas pessoas. Elas não queriam estar ali mais do que eu, mas estavam, e eu também, e assim fiquei quieta.

É estranho, mas foi quase como se eu sentisse seus braços, quentes e macios, me envolvendo.

Não sei quanto tempo fiquei ali deitada, com os braços de pessoas mortas me rodeando. A impressão que tive foi de que se passaram horas. Quando finalmente me levantei, a luz do sol tinha envelhecido e assumido um brilho dourado, e o ar tinha ficado um pouco mais fresco. Eu estava coberta de cinzas da cabeça aos pés. Certamente me parecia com um guerreiro maia.

"O Olho vai cuidar dela."

Estaria ele falando sobre os teleguiados, algo como um-olho-no-céu? Se ele estava se referindo aos teleguiados, então não se tratava de nenhuma unidade destrutiva vagando pelo interior para eliminar possíveis transmissores da 3ª Onda para não contaminar os que não tinham sido expostos.

Decididamente, isso seria ruim.

Mas a alternativa seria muito, muito pior.

Corri até minha mochila. As profundezas da floresta me chamavam. Quanto maior a distância que impusesse entre mim mesma e o inimigo, melhor seria. Então me lembrei do presente de meu pai, trilha acima, praticamente à distância de uma cuspidela do conjunto. Droga, por que não o escondi no fosso de cinzas?

Ele certamente poderia se mostrar mais útil do que um revólver.

Não Ouvi nada. Até os pássaros tinham emudecido. Apenas o vento. Seus dedos passearam pelos montes de cinzas, saltaram para o ar, onde dançaram intermitentemente na luz dourada.

Eles tinham ido embora. Eu estava segura.

Mas eu não tinha ouvido quando partiram. Eu não teria escutado o rugido do motor do truck, o rosnado dos veículos militares quando tivessem ido embora?

Então eu me lembrei de Branch andando na direção de Brilhantina.

"É ele?"

Pendurando o fuzil no ombro.

O fuzil. Rastejei até o corpo. Os movimentos dos meus pés pareciam provocar trovoadas. Minha respiração era como minúsculas explosões.

Ele tinha caído de rosto no chão aos meus pés. Agora ele estava virado para cima, embora o rosto estivesse quase que totalmente escondido pela máscara de gás.

As armas do homem tinham desaparecido. Eles certamente as levaram. Durante um segundo, não me movi. E mo ver-se era uma excelente ideia naquele momento da batalha.

Aquilo não fazia parte da 3ª Onda. Aquilo era algo totalmente diferente. Era o começo da 4ª, definitivamente. E talvez a 4ª Onda fosse uma versão piorada de *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*. Talvez Branch não fosse humano e, por esse motivo, usava uma

máscara.

Ajoelhei-me ao lado do soldado morto. Agarrei o alto da máscara com firmeza e puxei até poder ver seus olhos, olhos castanhos de aspecto totalmente humano, olhando fixamente o meu rosto sem ver. Continuei puxando.

Parei.

Queria ver e não queria ver. Queria saber, mas não queria saber.

"Apenas vá. Não importa, Cassie. Será que importa? Não. Não importa."

Às vezes, dizemos coisas para o nosso medo. Coisas como "Não importa", as palavras agindo como tapinhas na cabeça de um cão.

Levantei-me. Não, realmente não importava se o soldado era feio ou parecia o irmão gêmeo do Justin Bieber. Peguei o urso de Sammy do chão e me dirigi ao outro lado da clareira.

Mas algo me fez parar. Não fui para a floresta. Não corri para atingir a única coisa que oferecia as melhores chances de me salvar: a distância.

Talvez o responsável tenha sido o urso de pelúcia. Quando eu o apanhei, vi o rosto de meu irmão colado à janela traseira do ônibus, ouvi sua voz de criança dentro de minha cabeça.

"Para você, quando sentir medo. Mas não deixe ele aqui. Não esqueça."

Eu quase tinha esquecido. Se não tivesse ido procurar as armas de Branch, teria esquecido. Branch tinha praticamente caído sobre o pobre ursinho.

"Não deixe ele aqui."

Na verdade, não vi corpos ali. Apenas o de meu pai. E se alguém tinha sobrevivido àqueles três eternos minutos nos barracões? Eles podiam estar feridos, ainda vivos, deixados para que morressem.

A menos que eu não partisse. Se ainda houvesse alguém vivo ali, e os falsos soldados tivessem ido embora, então seria eu a pessoa que os deixaria para morrer.

"Ah, droga."

Sabe quando, às vezes, você diz a si mesmo que tem escolha, mas na verdade essa escolha não existe? O simples fato de existirem alternativas não significa que elas se apliquem a você.

Virei-me e voltei, desviando-me do corpo de Branch. E, então, mergulhei no túnel empoeirado da trilha.

23

Dessa vez, não me esqueci do fuzil de ataque. Prendi a Luger no meu cinto, mas não podia, realmente, desejar usar um fuzil com um ursinho de pelúcia na mão, portanto, deixei-o na trilha.

— Está tudo certo. Não vou esquecer você. — Sussurrei para o urso de Sammy.

Saí da trilha e zigue-zagueei silenciosamente entre as árvores. Quando me aproximei do conjunto, abaixei-me e rastejei o resto do caminho até a beirada.

"Bom, é por isso que você não ouviu quando partiram,"

Vosch estava falando a alguns soldados na entrada do depósito. Outro grupo estava se ocupando dos veículos militares. Contei sete ao todo, o que deixava mais cinco que eu não podia ver. Estariam eles espalhados pela floresta, procurando por mim? O corpo de meu pai tinha desaparecido. Talvez os Outros tivessem iniciado uma operação de remoção. Éramos 42 pessoas, sem contar as crianças que tinham partido nos ônibus. Eram muitos corpos a serem removidos.

Acontece que eu estava certa; tratava-se de uma operação de remoção.

Acontece que os Silenciadores não se livram de corpos da maneira que nós fazemos.

Vosch tinha tirado a máscara, assim como os dois sujeitos que o acompanhavam. Eles não tinham bocas de lagosta ou tentáculos saindo de seus queixos. Eles pareciam seres humanos perfeitamente comuns, pelo menos a distância.

Eles não precisavam mais das máscaras. Por que não? As máscaras deviam fazer parte da encenação, para nós imaginarmos que eles estavam se protegendo do contágio.

Dois soldados vieram do veículo militar carregando o que parecia uma tigela ou globo com o mesmo cinza metálico dos teleguiados. Vosch apontou para um ponto entre o depósito e os barracões, o mesmo lugar em que, me pareceu, meu pai tinha caído.

Então todos se afastaram, exceto um soldado, que agora estava ajoelhado ao lado do globo cinza.

Os veículos militares criaram vida. Outro motor se juntou ao dueto: a carreta de transporte das tropas, estacionada no início do conjunto, fora das vistas. Eu tinha me esquecido dela. Os demais soldados certamente já tinham subido e estavam esperando. Esperando o quê?

O último soldado levantou-se e correu de volta ao veículo militar. Observei-o subir a bordo. Assisti ao Humvee virar, provocando uma densa nuvem de poeira. Vi a poeira girar e assentar. A calma do verão ao anoitecer assentou com ela. O silêncio tamborilava em meus ouvidos.

E então o globo cinza começou a brilhar.

Era uma coisa boa, uma coisa ruim, uma coisa que não era boa nem ruim, mas o que quer que fosse, boa, ruim ou nenhuma das duas, dependia do ponto de vista.

Eles tinham posto o globo ali, portanto, para eles, era uma coisa boa.

O brilho se intensificava. Um enjoativo brilho verde amarelado. Pulsando levemente. Como um... o quê? Um farol?

Espiei o céu que escurecia. As primeiras estrelas tinham começado a surgir. Não vi nenhum teleguiado.

Se era uma coisa boa do ponto de vista deles, provavelmente era uma coisa ruim do meu.

Bem, não provavelmente. Apostaria mais em decididamente.

O intervalo entre os pulsos diminuía a cada segundo. O dispositivo parou de pulsar e começou a faiscar, e, logo depois, a piscar.

Pulso... pulso... pulso...

Faísca... faísca... faísca.

Pisca, pisca, pisca.

Na escuridão, o globo lembrou um olho, um globo ocular verde amarelado piscando

para mim.

O *Olho vai cuidar dela.*

Minha memória preservou o que aconteceu em seguida como uma série de instantâneos, como fotografias de cenas congeladas de filmes de arte, com aqueles ângulos espasmódicos conseguidos com uma câmera de mão.

TOMADA 1: No meu traseiro, afastando-me do conjunto, rastejando como um caranguejo.

TOMADA 2; Nos meus pés. Correndo. A folhagem, um borrão verde e marrom e um cinza musgoso.

TOMADA 3: O ursinho de Sammy. O pequeno braço mastigado e roído, desde que meu irmão era um bebê, escorregando de meus dedos.

TOMADA 4: Eu, na segunda tentativa de apanhar o bendito urso.

TOMADA 5: O fosso de cinzas em primeiro plano. Eu estou a meio caminho do corpo de Brilhantina e do de Branch. Apertando o ursinho de Sammy contra o peito.

TOMADA 6-10: Mais árvores, mais corrida. Se olhar com atenção, vai ver a ravina no canto esquerdo do décimo quadro.

TOMADA 11: Quadro final. Eu, suspensa no ar, acima da ravina coberta pela sombra, tomada logo após eu me atirar da beirada.

A onda verde rugiu sobre o meu corpo enrodilhado no fundo, carregando consigo toneladas de entulho, uma massa violenta de árvores, terra, corpos de pássaros, esquilos, marmotas e insetos, o conteúdo do fosso de cinzas, lascas dos barracões e do depósito pulverizados — compensado, concreto, pregos, zinco — e os primeiros centímetros de solo em um raio de 100 metros da explosão. Senti a onda de choque antes de cair no fundo lamacento da ravina. Uma pressão intensa, de estremecer os ossos em cada centímetro do meu corpo. Meus tímpanos estalaram, e me lembrei de Brilhantina dizendo: "Você sabe o que acontece quando você é atingido por 200 decibéis?"

"Não, Brilhantina, não sei. Mas faço uma boa ideia."

24

Não consigo parar de pensar no soldado atrás dos refrigeradores com o crucifixo na mão. O soldado e o crucifixo. Acho que foi por isso que puxei o gatilho. Não porque achei que o crucifixo fosse uma arma. Puxei o gatilho porque ele era um soldado, ou pelo menos estava vestido como um.

Ele não era Branch, Vosch ou nenhum dos soldados que vi no dia em que meu pai morreu.

Ele não era e ele era.

Não um deles, e todos eles.

Minha culpa? Não. É o que fico dizendo a mim mesma. É culpa deles. "Eles são os caras, e não eu", digo ao soldado morto. "Você quer culpar alguém, culpe os Outros, e largue do meu pé."

Correr = morrer. Ficar = morrer. É mais ou menos esse o tema dessa festa.

Sob o Buick, escorrego para o interior de um crepúsculo aquecido e envolto em sonhos. Meu torniquete provisório tinha estancado quase toda a hemorragia, mas o ferimento latejava a cada batida do meu coração, cada vez mais lento.

"Não é tão ruim assim", lembro-me de ter pensado. "Toda essa coisa de morte não é tão ruim assim, de jeito nenhum."

E, então, vi o rosto de Sammy colado à janela traseira do ônibus escolar amarelo. Ele estava sorrindo. Ele estava feliz. Ele se sentia seguro, cercado pelas outras crianças, e, além disso, os soldados estavam lá, os soldados iriam protegê-lo, cuidar dele e garantir que tudo ficasse bem.

Havia semanas o assunto me incomodava. E me mantinha acordada à noite. Surgia na mente quando eu menos esperava, quando eu estava lendo, procurando mantimentos ou apenas descansando na minha pequena barraca na floresta, pensando na vida antes da chegada dos Outros.

Qual era o objetivo?

Por que eles representavam toda aquela farsa em que soldados chegavam na hora H para nos salvar? As máscaras de gás, os uniformes, a "reunião" nos barracões. Para que fazer tudo aquilo, quando eles poderiam simplesmente ter largado uma de suas órbitas oculares piscantes de um teleguiado e mandado todos para o inferno?

A resposta me ocorreu naquele frio dia de outono quando eu me encontrava estendida sangrando sob o Buick. Ocorreu-me com mais intensidade do que a bala que tinha acabado de atravessar minha perna.

Sammy.

Eles queriam Sammy. Não, não apenas Sammy. Eles queriam todas as crianças. E, para conseguir as crianças, tinham que nos fazer confiar neles. "Façam Os humanos confiarem em nós, peguem as crianças e então mandamos todos para o inferno."

Por que se dar ao trabalho de salvar as crianças? Bilhões tinham morrido nas primeiras três ondas; não era como se Os Outros tivessem uma predileção por crianças. Por que os Outros levaram Sammy?

Ergui a cabeça sem pensar e bati no chassi do carro. Mal percebi.

Eu não sabia se Sammy estava vivo. Pelo que eu sabia, eu era a última pessoa na Terra. Porém, tinha feito uma promessa.

O asfalto frio raspando minhas costas.

O sol quente na minha face fria.

Meus dedos adormecidos agarrados à maçaneta da porta, usada para puxar do chão meu traseiro dolorido, que me enche de autopiedade.

Não posso apoiar nenhum peso na perna ferida. Recosto-me ao carro por um segundo e, então, dou um impulso para me levantar. Uma perna, mas em pé.

Posso estar enganada sobre a possibilidade de quererem manter Sammy vivo. Eu tinha estado enganada sobre praticamente tudo desde a Chegada.

Eu ainda podia ser o último ser humano na Terra.

Talvez eu esteja... não, provavelmente estou... perdida.

Mas, se eu for mesmo a última da espécie, a última página da história da humanidade, não me chamo Cassie se permitir que a história termine desse jeito.

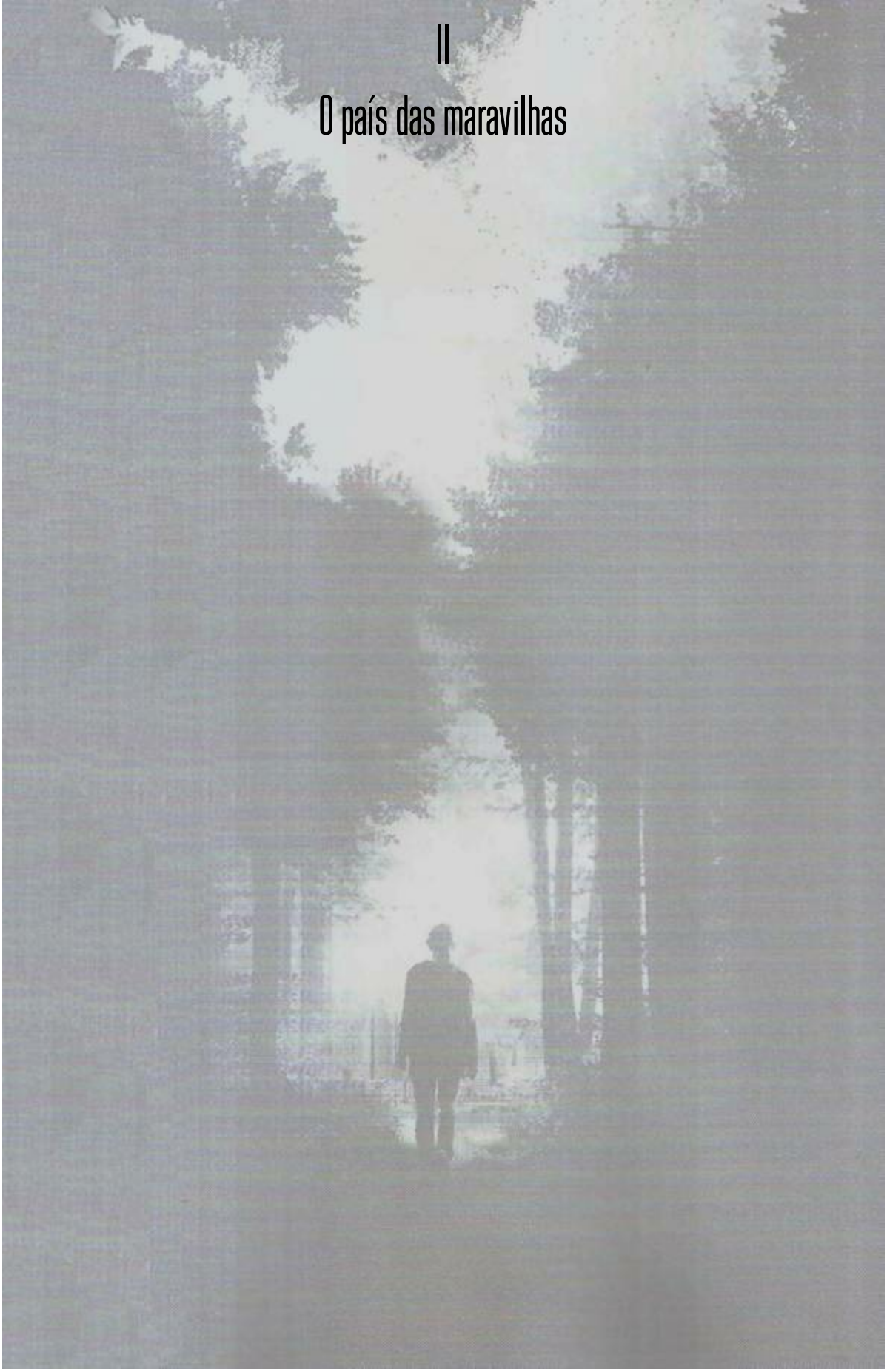
Talvez eu seja a última, mas sou a última que ainda está de pé. Eu sou. a que vou mostrar o rosto para o caçador sem rosto na floresta junto a urna rodovia abandonada. Eu sou aquela que não vai fugir, não vai ficar, mas vai enfrentar.

Porque, se eu for a última, então eu sou a Humanidade.

E se essa for a última guerra da Humanidade, então eu sou o campo de batalha.

II

O país das maravilhas



Pode me chamar de Zumbi.

Cabeça, mãos, pés, costas, estômago, pernas, braços, peito — tudo dói. Até piscar dói. Assim, tento não me mexer e não pensar demais na dor. Tento não pensar demais, ponto final. Já vi o suficiente da peste nos últimos três meses para saber o que vai acontecer: colapso total do organismo, começando pelo cérebro. A Morte Vermelha transforma seu cérebro em purê de batatas antes que os outros órgãos se liquefaçam. Você não sabe onde está, quem é e o que é. Sai andando como um zumbi. Se tiver forças para andar, o que não vai ter.

Estou morrendo. Sei disso. Tenho 17 anos de idade, e a festa acabou.

Festa curta.

Seis meses atrás, minhas maiores preocupações limitavam-se a passar na prova de química avançada e encontrar um emprego de verão que pagasse o bastante para eu terminar de reformar o motor do meu Corvette 69. Quando a nave mãe apareceu pela primeira vez, naturalmente o fato dominou a maior parte de meus pensamentos, mas, após algum tempo, recuou para um distante quarto lugar. Eu assistia às noticias como todas as pessoas e passei tempo demais partilhando vídeos engraçados sobre o assunto no YouTube, mas nunca pensei que iria ser pessoalmente afetado. Ver na TV todas as manifestações, marchas e tumultos, resultantes do primeiro ataque, foi como assistir a um filme ou cenas do noticiário de algum país estrangeiro. Eu tinha a impressão de que nada daquilo estava acontecendo comigo.

Morrer não é muito diferente disso. Você não sente que vai lhe acontecer... até que acontece com você.

Sei que estou morrendo. Ninguém precisa me dizer.

Chris, o sujeito que dividia esta barraca antes de eu adoecer, me diz, mesmo assim:

— Cara, acho que você está morrendo — ele fala, agachado do lado de fora da entrada da barraca, os olhos arregalados e sem piscar acima do trapo sujo que lhe cobre o nariz.

Chris passou para ver como eu estava. Ele é uns dez anos mais velho, e acho que me considera como se eu fosse um irmãozinho. Ou talvez ele tenha vindo para verificar se ainda estou vivo. Ele é o encarregado da remoção nesta parte do campo. As fogueiras queimam dia e noite. Durante o dia, o campo de refugiados que rodeia Wright-Patterson fica mergulhado em uma névoa densa e sufocante. Durante a noite, a luz do fogo espalha uma cor rubra e intensa, como se o próprio ar estivesse sangrando.

Ignoro seu comentário e pergunto o que tem ouvido sobre Wright-Patterson, A base tem estado totalmente isolada desde que a cidade de barracas cresceu rapidamente após o ataque às costas. Ninguém tinha permissão de entrar ou sair, Eles estão tentando conter a Morte Vermelha, é o que nos dizem. Ocasionalmente, alguns soldados bem armados e vestidos com roupas de proteção rolam para fora pelos portões principais com água e provisões, dizem que tudo vai ficar bem, e então disparam para dentro novamente, deixando-nos à nossa própria sorte. Precisamos de remédios. Eles dizem que não há cura

para a peste. Precisamos de instalações sanitárias. Eles nos entregam pás para cavar valas. Precisamos de informações. "Que raios está acontecendo?" Eles dizem que não sabem.

— Eles não sabem nada — Chris me diz. Ele é um sujeito magro com os primeiros sinais da calvície. Era contador, antes de os ataques tornarem a contabilidade uma ocupação obsoleta. — Ninguém sabe nada. Apenas um monte de boatos que todos tratam como notícias. — Seu olhar prende-se ao meu, e então ele o desvia. Olhar para mim dói. — Quer saber da última?

Na verdade, não.

— Claro — digo, para mantê-lo ali.

Eu só conhecia o sujeito havia um mês, mas, dos que sobraram, ele era o único que eu conhecia. Estou deitado naquela velha cama de armar com um fiapo de céu como vista. Formas vagas com aparência de pessoas vagueiam na fumaça, como personagens de um filme de terror, e, às vezes, ouço gritos ou choro, mas não falo com ninguém há dias.

— A peste não é deles, é nossa — Chris continua. — Escapou de alguma instalação supersecreta do governo depois da falta de energia.

Tusso. Ele se encolhe, mas fica. Espera que o acesso passe. Em algum ponto, ao longo do caminho, ele perdeu uma das lentes dos óculos. O olho esquerdo vive permanentemente semicerrado. Agora, agachado, ele apoia o peso do corpo primeiro em um pé e depois no outro, no chão lamacento. Ele quer ir embora. Ele não quer ir embora. Conheço a sensação.

— Isso não seria irônico? — falo, meio sufocado. Sinto gosto de sangue.

Ele dá de ombros. Ironia? Não existe mais ironia. Ou, talvez, exista tanta que se deve chamá-la por outro nome.

— Não, é nossa. Pense nisso. Os dois primeiros ataques fazem os sobreviventes fugir para o interior para se abrigar em campos como este. Isso concentra a população, criando o terreno de propagação ideal para o vírus. Milhões de quilos de carne fresca convenientemente localizada em um lugar. É genial.

— Precisamos devolvê-la para eles — digo, tentando ser irônico.

Não quero que ele se vá, mas também não quero que fale. Ele tem o hábito de discursar, *é* um daqueles sujeitos que têm opinião formada sobre tudo. Mas algo acontece quando todos que você conhece morrem alguns dias depois de tê-los conhecido: você começa a ser bem menos exigente sobre quem lhe dá atenção. Você consegue ignorar uma série de defeitos. E passa a não dar importância a uma série de dificuldades pessoais, como a grande mentira de que ter as entranhas se liquefazendo não o deixa totalmente aterrorizado.

— Eles sabem o que pensamos — ele diz.

— E como você sabe o que eles sabem?

Estou ficando zangado. Não sei bem por quê. Talvez esteja com inveja. Nós dividimos a barraca, a água, a comida, e quem está morrendo sou eu. O que faz dele uma pessoa tão especial?

— Eu não sei — ele responde, depressa. — A única coisa que sei é que já não sei mais nada.

A distância, uma arma é disparada. Chris mal reage. Som de tiros é algo comum no

campo. Tiros em aves, ao acaso. Tiros de aviso para gangues que querem saquear o que é seu. Alguns sinalizam um suicídio, uma pessoa nos estágios finais que decide mostrar à peste quem é que manda. Quando cheguei ao campo, ouvi uma história sobre a mulher que preferiu se matar, depois de matar os três filhos, a enfrentar o Quarto Cavaleiro. Não consegui decidir se ela foi corajosa ou tola. E, então, parei de me preocupar com o assunto. Quem se importa com o que ela *havia sido,* se agora estava morta?

Ele não tinha muito mais a dizer, então fala rapidamente para sair dali. Como muitos dos não infectados, Chris sofria de um caso grave de ansiedade, sempre à espera do próximo inevitável passo. Garganta irritada: cigarro ou...? Dores de cabeça: falta de sono, fome ou...? É o momento de passar a bola, e, com o canto do olho, você *vê o* jogador de 120 quilos aproximando-se em velocidade máxima. Só que o momento nunca termina.

— Volto amanhã — ele promete. — Você precisa de alguma coisa?

— Água. — Apesar de não conseguir mantê-la no estômago.

— Eu trago.

Chris levanta-se. Tudo que vejo agora são suas calças sujas de lama e as botas emplastadas de terra. Não sei como sei, mas sei que é a última vez que vou vê-lo. Ele não vai voltar, ou, se voltar, não vou perceber. Não dizemos adeus. Ninguém mais diz adeus. A palavra assumiu um significado inteiramente novo desde que apareceu o Grande Olho Verde no Céu.

Observo a fumaça formar uma espiral quando ele passa. Então, tiro a corrente de prata de sob o cobertor. Esfrego o polegar na superfície lisa do medalhão em forma de coração, seguro-o perto dos olhos na luz fraca. O fecho quebrou na noite em que o arranquei do pescoço dela, mas consegui consertá-lo com um cortador de unhas.

Olho para a entrada da barraca e a vejo parada ali, e sei que não se trata realmente dela, mas a imagem mostrada pelo vírus, porque ela está usando o mesmo medalhão que seguro na mão. O micróbio tem me mostrado todos os tipos de imagens. Imagens que quero, e outras que não quero ver. A garotinha na entrada é as duas coisas.

Bobby, por que você me deixou?"

Abro a boca. Sinto gosto de sangue.

— Vá embora.

A imagem da menina começa a tremeluzir. Esfrego os olhos, e os nós dos dedos se afastam molhados de sangue.

Você fugiu. Bobby, por que você fugiu?"

E, então, a fumaça a desfaz, parte-se em pedaços, esmaga o seu corpo, transformando-o em nada. Eu a chamo. Não vê-la é mais cruel do que vê-la. Agarro a corrente de prata com tanta força, que os elos cortam minha mão.

Estendo a mão em sua direção. Corro atrás dela.

Estendo a mão. Corro.

Fora da barraca, a fumaça vermelha das piras funerárias, Do lado de dentro, a névoa vermelha da peste.

"Você tem sorte", digo a Sissy. "Você partiu antes de a situação ficar realmente feia."

Tiros pipocam na distância. Desta vez, porém, não era o pipocar esporádico de

algum refugiado desesperado atirando em sombras, mas armas potentes que disparavam com um ruído intenso que faz os tímpanos latejarem. O guinchar estridente das balas traçantes. A resposta rápida das armas automáticas.

Wright-Patterson está sob ataque.

Parte de mim está aliviada. É como uma libertação, o último raio da tempestade após uma longa espera. Outra parte, a que ainda acha que vou conseguir sobreviver à peste, está pronta para urinar nas calças. Fraca demais para me afastar do catre, e apavorada demais para fazê-lo, mesmo que não estivesse fraca. Fecho os olhos e sussurro uma oração para os homens e mulheres de Wright-Patterson destruírem o invasor, e outra para mim e para Sissy. Mas principalmente para Sissy.

Agora, explosões. Explosões fortes. Explosões que fazem o chão tremer, que vibram de encontro à pele, que pressionam as têmporas com força e empurram o peito, apertando-o. Tem se a impressão de que o mundo está sendo rasgado em pedaços, o que, de certa forma, é o que está ocorrendo.

A pequena barraca está tomada pela fumaça, e a entrada arde como um olho triangular, uma brasa incandescente vermelha brilhante como o inferno. “É isso aí”, penso. “No fim das contas, não é a peste que vai me matar. Vou viver tempo suficiente para ser morto por um verdadeiro invasor alienígena. Uma forma melhor de ir embora; pelo menos, mais rápida.” Tentando dar um toque positivo ao meu iminente falecimento.

Ouço um tiro de revólver, muito perto. A julgar pelo som, talvez a duas ou três barracas de distância. Ouço os gritos incoerentes de uma mulher, outro tiro, e a mulher para de gritar. Em seguida, silêncio. Depois, mais dois tiros. A fumaça gira, o olho vermelho brilha. Agora posso ouvido, vindo em minha direção, as botas esmagando ruidosamente a terra molhada. Remexo sob o amontoado de roupas e a confusão de garrafas d'água vazias ao lado do catre, à procura de minha arma, um revólver que Chris tinha me dado no dia em que me convidou para ser seu companheiro de barraca. “Onde está a sua arma?” ele perguntou. Ele ficou chocado ao saber que eu não tinha nenhuma. “Você precisa ter uma, cara” ele disse. “Até as crianças têm armas.” Não importa que eu não consiga acertar nem a parede de um celeiro ou que haja boas probabilidades de eu atirar no meu pé. Na era pós-humana, Chris acredita firmemente na Segunda Emenda (que permite às pessoas o porte de armas).

Com o medalhão de prata de Sissy numa das mãos e o revólver de Chris na outra, espero que ele apareça na entrada. Em uma das mãos, o passado. Na outra, o futuro. Esse é um modo de encarar os fatos.

Talvez, se eu me fingir de doente, ele vá embora. Observo a entrada pelos olhos semicerrados.

E, então, ele chega, uma pupila negra e densa no olho vermelho, oscilando instávelmente ao se inclinar para o interior da barraca, a cerca de um metro de distância. Não consigo ver seu rosto, mas posso ouvir a respiração ofegante. Tento controlar minha própria respiração, mas não importa o quanto eu respire lentamente, o ruído da infecção no meu peito soa mais alto do que as explosões da batalha. Não consigo enxergar bem o que ele está vestindo, exceto pelo fato de que as calças parecem ter sido enfiadas nas botas altas. Um soldado? Deve ser. Ele está segurando um fuzil.

Estou salvo. Ergo a mão que segura o medalhão e chamo-o fracamente. Ele tropeça para a frente. Agora posso ver seu rosto. Ele é jovem, apenas um ano mais velho do que eu. A sua nuca brilha com o sangue, da mesma forma que as mãos que seguram o fuzil. Ele se apoia em um dos joelhos ao lado do catre, recua quando vê meu rosto, a pele amarelada, os lábios inchados, os olhos fundos injetados de sangue, que são os indícios reveladores da peste.

Ao contrário dos meus, os olhos do soldado estão límpidos e arregalados de horror.

— Entendemos tudo errado, tudo errado! — ele sussurrou. — Eles já estão aqui... têm estado aqui... bem aqui... dentro de nós... o tempo todo... dentro de nós.

Dois vultos grandes saltam pela abertura. Um agarra o soldado pelo colarinho e arrasta para fora. Ergo o velho revólver. Ou tento, porque ele escorrega da minha mão antes que consiga levantá-lo alguns centímetros acima do cobertor. E, então, o segundo vem para cima de mim, jogando o revólver para longe, levantando-me com grosseria. O choque provocado pela dor cega-me por alguns segundos. Ele grita por cima do ombro para o companheiro que tinha acabado de se inclinar para dentro da barraca.

— Escaneie o sujeito! — Um disco de metal é pressionado na minha testa.

— Ele está limpo!

— Estou doente. — Os dois homens usam roupas de proteção. As mesmas usadas pelo soldado que tinham levado embora.

— Como você se chama, companheiro? — um deles pergunta. Sacudo a cabeça. Não estou entendendo. Abro a boca, mas não emito nenhum som inteligível.

— Ele virou um zumbi — disse o parceiro. — Deixe-o.

O outro assente com um gesto de cabeça, esfrega o queixo, e me olha.

— O comandante mandou levar todos os civis não infectados — ele disse.

Ele ajeita o cobertor a minha volta e, com um movimento fácil, me levanta do catre e me coloca sobre o ombro. Na qualidade de um civil decididamente infectado, fico muito chocado.

— Quieto, zumbi — ele manda. — Agora você vai para um lugar melhor. Acredito nele. E, por um segundo, permito-me acreditar que não vou morrer, afinal

26

Levaram-me para um andar isolado no hospital de base reservado para vítimas da peste, apelidado de Ala dos Zumbis, onde recebo uma dose generosa de morfina e um potente coquetel de drogas antivirais. Recebo os cuidados de uma mulher que se apresenta como dra. Pam. Ela tem um olhar suave, voz calma e mãos muito frias. O cabelo está preso num coque apertado. E ela cheira a desinfetante de hospital e um quê de perfume. Os dois odores não combinam muito bem.

Tenho uma chance em dez de sobreviver, ela me diz. Começo a rir. Os remédios devem estar provocando delírios. Uma em dez? E eu aqui, achando que a peste era uma sentença de morte. Não poderia estar mais feliz.

Nos próximos dois dias, minha temperatura ultrapassa os 40 graus. Suo frio, e até

meu suor está manchado de sangue. Flutuo para dentro e para fora de uma penumbra sonolenta e delirante, enquanto eles atacam a infecção com tudo de que dispõem. Não há cura para a Morte Vermelha. Eles só podem me manter dopado e confortável, até que o vírus decida se gosta ou não de meu sabor.

O passado insinua-se com insistência. Às vezes, meu pai se encontra sentado ao meu lado, outras, minha mãe, mas a maior parte do tempo é Sissy. O quarto fica vermelho. Vejo o mundo através de uma diáfana cortina de sangue. A ala recua para trás da cortina rubra. Somos apenas eu, o invasor dentro de mim e os mortos, não apenas a minha família, mas todos os mortos, todos os não-sei-quantos milhões deles, estendendo a mão para mim, enquanto corro. Estendendo a mão. Correndo. E me ocorre que realmente não há uma verdadeira diferença entre nós. É só uma questão de tempo verbal: mortos-do-passado e mortos-do-futuro.

No terceiro dia, a febre cede. No quinto, os líquidos se mantêm 110 organismo, e meus olhos e pulmões começam a clarear. A cortina vermelha recua, e consigo enxergar a ala, os médicos, enfermeiros e atendentes de avental e máscara, os pacientes nos diferentes estágios terminais, passado e futuro, flutuando no suave mar de morfina, ou sendo levados para fora nas macas com os rostos cobertos, os mortos-do-presente.

No sexto dia, a dra. Pam declara que o pior já passou. Suspende todos os medicamentos, o que, de certa forma, me deprime. Vou sentir falta da morfina.

— Não depende de mim — ela diz. — Você vai ser transferido para a ala dos convalescentes até recuperar suas forças. Vamos precisar de você.

— Precisar de mim?

— Para a guerra.

A guerra. Lembro-me dos tiroteios, das explosões, do soldado irrompendo na barraca e do "eles estão dentro de nós!"

— O que está acontecendo? — pergunto. — O que aconteceu aqui?

Ela já tinha se virado, entregando meu prontuário para um assistente e dizendo-lhe em voz baixa, mas não tão baixa que eu não pudesse ouvir, "Leve-o para a sala de exames às 15 horas, depois que o organismo estiver livre dos medicamentos. Vamos rotulá-lo e ensacá-lo."

27

Sou levado para um hangar grande perto da entrada da base. Para todos os lados que olho, há sinais da batalha recente. Veículos queimados, o entulho formado pelos edifícios demolidos, pequenas e fumegantes fogueiras obstinadas, asfalto esburacado e crateras de um metro de diâmetro abertas por morteiros. Mas a cerca de segurança foi consertada, e, além dela, posso ver a escurecida terra de ninguém onde antes estava a Cidade das Barracas.

Dentro do hangar, soldados pintam imensos círculos vermelhos no brilhante chão de concreto. Não há aviões. Conduzem-me em uma cadeira de rodas por uma porta nos fundos, uma sala de exames, onde me colocam sobre uma mesa e me deixam só por

alguns minutos, tremendo na fina camisola do hospital, sob as cintilantes luzes fluorescentes. O que são os círculos vermelhos? E como eles conseguiram ter energia elétrica? E o que ela quis dizer com "Vamos rotulá-lo e ensacá-lo?" Não consigo evitar que meus pensamentos vagueiem em todas as direções. O que aconteceu naquele lugar? Se os alienígenas atacaram a base, onde estão os alienígenas mortos? Onde está a nave espacial derrubada? Como conseguimos nos defender contra uma inteligência milhares de anos mais avançada do que a nossa, e derrotá-la?

A porta interna se abre, e a dra. Pam entra. Acende uma luz brilhante diante de meus olhos, ausculta meu coração, meus pulmões, dá pancadinhas em alguns lugares. Ela me mostra uma pelota cinza prateada do tamanho aproximado de um grão de arroz.

— O que é isso? — quero saber. Meio que espero que ela diga que é uma nave espacial alienígena: "descobrimos que elas são do tamanho de uma ameba."

Em vez disso, ela informa que a pelota é um dispositivo de rastreamento, conectado ao computador principal da base. Altamente secreto, usado pelo exército há anos. A ideia é implantá-lo em todos os funcionários sobreviventes. Cada pelota transmite um sinal único, uma assinatura, que pode ser captada por detectores até 1,6 quilômetro de distância, Para acompanhar nossos movimentos, ela afirma. Para nos manter em segurança.

Ela dá uma injeção na minha nuca para me sedar, insere a pelota sob a pele, próximo à base do crânio. A doutora coloca uma atadura no local da inserção, ajuda-me a voltar à cadeira de rodas e me conduz à sala contígua, muito menor que o primeiro aposento. Uma cadeira branca reclinável que lembra a de uma sala de dentista. Um computador e um monitor. Ajuda-me a sentar na cadeira e começa a me imobilizar. Tiras nos pulsos, tiras nos tornozelos. O rosto dela está muito próximo ao meu. Hoje, o perfume vence por pouco o cheiro do desinfetante na Guerra dos Odores, Minha expressão não lhe passa despercebida.

— Não tenha medo — ela diz. — Não vai doer.

Assustado, sussurro.

— Existe algo que não dói?

A médica vai até o monitor e começa a digitar comandos.

— É um programa que encontramos em um laptop que pertencia a um dos infestados — a dra. Pam explica. Antes que eu consiga perguntar que raios é um infestado, ela prossegue: — Não temos certeza se os infestados o usavam, mas sabemos que é totalmente seguro. Seu nome-código é País das Maravilhas.

— O que ele faz? — pergunto.

Não sei bem o que ela está me contando, mas parece que ela está dizendo que os alienígenas encontraram um meio de se infiltrar em Wright-Patterson e violaram o sistema de computação do campo. Não consigo tirar a palavra *infestados* da cabeça. Ou o rosto ensanguentado dó soldado que irrompeu em minha barraca. "*Eles estão dentro de nós.*"

— É um programa de mapeamento — ela responde. O que, na verdade, não é uma resposta.

— E o que ele mapeia?

Ela me olha por um longo e desconfortável momento, como se estivesse decidindo se deve ou não me contar a verdade.

— Ele mapeia você. Feche os olhos, respire fundo, bem fundo. Conte de trás para frente... três... dois... um...

E o universo implode.

Subitamente, estou aqui, três anos de idade, segurando as laterais do berço, pulando para cima e para baixo, e gritando como se alguém estivesse me matando. Não estou me lembrando daquele dia: eu o estou vivenciando.

Agora, tenho 6 anos, balançando meu bastão de beisebol de plástico. Aquele que eu adorava. O que tinha esquecido que tinha.

Agora, com 10 anos, indo do *pet shop* para casa com um saco de peixinhos dourados no colo e discutindo com minha mãe os nomes que lhes daria. Ela está usando um vestido amarelo vivo.

Treze, sexta-feira à noite, estou jogando futebol, e a multidão está aplaudindo. Com vontade.

O turbilhão começa a desacelerar. Sinto-me como se estivesse afundando... afundando no sonho da minha vida. Minhas pernas agitam-se inutilmente, presas com firmeza, correndo.

Correndo.

Primeiro beijo. O nome dela é Lacey. Minha professora de álgebra do nono ano e sua letra horrível. Tirando a carteira de motorista. Tudo ali, nenhum espaço em branco, tudo saindo de mim enquanto entro no País das Maravilhas.

Tudo.

Bolha verde no céu da noite.

Segurando as tábuas, enquanto meu pai as prega sobre as janelas da sala de estar. O som de tiros rua abaixo, vidros estilhaçados, pessoas gritando. E o martelo batendo: *bam, bam, BAM.*

— Apague as velas — o sussurro histérico de minha mãe. — Você não está ouvindo? Eles estão chegando!

E meu pai, com calma, na escuridão total.

— Se alguma coisa me acontecer, cuide de sua mãe e de sua irmãzinha.

Estou em queda livre. Velocidade terminal. Não há como escapar. Não vou apenas lembrar aquela noite. Vou revivê-la, inteira.

Fui perseguido até chegar à Cidade das Barracas. A coisa de que fugia, da qual ainda estou fugindo, a coisa que não quer me largar.

Que busco alcançar. De que eu fujo.

Cuide de sua mãe e de sua irmãzinha."

A porta da frente é arrombada com estrondo. Meu pai atira no peito do primeiro intruso à queima-roupa. O sujeito devia ser alto, ou coisa parecida, porque contínua se aproximando. Vejo uma arma de cano serrado no rosto de meu pai. Aquela foi a última vez que vi o rosto de meu pai.

O quarto está tomado por sombras, e uma delas é minha mãe. E, então, mais sombras e gritos roucos. Eu estou disparando escada acima, carregando Sissy em meus

braços, compreendendo tarde demais que estou correndo para um beco sem saída.

A mão de alguém me agarra pela camisa e me joga para trás. Caio pelos degraus, protegendo Sissy com meu corpo, batendo de cabeça no fim da escadaria.

Então, sombras, sombras imensas, e uma profusão de dedos, puxando-a de meus braços. E Sissy gritando *Bobby, Bobby, Bobby, Bobby!*

Estendendo a mão na direção dela, no escuro. Meus dedos prendem-se ao medalhão em seu pescoço e arrebentam a corrente de prata.

Depois, como no dia em que as luzes se apagaram para sempre, a voz de minha irmã apaga-se abruptamente.

Então, os bandidos estão em cima de mim. São três, sob o efeito de drogas, ou desesperados para encontrar alguma, chutando, socando, uma chuva furiosa de golpes nas minhas costas, no meu estômago. Quando ergo as mãos, a fim de proteger o rosto, vejo a silhueta do martelo de meu pai elevando-se acima de minha cabeça.

Ele desce com um assobio. Rolo para o lado. A cabeça do martelo me arranha a têmpora, o impulso levando-o diretamente para a canela do sujeito. Ele cai de joelhos com um uivo de agonia.

Agora, de pé, correndo pelo corredor até a cozinha, e os passos retumbantes quando eles me perseguem.

Cuide de sua irmãzinha.

Tropeçando em algo no quintal dos fundos, provavelmente a mangueira do jardim ou um dos brinquedos bobos de Sissy. Caindo de cara na grama molhada sob um céu coberto de estrelas, e a orbe verde cintilante, o Olho circular, fitando-me fixamente com frieza. O cara que segura com firmeza o medalhão de prata na mão ensanguentada. O cara que sobreviveu. O que não voltou. O que fugiu.

28

Cai num lugar tão profundo que nada poderia me alcançar. Pela primeira vez em semanas, sinto-me entorpecido. Nem mesmo me sinto *eu mesmo.* Não há lugar em que eu termine, e o nada comece.

A voz dela penetra na escuridão, e eu me agarro a ela, à linha da vida que pode me tirar do poço sem fundo.

— Acabou. Está tudo bem. Acabou...

Subo à superfície e entro no mundo real, ofegante, em busca de ar, chorando incontrolavelmente como um completo maricas, e penso: "Você está enganada, doutora. Nunca acaba. Isso simplesmente continua, continua e continua" O rosto dela surge flutuando no meu campo de visão, e meu braço move-se bruscamente, numa tentativa de me livrar das amarras, quando me esforço para agarrá-la. Ela precisa fazer isso parar.

— Que diabos foi isso? — pergunto num sussurro rouco.

Minha garganta arde, minha boca está seca. Sinto como se pesasse três quilos, como se toda a carne tivesse sido arrancada de meus ossos. E eu pensava que a peste era ruim!

— É um jeito de vermos dentro de você e verificar o que realmente está acontecendo

— ela diz com delicadeza.

A médica passa a mão em minha testa. O gesto lembra o de minha mãe, o que me lembra de ter perdido minha mãe no escuro, de correr dela na noite, o que me lembra de que não deveria estar amarrado naquela cadeira branca. Eu deveria estar com eles. Eu deveria ter ficado e enfrentado o que enfrentaram, "Cuide de sua irmãzinha."

— Essa é minha próxima pergunta — digo, lutando para me manter concentrado. — O que está acontecendo?

— Eles estão dentro de nós — ela responde. — Fomos atacados interiormente, por funcionários infectados que foram infiltrados no exército.

Ela me concede alguns minutos para que eu assimile o que tinha me contado, enquanto enxuga as lágrimas de meu rosto com um pano úmido e frio. É enlouquecedor notar o quanto ela é maternal, e a frieza confortante do pano, uma tortura agradável.

Ela deixa o pano de lado e olha no fundo dos meus olhos.

— Considerando a taxa de infectados a serem limpos aqui na base, calculamos que um em cada três humanos sobreviventes na Terra é um deles.

Ela afrouxa as tiras. Sinto-me inconsistente como uma nuvem, leve como um balão. Quando a última tira é solta, imagino que vou sair voando da cadeira e bater no teto.

— Você gostaria de ver um deles? — ela indagou.

Estendendo a mão.

29

Ela empurra minha cadeira pelo corredor até o elevador. É um elevador expresso que nos leva a centenas de metros abaixo da superfície. As portas se abrem para um longo corredor com paredes brancas de blocos de concreto. A dra. Pam me conta que estamos no complexo do abrigo antibombas, quase tão grande quanto a base acima de nós, construído para suportar uma explosão nuclear de 50 megatons. Eu lhe digo que já estou me sentindo mais seguro. Ela ri como se achasse aquilo muito engraçado. Passo deslizando por túneis laterais e portas sem identificação e, apesar de o piso ser plano, sinto como se estivesse sendo levado para o interior do mundo, para o buraco onde vive o diabo. Há soldados correndo de um lado a outro do corredor. Eles desviam o olhar e param de falar quando passo por eles na cadeira de rodas.

"Você gostaria de ver um deles?"

Sim. Droga, não.

A doutora para diante de uma das portas não identificadas e passa o cartão magnético em uma das fechaduras. A luz vermelha fica verde. Ela me empurra para o interior do aposento e estaciona a cadeira diante de um longo espelho. Fico boquiaberto, de queixo caído, e fecho os olhos, porque o que quer que esteja sentado na cadeira de rodas não sou eu, não pode ser eu.

Quando a nave mãe surgiu pela primeira vez, eu pesava 80 quilos, a maioria deles composta de músculos. Vinte quilos desses músculos se foram. O estranho no espelho retribuiu o meu olhar com os olhos dos famintos: imensos, afundados, circundados por

olheiras negras e inchadas. O vírus tinha levado uma faca ao meu rosto, escavado minhas faces, afinado meu queixo, afilado meu nariz. Meus cabelos estão pegajosos, secos, rareando em alguns lugares.

Ele virou um zumbi."

A dra. Pam faz um gesto de cabeça em direção ao espelho.

— Não se preocupe. Ele não vai poder nos ver.

Ele? De quem ela está falando?

A médica aperta um botão, e as luzes no quarto do outro lado do espelho se acendem. Minha imagem fica parecida com a de um fantasma. Posso ver a pessoa do outro lado através de meu corpo.

É Chris.

Ele está atado a uma cadeira idêntica à do aposento no País das Maravilhas, Fios correm de sua cabeça até um grande console com luzes vermelhas piscantes atrás dele. Está com dificuldades em manter a cabeça ereta, como uma criança cochilando em classe.

A doutora nota que enrijeço ao vê-lo e pergunta:

— Como? Você o conhece?

— O nome dele é Chris. Ele é meu... Eu o conheci no campo de refugiados. Ele se ofereceu para dividir a barraca comigo e me ajudou quando fiquei doente.

— Ele é seu amigo? — ela indagou, aparentando surpresa.

— Sim. Não. Sim, ele é meu amigo.

— Ele não é quem você pensa.

Dra. Pam aperta ura botão, e o monitor cria vida. Arrancos os olhos da imagem de Chris, de sua parte exterior para a interior, do aparente ao oculto, porque na tela posso ver seu cérebro envolto em osso translúcido, cintilando uma nauseante cor verde amarelada.

— O que é isso? — sussurro.

— A infestação — a doutora revela.

Ela aperta outro botão e a imagem se aproxima da parte frontal do cérebro de Chris. A cor nauseante se intensifica, com um brilho neon.

— Essa é o córtex pré-frontal, a parte pensante do cérebro. A parte que nos toma humanos.

Ela aproxima ainda mais uma área menor do que a cabeça de um alfinete, e então eu vejo. Meu estômago dá voltas. Incrustado no tecido mole está uma forma oval pulsante, ancorada por milhares de filamentos abrindo-se como um leque em todas as direções, enterrando-se em cada dobra e fissura do cérebro.

— Não sabemos como eles conseguiram — diz a dra. Pam. — Nem ao menos sabemos se os infectados têm consciência de sua presença, ou se foram marionetes a vida toda.

A coisa emaranhando-se no cérebro de Chris, pulsando.

— Tire isso dele. — Mal consigo formular as palavras.

— Tentamos — conta a doutora. — Medicamentos, radiação, eletrochoques, cirurgia. Nada funciona. A única maneira de matá-los é matando o hospedeiro.

Ela empurra o teclado na minha frente.

— Ele não vai sentir nada.

Confuso, sacudo a cabeça. Não entendo.

— Dura menos que um segundo — a dra. Pam garante. — É totalmente indolor. Esse botão, aqui.

Olho para o botão. É denominado: EXECUTAR.

— Você não está matando Chris. Você está destruindo a coisa dentro dele que iria matar você.

— Ele teve oportunidade de me matar — argumento. Sacudo a cabeça. É demais. Não posso lidar com isso. — E ele não matou. Ele me deixou viver.

— Porque ainda não era a hora. Ele deixou você antes do ataque, não foi?

Assenti. Olho para ele pelo espelho de duas faces, pela moldura indistinta do meu eu transparente.

— Você está matando as coisas responsáveis por isso. — Ela aperta algo na minha mão.

O medalhão de Sissy.

O medalhão, o botão e Chris. E a coisa dentro de Chris.

E eu. Ou o que resta de mim. O que restou de mim? O que me resta? Os elos da corrente de Sissy me cortam a palma da mão.

— É assim que conseguimos pará-los — a dra. Pam insiste. — Antes que não sobre ninguém que o faça.

Chris está na cadeira. O medalhão na minha mão. Há quanto tempo venho correndo? Correndo, correndo, correndo. Deus, estou cansado de correr. Eu deveria ter ficado. Eu deveria tê-los enfrentado. Se os tivesse enfrentado, não os estaria enfrentando agora Mas, cedo ou tarde, é preciso escolher entre correr e enfrentar a coisa que você imaginou não poder enfrentar.

Aperto o dedo no botão com toda a força possível.

30

Gosto muito mais da ala de convalescentes do que da ala dos Zumbis. Para começar, cheira melhor, e tenho meu próprio quarto. Não se fica jogado no chão com uma centena de outras pessoas. O quarto é silencioso e privado, e é fácil fingir que o mundo é o mesmo de antes dos ataques. Pela primeira vez em semanas, consigo ingerir comida sólida e ir ao banheiro sozinho, embora evite olhar no espelho. Os dias parecem mais claros, mas as noites são difíceis: sempre que fecho os olhos, vejo o meu eu esquelético na sala de execução, Chris amarrado na sala do outro lado, e o meu dedo ossudo descendo sobre o botão.

Chris se foi. Bem, segundo a dra. Pam, Chris nunca existiu. Havia a coisa dentro dele que o controlava e que se incrustou em seu cérebro (eles não sabem como) em algum momento no passado (eles não sabem quando). Nenhum alienígena desceu da nave mãe para atacar Wright-Patterson. O ataque veio de dentro, quando soldados infestados viraram as armas para os camaradas. Isso significa que eles estavam escondidos dentro de

nós havia muito tempo, esperando que as três primeiras ondas reduzissem a população a um número controlável antes de se revelar.

O que Chris tinha dito?

Eles sabem o que pensamos."

Eles sabiam que buscaríamos segurança em grupos grandes. Sabiam que procuraríamos nos abrigar com os sujeitos armados. Assim, sr. Alienígena, como superar isso? É simples, pois você sabe o que pensamos, não é? Você implanta unidades espiãs onde estão as armas. Mesmo que as suas tropas falhem no ataque inicial, como aconteceu em Wright-Patterson, você obtém êxito no objetivo maior, que é destruir a sociedade. Se o inimigo se parece com você, como lutar contra ele?

Nesse ponto, o jogo acabou. Fome, doenças, animais selvagens: é só uma questão de tempo para que os últimos e isolados sobreviventes morram.

De minha janela no 5º andar, posso ver os portões da frente. Ao anoitecer, um comboio composto de velhos ônibus escolares amarelos saem, escoltados por veículos do exército. Os ônibus voltam várias horas depois carregados de pessoas, principalmente crianças, embora seja difícil ter certeza, no escuro, que são levadas para o hangar a fim de serem rotuladas e ensacadas, os "infestados" separados e destruídos. Pelo menos, isso é o que me contam as enfermeiras. Para mim, toda a situação parece loucura, considerando o que sabemos sobre os ataques. Como eles mataram tantos de nós tão depressa? Ah, sim, porque humanos se agrupam como ovelhas! E aqui estamos agora, agrupando-nos outra vez. À vista de todos. Por que não pintar um enorme alvo vermelho na base? *Aqui estamos! Atirem quando estiverem prontos!*

Eu não suporto mais.

Mesmo agora, que meu corpo gradativamente se fortalece, meu espírito começa a desabar.

Eu realmente não entendo. Qual é o objetivo? Não o deles, pois isso está muito claro desde o início.

Eu falo do nosso objetivo nesse momento. Acredito que, se não nos agrupássemos outra vez, eles teriam outro plano, mesmo que esse plano fosse usar assassinos infestados para acabar conosco, um tolo e isolado humano por vez.

Não há como vencer. Se, de alguma forma, eu tivesse conseguido salvar minha irmã, não faria diferença. Teria conseguido mais um ou dois meses para ela, no máximo.

Estamos mortos. Agora não há mais ninguém. Há os mortos-do-passado e os mortos-do-futuro. Cadáveres e futuros cadáveres.

Perdi o medalhão de Sissy em algum lugar entre o porão e o quarto onde estava. Acordo no meio da noite, minha mão agarrando o vazio, e ouço-a gritar meu nome, como se estivesse parada a meio metro de distância. Fico furioso, fico danado como o inferno, e digo-lhe para calar a boca. Eu o perdi, ele se foi. Será que ela não vê que estou morto como ela? Um zumbi. É isso que sou.

Paro de comer. Recuso os remédios. Fico deitado na cama durante horas, olhando fixamente para o teto, esperando que tudo acabe, esperando para me juntar à minha irmã e aos outros 7 bilhões de felizardos. O vírus que estava me devorando foi substituído por uma doença diferente, ainda mais ávida. Uma doença com uma taxa de mortalidade de

cem por cento. E digo a mim mesmo "Não deixe que façam isso, cara! Isso também faz parte do plano deles", mas não adianta. Posso tentar pensar em palavras animadoras o dia todo, mas elas não mudam o fato de que, no momento em que a nave mãe surgiu no céu, o jogo tinha terminado. Não era uma questão de *se*, mas de *quando*.

E exatamente quando atinjo o ponto sem retomo, quando a última parte de mim capaz de lutar está prestes a morrer, como se estivesse esperando todo aquele tempo para atingir esse momento, meu salvador aparece.

A porta se abre, e sua sombra preenche o local. Alto, magro, anguloso, como se a sombra tivesse sido recortada de uma placa de mármore negro. Essa sombra cai sobre mim, enquanto ele caminha em direção à cama. Quero desviar o olhar, mas não consigo. Seus olhos, frios e azuis como um lago nas montanhas, me imobilizam. Ele entra sob o foco de luz, e consigo ver seus cabelos cor de areia bem curtos, o nariz pronunciado e os lábios finos apertados em um sorriso sem humor. Uniforme novo. Botas pretas polidas. A divisa de oficial no colarinho.

Ele me olha em silêncio durante um longo e desconfortável momento. Por que não consigo desviar o olhar daqueles gelados olhos azuis? O rosto dele é tão bem delineado, que parece irreal, como a escultura de um rosto humano em mármore.

— Você sabe quem eu sou? — ele pergunta.

A voz é grave, muito grave, o timbre característico de quem narra o *trailer* de um filme. Sacudo a cabeça. De que jeito iria eu saber uma coisa dessas? Nunca tinha visto o homem em toda minha vida.

— Sou o tenente-coronel Alexander Vosch, comandante desta base.

Ele não estende a mão, apenas me olha. Dá a volta até o pé da cama, examina meu prontuário. Meu coração bate acelerado. Sinto-me como se tivesse sido chamado à sala do diretor.

— Pulmões em boas condições. Batimentos cardíacos, pressão sanguínea. Tudo está bem. — Ele torna a pendurar o prontuário no gancho. — Só que nem tudo está bem, não é? Na verdade, tudo está muito ruim.

Ele puxa uma cadeira para perto da cama e senta. O movimento é fluído, suave, descomplicado, como se ele o tivesse praticado por horas e tivesse transformado o ato de sentar numa ciência exata. Ele ajeita o vinco da calça em uma linha perfeitamente reta antes de prosseguir.

— Li o seu perfil traçado pelo País das Maravilhas. Muito interessante. E muito instrutivo.

Ele estende a mão para o bolso, novamente com tanta elegância que parece mais um movimento de dança do que um gesto, e tira o medalhão de Sissy.

— Acho que isso lhe pertence.

O comandante larga o objeto na cama perto de minha mão. Espera que eu o pegue. Obrigo-me a ficar imóvel, não sei bem por quê.

Ele volta a pôr a mão no bolso da camisa. E, então, joga uma fotografia pequena no meu colo. Apanho-a. A imagem mostra uma criancinha com 6 ou 7 anos. Tem os olhos de Vosch. Está no colo de uma mulher bonita com idade próxima à do militar.

— Sabe quem são?

Não é uma pergunta difícil. Faço que sim com um gesto de cabeça. Por algum motivo, a fotografia me incomoda. Eu a estendo em sua direção para que a pegue. Ele não o faz.

— Elas são o meu medalhão de prata — ele afirma.

— Sinto muito — digo, porque não sei que outra coisa dizer.

— Você sabe que eles não precisavam fazer isso dessa forma. Já pensou nisso? Eles poderiam ter nos matado devagar... então, por que decidiram nos matar tão rapidamente? Por que enviar uma peste que mata nove em cada dez pessoas? Por que não sete em cada dez? Por que não cinco? Em outras palavras, por que essa maldita pressa? Tenho uma teoria a respeito. Gostaria de ouvi-la?

"Não" penso. "Não gostaria. Quem *é* esse cara, e por que está aqui conversando comigo?"

— Há uma frase de Stalin — ele começa. — "Uma única morte é uma tragédia, um milhão é uma estatística." Você consegue imaginar 7 bilhões de qualquer coisa? Para mim é difícil. Isso vai além da nossa capacidade de compreensão. E é exatamente por esse motivo que eles o fizeram. É como aumentar a contagem no futebol. Você jogou futebol, não é mesmo? Não se trata de destruir nossa capacidade de lutar, mas sim de destruir nossa vontade de lutar.

Ele pega a fotografia e a devolve ao bolso.

— Então, eu não penso nas 6,8 bilhões de pessoas. Penso apenas em duas.

Ele faz um gesto de cabeça na direção do medalhão de Sissy.

— Você a deixou. Quando ela precisou, você correu. E você ainda está correndo. Você não acha que chegou a hora de parar de correr e lutar por ela?

Abro a boca, e seja lá o que for que eu quisesse dizer, sai apenas:

— Ela está morta.

Ele acena com a mão no ar. Estou sendo tolo.

— Estamos todos mortos, filho. Alguns só estão um pouco mais adiante do que outros. Você deve estar se perguntando quem diabos eu sou e por que estou aqui. Bem, eu lhe disse quem sou, e agora vou lhe dizer por que vim.

— Ótimo — sussurro.

Talvez, depois que me contar, me deixe em paz. Ele está me deixando desconfiado. Algo no olhar gelado com que me encara, a sua dureza, não há outra palavra para isso, como se fosse uma estátua que criou vida.

— Estou aqui porque eles mataram muitos de nós, mas não todos. E esse foi o erro, filho. Essa é a falha no plano deles. Porque, se não matarem todos de uma vez, não serão os fracos que restarão. Os fortes, e apenas os fortes, vão sobreviver. Os que foram vergados, mas não quebrados, se você sabe o que quero dizer. Pessoas como eu, E pessoas como você.

Sacudo a cabeça.

— Eu não sou forte.

— Bem, nesse ponto nós dois vamos ter que discordar. Veja, o País das Maravilhas não só mapeia as suas experiências. Ele mapeia *você.* Ele nos diz não só quem você é, mas o que é. O seu passado e o seu potencial, E o seu potencial, não estou brincando, é muito

melhor do que o normal. Você é exatamente o que precisamos, exatamente no momento em que precisamos.

O comandante levanta-se, avultando-se sobre mim.

— Levante.

Não foi um pedido. A voz é dura como as feições. Coloco-me em pé com esforço. Ele aproxima o rosto do meu e diz, num tom baixo e perigoso:

— O que você quer? Seja sincero.

— Quero que você vá embora.

— Não. — Ele sacode a cabeça com vigor. — O que você quer?

Sinto meu lábio inferior projetar-se para a frente, como o de uma criancinha prestes a desabar totalmente. Meus olhos ardem. Mordo as bordas da língua com força, e me obrigo a não desviar o olhar do fogo frio lançado pelos olhos do comandante.

— Você quer morrer?

Assenti? Não me lembro. Talvez sim, porque ele disse:

— Não vou deixar. E, então, o que fazemos?

— Então, acho que vou viver.

— Não, não vai. Você vai morrer. Você vai morrer, e não há nada que você, eu ou qualquer pessoa possa fazer para evitar, Você, eu e todos os sobreviventes desse enorme e lindo planeta azul vamos morrer e abrir caminho para eles.

Ele atingiu o cerne da questão. Era a frase certa para dizer no momento certo, e o que ele estava tentando extrair de mim repentinamente explode.

— Então, de que adianta, hein? — grito na cara dele. — De que droga adianta? Você tem todas as respostas... então, me diga, porque não tenho mais a mínima ideia de por que deveria me importar!

Ele agarra meu braço e me empurra até a janela. Dois segundos depois, está ao meu lado e puxa a cortina. Vejo os ônibus escolares parados ao lado do hangar e uma fila de crianças esperando para entrar.

— Você está perguntando à pessoa errada — ele rosna. — Pergunte a elas por que você deveria se importar. Diga a elas que não adianta. Diga que quer morrer.

Ele agarra meus ombros, vira-me para que o olhe de frente e me dá um tapa forte no peito.

— Eles inverteram a ordem natural das coisas para nós. Melhor morrer do que viver. Melhor desistir do que lutar. Melhor se esconder do que enfrentar. Eles sabem que a forma de nos derrubar é nos matando primeiro aqui. — Bateu no meu peito novamente. — A batalha final desse planeta não vai acontecer em nenhuma planície, montanha, floresta, deserto ou oceano. Ela vai acontecer aqui. — Cutucando-me de novo. Com força. *Pop, pop, pop.*

E nesse momento, já estou totalmente entregue, dando-me por vencido diante de tudo que venho acumulando dentro de mim desde a noite em que minha irmã morreu, soluçando como nunca tinha feito antes, como se chorar fosse algo novo para mim e provocasse uma sensação agradável.

— Você é a argila humana — Vosch sussurra com veemência no meu ouvido -, e eu sou Michelangelo. Eu sou o construtor-mor, e você vai ser minha obra-prima. — Fogo

azul pálido em seus olhos, queimando até o fundo de minha alma. — Deus não chama os preparados, filho. Deus prepara os que chama. E você foi chamado.

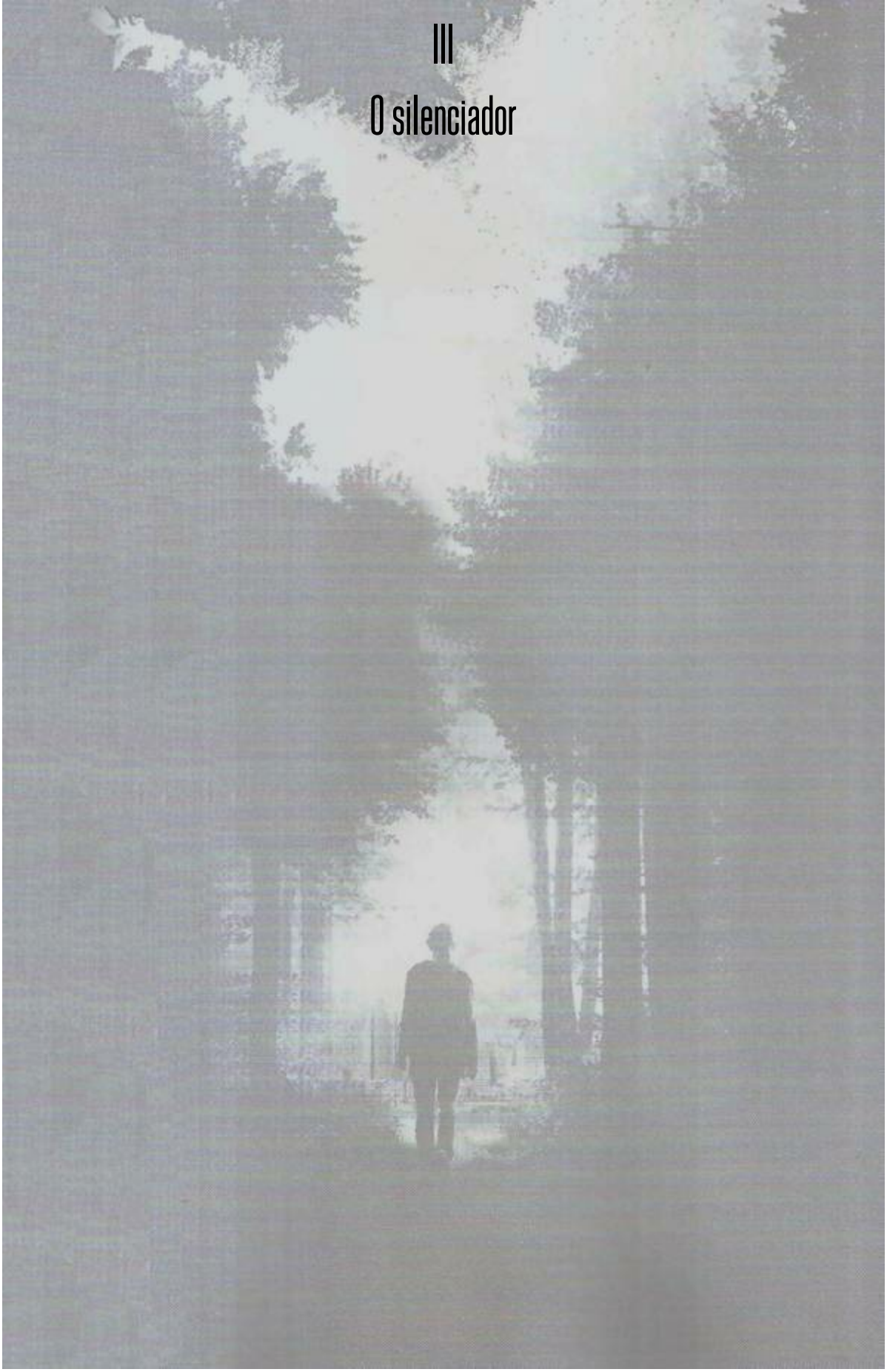
Ele me deixa com uma promessa. As palavras queimam com muita intensidade em minha mente, a promessa me acompanha nas horas mais profundas da noite e nos dias que se seguem.

"Vou lhe ensinar a amar a morte. Vou esvaziar o seu sofrimento, culpa e autopiedade, e enchê-lo de ódio, desprezo e espírito de vingança, Vou fazer minha última declaração aqui, Benjamin Thomas Parish."

Batendo em meu peito repetidas vezes, até eu sentir a pele queimar e o coração em fogo. "E você vai ser meu campo de batalha."

III

O silenciador



31

Deveria ter sido fácil. Ele só precisava esperar.

Ele era muito bom em esperar. Podia ficar agachado durante horas, imóvel, em silêncio, ele e seu fuzil um só corpo, uma mente, a linha indistinta onde ele terminava e a arma começava. Até mesmo a bala atirada parecia ligada a ele, presa por um cordão invisível ao seu coração, ao osso ligado à bala.

O primeiro tiro a derrubara, e ele rapidamente atirou de novo, errando totalmente. O terceiro tiro quando ela mergulhou para o chão ao lado do carro, explodindo o para-brisa traseiro do Buick numa nuvem de vidro inquebrável pulverizado.

Ela havia ido para baixo do veículo. Sua única opção, na verdade. O que deixou duas para ele: esperar que ela saísse ou deixar sua posição na floresta à beira da rodovia, e pôr um fim à situação. A opção com menor risco era permanecer onde estava. Se rastejasse para fora, ele a mataria. Se ficasse onde estava, o tempo a mataria.

Ele recarregou devagar, com o vagar de quem sabe que tem todo o tempo do mundo. Após dias seguindo-a, concluiu que a garota não ia a lugar algum. Ela era esperta demais para isso. Três tiros não conseguiram derrubá-la, mas ela entendeu quais seriam as probabilidades de um quarto não atingi-la. O que tinha escrito no diário?

"No fim não seriam os felizardos a permanecerem vivos."

Ela ia seguir os seus instintos. Rastejar para fora não tinha nenhuma chance de sucesso. Ela não podia correr e, mesmo que pudesse, não sabia qual lugar era seguro. Sua única esperança era o atirador abandonar o esconderijo e forçar a situação. Nesse caso, tudo seria possível; Talvez ela até tivesse sorte e o acertasse primeiro.

Se houvesse um confronto, o atirador não tinha dúvidas de que ela se recusaria a ser derrotada sem luta. Ele viu o que a garota tinha feito ao soldado na loja de conveniência. Talvez estivesse aterrorizada na época, e matá-lo deve tê-la incomodado depois, mas o medo e a culpa não a impediram de encher o corpo dele de chumbo. O medo não paralisou Cassie Sullivan, como acontecia com alguns seres humanos. O medo clareava seu raciocínio, fortalecia sua vontade, definia suas opções. O medo a manteria sob o carro, não por ter receio de sair, mas porque ficar ah era a única esperança de continuar viva.

Assim sendo, iria aguardar. Tinha horas antes do anoitecer. Até então, ela teria sangrado até morrer ou estaria tão fraca devido à perda de sangue e desidratação, que seria fácil matá-la.

Matá-la. Matar Cassie. Não Cassie, de Cassandra, ou Cassie, de Cassidy. Cassie de Cassiopeia, a garota da floresta que dormia com um ursinho numa das mãos e um fuzil na outra. A garota com cachos dourados, um pouco mais de 1,80 metro de altura, descalça, de aparência tão jovem, que ficou surpreso ao descobrir que tinha 16 anos. A garota que soluçava nas profundezas da floresta escura como breu, aterrorizada em um momento, desafiadora em outro, imaginando se seria a última pessoa na Terra, enquanto ele, o caçador, encontrava-se escondido a alguns metros de distância, ouvindo-a chorar até a exaustão levá-la para um sono inquieto. O momento perfeito para entrar silenciosamente em seu acampamento, encostar a arma em sua cabeça e matá-la. Por que era isso que ele

fazia. Era isso o que ele era: um matador.

Ele vinha matando seres humanos desde o início da peste. Durante quatro anos agora, desde que tinha 14 anos, quando acordou dentro do corpo humano que lhe tinha sido destinado, ele sabia o que era. Matador. Caçador. Assassino. O nome não importava. O nome de Cassie para ele, Silenciador, era tão bom quanto qualquer outro. Ele descrevia seu objetivo: extinguir os ruídos humanos.

Mas não o fez naquela noite. Ou nas noites seguintes. E, a cada noite, aproximando-se furtivamente um pouco mais da barraca, andando lentamente sobre a forração de folhas em decomposição e o solo lamacento, até sua sombra surgir na estreita abertura da barraca e cair sobre ela. A barraca estava tomada por seu cheiro. E lá estavam a garota adormecida agarrada ao ursinho de pelúcia e o caçador segurando a arma: um sonhando com a vida que lhe foi tirada, o outro pensando na vida que iria tirar. A garota adormecida, e o matador, tencionando matá-la.

Por que não a matou?

Por que não conseguia matá-la?

Ele disse a si mesmo que aquilo não era sensato, Ela não podia ficar naquela floresta indefinidamente. Ele poderia usá-la para levá-lo a outros de sua espécie. Seres humanos eram animais sociais. Eles se amontoavam como abelhas. Os ataques contavam com essa adaptação crítica. O instinto evolutivo que os impeliu a viver em grupos foi a oportunidade de matá-los aos milhões. O que os humanos diziam? Era nas grandes quantidades que estava a força.

E, então, ele encontrou os cadernos e descobriu que não havia plano, nenhum objetivo real a não ser sobreviver até o dia seguinte. Ela não tinha para onde ir e ninguém a quem procurar. Ela estava só. Ou acreditava que estava.

Ele não voltou ao acampamento dela naquela noite. O rapaz esperou até a tarde do dia seguinte, sem dizer a si mesmo que estava lhe dando tempo para juntar suas coisas e partir. Não se permitindo pensar em seu choro silencioso e desesperado: "Às vezes, acho que sou a última pessoa na Terra."

Agora que os últimos minutos do último ser humano se estendem sob o carro na rodovia, a tensão em seus ombros começa a diminuir. Ela não ia a lugar algum. Ele baixou o fuzil e agachou-se junto à base da árvore, girando a cabeça de um lado a outro a fim de aliviar a rigidez na nuca. Estava cansado. Não vinha dormindo bem ultimamente. Nem comendo. Tinha perdido alguns quilos desde o surgimento da 4ª Onda. Ele não estava muito preocupado, Ele tinha previsto algum tipo de pressão psicológica e física no início da *4ª Onda*. A primeira morte seria a mais difícil, mas a próxima seria mais fácil, e a seguinte ainda menos complicada, porque é fato: até mesmo pessoas muito sensíveis podem se acostumar a coisas extremamente insensíveis.

A crueldade não é um traço da personalidade, A crueldade é um hábito.

Ele afastou o pensamento. Denominar de cruel o que fazia, implicava que tinha uma escolha. Escolher entre os de sua espécie e os de outra não era cruel. Era necessário. Não fácil, principalmente quando se tinha vivido os últimos quatro anos fingindo não ser diferente deles, mas necessário.

O que suscitava uma questão preocupante: por que não a tinha matado no primeiro

dia? Quando ouviu os tiros no interior da loja de conveniência e a seguiu de volta ao acampamento, por que não a matou então, enquanto ela estava deitada no escuro, chorando?

Ele poderia justificar os três tiros que não atingiram o alvo na rodovia. Fadiga, falta de sono, o choque de vê-la outra vez. Ele tinha suposto que a garota iria para o norte, caso deixasse o acampamento, mas não que voltaria para o sul. Sentiu uma repentina carga de adrenalina, como se tivesse virado uma esquina e dado de cara com um amigo que havia muito não via. Esse motivo certamente o fez errar o primeiro tiro. O segundo e o terceiro ela podia pôr na conta da sorte. Sorte dela, e não dele.

Mas, e aqueles dias em que a seguiu, entrando sorrateiramente no acampamento enquanto ela estava fora, em busca de mantimentos, procurando ele mesmo alguma coisa útil entre seus pertences, incluindo o diário, no qual ela tinha escrito: "*Às* vezes, na minha barraca, tarde da noite, tenho a impressão de que ouço as estrelas raspando o céu." E aquelas manhãs antes do raiar do dia, quando deslizou por entre as árvores em silêncio até onde ela dormia, determinado a matá-la daquela vez, a fazer o que tinha treinado a vida toda para fazer? Ela não era sua primeira vítima. Ela não seria a última.

Deveria ter sido fácil.

Ele esfregou nas coxas as palmas das mãos escorregadias. Estava frio entre as árvores, mas ele estava pingando de suor. O rapaz passou a manga da camisa sobre os olhos. O vento na rodovia: um som solitário. Um esquilo desceu correndo por uma árvore próxima, indiferente à sua presença. Abaixo dele, a estrada desaparecia no horizonte em ambas as direções, e nada se movia, exceto o lixo e a grama que se curvava sob o vento solitário. Os abutres encontraram os três corpos caídos no meio da estrada; três pássaros gordos andaram cambaleantes para uma olhada mais atenta, enquanto o resto do bando circulava nas correntes de ar acima Os abutres e outras aves de rapina apreciavam a explosão populacional. Abutres, corvos, gatos selvagens, bandos de cães famintos. Ele tinha tropeçado em mais que um cadáver dissecado que claramente tinha sido a refeição de alguém.

Abutres. Corvos. O gatinho malhado de tia Millie; o chihuahua do tio Herman; moscas-varejeiras e outros insetos; vermes. O tempo e as forças da natureza limpariam o resto. Se Cassie não saísse, morreria debaixo do carro. Minutos após seu último suspiro, a primeira mosca chegaria para botar seus ovos.

Ele afastou a imagem repulsiva. Aquele era um pensamento humano. Tinham se passado apenas quatro anos desde o seu despertar, e ele ainda lutava contra enxergar o mundo com olhos humanos. No dia de seu Despertar, quando viu o rosto de sua mãe humana pela primeira vez, irrompeu em lágrimas: ele nunca tinha visto nada tão maravilhoso — ou horrível.

Para ele, foi uma integração terrível. Não harmoniosa e rápida, como alguns despertares de que tinha ouvido falar. Ele supôs que o dele tinha sido mais difícil do que outros porque a infância de seu corpo hospedeiro fora feliz. Psiques humanas bem ajustadas e saudáveis eram as mais difíceis de serem dominadas. Tinha sido, e ainda era, uma luta diária. O seu corpo hospedeiro não era algo separado dele que pudesse manejar como uma marionete num cordão, Era ele. Os olhos com que costumava ver o mundo

eram dele. O cérebro que usava para interpretar, analisar, sentir e lembrar o mundo, era dele, estimulado por milhares de anos de evolução, Evolução humana. Ele não estava preso dentro dele e não cavalgava nele, conduzindo-o como um jóquei montado em um cavalo. Ele era esse corpo humano, e o corpo era ele. E, se alguma coisa acontecesse com ele, se, por exemplo, morresse, ele pereceria com o corpo.

Era o preço da sobrevivência. O custo da última e desesperada jogada de seu povo: a fim de livrar o novo lar da humanidade, ele teve que se tornar humano.

E, sendo humano, tinha de dominar sua humanidade.

Ele se levantou. Não sabia o que estava esperando. Cassie, de Cassiopeia, estava condenada. Era um cadáver que ainda respirava. Estava gravemente ferida. Correr ou ficar, não havia esperança. Ela não tinha como tratar do ferimento, nem ninguém em quilômetros de distância que pudesse ajudá- la. Tinha um pequeno tubo de pomada antibiótica na mochila, mas não tinha um kit para suturas, tampouco ataduras. Em alguns dias, a ferida ficaria infeccionada, surgiria a gangrena, e ela iria morrer, supondo que outro matador não surgisse nesse ínterim.

Ele estava perdendo tempo.

Assim, o caçador da floresta levantou-se, assustando o esquilo. O animal disparou árvore acima com um sibilo zangado. O rapaz apoiou o fuzil no ombro e mirou o Buick, fazendo o retículo da mira movimentar-se de um lado a outro do veículo. E se furasse os pneus? O carro iria desabar sobre o aro das rodas, talvez prendendo-a sob a estrutura de uma tonelada. Então, não poderia mais correr.

O Silenciador abaixou o fuzil e virou as costas para a rodovia.

Os abutres que se alimentavam no meio da estrada, ergueram os pesados corpos no ar.

O vento solitário parou de soprar.

E, então, seu instinto de caçador sussurrou: “Vire-se.”

Uma mão ensanguentada surgiu de debaixo do chassi. Um braço a seguiu. Depois, uma perna.

Ele colocou o fuzil em posição. Observou-a pelo retículo. Prendendo a respiração, o suor escorrendo pelo rosto, fazendo os olhos arderem. Ela ia agir, Ela ia correr. O rapaz ficou aliviado e ansioso ao mesmo tempo.

Ele não podia errar o quarto tiro. Ele separou bem as pernas, endireitou os ombros e aguardou que ela se movesse. A direção não importava, Assim que estivesse em terreno aberto, não haveria onde se esconder. Mesmo assim, parte dele desejou que ela corresse na direção oposta, para que não tivesse que atirar em seu rosto.

Cassie levantou o corpo, cambaleou de encontro ao carro por um momento, endireitou-se, balançando precariamente sobre a perna ferida, agarrando o revólver com força. Ele posicionou a cruz vermelha do retículo no centro de sua testa. O dedo ficou firme sobre o gatilho.

“Agora, Cassie. Corra.”

Ela se afastou do veículo com um empurrão, levantou o revólver, dirigiu-o a um ponto a 50 metros à direita do rapaz. Girou-o 90 graus, girou-o de volta. A voz chegou até ele aguda e fraca no ar parado.

— Estou aqui! Venha me pegar, seu filho da mãe!

"Estou indo" ele pensou, pois o fuzil e a bala faziam parte dele. E, quando o projétil lhe penetrasse no osso, ele também estaria lá, dentro dela, no instante em que morresse.

"Ainda não. Ainda não", ele disse a si mesmo. "Espere até ela correr."

Mas Cassie Sullivan não correu. A mira fazia seu rosto, manchado de terra, graxa e sangue do corte na face, parecer estar a apenas alguns centímetros de distância, tão perto que ele podia contar as sardas em seu nariz. O rapaz viu a conhecida expressão de medo em seu olhar, uma expressão que tinha visto centenas de vezes, a expressão que mostramos à morte quando ela olha para nós.

Mas havia algo mais naquele olhar. Algo que lutava com o medo, enfrentava-o, mandava que se calasse, mantinha-a imóvel, movimentando a arma. Não se escondendo, não correndo, mas enfrentando.

O rosto dela ficou desfocado no retículo. Suor escorria para os olhos dele.

"Corra, Cassie. Por favor, corra.,"

Na guerra, há um momento em que a última tinha precisa ser ultrapassada. A linha que separa o que se considera importante do que a guerra total exige. Se ele não conseguisse cruzar essa linha, a batalha estava terminada, e ele, perdido.

Seu coração, a guerra.

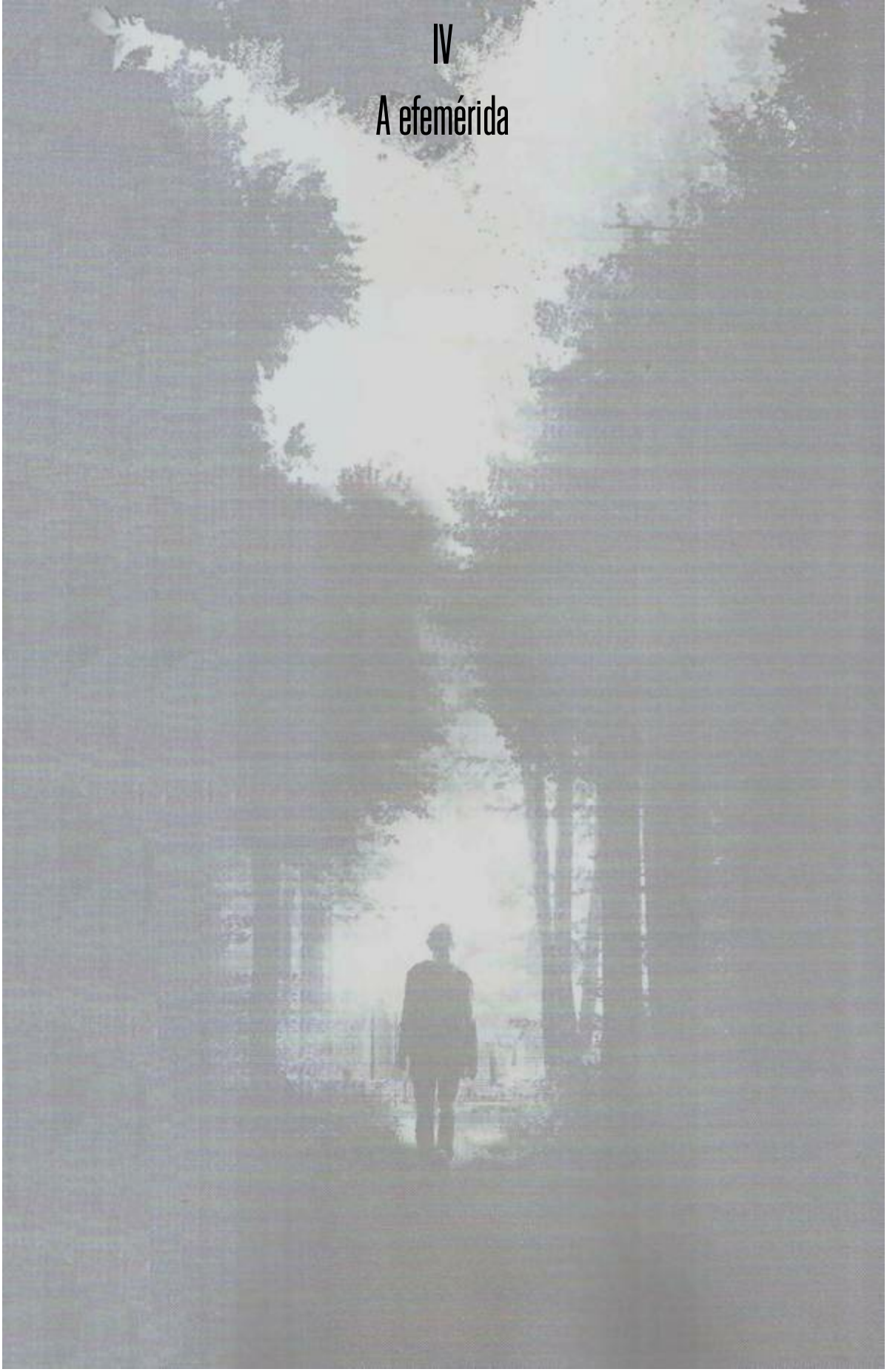
O rosto dela, o campo de batalha.

Com um grito que *só* ele pôde ouvir, o caçador virou-se.

E correu.

IV

A efemérida



32

Se considerarmos formas de morrer, morrer congelado não é tão ruim assim.

É o que penso, enquanto congelo até a morte.

Uma sensação de calor percorre meu corpo todo. Não há dor, nenhuma, mesmo. Você se sente flutuar, como se tivesse engolido todo um frasco de xarope para tosse. O mundo branco o envolve com seus braços brancos e o leva para baixo, na direção de um mar branco e congelado.

E o silêncio é tão — merda — silencioso, que o bater do coração é o único som no universo. Tão quieto, que meus pensamentos emitem um som sussurrante no ar gélido e pesado.

Com neve até a cintura sob o céu sem nuvens, a massa gelada mantendo-me de pé, porque as pernas já não o conseguem fazer.

E digo para mim mesma "Estou viva, estou morta, estou viva, estou morta."

E lá vem aquele maldito urso com seus grandes olhos castanhos, vazios e assustadores, observando-me de seu poleiro na mochila, dizendo "Seu grande pedaço de merda, você prometeu."

Tão frio que as lágrimas congelam no rosto.

— Não é minha culpa — eu disse ao Urso. — Não cuido do tempo. Se tem alguma reclamação, fale com Deus.

Isso é o que venho fazendo com frequência ultimamente: falando com Deus.

Assim como "Deus, *@#*?"

Poupada pelo Olho para que pudesse matar o Soldado do Crucifixo. Salva do Silenciador para que minha perna pudesse se infeccionar, tornando cada passo uma jornada pela estrada do inferno. Manteve-me prosseguindo até a nevasca cair durante dois dias inteiros, encurralando-me nessa massa na altura da cintura para eu morrer de hipotermia, sob um glorioso céu azul.

"Obrigada, Deus."

Poupada, salva, mantida viva" diz o urso. "Obrigada, Deus."

"Na verdade, não importa muito", penso. Aborreci tanto o meu pai por ser tão agressivo em relação aos Outros, e por torcer os fatos para que parecessem menos tristes, mas, na verdade, não me sentia muito melhor do que ele. Era simplesmente muito difícil engolir a ideia de que eu tinha ido dormir como um ser humano e acordado na forma de barata. Ser um inseto nojento transmissor de doenças com um cérebro do tamanho da cabeça de um alfinete não é algo com que se lida facilmente. Leva tempo para se acostumar com a ideia.

E o urso continua "Você sabia que uma barata pode viver até uma semana sem a cabeça?"

"É. Aprendi isso na aula de Bio. Então, você quer dizer que minha situação é um pouco pior do que a de uma barata. Obrigada. Vou pensar exatamente em que tipo de doença eu saio transmitindo por aí."

Então me ocorre. Talvez esse seja o motivo pelo qual o Silenciador na rodovia me

deixou viver: borrife o inseto, afaste-se. Você precisa mesmo ficar por perto, enquanto ele vira de costas e agita as seis patinhas finas no ar?

Ficar debaixo do Buick, correr, defender seu território... O que importava? Ficar, correr, enfrentar, sei lá. O dano estava feito. A minha perna não iria sarar sozinha. O primeiro tiro tinha sido uma sentença de morte. Por que, então, desperdiçar mais balas?

Escapei à nevasca no porta-malas de um Explorer. Abaixei o banco, fiz uma cabana de metal aconchegante, de onde via o mundo ficar branco, incapaz de abrir as janelas para deixar entrar ar fresco, de modo que o veículo rapidamente foi dominado pelo cheiro de sangue e do meu ferimento infeccionado.

Usei todos os analgésicos do meu estoque nas primeiras dez horas.

Comi o resto dos alimentos até o fim do primeiro dia no utilitário.

Quando senti sede, abri um pouco a porta dos fundos e apanhei punhados de neve. Deixei a porta aberta para ter ar fresco — até meus dentes baterem e minha respiração se transformar em blocos de gelo diante de meus olhos.

Na tarde do Dia Dois, a neve chegara a quase um metro de altura, e minha pequena cabana de metal começou a parecer mais um sarcófago do que um refúgio. Os dias eram apenas dois watts mais claros do que as noites, e as noites eram a negação da luz — não escuras, mas absolutamente sem claridade. “Então, é assim que os mortos veem o mundo”, pensei.

Parei de me preocupar com o motivo de o Silenciador ter me deixado viver. Parei de me preocupar com a sensação muito estranha de ter dois corações, um no peito e outro, menor, um minicoração, no joelho. Parei de me preocupar com o fato de a neve parar de cair antes de meus dois corações pararem de bater.

Não consegui dormir, exatamente. Flutuei naquele espaço transitório, abraçando Urso contra o peito. Urso, que conservava os olhos abertos, enquanto eu não conseguia. Urso, que me lembrava da promessa de Sammy: "para você, quando sentir medo”, estando ali para me apoiar naquele espaço transitório entre o dormir e o despertar.

“Hum, falando em promessas, Cassie...”

Devo ter me desculpado com ele milhares de vezes durante aqueles dois dias envoltos de neve. “Sinto muito, Sams. Eu disse que faria de tudo, mas você é muito jovem para entender que existe mais de um tipo de merda. Existem as bobagens que você sabe que sabe; as bobagens que você não sabe, e sabe que não sabe; e as bobagens que você acha que sabe, mas, na verdade, não sabe mesmo. Fazer uma promessa no meio de um ataque alienígena se insere na última categoria. Portanto... sinto muito!”

“Sinto muito, mesmo.”

Agora, um dia depois, até a cintura num monte de neve, Cassie, a donzela de gelo, com uma elegante touca feita de neve, cabelos congelados e pestanas incrustadas de gelo, toda quente e flutuante, morrendo aos poucos, mas, pelo menos, morrendo em pé, tentando cumprir uma promessa que não sabia como cumprir.

“Sinto muito, Sams, sinto muito.”

“Chega de bobagem. Não vou chegar.”

33

Esse lugar não pode ser o paraíso. Ele não tem a energia adequada.

Estou andando em meio a uma névoa densa formada por um nada branco e sem vida. Espaço morto. Nenhum som. Nem mesmo o som de minha respiração. Na verdade, nem mesmo sinto estar respirando. Esse é o primeiro ponto da lista de verificação de "Como sei que estou viva?"

Sei que há alguém comigo. Não o vejo, nem ouço, nem toco, nem sinto seu cheiro, mas sei que está aqui. Não sei como sei que é "ele", mas sei, e ele está me observando. Ele está em silêncio, enquanto eu passo pela névoa densa e branca, mas, de alguma forma, a distância que nos separa é sempre a mesma. A presença dele não me assusta. Também não me conforta. Ele é outro fato, como a presença da névoa. Existe a névoa, um eu que não respira, e a pessoa comigo, sempre perto, sempre observando.

Mas não há ninguém quando a névoa se dissipa, e me vejo em uma cama de dossel debaixo de três camadas de colchas que têm um vago cheiro de cedro. O vazio branco se desfaz e é substituído pelo quente e suave brilho de uma lamparina de querosene pousada na pequena mesa ao lado da cama. Ao erguer um pouco a cabeça, vejo uma cadeira de balanço, um espelho de tamanho natural e as portas de ripas de um *closet*. Um tubo de plástico está preso ao meu braço, e a outra extremidade está ligada a uma bolsa que contém um líquido claro, pendurado em um gancho de metal.

Levo alguns minutos para assimilar o novo ambiente, o fato de que estou insensível da cintura para baixo, e o fato ultra-super-perturbador de que, decididamente, não estou morta.

Estendo a mão para baixo, e meus dedos encontram espessas ataduras envolvendo meu joelho. Eu também gostaria de sentir a barriga da perna e os dedos do pé, porque não sinto nada, e estou meio preocupada com a possibilidade de não *ter* barriga da perna ou dedos do pé debaixo da grossa camada de bandagens. Mas não consigo alcançar esse ponto sem que tivesse que me sentar, e sentar está fora de cogitação. Parece que os únicos membros que funcionam são os braços. Eu os uso para jogar as cobertas para o lado, expondo a parte superior de meu corpo ao ar gelado. Estou usando uma camisola com estampa de flores cor-de-rosa. E, então, eu fico curiosa em saber "Por que essa camisola de algodão?" Sob a qual estou nua. O que significa, naturalmente, que, em algum ponto entre a remoção de minhas roupas e a colocação da camisola, eu fiquei totalmente nua, o que quer dizer que fiquei *totalmente nua.*

Certo, fato ultra-super-perturbador número dois.

Viro a cabeça para a esquerda: cômoda, mesa, abajur. Para a direita: janela, cadeira, mesa. E lá está Urso, reclinado sobre um travesseiro ao meu lado, olhando pensativamente para o teto, absolutamente despreocupado.

"Em que raios de lugar nós estamos, Urso?"

As tábuas do chão chacoalham quando alguém bate uma porta no andar de baixo. O *kulump-kulump* de botas pesadas na madeira nua. Depois, silêncio. Um silêncio muito profundo, se não contarmos meu coração golpeando minhas costelas, o que

provavelmente deveria ser feito, visto que o som é parecido com as bombas sônicas de Brilhantina.

Tum-tum-tum. Mais alto a cada *tum.*

Alguém está subindo as escadas.

Tento me sentar. Péssima ideia. Levanto a cabeça cerca de 10 centímetros do travesseiro, e isso é tudo. Onde está o meu fuzil? Onde está a Luger? Agora, há alguém exatamente atrás dá porta, e não posso me mover. Mesmo que pudesse, tudo que tenho é o maldito bicho de pelúcia. O que poderia fazer com ele? Apertá-lo no rosto do sujeito até sufocá-lo?

Quando não se tem opções, a melhor opção é não fazer nada. Fingir-se de morto. A opção do gambá.

Vejo a porta abrir-se abruptamente, entre os olhos semicerrados. Vejo uma camisa vermelha xadrez, um largo cinto marrom, *bine jeans.* Um par de mãos fortes e grandes com unhas caprichosamente aparadas. Mantenho a respiração suave e regular, enquanto ele fica bem ao meu lado, junto ao tubo de metal, checando o gotejar da bolsa, suponho. Então, ele se vira, vejo seu traseiro. Então, ele se vira de novo, e seu rosto abaixa quando o homem se senta na cadeira de balanço junto ao espelho. Posso ver seu rosto e posso ver meu rosto 110 espelho. "Respire, Cassie, respire. Ele tem um rosto bondoso, e não o rosto de alguém que quer machucá-la. Se ele quisesse machucá-la, não a teria trazido para cá nem estaria aplicando soro em suas veias para mantê-la hidratada, e os lençóis são agradáveis e limpos, e daí... ele tirou as suas roupas e a vestiu com essa camisola de algodão... o que esperava que ele fizesse? Suas roupas estavam sujas, assim como você. Agora, você não está mais imunda, e a sua pele cheira um pouco a lavanda, o que significa, oh, Deus, que ele lhe deu banho."

Tento manter a respiração estável, sem conseguir bons resultados.

Então, o dono do rosto bondoso diz:

— Sei que está acordada.

Quando não digo nada, ele continua.

— E sei que está me observando, Cassie.

— Como sabe o meu nome? — pergunto com a voz rouca.

Minha garganta parece forrada com lixa. Abro os olhos. Agora posso vê-lo com mais clareza. Não me enganei sobre o rosto. É bom, bem-apessoado, tipo Clark Kent. Imagino que tenha 18 ou 19 anos, tem ombros largos, braços bonitos e as mãos com as cutículas perfeitas. "Bom, podia ser pior", digo a mim mesma. "Você poderia ter sido resgatada por algum pervertido de 50 anos, gordo como um pneu de caminhão, que mantém a mãe morta no sótão."

— Carteira de motorista — ele revela.

Ele não se levanta. Fica na cadeira, com os cotovelos pousados nos joelhos e a cabeça abaixada, o que me parece ser uma postura mais tímida do que ameaçadora. Observo as mãos pendentes e as imagino deslizando um pano molhado e morno sobre cada centímetro do meu corpo. Meu corpo completamente nu.

— Eu me chamo Evan — o rapaz informa em seguida. — Evan Walker.

— Oi — cumprimento.

Evan emite uma risadinha, como se eu tivesse dito algo engraçado.

— Oi — ele responde.

— Em que diabos de lugar estou, Evan Walker?

— No quarto de minha irmã. — Os olhos profundos são de um castanho chocolate, como seus cabelos, e um pouco melancólicos e questionadores, como os de um cachorrinho.

— Ela está...?

Evan assente com um gesto de cabeça. Esfrega as mãos uma na outra, devagar.

— A família inteira. E você?

— Todos, menos meu irmãozinho. Aquele, ahn, urso é dele, e não meu.

Ele sorri. É um sorriso bondoso, como o rosto.

— É um urso muito bonito.

— Já esteve em melhores condições.

— Como a maioria das coisas.

Suponho que ele esteja falando do mundo em geral, e não do meu corpo.

— Como me encontrou? — pergunto.

Ele desvia o olhar e torna a me encarar. Olhos cor de chocolate de cachorrinho perdido.

— Os pássaros.

— Que pássaros?

— Abutres. Quando os vejo circulando, sempre vou verificar. Sabe, no caso de...

— Certo, entendi. — Não quis que ele entrasse em detalhes. — Então, você me trouxe para cá, me pôs no soro... onde conseguiu isso, afinal? E, então, você tirou todas as minhas... e então me lavou...

— Sinceramente, não acreditei que você estivesse viva, e depois não acreditei que continuasse viva. — O rapaz esfrega as mãos uma na outra. Estará com frio? Nervoso? Eu sinto ambos. — O cateter e a agulha já estavam aqui. Foram úteis durante a peste. Acho que não deveria dizer isso, mas todos os dias em que chegava em casa, realmente imaginava que você estivesse morta. O seu estado era muito grave.

Ele estende a mão para o bolso da camisa e, por algum motivo, me encolho, o que ele nota e, então, sorri, tranquilizador. Ele mostra um pedaço de metal de aspecto arredondado do tamanho de um dedal.

— Se isso tivesse atingido você em praticamente qualquer outro lugar, você *estaria* morta. — Ele rola a baía entre o dedo indicador e o polegar. — De onde veio?

Reviro os olhos. Não consigo evitar. Mas deixo o comentário irônico de lado.

— Um fuzil.

Ele sacode a cabeça. Ele acha que não entendi a pergunta. Aparentemente, sarcasmo não causa nele nenhum efeito. Se isso for verdade, estou em dificuldades: esse é meu meio habitual de comunicação.

— Fuzil de quem?

— Não sei... dos Outros. Uma tropa deles se fazendo passar por soldados acabaram com meu pai e todos no nosso campo de refugiados. Eu fui a única que conseguiu sair viva de lá. Bom, sem contar com Sammy e as outras crianças.

Evan está me olhando como se eu estivesse totalmente louca.

— O que aconteceu com as crianças?

— Eles as levaram embora. Em ônibus escolares.

— Ônibus escolares...?

Ele estava sacudindo a cabeça. Alienígenas em ônibus escolares? E dá a impressão de estar prestes a sorrir. Acho que olhei tempo demais para seus lábios, porque ele os esfrega timidamente com as costas da mão.

— E as levaram para onde?

— Não sei. Eles nos falaram de Wright-Patterson, mas...

— Wright-Patterson. A base da força aérea? Ouvi dizer que foi abandonada.

— Bom, não sei se a gente pode confiar em tudo que nos dizem. Eles *são* o inimigo. — Engulo em seco. Minha garganta está irritada.

Evan Walker deve ser daquele tipo de pessoa que observa tudo, pois diz:

— Quer alguma coisa para beber?

— Não estou com sede — minto.

Bem, por que minto sobre algo assim? Para mostrar a ele o quanto sou durona? Ou para mantê-lo na cadeira, pois ele é a primeira pessoa com quem falo em semanas, se você não considerar o urso, o que não deve fazer.

— Por que eles levaram as crianças?

Os olhos de Evan estão grandes e redondos agora, como os de Urso. B difícil decidir qual de seus traços é o mais bonito. Aqueles olhos suaves de chocolate ou o maxilar anguloso? Talvez os cabelos espessos, o jeito como caem sobre a testa, quando ele se inclina para mim.

— Não sei o verdadeiro motivo, mas acho que deve ser alguma coisa muito boa para eles, e muito ruim para nós.

— Você acha...?

Evan não consegue terminar a pergunta, ou não quer, para me poupar de ter que dar uma resposta. Ele está olhando para o urso de Sam recosta- do no travesseiro ao meu lado.

— O quê? Que meu irmãozinho está morto? Não. Acho que ele está vivo. Principalmente porque não faz sentido tirarem todas as crianças e depois matar todos os outros. Eles explodiram todo o campo com uma espécie de bomba verde...

— Espere aí — ele interrompe, erguendo uma das grandes mãos. — Uma bomba verde?

— Não estou inventando isso.

— Mas, por que verde?

— Porque verde é a cor do dinheiro, da grama, das folhas dos carvalhos e das bombas alienígenas. Como diabos vou saber por que era verde?

Ele está rindo. Um riso calmo e contido. Quando ele sorri, o lado direito de sua boca fica um pouco mais alta do que o esquerdo. E então penso "Por que você está olhando fixamente para a boca dele, afinal?"

De alguma forma, o fato de ter sido resgatada por um sujeito extremamente bonito com um sorriso assimétrico e mãos grandes e fortes é das coisas mais desconcertantes que

me aconteceu desde a chegada dos Outros.

Pensar no que ocorreu no campo está me deixando nervosa, de modo que resolvo mudar de assunto. Espio a colcha que me cobre. Parece feita à mão. A imagem de uma velha mulher costurando passa rapidamente em minha mente, e, por algum motivo, de repente sinto vontade de chorar.

— Há quanto tempo estou aqui? — pergunto debilmente.

— Vai completar uma semana amanhã.

— Você teve que cortar...? — Não sei como fazer a pergunta.

Felizmente, não tive que fazê-la.

— Amputar? Não. A bala não atingiu o joelho por pouco, então acho que você vai poder andar, mas talvez tenha havido algum dano nos nervos.

— Ah — faço. — Estou me acostumando com isso.

34

Evan me deixa por algum tempo e volta com um caldo transparente, não de galinha nem de carne bovina, talvez de veado, e, enquanto agarro as bordas da colcha, ele me ajuda a sentar para poder tomá-lo, segurando a caneca com as duas mãos. Ele me olha. Não é um olhar assustador, mas o jeito com que se olha para uma pessoa doente, sentindo-se ele mesmo um pouco doente e sem saber o que fazer de melhor. Ou, talvez, acho, *seja* um olhar mais assustador, e o olhar preocupado seja apenas um disfarce inteligente. Os pervertidos são pervertidos apenas quando não são bonitos? Chamei Brilhantina de louco por tentar me dar a joia de um cadáver, e ele disse que eu não pensaria assim se fosse um gato como Ben Parish.

Ter me lembrado de Brilhantina acaba com meu apetite. Evan me vê olhando fixamente para a caneca no colo e delicadamente a tira de minhas mãos, colocando-a na mesa.

— Eu podia ter feito isso — falei, com mais rispidez do que pretendia.

— Conte sobre esses soldados — o rapaz pede. — Como você sabe que eles não eram... humanos?

Eu contei como eles apareceram não muito tempo depois dos teleguiados, a forma como embarcaram as crianças e depois reuniram todos nas barracas e acabaram com eles. Mas o fator decisivo foi o Olho. Claramente extraterrestre.

— Eles são humanos — Evan conclui, depois de eu terminar. — Eles devera estar trabalhando com os visitantes.

— Ah, Deus, não os chame disso, por favor.

Detestei aquele nome que tinham dado para os invasores. Os apresentadores o usaram antes da 1ª Onda, além de todos os usuários do YouTube, do Twitter e até o presidente, durante o noticiário.

— Do que devo chamá-los? — Evan pergunta.

Ele está sorrindo. Tenho a sensação de que ele os chamaria de rabanete, se eu quisesse.

— Meu pai e eu os chamamos de os Outros, como sendo diferentes de nós, ou seja, não humanos.

— Foi o que eu quis dizer — ele fala, assentindo, sério. — A probabilidade de eles se parecerem exatamente como nós é astronomicamente pequena.

Evan fala exatamente como meu pai em um de seus discursos especulativos, e, de repente, fico aborrecida, não sei por quê.

— Então os traidores agarram as crianças e as levam do campo porque querem ajudar a acabar com a raça humana, mas criam um limite para quem tem menos de 18 anos?

— O que você acha? — ele indaga, dando de ombros.

— Acho que estamos seriamente ferrados quando homens com armas decidem ajudar os bandidos.

— Posso estar enganado — ele fala, mas parece não acreditar no que diz, mas talvez eles sejam visi-Outros, não sei, disfarçados de humanos, ou talvez até algum tipo de clones...

Estou assentindo. Também já ouvi aquela conversa antes, durante uma das intermináveis ruminações sobre a possível aparência dos Outros.

Não é uma questão de por que não poderiam, mas sim de por que não o fariam. Sabemos da existência deles há cinco meses. Eles devem saber da nossa há anos. Centenas, talvez milhares de anos. Tempo suficiente para extrair DNA e "criar" tantas cópias quantas precisassem. Na verdade, talvez eles tivessem que cobrir o território da guerra com cópias de nós. De milhares de formas, nosso planeta talvez não seja viável para seus corpos. Lembra-se de *Guerra dos Mundos*?

Talvez esse seja o motivo de minha atual irritação. Evan está dando uma de Oliver Sullivan para cima de mim. E isso coloca Oliver Sullivan morrendo no chão de terra, diante de mim, quando tudo o que quero é desviar o olhar.

— Ou talvez eles sejam como ciborgues, Exterminadores — digo, num tom só levemente de brincadeira.

Eu tinha visto de perto um deles morto, o soldado em que atirei à queima-roupa 110 fosso de cinzas. Não verifiquei seu pulso, nada parecido, mas ele certamente parecia morto para mim, e 0 sangue tinha um aspecto bastante real.

— Eles vão achar a gente!

Agarro a lamparina de querosene, arranco a proteção de vidro e asso- pro a chama dançante com força. Ela chia para mim, continua acesa. Evan tira-me o vidro das mãos e o recoloca na base da lamparina.

— A temperatura está menos de 2 graus lá fora, e estamos a quilômetros do abrigo mais próximo — ele fala. — Se você incendiar a casa, estamos fritos.

Fritos? Talvez ele esteja tentando ser engraçado, mas Evan não está sorrindo.

— Além disso, você não está bem o suficiente para viajar. Pelo menos, não durante outras três ou quatro semanas.

Três ou quatro *semanas*? Quem essa versão adolescente de um garoto- -propaganda

de algum produto famoso pensa que está enganando? Não vamos durar três *dias* com luzes brilhando nas janelas e fumaça saindo pela chaminé.

Ele compreende minha crescente inquietação.

— Está certo — Evan concorda com um suspiro.

Ele apaga a lamparina, e o aposento mergulha na escuridão. Não posso vê-lo, não posso ver nada. Contudo, posso sentir o cheiro dele, um misto de fumaça de madeira e algo parecido com talco de bebê. Após alguns minutos, consigo *sentir* seu corpo deslocar o ar a alguns centímetros do meu.

— Quilômetros do abrigo mais próximo? — repito. — Em que raio de lugar você vive, Evan?

— Na fazenda de minha família. A cerca de 90 quilômetros de Cincinnati.

— Muito longe de Wright-Patterson?

— Não sei. Uns 120 quilômetros. Por quê?

— Eu já disse. Eles levaram o meu irmãozinho.

— Você tinha dito que *eles disseram* que iam levá-lo para lá.

Nossas vozes, envolvendo um ao outro, entrelaçando-se, e então se libertando, na escuridão de breu.

— Bom, eu tenho que começar por algum lugar — justifico.

— E se ele não estiver lá?

— Então vou procurar em outro lugar. — Fiz uma promessa. Esse maldito urso nunca vai me perdoar se eu não a cumprir.

Sinto o cheiro de seu hálito. Chocolate. Chocolate! Começo a salivar. Consigo mesmo sentir minhas glândulas salivares funcionando. Não como alimentos sólidos há semanas, e o que ele me traz? Um caldo gorduroso de uma carne misteriosa. Ele anda escondendo algumas coisas de mim, esse maldito fazendeiro.

— Você sabe que eles são em número bem maior do que você, não sabe? — pergunta.

— E com isso você quer dizer que...?

Evan não responde, e, então, digo:

— Você acredita em Deus, Evan?

— Com certeza.

— Eu, não. Isto é, eu não sei. Eu acreditava antes de os Outros chegarem. Ou pensava que acreditava, quando refletia sobre o assunto. Então eles vieram e... — Tive que parar por um segundo para me recompor. — Talvez exista um Deus. Sammy acredita que sim, mas ele também acredita no Papai Noel. Mesmo assim, eu rezava com ele todas as noites, e isso não tinha nada a ver comigo. Tinha a ver com Sammy e com o que *ele* acreditava, c se você pudesse ter visto como ele segurou a mão daquele falso soldado e o acompanhou até o ônibus...

Estou perdendo o controle, e isso não me importa muito. É sempre mais fácil chorar no escuro. De repente, minha mão fria é coberta pela mão de Evan, bem mais quente, e sinto a palma macia e suave como a fronha sob meu rosto.

— Isso acaba comigo — soluço. — A confiança dele. Como o jeito que *nós* confiávamos antes de eles chegarem e explodirem todo o maldito mundo. Confiamos

que, quando a noite chegasse, haveria luz. Confiamos que, quando quiséssemos a droga de um frappuccino de morango, era só botar o traseiro no carro, sair dirigindo pela rua e comprar o maldito frappuccino de morango! *Confiamos...*

A outra mão de Evan encontra o meu rosto, e ele enxuga minhas lágrimas com o polegar. O cheiro de chocolate me domina, e ele sussurra no meu ouvido:

— Não, Cassie. Não, não, não.

Envolvo seu pescoço com o braço e puxo o rosto seco dele contra minha face molhada. Estou tremendo incontrolavelmente e, pela primeira vez, consigo sentir o peso das colchas sobre a ponta dos pés porque a escuridão profunda aguça os sentidos.

Sou um caldeirão fervilhante de pensamentos e sentimentos desordenados. Estou preocupada com a possibilidade de meu cabelo estar cheirando mal, Quero chocolate. Esse cara que está me abraçando — bom, na verdade, sou eu quem o está abraçando — me viu em toda minha gloriosa nudez. O que ele pensou sobre o meu corpo? O que *eu* pensei sobre o meu corpo? Deus realmente se importa com promessas? Eu realmente me importo com Deus? São milagres algo como a separação das águas do Mar Vermelho ou algo mais parecido com Evan Walker me encontrar presa a um bloco de gelo numa vastidão branca?

— Cassie, vai ficar tudo bem — ele sussurra no meu ouvido, hálito de chocolate.

Quando acordo na manhã seguinte, tem um bombom de chocolate pousado na mesinha ao lado.

35

Ele sai da velha casa da fazenda todas as noites para patrulhar a região e caçar. Contou-me que dispõe de muitos grãos e farináceos, e que a mãe gostava de enlatados c de preparar conservas, mas ele prefere carne fresca. Assim, ele me deixa, a fim de encontrar criaturas comestíveis para matar, e, no quarto dia, aparece com um verdadeiro hambúrguer num pão caseiro quente e uma porção de batatas fritas. É o primeiro alimento real que como desde a fuga do Campo Ashpit. E acho que também foi por um maldito hambúrguer, que eu não comia desde a Chegada, que afirmei que estaria disposta a matar.

— Onde você conseguiu o pão? — perguntei, entre uma mordida e outra, gordura escorrendo pelo queixo. Também não tinha comido pão, ainda. Esse está leve e fofo, levemente adocicado.

Ele poderia me apresentai' uma série de respostas sarcásticas, visto que só existe uma forma pela qual ele poderia tê-lo conseguido. Mas ele não fez isso.

— Eu o assei.

Depois de me alimentar, trocou o curativo de minha perna. Pergunto se deveria ver. Ele diz que não, que eu decididamente não quereria ver aquilo. Quero sair da cama, tomar um verdadeiro banho, sentir-me uma pessoa novamente. Ele diz que é cedo demais. Eu lhe digo que quero lavar e pentear os cabelos. Cedo demais, ele insiste. Eu digo que, se ele não me ajudar, vou arrebentar a lamparina de querosene em sua cabeça.

Assim, ele coloca uma cadeira da cozinha no centro da banheira antiga do pequeno banheiro forrado com papel de parede florido, já descascando, e me leva até lá, me senta, sai, e então volta com uma grande bacia de metal cheia de água quente.

A bacia deve ser muito pesada. Seus bíceps se contraem e esticam a camisa, como se fosse Bruce Banner no meio da transformação em Hulk, e as veias do pescoço ficam saltadas. A água exala um leve perfume de pétalas de rosas, Evan usa como concha uma jarra de limonada decorada com sóis sorridentes, e eu inclino a cabeça para trás. Ele começa a espalhar o xampu, e eu empurro suas mãos. Essa parte posso fazer sozinha.

A água escorre dos meus cabelos até a camisola, colando o algodão ao meu corpo. Evan pigarreia e, quando vira a cabeça, seus cabelos espessos formam aquela onda sobre a testa morena, Fico um tanto perturbada, mas de modo agradável. Peço o pente de dentes mais largos que possui, e ele mergulha no armário sob a pia, enquanto eu o observo com o canto do olho, mal notando como seus ombros fortes se movem debaixo da camisa de flanela, ou seus jeans desbotados com bolsos traseiros desfiados, decididamente prestando atenção à forma arredondada de suas nádegas dentro dos jeans, ignorando totalmente o queimar do lóbulo de minhas orelhas embaixo da água morna que pinga dos cabelos. Após algumas eternidades, ele encontra um pente e pergunta se preciso de alguma coisa antes de ele sair. Eu murmuro um *não,* quando o que realmente queria fazer era rir e chorar ao mesmo tempo.

Sozinha, esforço-me para me concentrar nos cabelos, que formaram um terrível emaranhado. Nós, pedaços de folhas, pequenos grãos de terra. Trabalho nos nós até que a água fica fria e começo a tremer na camisola molhada. Interrompo a tarefa mais uma vez quando ouço um leve som do lado de fora da porta.

— Você está parado aí fora? — pergunto. O pequeno banheiro amplia o som como se fosse uma câmara de eco.

Há uma pausa, e depois a resposta suave.

— Sim.

— *Por que* você está parado aí?

— Estou esperando para enxaguar o seu cabelo.

— Isso vai levar algum tempo — respondo.

— Tudo bem.

— Por que você não vai assar uma torta ou qualquer outra coisa e volta daqui a 15 minutos?

Não escuto nenhuma resposta, mas também não o escuto ir embora.

— Você ainda está aí?

As tábuas do corredor rangem.

— Sim.

Desisto de puxar e pentear depois de mais dez minutos. Evan volta. Senta-se na beira da banheira. Descanso a cabeça na palma de sua mão, enquanto ele enxágua a espuma dos meus cabelos.

— Estou surpresa por você estar aqui — digo.

— Eu moro aqui.

— Que você tenha *ficado* aqui.

Muitos rapazes partiram para a delegacia de polícia mais próxima, algum prédio da Guarda Nacional ou base militar depois que as notícias sobre a 2ª Onda começaram a aparecer trazidas por sobreviventes que fugiam para o interior. Foi como 11 de setembro, só que dez vezes pior.

— Éramos oito, contando meus pais — ele começou. — Eu sou o mais velho. Depois que eles morreram, fiquei tomando conta das crianças.

— Mais devagar, Evan — peço, enquanto ele esvazia metade da jarra na minha cabeça. — Parece que estou me afogando.

— Desculpe. — Ele aperta a borda da mão de encontro à minha testa para fazer de dique. A água está deliciosamente morna e me provoca cócegas. Fecho os olhos.

— Você ficou doente? — quis saber.

— Sim. E depois melhorei. — Ele recolhe mais água da bacia de metal com a jarra e eu prendo a respiração, prevendo a comichão morna. — Minha irmã mais nova, Vai, morreu há dois meses. É no quarto dela que você está. Desde então, venho tentando descobrir o que fazer. Sei que não posso ficar aqui para sempre, mas andei até Cincinnati, e acho que não preciso dizer por que nunca vou voltar.

Uma das mãos derrama a água, enquanto a outra espreme os cabelos molhados de encontro ao couro cabeludo para tirar o excesso de líquido. Com firmeza, sem muita força, no ponto exato. Como se eu não fosse a primeira garota cujos cabelos ele lavou. Uma pequena voz histérica dentro de minha cabeça grita "O que você acha que está fazendo? Você nem mesmo conhece esse cara!" Mas a mesma voz também diz "Mãos ótimas; peça uma massagem no couro cabeludo enquanto ele enxágua."

Enquanto isso, fora de minha cabeça, a voz calma dele fala;

— Pensando bem, não faz sentido ir embora antes de a temperatura subir. Talvez Wright-Patterson ou Kentucky. Fort Knox fica a apenas 230 quilômetros daqui.

— Fort Knox? Por quê? Você vai praticar um roubo?

— É um forte, como *cm pesadamente fortificado.* Um ponto de reunião lógico. — Reunindo e apertando as pontas dos meus cabelos com a mão, *e os plop-plops* da água agitando-se na banheira antiga.

— Se eu fosse você, não iria a nenhum lugar que é um ponto de encontro lógico — digo. — Logicamente esses vão ser os primeiros locais a serem varridos do mapa.

— Pelo que você me contou dos Silenciadores, não é lógico se reunir em nenhum lugar.

— Ou ficar em qualquer lugar mais do que alguns dias. Forme grupos pequenos e fique em movimento.

— Até...?

— Não existe *até* — disparo. — Só existe *a menos que.*

Ele seca meus cabelos com uma toalha branca felpuda. Há uma camisola limpa sobre a tampa fechada do vaso sanitário. Olho para os olhos cor de chocolate e digo:

— Vire-se. — Evan obedece.

Estendo a mão para além dos bolsos traseiros rasgados dos jeans que se amoldam às nádegas, para as quais não estou olhando, e apanho a camisola seca.

— Eu vou ver, se você tentar espiar naquele espelho — aviso o sujeito que já me viu

nua, mas eu estava *inconscientemente* nua, o que não é a mesma coisa.

Ele assente, abaixa a cabeça e aperta os lábios, como se estivesse reprimindo um sorriso.

Retorço-me na tentativa de me livrar da camisola molhada, deslizo a seca sobre a cabeça e digo que já pode se virar.

Ele me levanta da cadeira e me carrega de volta para a cama da irmã morta. Um dos meus braços está ao redor de seus ombros, e o braço dele está firme — mas não firme *demais* — em volta da minha cintura. O corpo de Evan passa a sensação de estar uns 5 graus mais quente que o meu. Ele me pousa no colchão e cobre minhas pernas nuas com as colchas. As faces dele são muito lisas, os cabelos bem arrumados, e as cutículas, como já disse, são impecáveis. O que significa que uma boa apresentação ocupa uma posição prioritária nessa era pós-apocalíptica. Por quê? Quem está por perto para vê-lo?

— Então, quanto tempo faz que você não via outra pessoa? — quero saber, — Além de mim.

— Vejo pessoas quase todos os dias — ele conta. — A última pessoa viva antes de você foi Vai. Antes dela, foi Lauren.

— Lauren?

— Minha namorada. — Evan afasta o olhar. — Ela também morreu.

Não sei o que dizer. Então, digo:

— A peste é uma droga.

— Não foi a peste — ele esclarece. — Bom, ela ficou doente, mas não foi a peste que a matou. Ela mesma fez isso, antes que eu o fizesse.

Ele está parado desajeitadamente ao lado da cama. Não quer ir embora, mas não tem nenhuma desculpa para ficar.

— Eu só não pude evitar de notar como é bom... — Não, não é uma boa introdução. — Acho que é difícil, quando se está sozinho, realmente se importar... — na-nã.

— Se importar com o quê? — ele pergunta. — Com uma pessoa quando quase todas as pessoas se foram?

— Eu não estava falando de mim. — E, então, desisto de tentar encontrar uma forma adequada de dizer o que queria. — Você tem muito orgulho de sua aparência.

— Não é orgulho.

— Eu não estava acusando você de ser arrogante...

— Eu sei. Você está se perguntando de que isso adianta agora, certo?

Bom, na verdade, eu estava desejando que o motivo fosse eu. Mas não disse nada.

— Não tenho certeza — ele diz. — Mas é algo que não posso controlar. Cuidar disso dá estrutura ao meu dia, Me faz sentir mais... — ele dá de ombros. — Mais humano, eu acho.

— E você precisa de ajuda para se sentir humano?

Evan me lança um olhar engraçado e, então, me dá algo em que pensar durante muito tempo depois que ele sai.

— *Você* não?

36

Ele fica fora quase todas as noites. Durante o dia, Evan cuida de mim em todos os momentos, portanto, não sei quando ele dorme. Na segunda semana, eu estava prestes a enlouquecer, engaiolada naquele pequeno quarto do andar superior. Num dia em que a temperatura passou a graus positivos, ele me ajudou a vestir algumas das roupas de Vai, desviando os olhos em momentos apropriados, carregou-me para baixo para me sentar na varanda da frente e jogou um enorme cobertor de lã no meu colo. Evan me deixou ali e voltou com duas canecas fumegantes de chocolate quente. Não tenho muita coisa a dizer sobre a paisagem. Terra marrom, sem vida e ondulada, árvores nuas, um céu cinza desinteressante. Mas o ar frio provocou uma sensação agradável em meu rosto, e o chocolate quente estava na temperatura perfeita.

Não conversamos sobre os Outros. Conversamos sobre nossas vidas antes dos Outros. Evan ia estudar engenharia na Universidade Estadual de Kent depois de terminar o ensino médio. Ele tinha se oferecido para ficar na fazenda por alguns anos, mas o pai insistiu que ele frequentasse a faculdade. Ele conhecia Lauren desde o quinto ano, começou a namorá-la no ensino médio. Falavam em casamento. Ele notou que fiquei quieta quando o nome de Lauren veio à baila. Como eu disse, Evan era um observador.

— E você? — ele quis saber. — Tinha um namorado?

— Não. Bom, mais ou menos. O nome dele era Ben Parish. Acho que se pode dizer que ele arrastava uma asa para mim. Saímos algumas vezes. Sabe, sem compromisso.

Pergunto-me o que me fez mentir para ele. Evan não saberia diferenciar Ben Parish de um outro sujeito qualquer. Que é mais ou menos a forma como Ben *me* conhece. Agitei o que restava do chocolate quente e evitei seu olhar.

Na manhã seguinte, Evan apareceu ao lado da minha cama com uma muleta esculpida de um único pedaço de madeira. Lixada até fixar lustrosa, leve, na altura perfeita. Dei uma olhada e exigi que citasse três habilidades que não dominava.

— Patinar, cantar e conversar com garotas.

— Você se esqueceu de "espiar" — lembrei, enquanto ele me ajudava a sair da cama. — Sempre sei quando você está rondando por perto.

— Você só pediu três.

Não vou mentir: minha reabilitação está uma droga. Sempre que apoio o peso do corpo na perna, a dor dispara pelo lado esquerdo, e meu joelho sé dobra. A única coisa que me impede de cair direto sobre o traseiro são os braços fortes de Evan.

Mas persisti durante todo aquele longo dia e os longos dias que se seguiram. Estava determinada a ficar forte. Mais forte do que antes de o Silenciador me atingir e me abandonar à morte. Mais forte do que estava no pequeno esconderijo na floresta, enrolada no saco de dormir, sentindo pena de mim mesma, enquanto Sammy estava sofrendo Deus sabe o quê. Mais forte do que nos dias passados no Campo Ashpit, onde eu vagava com uma atitude extremamente hostil, zangada com o mundo pelo que o mundo era, pelo que ele sempre tinha sido: um lugar perigoso que a algazarra humana fez parecer muito mais seguro.

Três horas de terapia pela manhã. Pausa de 30 minutos para o almoço. Depois, três horas de terapia à tarde. Trabalhar na recuperação dos meus músculos até eu senti-los formando uma massa suarenta e gelatinosa.

Mas, naquele dia, eu ainda não tinha terminado. Perguntei a Evan o que aconteceu à minha Luger. Eu precisava superar o medo que sentia de armas. E minha pontaria estava péssima. Ele me mostrou a forma correta de segurá-la, como usar a mira. Montou na cerca uma fileira de latas de tinta vazias, do tamanho de um galão, como alvos, substituindo-as por latas menores, à medida que minha pontaria melhorava. Pedi que me levasse para caçar com ele. Preciso me acostumar a atingir um alvo vivo e em movimento, mas Evan negou. Ainda estou muito fraca, nem posso correr. E o que poderia acontecer se um Silenciador nos visse?

Fazemos passeios ao pôr do sol. Primeiro, não conseguia andar mais do que 800 metros, até que minha perna falhasse, e Evan tivesse que me carregar de volta à casa da fazenda. Porém, a cada dia, eu conseguia avançar mais um metro. Oitocentos metros transformaram-se em um quilômetro, e, na segunda semana, eu caminhava mais que três sem parar. Ainda não consigo correr, mas meu ritmo e minha energia melhoraram a olhos vistos.

Evan fica comigo durante todo o jantar e algumas horas à noite. Então, coloca o fuzil no ombro e diz que vai estar de volta antes de o sol nascer. Geralmente estou dormindo quando ele entra, e normalmente o dia já nasceu há muito.

— Aonde você vai todas as noites? — perguntei certa vez.

— Caçar.

Um homem de poucas palavras esse Evan Walker.

— Você deve ser um péssimo caçador — brinquei, — Quase nunca volta com algum animal.

— Na verdade, eu sou muito bom — ele disse com determinação. Mesmo quando diz algo que, teoricamente, parece falta de modéstia, não é. É o jeito que ele faia, casualmente, como se estivesse falando sobre o tempo.

— Você simplesmente não tem coragem de matar?

— Tenho coragem de fazer o que tiver que fazer. — Ele correu os dedos pelos cabelos e suspirou. — No início, tinha a ver com permanecer vivo.

Depois, com proteger meus irmãos e irmãs dos loucos que corriam por aí, quando a peste chegou. Depois, tinha a ver com proteger meu território e meus suprimentos...

— E agora...? — perguntei em voz baixa. Aquela era a primeira vez que o tinha visto levemente emocionado.

— Acalma meus nervos — Evan admitiu com um dar de ombros constrangido, — Dá alguma coisa para fazer.

— Como higiene pessoal.

— Tenho dificuldades para dormir à noite — ele continuou. Não olhava para mim. Não olhava para nada. — Bom. Hora de dormir. Assim, depois de algum tempo, desisti de tentar e comecei a dormir durante o dia. Ou tentei. O fato é que só durmo duas ou três horas por dia.

— Você deve estar muito cansado.

Finalmente, ele olhou para mim, e havia algo triste e desesperado em seu olhar.

— Essa é a pior parte — Evan disse, devagar. — Não estou. Não estou nem um pouco cansado.

Eu ainda me sentia perturbada com o fato de ele desaparecer à noite, de modo que, certa vez, tentei segui-lo. Péssima ideia. Perdi-o de vista em menos de dez minutos. Fiquei preocupada com a possibilidade de *eu* estar perdida, e, então, me virei para voltar. E me vi frente a frente com ele.

Ele não se zangou, Não me acusou de não confiar nele. Apenas disse:

— Você não deveria estar aqui fora, Cassie — e me levou para dentro.

Mais por preocupação com minha saúde mental do que por nossa segurança pessoal (acho que ele não comprou completamente a ideia do Silenciador), Evan pendurou pesados cobertores nas janelas na grande sala do andar inferior para que pudéssemos acender a lareira e algumas lamparinas. Comecei a esperá-lo voltar de suas andanças no escuro, dormindo no grande sofá de couro ou lendo um dos maltratados romances em papel-jornal da mãe dele, que exibiam rapazes musculosos e seminus amparando moças extasiadas usando longos vestidos de gala. Por volta das 3 horas da madrugada, Evan retornava. Jogávamos mais lenha no fogo e conversávamos. Ele não gostava muito de falar sobre a família (quando perguntei sobre as leituras preferidas da mãe, ele deu de ombros e disse que ela gostava de literatura). Quando a conversa se tornava muito pessoal, Evan desviava do assunto e voltava a falar de mim. Geralmente, ele quer falar sobre Sammy, sobre como planejo cumprir a promessa que fiz a ele. Como não tenho ideia de como vou fazer isso, a discussão nunca termina bem. Eu fico confusa, ele me pressiona por detalhes. Fico na defensiva, ele insiste. Finalmente, digo coisas maldosas, e ele se cala.

— Então, vamos repassar isso juntos outra vez — ele diz, certa vez, tarde da noite, depois de dar voltas e mais voltas pelo assunto durante uma hora.

— Você não sabe exatamente quem ou o que são, mas sabe que possuem artilharia pesada e acesso aos armamentos alienígenas. Você não sabe para onde levaram seu irmão, mas vai até lá para resgatá-lo. Quando chegar lá, não sabe como vai fazer para resgatá-lo, mas...

— O que você está fazendo? — pergunto. — Você está tentando ajudar ou me fazer sentir uma idiota?

Estamos sentados no imenso tapete felpudo em frente à lareira, o fuzil dele de um lado, minha Luger do outro, e nós dois entre as armas.

Evan ergue as mãos num fingido gesto de rendição.

— Só estou tentando entender.

— Vou começar no Campo Ashpit e encontrar o rastro ali — digo, talvez pela milésima vez.

Acho que sei por que ele faz sempre as mesmas perguntas, mas ele é tão obtuso que é difícil fazê-lo assumir uma posição. Naturalmente, ele poderia dizer o mesmo de mim. No que se refere ao plano, o meu é mais uma meta geral que finge ser um plano.

— E se você não conseguir encontrar o rastro? — ele devolve.

— Não vou desistir até conseguir.

Ele assente com um gesto que diz "Estou concordando, mas não porque acho que o que você diz faz sentido. Estou concordando porque acho que você é totalmente idiota e não quero que fique agressiva comigo usando a muleta que eu mesmo fiz para você."

Então, digo:

— Hão sou totalmente idiota. Você faria a mesma coisa por Vai.

Evan não teve uma resposta rápida para isso. Envolveu as pernas com os braços, apoiou o queixo nos joelhos e observou o fogo.

— Você acha que estou perdendo meu tempo — acuso o perfil sem defeitos. — Acha que Sammy está morto.

— Como eu poderia saber disso, Cassie?

— Não estou dizendo que você sabe. Estou dizendo que você *pensa* isso.

— Importa o que eu penso?

— Não, então cale a boca.

— Eu não estava dizendo nada. *Você* disse...

— Não... diga... nada.

— Não vou.

— Acabou de dizer.

— Vou parar.

— Mas não vai. Você diz que vai, e, então, recomeça.

Ele ia dizer algo, mas fechou a boca com tamanha força, que escutei os dentes dele rangerem.

— Estou com fome — digo.

— Vou pegar alguma coisa para você.

— Eu pedi para você pegar alguma coisa? — Sinto vontade de lhe dar um soco no meio da boca perfeita. Por que quero bater nele? Por que estou tão zangada nesse momento? — Sou perfeitamente capaz de me servir. Esse é o problema, Evan. Não apareci aqui para dar sentido à sua vida, agora que a sua vida acabou. Esse é um assunto que você tem que resolver.

— Quero ajudá-la — ele diz, e pela primeira vez enxergo verdadeira ira naqueles olhos de cachorrinho. — Por que salvar Sammy também não pode ser meu objetivo?

A pergunta dele me segue até a cozinha, paira sobre a minha cabeça como uma nuvem, enquanto jogo algumas fatias de carne de veado defumada num pão achatado que Evan deve ter assado no forno do quintal, como bom escoteiro que é. A pergunta me acompanha, enquanto volto mancando para a grande sala e me largo no sofá diretamente atrás de sua cabeça. Sinto um impulso de dar-lhe um chute entre os ombros largos. Na mesa ao lado encontra-se um livro intitulado O *Amor é um Desejo Desesperado.* Com base na capa, eu o teria chamado *Minha Fantástica Barriga Tanquinho.*

Esse é o meu grande problema. *É* isso! Antes da Chegada, sujeitos como Evan Walker nunca olhariam duas vezes para mim, quanto menos caçariam animais selvagens para mim e lavariam meus cabelos. Eles nunca me pegavam pela nuca como a modelo de cabeços revoltos na capa do livro da mãe, abdômen contraído, músculos peitorais saltados. Nunca olharam profundamente em meus olhos, nem meu queixo foi erguido para levar meus lábios a poucos centímetros dos do parceiro. Eu era a garota que ficava

em segundo plano, a apenas-uma-amiga, ou, pior, a amiga de apenas-uma-amiga, a garota você-senta-ao-lado-dela-na-aula-de-geometria-mas-não-consigo-lembrar-o-seu-nome. Seria melhor se algum colecionador de meia-idade de figurinhas de Guerra nas Estrelas tivesse me encontrado naquele monte de neve.

— O quê? — pergunto às suas costas. — Agora vai me castigar com o silêncio?

Os ombros de Evan se sacodem para cima e para baixo. Você sabe, um daqueles estranhos risinhos silenciosos, acompanhados por um triste sacudir da cabeça. "Garotas! Tão bobas."

— Acho que eu deveria ter perguntado — ele falou. — Não deveria ter suposto.

— O quê?

Evan se vira para me encarar. Eu, no sofá, ele, no chão, olhando para cima.

— Que eu iria com você.

— *O quê*? Nós nem falamos sobre isso! E por que você iria querer ir comigo, Evan? Já que pensa que ele está *morto*?

— Só não quero que *você* morra, Cassie.

Aquela foi a gota d'água.

Jogo a carne de veado na sua cabeça. O prato desvia do rosto dele, e Evan está de pé na minha frente antes que eu possa piscar. Ele se inclina para perto, põe as mãos em cada lado do meu corpo, prendendo-me com os braços. Lágrimas brilham em seus olhos.

— Você não é a única — ele diz entre os dentes cerrados. — Minha irmã de 12 anos morreu nos meus braços. Ela morreu sufocada no próprio sangue. E eu não pude fazer nada. Fico enjoado quando a vejo agir como se o pior desastre da história da humanidade de certa forma gira em torno de você. Você não é a única que perdeu tudo. Não é a única que pensa ter encontrado a *resposta* que faz toda essa merda ter sentido. Você tem a sua promessa para Sammy, e eu tenho *você*.

Evan para. Ele tinha ido longe demais e sabia disso.

— Você não me "tem" Evan — retruquei.

— Você entendeu o que eu quis dizer. — Ele está olhando atentamente para mim, e é muito difícil desviar o olhar. — Não posso impedi-la de ir. Bom, acho que eu *poderia*, mas não posso deixar você ir sozinha.

— Você sabe que sozinha é melhor. É por esse motivo que você continua vivo! — justifico, espetando seu peito arquejante com o dedo.

Ele se afasta, e luto contra o impulso de me aproximar dele. Existe uma parte em mim que não quer que Evan se afaste.

— Mas não é o motivo pelo qual *você* está — ele dispara. — Você não vai durar dois minutos lá fora sem mim.

Explodo. Não consigo evitar. Foi a declaração perfeitamente errada para ser feita no momento perfeitamente errado.

— Vá se danar! — grito. — Não preciso de você. Não preciso de ninguém! Bom, *acho* que se precisasse de alguém para lavar meus cabelos, ou fazer um curativo num arranhão, ou assar um bolo, você é o cara!

Após duas tentativas, consigo me pôr de pé. Aquele era o momento da discussão em que me-precipito-para-fora-da-sala, enquanto o sujeito cruza os braços sobre o peito viril

e faz cara de amuado. Paro no meio da escada, dizendo para mim mesma que só estou tomando fôlego, e não para que Evan me alcance. Mas ele nem está me seguindo, portanto, subo com dificuldade os degraus que restam e entro no meu quarto.

Não, não no meu quarto. No quarto de Vai. Não tenho mais um quarto. Provavelmente, nunca vou ter outro.

"Ah, dane-se a autopiedade. O mundo não gira a sua volta. E dane-se a culpa. Não foi você quem fez Sammy subir naquele ônibus. E, já que está pensando no assunto, dane-se a dor. O choro de Evan pela irmã morta não vai trazê-la de volta."

"Eu tenho você" Bom, Evan, a verdade é que não importa que sejamos dois ou duzentos. Não temos a mínima chance. Não contra um inimigo como os Outros. Estou me fortalecendo para... o quê? Para que, quando cair, pelo menos caia forte? Que diferença isso faz?

Derrubo Urso de seu poleiro na cama com um grunhido zangado. "Que diabos você está olhando?" O bicho cai de lado, um dos braços esticado no ar, como se estivesse levantando a mão durante a aula para fazer uma pergunta.

Atrás de mim, a porta range nas dobradiças enferrujadas.

— Saia — digo, sem me virar.

Outro *criiiick*. Depois, um clique. E, então, silêncio.

— Evan, você está parado do lado de fora da porta?

Pausa.

— Sim.

— Você gosta de ficar espreitando, não é?

Se ele respondeu, não ouvi. Estou me abraçando. Esfregando os braços com as mãos. O pequeno quarto está gelado. Meu joelho dói como o diabo, mas mordo o lábio *e* fico obstinadamente em pé, de costas para a porta.

— Você ainda está aí? — pergunto, quando não suporto mais o silêncio.

— Se for embora sem mim, eu simplesmente vou segui-la. Você não pode me impedir, Cassie. Como vai me impedir?

Dei de ombros, impotente, lutando contra as lágrimas.

—- Dando um tiro em você, eu acho.

— Como você atirou no Soldado do Crucifixo?

As palavras me atingiram como uma bala entre as omoplatas. Viro bruscamente e abro a porta com um puxão. Ele se encolhe, mas fica onde está.

— Como você sabe dele? — Claro, só havia uma forma pela qual ele poderia saber. — Você leu o meu diário.

— Achei que você não iria sobreviver.

— Sinto desapontá-lo.

— Acho que eu quis saber o que aconteceu...

— Você tem sorte que minha arma está lá embaixo, ou eu lhe daria um tiro agora mesmo. Você sabe como fico assustada ao saber que leu aquilo? Quanto você leu?

Evan baixou o olhar. Um rubor quente espalha-se em suas faces.

— Você leu tudo, não foi?

— Estou completamente constrangida. Isso é dez vezes pior do que quando acordei

pela primeira vez na cama de Vai e me dei conta de que ele tinha me visto nua. Aquilo era só o meu corpo. O diário era a minha alma.

Dou-lhe um soco no estômago. Ele não cede nem um milímetro. É como bater numa placa de concreto.

— Não acredito — grito. — Você ficou ali sentado... simplesmente ficou sentado... enquanto menti sobre Ben Parish. Você sabia a verdade e só ficou parado, deixando que eu mentisse!

— Você não achou...? — Sacudo a cabeça.

Quem e esse cara? De repente, um nervosismo intenso tomou conta de mim. Alguma coisa estava muito errada ali. Talvez seja o fato de ele ter perdido toda a família e a namorada, ou noiva, ou seja lá o que tenha sido, e ter vivido sozinho durante meses fingindo que não fazer absolutamente nada era fazer absolutamente tudo. Talvez ele tenha se enclausurado naquela fazenda isolada em Ohio para poder lidar com toda a merda que os Outros despejaram, ou talvez ele seja apenas esquisito, esquisito antes da Chegada, e tão esquisito quanto depois. Mas, seja o que for, esse Evan Walker está gravemente desorientado. Ele é muito calmo, muito racional, muito tranquilo para que seja totalmente, bem... normal.

— Por que você atirou nele? — Evan pergunta em voz baixa. — O soldado na loja de conveniência.

— Você sabe por quê. — Estou prestes a me desfazer em lágrimas.

Ele está assentindo com um gesto.

— Por causa de Sammy.

Agora, fico *realmente* confusa.

— Não tinha nada a ver com Sammy.

Evan olha para mim.

— Sammy segurou a mão do soldado. Sammy subiu naquele ônibus. Sammy *confiou*. E agora, apesar de eu ter salvado você, você não se permite confiar em mim.

Evan segura minha mão e aperta com força.

— Não sou o Soldado do Crucifixo, Cassie. E não sou Vosch. Sou igual a você, Tenho medo e estou zangado e confuso, e não sei que diabos está acontecendo, mas sei que não se pode ter tudo. Você não pode dizer que é humana num momento e que é uma barata no outro. Você não acredita que é uma barata. Se acreditasse nisso, não teria se virado para enfrentar o atirador na rodovia.

— Ah, meu Deus — sussurro. — Aquilo foi apenas uma *metáfora*.

— Você quer se comparar a um inseto, Cassie? Se você fosse um inseto, então seria uma efemérida. Vai ficar aqui por um dia, e depois vai morrer. Isso não tem nada a ver com os Outros. Sempre foi assim. Estamos aqui e, então, vamos embora. E não tem nada a ver com o tempo que permanecemos aqui, mas com o que fazemos com ele.

— Você sabe que o que está dizendo não faz nenhum sentido?

Sinto que estou me inclinando para ele, e que toda a vontade de lutar está me abandonando. Não consigo decidir se ele está me impedindo ou se está me estimulando.

— Você é a efemérida — ele murmura.

E, então, Evan Walker me beija.

Segurando minha mão sobre seu peito, a outra escorregando em minha nuca, o toque suave como uma pena, enviando um calafrio que vai da coluna até as pernas. Tenho dificuldades em me manter em pé. Sinto o coração dele batendo de encontro à palma de minha mão e posso sentir seu hálito e a barba por fazer no lábio superior, um contraste áspero com a maciez de seus lábios. Evan está olhando para mim, e eu estou olhando para ele.

Afasto-me um pouco, somente para dizer:

— Não me beije.

Evan me ergue nos braços. Parece que flutuo para o alto eternamente, como quando era uma garotinha, e meu pai me jogava para o ar, e eu sentia que continuaria a subir até atingir a beira da galáxia.

Ele me deita na cama. Eu digo, antes que me beije de novo:

— Se você me beijar outra vez, vou lhe dar uma joelhada na virilha.

As mãos de Evan são incrivelmente macias, como uma nuvem me tocando.

— Não vou deixar você simplesmente... — ele procura a palavra adequada — ... fugir de mim, Cassie Sullivan.

Ele apaga a vela ao lado da cama com um sopro.

Agora sinto seu beijo com maior intensidade na escuridão do quarto em que a irmã dele morreu. No silêncio da casa onde a sua família morreu. Na quietude do mundo em que a vida que conhecíamos antes da Chegada morreu. Ele sente o sabor de minhas lágrimas antes que eu as sinta. Onde haveria lágrimas, estavam os seus beijos.

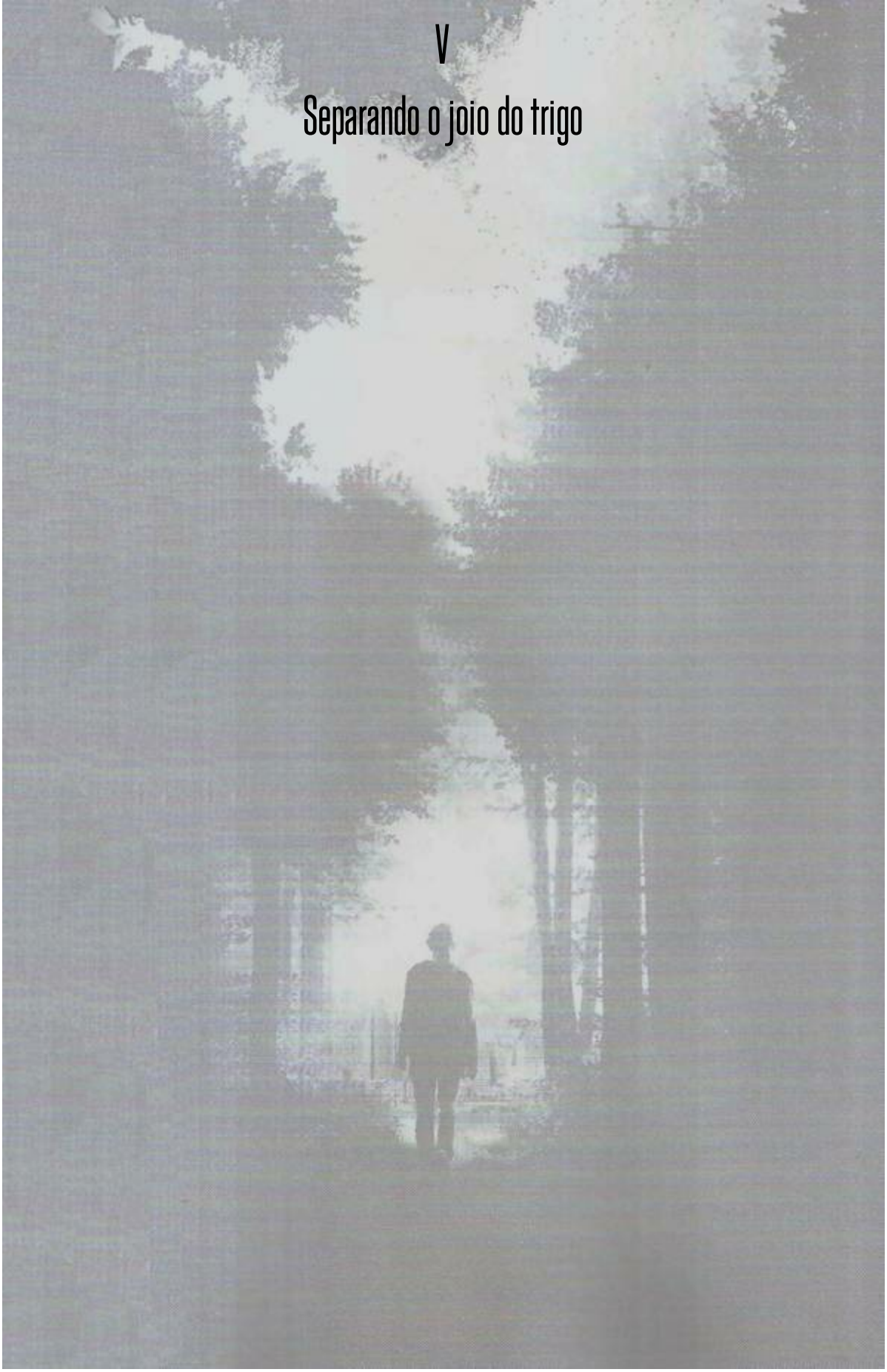
Não fui eu quem salvou você — ele sussurra, os lábios brincando com meus cílios. — Foi você quem me salvou.

Ele repete a frase inúmeras vezes, até adormecermos colados um ao outro, a voz dele em meus ouvidos, minhas lágrimas em sua boca.

— Você me salvou.

V

Separando o joio do trigo



Cassie, pela janela suja, encolhendo-se.

Cassie, na estrada, segurando Urso.

Erguendo o braço para ajudá-lo a dizer adeus.

"Adeus, Sammy,"

"Adeus, Urso."

A poeira da estrada subindo em nuvens provocadas pelos pneus negros do ônibus. E Cassie se encolhendo no redemoinho marrom.

"Até logo, Cassie."

Cassie e Urso ficando cada vez menores, e a rigidez do vidro sob os dedos dele.

"Adeus, Cassie. Adeus, Urso."

Até que a poeira os engole, e ele fica sozinho no ônibus lotado, sem a mãe, sem o pai, sem Cassie. Talvez não devesse ter deixado Urso, porque Urso estava com ele desde antes de poder se lembrar de qualquer coisa. Urso sempre existiu. Mas também sempre houve mamãe. Mamãe, vovó, vovô e o resto da família. E as crianças da classe da srta. Neyman, e a srta. Neyman e os Majewskis, e a simpática caixa do Kroger que sempre guardava pirulitos de morango debaixo do balcão. Eles também sempre estiveram lá, como Urso, desde antes de ele poder lembrar, e agora não estavam mais. Quem sempre esteve lá não estava mais, e Cassie disse que não iriam voltar.

Nunca mais.

O vidro lembra quando ele tira a mão. Ele conserva a lembrança de sua mão. Não como uma fotografia, porém mais como uma sombra difusa, da mesma forma que o rosto da mãe fica embaçado quando tenta se lembrar dela.

Todos os rostos que conheceu desde que soube o que eram rostos, exceto os do pai e de Cassie, estavam desaparecendo. Agora, todos os rostos são novos, todos os rostos são estranhos.

Um soldado caminha pelo corredor em sua direção. Ele tinha tirado a máscara negra. O rosto do homem é redondo, o nariz, pequeno e pontilhado de sardas. Ele não parece muito mais velho do que Cassie. O rapaz está distribuindo saquinhos de balas de goma e caixas de suco. Dedos sujos agarram os petiscos. Algumas crianças não comem há dias. Para algumas, os soldados são os primeiros adultos que eles veem desde que os pais morreram. Algumas crianças, as mais quietas, foram encontradas nos arredores das cidades, vagando entre pilhas de corpos escurecidos e semi- carbonizados, e olham para tudo e todos como se tudo e todos fossem algo que nunca tinham visto antes. Outros, como Sammy, foram resgatados de campos de refugiados ou pequenos grupos de sobreviventes que buscavam ser resgatados, portanto suas roupas não estão tão esfarrapadas, e seus rostos não tão magros, e seu olhar não tão vazio quanto o das crianças quietas, as encontradas vagando entre pilhas de mortos.

O soldado chega à fileira do fundo. Ele está usando uma faixa branca na manga, na qual se vê uma grande cruz vermelha.

— Ei, quer um lanche? — o soldado lhe pergunta.

A caixa de suco e as balas de goma em forma de dinossauros, O suco está frio. Frio. Ele não toma algo frio há séculos.

O soldado escorrega para a cadeira ao seu lado e estica as pernas no corredor. Sammy empurra o fino canudo de plástico para dentro da caixa de suco e suga, enquanto os olhos pousam no vulto imóvel de uma garota encolhida na cadeira do outro lado. Os shorts dela estão rasgados, a blusa cor-de-rosa manchada de fuligem, os sapatos emplastados de lama. Ela sorri durante o sono. Um sonho bom.

— Você a conhece? — o soldado pergunta a Sammy.

Saminy sacode a cabeça. Ela não estava no campo de refugiados com ele.

— Por que você tem essa grande cruz vermelha?

— Sou médico. Ajudo pessoas doentes.

— Por que você tirou a máscara?

— Não preciso dela agora — responde o médico, antes de jogar um punhado de balas na boca.

— Por que não?

— A peste está lá fora. — O soldado aponta a janela dos fundos com o polegar, onde a poeira formou uma nuvem, e Cassie encolheu até desaparecer, segurando Urso.

— Mas] meu pai disse que a peste está em todo lugar.

O soldado sacode a cabeça.

— Não para onde estamos indo — ele garante.

— Para onde estamos indo?

— Campo Abrigo.

Com o ronco forte do motor e o chiado do vento pelas janelas abertas, parecia que o soldado tinha dito Campo Paraíso.

— Onde? — Sammy repetiu.

— Você vai adorar. — O soldado deu-lhe um tapinha na perna. — Está todo preparado para você.

— Para mim?

— Para todo mundo.

Cassie na estrada, ajudando Urso a dar um aceno de adeus.

— Então, por que vocês não trouxeram todo mundo?

— Nós vamos.

— Quando?

— Assim que vocês estiverem em segurança.

O soldado olha para a garota outra vez. O rapaz levanta-se, tira a jaqueta verde e delicadamente a deixa cair sobre ela.

— Vocês são os mais importantes — o soldado diz, o rosto de garoto sério e determinado. — Vocês são o futuro.

A estreita estrada poeirenta transforma-se numa estrada pavimentada mais larga, e, então, os ônibus viram para uma rodovia ainda mais ampla. Os motores aceleram, rugindo guturalmente, e disparam na direção do sol, na rodovia livre de destroços e de carros destruídos. Eles foram arrastados ou empurrados para os acostamentos, a fim de abrir caminho para os ônibus cheios de crianças.

O médico de nariz sardento anda pelo corredor de novo e, dessa vez, está distribuindo garrafas de água e recomendando a todos que fechem as janelas porque algumas das crianças estão com frio e outras têm medo do ruído do vento, que lembra o rugido de um monstro. Rapidamente, o ar no ônibus fica abafado, e a temperatura aumenta, deixando as crianças sonolentas.

Mas Sam entregou Urso a Cassie para lhe fazer companhia, e ele nunca dormiu sem Urso, nunca, pelo menos não desde que ganhou o bichinho. Ele está cansado, mas também está sem Urso. Quanto mais tenta esquecê-lo, mais se lembra dele, mais sente sua falta e mais deseja não tê-lo deixado para trás.

O soldado lhe oferece uma garrafa d'água. O rapaz percebe que algo está errado, apesar de Sammy sorrir e fingir que não se sente tão vazio e "desursado". O soldado senta ao seu lado outra vez, pergunta seu nome e conta que se chama Parker.

— Falta muito? — Sammy pergunta.

Logo vai estar escuro, e a noite é a pior hora. Ninguém lhe disse, mas ele apenas sabe que, quando eles finalmente chegarem, vai ser no escuro e sem nenhum aviso, como nas outras ondas, e não vai haver nada que se possa fazer a respeito, simplesmente vai acontecer, como a TV piscando e desligando, os carros morrendo, os aviões caindo, a peste, as Formigas Irritantes, como seu pai e Cassie as chamavam, e sua mãe embrulhada em lençóis ensanguentados.

Quando os Outros vieram, o pai lhe disse que o mundo tinha mudado, e que nada seria como antes, e que talvez eles o levassem para o interior da nave mãe. Talvez até o levassem para viver aventuras no espaço sideral. E Sammy mal podia esperar para entrar na nave mãe e disparar para o espaço, como Luke Skywalker em sua nave X-Wing Starfighter. O fato fez todas as noites se parecerem com as vésperas de Natal. Quando amanhecia, ele achava que iria acordar, e todos os presentes maravilhosos que os Outros tinham trazido estariam ali.

Mas a única coisa que os Outros trouxeram tinha sido a morte.

Eles não tinham vindo para lhe dar nada. Eles tinham vindo para tirar tudo.

Quando aquilo, ou melhor, quando eles iriam parar? Talvez nunca. Talvez os alienígenas não fossem parar até terem tirado tudo, até que todo mundo fosse como Sammy, vazio, sozinho e "desursado"

Então, ele pergunta ao soldado:

— Falta muito?

— Não muito — o soldado chamado Parker responde. — Quer que eu fique aqui com você?

— Não estou com medo — Sammy diz.

"Agora você precisa ser corajoso", Cassie tinha dito no dia em que a mãe morreu. Quando ele viu a cama vazia e soube, sem perguntar, que ela tinha ido com vovó e todos os outros, os que conhecia e os que não conhecia, os que eram empilhados e incinerados nas margens da cidade.

— Não precisa ter medo — o soldado fala. — Agora você está totalmente seguro.

Isso foi exatamente o que o pai disse na noite em que a energia elétrica acabou, depois que ele cobriu as janelas com tábuas e bloqueou as portas, quando os homens

maus armados vieram para roubar.

"Você está totalmente seguro."

Depois que a mãe adoeceu, e o pai colocou a máscara branca de papel sobre o rosto dele e o de Cassie.

"Só para garantir, Sara. Acho que você está totalmente seguro,"

— E você vai adorar o Campo Abrigo — o soldado diz. — Espere só até vê-lo. Nós o ajeitamos para crianças como você.

— E eles não podem nos achar lá?

Parker sorri.

— Bom, não sei dizer, mas provavelmente lá é o lugar mais seguro na América do Norte neste momento. Lá tem até um campo de força invisível, no caso de os visitantes tentarem alguma coisa.

— Campos de força não são de verdade.

— Bom, as pessoas diziam a mesma coisa sobre alienígenas.

— Você já viu um deles, Parker?

— Ainda não — Parker responde. — Ninguém viu, pelo menos não na minha Companhia, mas estamos ansiosos para que isso aconteça.

Ele sorri um sorriso duro de soldado, e o coração de Sammy acelera. Ele gostaria de ter idade suficiente para ser um soldado como Parker.

— Quem sabe? — Parker continua. — Talvez eles sejam parecidos com a gente. Talvez você esteja olhando para um agora mesmo. — Agora, um tipo de sorriso diferente. Brincalhão.

O soldado se levanta, e Sammy tenta pegar a mão do rapaz. Ele não quer que Parker se vá.

— O Campo Abrigo tem mesmo um campo de força?

— Tem. E torres de vigia, e vigilância por câmeras todos os dias e todas as horas, e cercas de 6 metros de altura protegidas no alto com arame farpado, e grandes cães de guarda ferozes que podem farejar um não humano a mais de 8 quilômetros de distância.

Sammy franze o nariz.

— Isso não parece um abrigo! Isso parece uma prisão!

— Só que uma prisão mantém os caras maus do lado de dentro, e nosso campo os mantém do lado de fora.

38

Noite.

As estrelas acima, brilhantes e frias, a estrada escura abaixo e o zumbido das rodas no asfalto escuro sob as estrelas frias. Os faróis trespassando a noite densa. O balanço do ônibus e o abafado ar quente.

A garota do outro lado do corredor agora está sentada, os cabelos escuros caídos para o lado da cabeça, faces fundas e pele esticada sobre o crânio, fazendo os olhos parecerem imensos como os de uma coruja.

Sammy sorri para ela, hesitante, Ela não retribui o sorriso. Seu olhar está cravado na garrafa d'água recostada à perna dele. Ele lhe oferece a garrafa.

— Quer um pouco?

Um braço ossudo atravessa o espaço entre os dois, ela tira a garrafa de sua mão. Então, toma o resto da água em quatro goles e joga a garrafa vazia no banco ao seu lado.

— Acho que eles têm mais, se você ainda estiver com sede — Sammy diz.

A garota não diz nada. Ela o olha fixamente, quase sem piscar.

— E, se você estiver com fome, eles também têm balas de goma.

Ela apenas olha para o garoto, sem falar. Pernas dobradas sob a jaqueta verde de Parker, olhos redondos que não piscam.

— Meu nome é Sam, mas todos me chamam de Sammy. Menos Cassie. Cassie me chama de Sams. Como você se chama?

A garota ergue a voz acima do zumbido das rodas e do rugido do motor.

— Megan.

Seus dedos finos puxam o tecido verde da jaqueta do exército.

— De onde veio isso? — ela pergunta a si mesma em voz alta, mal conseguindo vencer o zumbido e o rugido em segundo plano. Sammy se levanta e escorrega para o espaço vazio ao lado dela. A menina recua, encolhendo as pernas o máximo que pode.

— De Parker — Sammy conta. — Ele está ali, sentado junto do motorista. Ele *é* médico. Ele cuida de pessoas doentes. Ele é muito legal.

A garota chamada Megan sacode a cabeça.

— Não estou doente.

Olhos envoltos em círculos escuros, lábios rachados e descascando, cabelos despenteados e emaranhados com galhos e folhas secas. A testa brilha, e as faces estão coradas.

— Para onde estamos indo? — da quer saber.

— Para o Campo Abrigo.

— Campo o... quê?

— É um forte — Sammy informa. — E não é um forte qualquer. O forte maior, melhor e mais seguro de todo o mundo. Ele tem até um campo de força!

Está muito quente e abafado no ônibus, mas Megan não para de tremer. Sammy ajeita a jaqueta de Parker sob o queixo da menina. Ela olha para ele com seus imensos olhos de coruja.

— Quem é Cassie?

— Minha irmã. Ela também vai vir. Os soldados vão voltar para buscar ela. Ela, meu pai e todos os outros.

— Então ela está viva?

Sammy assente com um gesto de cabeça, confuso. Por que Cassie não estaria viva?

— O seu pai e sua irmã estão vivos?

O seu lábio inferior treme. Uma lágrima abre passagem na fuligem em seu rosto. A fuligem da fumaça do fogo que queimou os corpos.

Sem pensar, Sammy segura a mão dela. Como quando Cassie tomou a dele na noite em que contou o que os Outros tinham feito.

Aquela tinha sido sua primeira noite no campo de refugiados. Ele somente assimilou a imensidão do que tinha ocorrido nos últimos meses naquela noite, depois que as lâmpadas foram apagadas e ele se deitou enrodilhado junto a Cassie no escuro. Tudo tinha acontecido muito depressa, do dia em que a energia faltou ao dia em que o pai envolveu a mãe no lençol branco e à chegada ao campo. Ele sempre acreditou que algum dia iriam para casa e que tudo seria como antes. A mãe não iria voltar — ele não era um bebê, sabia que ela não voltaria mas não entendia que ninguém iria voltar, que o que tinha acontecido seria para sempre.

Até aquela noite. A noite em que Cassie segurou sua mão e contou que a mãe era apenas luna entre bilhões. Que quase todo mundo na Terra estava morto. Que eles nunca mais viveriam na casa deles outra vez. Que ele nunca voltaria para a escola. Que todos os amigos estavam mortos.

— Isso não está certo — Megan sussurrou na escuridão do ônibus. — Não é justo.

Ela está olhando fixamente para Sammy.

— Toda a minha família se foi, e o seu pai e a sua irmã...? Não está certo!

Parker tornou a se levantar. Ele foi parando em cada banco, falando suavemente com cada criança, tocando-lhes as testas. Sempre que as tocava, uma luz brilhava no escuro. Às vezes, a luz era verde, outras, vermelha, Quando a luz desaparecia, Parker carimbava a mão da criança. Luz vermelha, carimbo vermelho. Luz verde, carimbo verde.

— Meu irmãozinho tinha a sua idade — Megan conta para Sammy. O tom parecia de acusação: "Como você pode estar vivo e ele, não?"

— Qual era o nome dele? — Sammy perguntou.

— O que importa? Por que você quer saber o nome dele?

O garoto desejou que Cassie estivesse ali. A irmã saberia o que dizer para Megan se sentir melhor. Ela sempre sabia qual era a melhor coisa a dizer.

— Ele se chamava Michael, tá? Michael Joseph. Tinha 6 anos e nunca fez mal a ninguém. Está bom assim? Está contente? Michael Joseph era o nome do meu irmão. Quer saber o nome de todos os outros?

Por cima do ombro de Sammy, Megan está olhando para Parker, que parou em sua fileira.

— Ora, otá, dorminhoca — diz o médico para Megan.

— Ela está doente, Parker — Sammy conta ao rapaz. — Você precisa fazer ela melhorar.

— Nós vamos fazer todos melhorarem — Parker diz, com um sorriso.

— Não estou doente — Megan replica, e então treme violentamente sob a jaqueta verde do soldado.

— Claro que não — Parker responde, com um aceno e um largo sorriso. — Mas talvez eu deva verificar a sua temperatura, só para garantir. Tudo bem?

O soldado ergue um disco de prata, do tamanho de uma moeda.

— Qualquer número acima de 40 graus provoca um brilho verde. — Ele se inclina sobre Sammy e aperta o disco na testa de Megan. O brilho verde aparece.

— Oh-oh — Parker faz. — Deixe-me dar uma olhada em você, Sam.

O garoto sente o metal morno na testa. Por um segundo, o rosto de Parker *é*

banhado numa luz vermelha. O médico carimba as costas da mão de Megan. A tinta verde cintila umidamente na escuridão. É um rosto sorridente. E depois um rosto sorridente vermelho para Sam.

— Espere que chamem a sua cor, está bem? — Parker diz a Megan, — Os verdes vão direto para o hospital.

— Não estou doente — Megan grita, rouca. A voz fraqueja. Ela se dobra sobre si mesma, tossindo, e Sammy recua instintivamente. Parker lhe dá um tapinha no ombro.

— É só uma gripe forte, Sam — ele sussurra. — Ela vai ficar bem.

— Não vou para o hospital — Megan diz para Sammy, depois que Parker volta para a dianteira do ônibus. A menina esfrega a mão na jaqueta com fúria, espalhando a tinta. O rosto sorridente agora é só uma bolha verde.

— Você precisa — Sammy fala. — Você não quer sarar?

Megan sacode a cabeça com veemência. Ele não entende.

— Você não vai para o hospital para sarar. Você vai para o hospital para morrer.

Depois que a mãe adoeceu, ele perguntou ao pai:

— Você não vai levar a mamãe para o hospital?

E o pai respondeu que não era seguro. Muita gente doente, poucos médicos e, afinal, não havia nada que eles pudessem fazer por ela. Cassie lhe disse que o hospital estava quebrado, assim como a televisão, as luzes, os carros e todo o resto.

— Tudo quebrado? — ele perguntou a Cassie. — Tudo?

— Não, nem tudo, Sams — ela respondeu. — Isso não.

Ela tomou-lhe a mão e a colocou de encontro ao peito dele, e as batidas do coração se fizeram sentir com força na palma aberta.

— Funciona.

39

A mãe somente vem até ele no momento de transição, naquela hora nebulosa entre o acordar e o dormir. Ela fica longe de seus sonhos, como se soubesse que não deve ir para lá, porque sonhos não são reais, mas passam a sensação de serem verdadeiros quando estão sendo sonhados. Ela o ama demais para isso.

Às vezes, ele vê o rosto dela, embora a maior parte do tempo não consiga, enxerga somente o contorno do corpo, um pouco mais escuro do que o cinza atrás das pálpebras. Também sente seu cheiro e toca seus cabelos, sentindo-os deslizarem entre os dedos. Se ele tenta com afinco ver-lhe o rosto, ela desaparece no escuro. E se ele tenta abraçá-la com força, ela escorrega para longe, como os cabelos entre seus dedos.

O zumbido das rodas na estrada escura. O ar viciado e quente e o balançar do ônibus sob as estrelas frias. Quanto faltava até o Campo Paraíso? Parecia que estavam na estrada escura sob as estrelas frias havia uma eternidade. Ele aguarda a mãe no espaço de transição, olhos fechados, enquanto Megan o observa com os grandes olhos de coruja.

Ele adormece, enquanto espera.

Sammy ainda está adormecido quando os três ônibus escolares param diante dos

portões do Campo Abrigo. No alto da torre de vigia, a sentinela aperta um botão. A fechadura eletrônica abre-se, e o portão desliza para o lado. Os ônibus entram, e o portão se fecha atrás deles.

Ele só acorda quando os ônibus param com um chiado final e zangado dos freios. Dois soldados estão andando pelo corredor, acordando as crianças que adormeceram. Os soldados estão pesadamente armados, mas sorriem e suas vozes são gentis. "Está tudo bem. Hora de levantar. Agora vocês estão totalmente seguros."

Sammy senta, semicerrando os olhos devido à súbita luz viva que entra pelas janelas, e olha para fora. Eles pararam diante de um enorme hangar de aviões. As grandes portas ogivais estavam fechadas, de modo que ele não conseguiu enxergar o que havia lá dentro. Por um momento, não se preocupou por estar em um local estranho sem o pai, Cassie ou Urso. Ele sabe o que significa a luz brilhante; os alienígenas não conseguiram acabar com a energia elétrica ali. Ela também significava que Parker tinha dito a verdade: o lugar tem um campo de força. Precisa ter, Eles não se importam se os Outros sabem a respeito do campo.

Eles estão totalmente seguros.

A respiração de Megan está pesada em seu ouvido, e ele se vira para observá-la. Os olhos dela estão enormes sob a luz dos holofotes. Ela agarra a mão do companheiro.

— Não vá embora — ela pede.

Um homem grande sobe no ônibus, Ele para ao lado do motorista, mãos nos quadris. Tem um rosto largo e carnudo, e olhos muito pequenos.

— Bom dia, meninos e meninas. Bem-vindos ao Campo Abrigo! Meu nome é major Bob. Sei que vocês estão cansados e famintos, e talvez um pouco assustados... Quem está com um pouco de medo agora mesmo? Levante a mão.

Ninguém ergueu a mão. Vinte e seis pares de olhos o fitaram, confusos, e o major Bob sorriu. Seus dentes são pequenos, como os olhos.

— Isso é surpreendente. E sabem de uma coisa? Vocês não precisam ter medo! Nosso campo é o lugar mais seguro em todo esse mundo maluco no momento. Não estou brincando. Vocês estão totalmente seguros. — Ele se vira para um dos soldados sorridentes, que lhe entrega uma prancheta. — Agora, existem apenas duas regras no Campo Abrigo. Regra número um: lembrem-se de suas cores. Todos vocês, mostrem suas cores!

Vinte e cinco punhos disparam para o ar. O vigésimo sexto, de Megan, permanece no colo.

— Vermelhos, em alguns minutos vocês vão ser acompanhados para o Hangar Número Um para verificação. Verdes, aguentem firme, vocês vão um pouco mais longe.

— Eu não vou — Megan sussurra no ouvido de Sammy.

— Regra número dois! — retumba o major Bob. — A regra número dois é composta de duas palavras: ouvir e obedecer. É fácil de lembrar, certo? Regra dois, duas palavras. Ouçam o líder de seu grupo. Obedeçam a todas as instruções que o líder lhes der. Não questionem nem respondam. Eles estão, nós todos estamos aqui por um único motivo, que é manter vocês em segurança. E só podemos mantê-los em segurança se ouvirem e obedecerem às instruções, imediatamente, sem perguntas. — Ele devolve a prancheta ao

soldado sorridente, bate as mãos gorduchas uma na outra e diz: — Alguma pergunta?

— Ele acabou de dizer para a gente não fazer perguntas — Megan sussurrou. — E depois quer saber se a gente tem alguma pergunta.

— Fantástico! — o major Bob grita. — Vamos levar vocês para o processamento! Vermelhos, o líder de seu grupo é o cabo Parker. Nada de correrias, empurrões e encontrões, mas fiquem andando. Nada de interromper a fila e nada de conversas, e lembrem-se de mostrar a mão carimbada na porta. Vamos andando, pessoal. Quanto mais cedo terminarmos a verificação, mais cedo vocês vão poder dormir e tomar o café da manhã. Não estou dizendo que a comida é a melhor do mundo, mas temos alimentos de sobra!

O major desce os degraus. O ônibus balança a cada passo. Sammy começa a levantar, e Megan o puxa de volta.

— Não vá embora — ela pede de novo.

— Mas eu sou um vermelho — Sammy protesta.

Ele sente pena de Megan, mas está ansioso para sair. Ele tem a impressão de que está no ônibus há uma eternidade. E, quanto mais depressa os ônibus esvaziarem, mais depressa eles vão poder voltar e buscar Cassie e o pai.

— Está tudo bem, Megan — ele tenta consolar a companheira. — Você ouviu Parker. Eles vão fazer com que todo mundo se sinta melhor.

O garoto entra na fila atrás dos demais vermelhos. Parker está parado no fim dos degraus, checando os carimbos. O motorista grita:

— Ei! — e Sammy se vira, no exato momento em que Megan chega ao último degrau. Ela se choca de encontro ao peito de Parker e grita quando ele agarra seus braços agitados.

— Você me solte!

O motorista a tira das mãos de Parker e a arrasta de volta pelos degraus, um braço envolvendo-lhe a cintura.

— Sammy! — Megan grita. — Sammy, não me deixe! Não deixe que eles...

As portas se fecham com estrondo, abafando os gritos da menina.

Sammy olha para Parker, que lhe dá um tapinha tranquilizador no ombro.

— Ela vai ficar bem, Sam — diz o médico em voz baixa. — Vamos.

Enquanto caminha até o hangar, ele escuta os gritos de Megan atrás do revestimento de metal amarelo do ônibus, mais fortes do que o ronco barulhento do motor, o chiado dos freios sendo soltos. Ela grita como se estivesse morrendo, como se a estivessem torturando. E, então, ele passa por uma porta lateral e entra no hangar. E não a escuta mais.

Um soldado se encontra parado do lado de dentro da porta e entrega a Sammy um cartão com o número 49 impresso.

— Vá até o círculo vermelho mais próximo — o soldado lhe diz. — Sente-se e espere chamarem o seu número.

— Preciso ir até o hospital agora — Parker avisa. — Fique firme, amigão, e lembre-se de que agora está tudo bem. Aqui não há nada que possa machucar você, — Ele desmancha os cabelos de Sammy, promete que vai vê-lo em breve e lhe dá um leve soco

de brincadeira antes de sair.

Para grande desapontamento de Sammy, não há aviões no imenso hangar. Ele nunca tinha visto de perto um jato de guerra, embora tivesse pilotado um deles milhares de vezes desde a Chegada. Enquanto a mãe se encontrava na cama, morrendo no quarto do corredor, ele estava na carlinga de um Fighting Falcon, voando bem alto no céu a uma velocidade três vezes maior que a do som, indo direto para a nave mãe alienígena. Naturalmente, sua fuselagem cinza era coberta por torres de tiro e canhões de raios, e seu campo de força emitia um perverso e nauseante brilho verde, mas havia um ponto fraco no campo, um buraco apenas 5 centímetros maior que o oponente, que se fosse atingido... E precisava acertar o ponto exato, pois todo o esquadrão tinha sido varrido dos céus, e ele só dispunha de um míssil, e não havia mais ninguém além dele, Sammy, "a Víbora" Sullivan para defender a Terra da horda alienígena.

Três grandes círculos vermelhos tinham sido pintados no chão, Sam se reúne a outras crianças no círculo mais próximo à porta e senta. Ele não consegue tirar da cabeça os gritos apavorados de Megan. Seus imensos olhos, a forma como a pele cintilava com o suor e o cheiro de doença em seu hálito. Cassie lhe disse que as Formigas Irritantes tinham acabado, que elas tinham matado todas as pessoas que tinham vindo matar porque algumas pessoas não adoeceram, como Cassie, o pai, ele e todos os outros no Campo Ashpit. Eles eram imunes, Cassie falou.

Mas, e se Cassie estivesse enganada? Talvez a doença levasse mais tempo para matar algumas pessoas. Talvez estivesse matando Megan naquele momento.

Ou talvez, ele pensa, os Outros tivessem liberado uma segunda peste, ainda pior do que as Formigas Irritantes, uma peste que iria matar todos os que sobreviveram à primeira.

Ele empurra o pensamento para longe. Desde a morte da mãe, virou especialista em afastar maus pensamentos.

Há mais de cem crianças reunidas nos três círculos, mas o hangar está muito silencioso. O garoto sentado ao lado de Sammy está tão exausto, que se deita de lado no concreto frio, enrodilha-se como uma bola e adormece. O garoto é mais velho do que Sammy, talvez tenha uns i 1 anos, e dorme com o polegar firmemente preso entre os lábios.

Um sino toca, e uma voz feminina clama num alto falante. Primeiro em inglês, depois em espanhol.

— BEM-VINDAS, CRIANÇAS, AO CAMPO ABRIGO! ESTAMOS MUITO FELIZES EM VER TODOS VOCÊS! SABEMOS QUE ESTÃO CANSADOS E FAMINTOS, E ALGUNS NÃO ESTÃO SE SENTINDO MUITO BEM, MAS TUDO VAI MELHORAR DAQUI PARA A FRENTE. FIQUEM EM SEU CÍRCULO E ESCUTEM COM ATENÇÃO QUANDO SEU NÚMERO FOR CHAMADO. NÃO SAIAM DO CÍRCULO POR NENHUM MOTIVO. NÃO QUEREMOS PERDER NENHUM DE VOCÊS! FIQUEM QUIETOS E CALMOS. E LEMBREM- SE DE QUE ESTAMOS AQUI PARA CUIDAR DE VOCÊS! VOCÊS ESTÃO EM TOTAL SEGURANÇA.

Um momento depois, o primeiro número é chamado. A criança levanta-se de seu

círculo vermelho e é acompanhada por um soldado até uma porta pintada da mesma cor na extremidade oposta do hangar. O soldado pega o cartão e abre a porta. A criança entra sozinha. O soldado fecha a porta e volta ao seu posto, ao lado de um círculo vermelho. Cada círculo tem dois soldados, ambos pesadamente armados, mas eles sorriem. Todos os soldados sorriem. Eles nunca param de sorrir.

Um por um, os números das crianças são chamados. Elas deixam o círculo, atravessam o hangar e desaparecem atrás da porta vermelha. Elas não voltam.

Passa quase uma hora até que a moça chame o número de Sammy. A manhã está chegando, e a luz do sol atravessa as janelas altas, conferindo um tom dourado ao hangar. Ele está muito cansado, vorazmente faminto e um pouco dolorido por ficar sentado tanto tempo, mas ele se levanta de um salto quando escuta — QUARENTA E NOVE! POR FAVOR, VÁ ATÉ A PORTA VERMELHA! NÚMERO QUARENTA E NOVE! — Na pressa, tropeça no garoto adormecido ao seu lado.

Uma enfermeira espera por ele do outro lado da porta. Ele sabe que a mulher é enfermeira porque está usando roupas verdes esterilizadas e sapatos macios, como a enfermeira Rachel do consultório de seu médico. Ela também exibe um sorriso caloroso, como a enfermeira Rachel, toma-lhe a mão e o conduz a um pequeno aposento. Há um grande cesto transbordando de roupas sujas e aventais de papel pendurados em ganchos de metal junto a uma cortina branca.

— Certo, campeão — diz a enfermeira. — Quando foi que tomou seu último banho?

Ela ri da expressão surpresa de Sammy. A enfermeira puxa a cortina branca, revelando um box com chuveiro.

— Tiramos tudo e jogamos no cesto. Sim, até a roupa de baixo. Aqui adoramos crianças, mas não piolhos, carrapatos ou qualquer coisa com mais de duas pernas!

Apesar dos protestos, a enfermeira insiste em realizar ela mesma a tarefa. O garoto fica parado, com os braços cruzados diante do corpo, enquanto cia espirra um jato de xampu malcheiroso em seus cabelos e ensaboa todo o seu corpo, da cabeça aos pés.

— Feche bem os olhos, senão vai arder — a enfermeira avisa delicadamente.

A mulher deixa que ele se seque e, então, lhe diz para vestir um dos aventais de papel.

— Passe por aquela porta, ali — ela pede, apontando para o fundo do aposento.

O avental é muito grande para ele. A barra arrasta no chão, enquanto ele vai para o quarto ao lado. Outra enfermeira o aguarda. Ela é mais gorda do que a primeira, mais velha e não tão simpática. A mulher faz Sammy subir na balança, anota seu peso na prancheta ao lado de seu número e, então, faz com que suba na mesa de exames. Coloca um disco de metal, o mesmo tipo que Parker usou no ônibus, em sua testa.

— Estou verificando a sua temperatura — ela explica.

O menino assente.

— Eu sei. Parker me falou. Vermelho quer dizer "normal".

— Você está mesmo no vermelho — a enfermeira constata. Seus dedos frios lhe envolvem o punho, tomando-lhe a pulsação.

Sammy treme. A pele ficou arrepiada no avental fino, e ele está com medo. Ele nunca gostou de ir ao médico e está preocupado com a possibilidade de lhe darem uma

injeção. A enfermeira senta-se diante dele e avisa que precisa fazer algumas perguntas. Ele deve ouvir com atenção e responder com a maior sinceridade possível. Se não souber a resposta, tudo bem. Ele tinha entendido?

Qual o seu nome completo? Que idade tinha? De que cidade era? Tinha irmãos ou irmãs? Estavam vivos?

— Cassie — Sammy fala. — Cassie está viva.

A enfermeira anota o nome de Cassie.

— Quantos anos ela tem?

— Tem 16. Eles vão voltar para buscar Cassie — Sammy conta à enfermeira.

— Quem?

— Os soldados. Os soldados disseram que não havia espaço para ela, mas que iam voltar para buscar Cassie e meu pai.

— Seu pai? Então seu pai também está vivo? E a sua mãe?

Sammy sacode a cabeça, morde o lábio inferior. Ele treme violentamente. Tão frio. Ele se lembra de dois bancos vazios no ônibus, um em que Parker se sentou, e outro que ele ocupou ao lado de Megan. Ele dispara:

— Eles disseram que não havia lugar no ônibus, mas *tinha* lugar. Meu pai e Cassie também podiam ter vindo. Por que os soldados não deixaram eles virem?

— Por que você era mais importante, Samuel — responde a enfermeira.

— Mas eles também vão buscar eles, não vão?

— Depois, sim.

Mais perguntas. Como a mãe morreu? O que aconteceu depois disso?

A caneta da enfermeira voa sobre a página. Ela se levanta e lhe dá um tapinha no joelho nu.

— Não tenha medo — ela diz antes de sair. — Você está totalmente seguro aqui. — A voz da mulher soa monótona, como se ela estivesse repetindo algo que já tinha dito milhares de vezes. — Espere aqui. A doutora vai vir num minuto.

Para Sammy, a espera pareceu durar muito mais do que um minuto. Ele envolve o peito com os braços, tentando manter o corpo mais quente. Observa o aposento, inquieto. Uma pia e um armário. A cadeira em que a enfermeira se sentou. Um banco com rodinhas num canto e, montada no teto diretamente acima do banquinho, uma câmera, o negro olho brilhante voltado diretamente para a mesa de exames.

A enfermeira volta acompanhada da médica. A dra. Pam é alta e magra na mesma proporção em que a enfermeira é baixa e gorda. Imediatamente, Sammy fica mais calmo. Há algo na médica alta que o faz lembrar-se da mãe. Talvez seja a maneira como fala com ele, olhando diretamente em seus olhos, a voz carinhosa e gentil. As mãos também estão quentes. Ela não usa luvas para tocá-lo, como a enfermeira tinha feito.

Ela faz o que Sammy esperava, as coisas que os médicos costumam fazer. Acende uma luz diante de seus olhos, nos ouvidos, na garganta. Ausculta sua respiração no estetoscópio. Passa a mão sob os maxilares, mas com suavidade, o tempo todo cantarolando baixinho.

— Deite-se de costas, Sam.

Dedos firmes apertam o abdômen.

— Sente dor quando faço isso?

Ela o faz levantar, dobrar o corpo, tocar os dedos dos pés, enquanto desliza as mãos ao longo da coluna.

— Certo, amigão, de volta à mesa.

Ele salta rapidamente no papel encrespado, pressentindo que a consulta está quase terminada. Não vai haver injeção. Talvez urna espetada no dedo, o que não é divertido, mas pelo menos não vai haver injeção.

— Mostre a sua mão.

A dra. Pamela coloca um pequeno tubo cinza menor do que um grão de arroz na palma da mão de Sammy.

— Sabe o que é isso? É um microchip. Você já teve algum animal de estimação, um cachorro ou um gato, Sammy?

— Não. — O pai é alérgico. Mas ele sempre quis um cachorro.

— Bem, alguns donos colocam um dispositivo muito parecido com esse em seus animais no caso de eles fugirem ou se perderem. Mas esse é um pouco diferente, Ele emite um sinal que podemos rastrear.

O dispositivo fica sob a pele, a doutora explica, e não importa em que lugar Sammy esteja, eles vão poder encontrá-lo, Para o caso de alguma coisa acontecer. Aqui no Campo Abrigo é muito seguro, mas há apenas alguns meses todos achavam que o mundo estava a salvo de um ataque alienígena, então temos que ser cuidadosos, temos que tomar todas as precauções...

Ele para de ouvir depois das palavras *sob a pele*. Eles vão injetar esse tubo cinza dentro dele? O medo começa a rondar novamente o seu coração.

— Não vai doer — garante a médica, pressentindo o medo que se instala. — Primeiro, vamos lhe dar uma pequena injeção para sedar o local, e depois você vai ficar só com um pequeno ponto dolorido por uns dois dias.

A médica é muito delicada. Ele pode ver que ela compreende o quanto ele detesta injeções e que ela não quer fazer aquilo. Mas é preciso. Ela lhe mostra a agulha usada para a injeção anestésica. É minúscula, quase tão fina quanto um fio de cabelo. Vai ser como uma picada de mosquito, a doutora conta. Isso não é tão ruim. Ele tinha sido picado por mosquitos inúmeras vezes. E a dra. Pam promete que ele não vai sentir o tubo cinza entrar, Ele não vai sentir nada depois da anestesia.

Ele fica deitado de bruços, escondendo o rosto na dobra do cotovelo. O aposento está frio, e o algodão com álcool na nuca o faz estremecer violentamente. A enfermeira lhe diz para relaxar.

— Quanto mais você ficar tenso, mais vai doer — ela afirma.

Ele tenta pensar em algo agradável, algo capaz de desviar seu pensamento do que está para acontecer. Surge a imagem de Cassie em sua mente, e ele fica surpreso. Ele esperava ver o rosto da mãe.

Cassie está sorrindo. Ele retribui o sorriso, na curva do cotovelo. O mosquito que deve ser do tamanho de um pássaro pica com vontade a sua nuca. Ele não se move, mas choraminga baixinho de encontro à pele. Em menos de um minuto, tudo termina.

O número 49 tinha sido rotulado.

40

Após colocar uma atadura no ponto de inserção, a doutora faz uma anotação em seu prontuário, entrega-o à enfermeira e diz a Sammy que falta somente mais um exame.

O garoto segue a médica até a próxima sala. Esta é muito menor do que a sala de exames, praticamente apenas um pouco maior do que um *closet*. No meio, uma cadeira que faz Sammy se lembrar da cadeira do dentista, estreita e de encosto alto, braços finos de cada lado.

A médica lhe pede para sentar.

— Recline-se no encosto, ponha a cabeça para trás também... isso mesmo. Fique relaxado.

Uirrrr. O encosto da cadeira abaixa, a frente se ergue, levantando as pernas de Sammy até que ele esteja quase totalmente reclinado. O rosto da doutora aparece diante dele, sorrindo.

— Certo, Sam, você tem sido muito paciente com a gente, e prometo que esse é o último exame. Não demora muito e não dói, mas, às vezes, pode ser um tanto... intenso. É para testar o implante que acabamos de colocar, para ter certeza de que está funcionando bem. Leva alguns minutos, e você precisa ficar muito, mas muito quieto. Isso pode ser difícil, não é mesmo? Você não pode se virar, retorcer, nem mesmo coçar o nariz, ou o teste não vai dar certo. Acha que consegue?

Sammy assente com um gesto de cabeça. Ele retribui o sorriso caloroso da médica.

— Já brinquei de estátua antes — ele garante. — Sou muito bom nisso.

— Ótimo! Mas, só para garantir, vou pôr essas tiras nos seus pulsos e tornozelos, não muito apertado. Só para o caso de seu nariz começar a coçar, As tiras vão lembrá-lo de ficar imóvel. Acha que assim está bem?

Sammy assente. Quando está preso com as tiras, ela diz:

— Certo. Agora vou até o computador. Ele vai mandar um sinal para regular o transponder, e o transponder vai enviar o sinal de volta. Isso não leva mais que alguns segundos, mas pode parecer mais. Talvez muito mais. Cada pessoa reage de um jeito. Pronto para experimentar?

— Sim.

— Ótimo! Feche os olhos. Fique com eles fechados até eu mandar abri-los. Respire bem fundo, várias vezes. Aqui vamos nós. Fique de olhos fechados agora. Contagem regressiva de três... dois... um...

Uma ofuscante bola de fogo branca explode na cabeça de Sammy Sullivan. Seu corpo enrijece. As pernas se retesam de encontro às tiras. Seus minúsculos dedos agarram os braços da cadeira. Ele escuta a voz tranquilizadora da médica do outro lado da luz ofuscante, dizendo:

— Está tudo bem, Sammy. Não tenha medo. Só mais alguns segundos, prometo...

Ele vê seu berço. E lá está Urso deitado ao seu lado, e depois o mobile de estrelas e planetas girando preguiçosamente sobre a cama. Ele vê a mãe inclinada sobre ele, segurando uma colher de remédio e dizendo que precisa tomá-lo. Lá está Cassie no

quintal dos fundos, é verão, e ele está de fraldas, andando cambaleante, e Cassie está espirrando água com a mangueira para o alto, formando um arco-íris saído do nada. Ela agita a mangueira de um lado a outro, rindo quando ele a persegue, as cores passageiras e intocáveis, lascas bruxuleantes de luz dourada.

— Pegue o arco-íris, Sammy! Pegue o arco-íris!

As imagens e lembranças derramam-se dele, como água escorrendo por um ralo. Em menos de 90 segundos, toda a vida de Sammy escapa dele para o grande computador, uma avalanche de toques, cheiros, gostos e sons, antes de desaparecer e se transformar num nada branco. A sua mente é deixada vazia no branco ofuscante. Tudo que ele vivenciou, tudo de que se lembra, até os fatos de que não consegue se lembrar, tudo que forma a personalidade de Sammy Sullivan é tirado, classificado e transmitido pelo dispositivo na base de sua nuca para o computador da dra. Pam.

Número 49 tinha sido mapeado.

41

A dra. Pam solta as tiras e o ajuda a descer da cadeira. Os joelhos de Sammy se dobram. Ela ampara o garoto pelos braços para que ele não caia. Seu estômago dá voltas, e ele vomita no chão branco. Para qualquer lugar que olhe, bolhas negras balançam e saltam. A grande enfermeira sisuda o leva de volta à sala de exames, coloca-o na mesa, diz que está tudo bem, pergunta se ele quer alguma coisa.

— Quero meu urso! — ele grita. — Quero meu pai e Cassie. E quero ir para casa!

A dra. Pam aparece ao lado dele. Seus olhos bondosos exibiam um brilho de compreensão. Ela sabia o que o menino estava sentindo e lhe diz como é corajoso, valente e feliz por ter chegado tão longe. Ele foi aprovado no teste final com louvor. É um garoto perfeitamente saudável e está em total segurança. O pior já tinha passado.

— Isso é o que meu pai dizia sempre que alguma coisa ruim acontecia, e sempre as coisas só pioravam — Sammy fala, reprimindo as lágrimas.

Alguém traz um traje de proteção para ele. A roupa o faz lembrar-se de um piloto aviador militar. Tem zíper na frente e o tecido é macio ao toque. As mangas ficavam caindo sobre suas mãos.

— Você sabe por que é tão importante para nós, Sammy? — a dra. Pam pergunta. — Porque você é o futuro. Sem você e todas as outras crianças, não vamos ter uma única chance contra eles. Foi por isso que procuramos você, trouxemos para cá e fizemos todos esses procedimentos. Você sabe de algumas coisas que eles fizeram para nós, e elas foram terríveis. Coisas terríveis e cruéis, mas essa não é a pior parte, isso não foi tudo que fizeram.

— O que mais eles fizeram? — Sammy sussurra.

— Você quer mesmo saber? Eu posso lhe mostrar, mas só se você quiser saber.

Na sala branca, ele tinha acabado de reviver a morte da mãe, sentido o cheiro do sangue que lembrava cobre, visto o pai lavá-lo de suas mãos. Mas, segundo a doutora, essas não foram as piores coisas que os Outros fizeram. Será que ele queria mesmo saber?

— Eu quero saber — ele diz.

A médica ergue o pequeno disco prateado que a enfermeira tinha usado para verificar sua temperatura, o mesmo dispositivo que Parker tinha apertado na testa dele e na de Megan no ônibus.

— Isso não é ura termômetro, Sammy — a dra. Pam revela. — Ele serve para detectar algo, mas não é a temperatura. Ele nos diz quem você é. Ou talvez eu devesse dizer *o que* você é. Conte uma coisa, Sam. Você já viu um deles? Você já viu um alienígena?

O menino faz que não com a cabeça. Tremendo dentro do traje branco. Enrodilhado na pequena mesa de exames. Enjoado, cabeça latejando, fraco devido à fome e à exaustão. Algo dentro dele quer que a mulher pare. Ele quase grita: "Pare! Não quero saber!" mas morde o lábio. Ele não quer saber; ele ***precisa*** saber.

— Sinto muito em lhe dizer que você viu um deles — a dra. Pam fala num tom suave e triste. — Todos vimos. Estivemos esperando por eles desde a Chegada, mas a verdade é que eles estavam aqui, debaixo do nosso nariz, havia muito tempo.

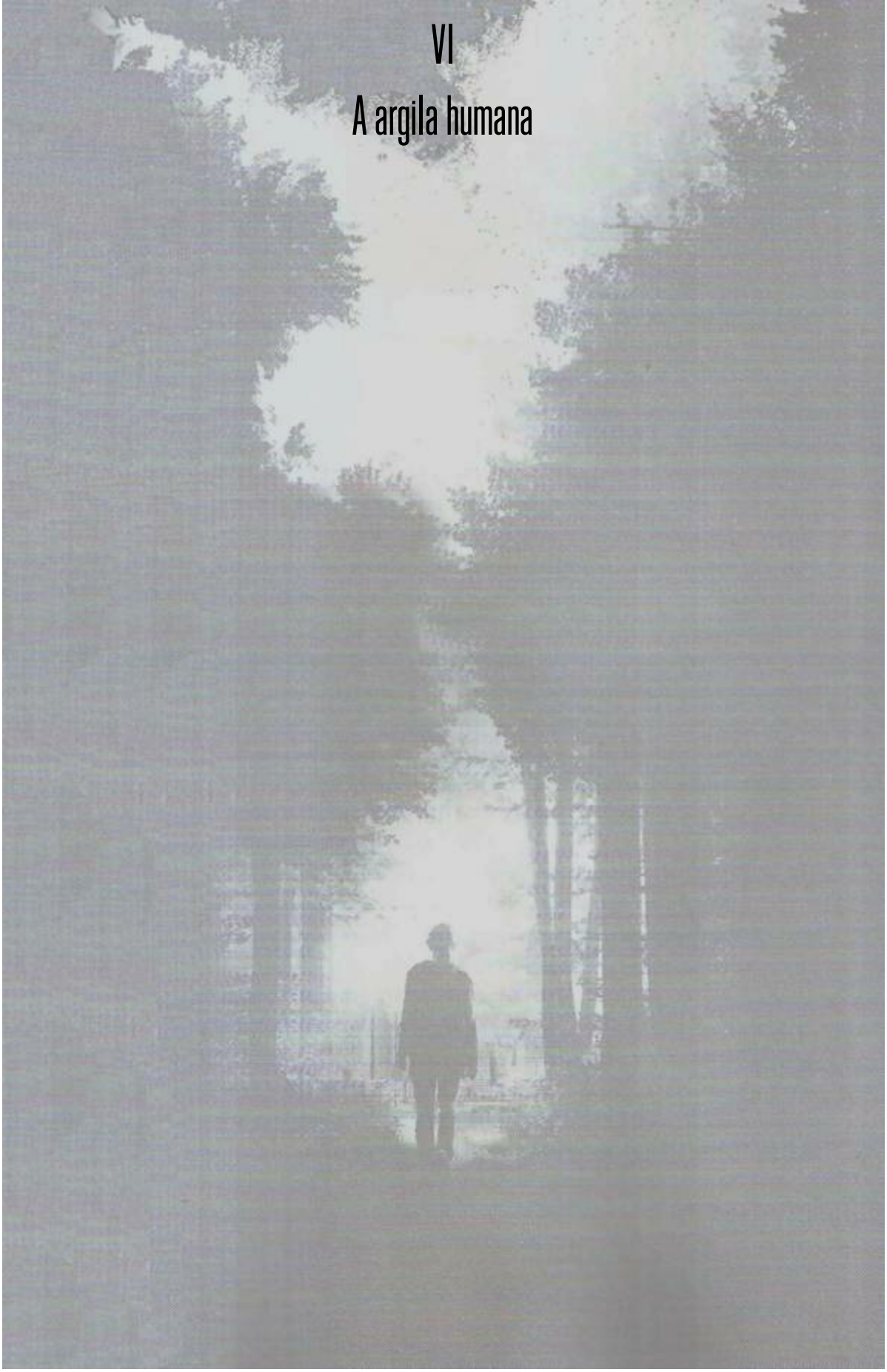
Ele sacode a cabeça repetidas vezes. A dra. Pam está enganada, Ele nunca viu um deles. Durante horas ele escutou o pai especulando sobre a possível aparência deles. Ouviu o pai dizer que talvez nunca se soubesse com o que se pareciam. Eles não tinham enviado mensagens, não realizaram pousos, não mostraram sinais de sua existência além da nave mãe cinza esverdeada no espaço, e dos teleguiados. Como a dra. Pam podia estar dizendo que ele viu um deles?

A mulher estende a mão.

— Se você quiser ver, posso lhe mostrar.

VI

A argila humana



42

Ben Parish está morto.

Não sinto falta dele, Ben era um covarde, um chorão, um bebê. Mas não Zumbi.

Zumbi é tudo que Ben não era. Zumbi é durão. Zumbi é mau. Zumbi é frio como pedra.

Zumbi nasceu na manhã em que deixei a ala de convalescentes. Troquei a camisola fina por uma roupa de proteção azul. Recebi um beliche no Alojamento 10. Recuperei a forma correndo três quarteirões por dia e com um rígido treinamento físico, mas principalmente com a ajuda de Reznik, o instrutor-chefe de treinamento do regimento, o homem que partiu Ben Parish em milhões de pedaços e depois o reconstruiu e transformou na impiedosa máquina mortífera que é hoje.

Não me entendam mal: Reznik é um bastardo cruel, insensível e sádico, e adormeço todas as noites imaginando meios de matá-lo. Desde o primeiro dia, ele assumiu a missão de tornar a minha vida a pior possível, e foi muito bem-sucedido. Fui estapeado, socado, empurrado, chutado e cuspido. Fui ridicularizado, desmoralizado e ouvi gritos que fizeram meus ouvidos tinir. Obrigado a ficar durante horas na chuva fria, escovar o chão de todas os alojamentos com uma escova de dentes, desmontar e remontar meu fuzil até os dedos sangrarem, correr até as pernas se transformarem em gelatina... Vocês entenderam.

Eu, porém, não entendi. Não no início. Estava ele me treinando para ser um soldado ou tentando me matar? Eu tinha quase certeza de que a última hipótese era a correta. Então me dei conta de que eram ambas: ele realmente estava me treinando para ser um soldado — tentando me matar.

Vou lhes dar um exemplo. Um é suficiente.

Exercícios físicos no pátio, todos os esquadrões do regimento, mais de cem grupos de soldados, e Reznik escolhe esse momento para me humilhar publicamente. Assomando sobre mim, as pernas bem separadas, mãos nos joelhos, seu rosto gorducho e bexiguento perto do meu, enquanto eu mergulhava para o chão na flexão número 79.

— Cabo Zumbi, a sua mãe teve algum filho que viveu?

— Senhor! Sim, senhor!

— Aposto que, quando você nasceu, ela deu uma olhada e tentou empurrar você para dentro outra vez!

Pressionando o calcanhar da bota preta no meu traseiro para obrigar- me a abaixar. Meu esquadrão está fazendo flexões apoiado nos nós dos dedos, na trilha de asfalto que cerca o pátio, porque o solo está sólido e congelado, e o asfalto absorve o sangue. Não é possível escorregar muito. Ele quer me fazer falhar porque eu chego a cem flexões. Faço força de encontro ao seu calcanhar. Não vou recomeçar, de jeito nenhum. Não na frente de todo o regimento. Esperando que Reznik vença. Reznik sempre vence.

— Cabo Zumbi, você acha que sou mau?

— Senhor! Não, senhor!

Meus músculos queimam. Os nós dos dedos estão em carne viva. Recuperei um

pouco do peso perdido, mas terei recuperado a alma?

Oitenta e oito. Oitenta e nove. Falta pouco.

— Você me odeia do fundo da alma?

— Senhor! Não, senhor!

Noventa e três. Noventa e quatro. Alguém de outro esquadrão sussurra:

— Quem é esse cara? — E outra pessoa, uma garota, diz:

— O nome dele é Zumbi.

— Você é um matador, cabo Zumbi?

— Senhor! Sim, senhor!

— Você come cérebros de alienígenas no café da manhã?

— Senhor! Sim, senhor!

Noventa e cinco. Noventa e seis. No pátio, o silêncio é fúnebre. Não sou o único recruta que detesta Reznik. Um dia desses, alguém vai pagá- -lo na mesma moeda, é isso que penso, é isso que pesa nos meus ombros, enquanto luto pelo número cem.

— Bobagem! Ouvi dizer que você é um covarde. Que foge da luta.

— Senhor! Não, senhor!

Noventa e sete. Noventa e oito. Mais duas e venci. Escuto a mesma garota, ela deve estar parada nas proximidades, sussurrar:

— Vamos!

Na flexão de número 99, Reznik me empurra para baixo com o calcanhar. Bato o peito com força, rolo a face no asfalto do pátio, e lá estão o rosto inchado e os olhos pequenos e sem vida a 2 centímetros dos meus.

Noventa e nove. Falhei por uma. Aquele maldito.

— Cabo Zumbi, você é uma desgraça para a espécie. Já acabei com caras mais fortes do que você. Você me faz pensar que o inimigo está certo sobre a raça humana. Você deveria ser jogado na lama de um chiqueiro! Ora, o que está esperando, seu saco de vômito? A droga de um convite?

Viro a cabeça para o lado. "Um convite seria bom, obrigado, senhor." Vejo uma garota com aproximadamente a minha idade parada com seu esquadrão, braços cruzados sobre o peito, sacudindo a cabeça para mim. "Pobre Zumbi." Ela não está sorrindo. Olhos e cabelos escuros, pele tão clara que parece brilhar na luz do início da manhã. Tenho a sensação de que a conheço de algum lugar, embora seja a primeira vez que me lembro de vê-la. Há centenas de crianças sendo treinadas para a guerra e outras centenas chegando todos os dias, recebendo trajes de proteção azuis, designadas para os esquadrões, lotando os alojamentos que cercam o pátio. Mas ela tem o tipo de rosto inesquecível.

— Levante-se, seu verme! Levante-se e faça mais cem. Mais cem, ou, por Deus, vou arrancar seus olhos e pendurá-los no meu retrovisor!

Estou completamente exausto. Acho que não tenho forças nem mesmo para mais uma.

Reznik não dá a mínima para o que eu penso. Esse foi outro detalhe que demorei a compreender. Eles não só não se importam com o que penso: eles não *querem* que eu pense.

O rosto dele está tão próximo ao meu que posso sentir seu hálito. Cheiro de hortelã.

— O que foi, meu doce? Está cansado? Quer tirar um cochilinho?

Será que ainda há uma flexão dentro de mim? Se eu conseguir fazer pelo menos mais uma, não vou me sentir um fracasso total. Pressiono a testa de encontro ao asfalto e fecho os olhos, Existe um lugar a que vou, um espaço que encontrei dentro de mim depois que o comandante Vosch me mostrou o campo de batalha final, um centro de total silêncio que não é afetado pela fadiga, ou pela desesperança, ou pela raiva, ou por qualquer coisa criada com a chegada do Grande Olho Verde no Céu, Nesse lugar, não tenho nome. Não sou Ben, nem Zumbi, apenas sou. Inteiro, intocável, intacto. A última pessoa viva 110 universo que contém todo 0 potencial humano, incluindo 0 potencial de dar ao maior idiota da Terra somente mais uma flexão.

E é o que faço.

43

Não que eu tenha algo especial.

Reznik era um sádico que aplicava o princípio da igualdade. Ele tratava os outros seis recrutas do Esquadrão 53 com o mesmo desrespeito selvagem. Flintstone, da mesma idade que eu, com a grande cabeça e sobrancelhas cabeludas que se juntavam no centro; Tank, o garoto de fazenda magrinho e de pavio curto; Dumbo, o menino de 12 anos com orelhas grandes e sorriso fácil que desapareceu rapidamente na primeira semana de ensinamentos básicos; Pão de Ló, o de 9 anos que nunca fala, mas que é, de longe, o melhor; Oompa, o gorducho com dentes tortos que é o último em todos os exercícios, mas o primeiro na fila da comida; e, finalmente, o mais novo, Teacup, a garota de 7 anos mais malvada que já conheci, a mais entusiasmada de todos, que idolatra o chão em que Reznik pisa, não importa o quanto ele grite ou lhe dê pontapés.

Não sei seus verdadeiros nomes. Não conversamos sobre o que éramos antes, ou como chegamos ao campo, ou o que aconteceu a nossas famílias. Nada disso importa. Como Ben Parish, esses sujeitos — o pré-Flintstone, o pré-Tank, o pré-Dumbo etc. — estão mortos. Rotulados, ensacados e avisados de que éramos a última e melhor esperança da humanidade, que somos o vinho novo derramado em cálices velhos. Éramos unidos pelo ódio. Ódio pelos infestados e seus chefes alienígenas, claro, mas também nosso ódio violento, inflexível e autêntico pelo sargento Reznik, nossa fúria intensificada pelo fato de que nunca podíamos expressá-la.

E, então, o garoto chamado Nugget foi designado para o Alojamento 10, e um de nós, como um idiota, não conseguiu se calar mais, e toda a fúria represada explodiu.

Vou deixar você adivinhar quem foi o idiota.

Não acreditei quando aquele garoto apareceu na hora da chamada. Tinha 5 anos, no máximo, perdido em seu traje de proteção branco, tremendo na manhã fria do pátio, dando a impressão de que estava enjoado, obviamente completamente apavorado. E lá vem Reznik com o quepe puxado por cima dos olhos redondos e as botas lustrosas como um espelho, a voz perpetuamente rouca de gritar, empurrando a cara pastosa e bexiguenta no rosto do pobre menino. Não sei como o rapazinho conseguiu evitar não

sujar as calças.

Reznik sempre começa devagar *e,* num crescendo, chega a um grande final, para melhor enganá-lo e fazê-lo pensar que ele realmente pode ser um verdadeiro ser humano.

— Ora, o que temos aqui? O que eles nos mandaram do elenco central. Isso é um *hobbit*? Você é uma criatura mágica de um reino da fantasia que veio me encantar com sua magia negra?

Reznik estava apenas se aquecendo, e o garoto já estava lutando contra as lágrimas, Recém-saído do ônibus depois de passar por Deus-sabe-o-que no mundo exterior, e lá está aquele homem louco de meia-idade deitando as garras sobre ele. Perguntei-me como ele estaria enxergando Reznik, ou toda essa loucura que eles chamavam de Campo Abrigo, Eu ainda estou tentando lidar com a situação e tenho muito mais que 5 anos.

— Ah, isso é uma gracinha. Isso é tão lindo que acho que vou chorar] Meu Deus, mergulhei *nuggets* de frango maiores do que você no meu molho sabor *barbecue*!

Aumentando o volume da voz, à medida que aproximava o rosto do da criança, e o garoto aguentando com surpreendente valentia, encolhendo-se, olhando de um lado a outro rapidamente, mas não se movendo um centímetro sequer, quando eu sabia que ele gostaria de disparar pátio afora, correndo até não aguentar mais correr.

— Qual é a sua história, cabo Nugget? Você perdeu a mamãezinha? Você quer ir para casa? *Já sei!* Vamos fechar os olhos e fazer um pedido, e quem sabe a mamãe vai vir e levar todos nós para casa! Isso não seria legal, cabo Nugget?

E o garoto assentiu, ansioso, como se Reznik tivesse feito a pergunta que ele esperava ouvir. Finalmente, alguém o tinha entendido! Erguendo os imensos olhos de urso de pelúcia para os olhos redondos do sargento... era o bastante para partir seu coração. Era o suficiente para fazer você gritar.

Mas você não grita. Você fica perfeitamente imóvel, olha para a frente, mantém as mãos ao lado do corpo, peito estufado, coração em pedaços, observando com o canto do olho, enquanto outra coisa se solta dentro de você, desenrolando-se como uma cascavel pronta para atacar. Alguma coisa que você vem segurando por muito tempo, enquanto a pressão aumentava. Você não sabe quando o dique vai romper, não pode prever quando vai acontecer, e, quando acontece, não há nada que possa fazer para impedir.

— Deixe-o em paz.

Reznik virou-se como um raio. Ninguém emitiu um som, mas podia- se ouvir as pessoas reprimindo o espanto. Do outro lado da fila, Flintstone estava de olhos arregalados: ele não conseguia acreditar no que eu tinha acabado de fazer. Tampouco eu.

— Quem disse isso? Qual de vocês, verme comedor de lixo, acabou de assinar a própria sentença de morte?

Caminhando ao longo da fila, o rosto rubro de fúria, mãos fechadas, nós dos dedos brancos.

— Ninguém, hein? Bem, vou cair de joelhos e cobrir a cabeça, pois o Senhor Deus em pessoa falou comigo dos céus!

Ele parou na frente de Tank, que estava transpirando no traje de proteção, embora a temperatura exterior não chegasse a 5 graus.

— Foi você, seu excremento? Vou arrancar-lhe os braços! — O soldado deu impulso com o punho para golpear Tank na virilha.

Foi a deixa para o idiota.

— Senhor, fui eu, senhor! — gritei.

Os movimentos de Reznik foram lentos dessa vez. O trajeto até onde eu me encontrava levou mil anos. Na distância, o grasnado rouco de um corvo. Mas foi o único som que ouvi.

Ele parou exatamente no meu campo de visão, não diretamente diante de mim, e isso não era bom. Eu não podia me virar em sua direção. Eu precisava manter o olhar para a frente. O pior de tudo era o fato de eu não conseguir ver as mãos dele. Não poderia saber quando, ou onde, o golpe iria aterrissar, o que significava que não poderia saber quando me preparar para ele.

— Então agora o cabo Zumbi está dando ordens — Reznik falou, tão baixo que mal pude ouvi-lo. — O cabo Zumbi é o próprio apanhador na droga do campo de centeio do Esquadrão 53. Cabo Zumbi, acho que estou apaixonado por você. Você faz meus joelhos ficarem bambos. Você me faz odiar minha própria mãe por ter dado à luz um menino, pois agora é impossível para mim ter bebês seus.

Onde seria o golpe? Nos joelhos? Na virilha? Provavelmente no estômago. Reznik tinha um fraco por estômagos.

Nada disso. Foi um golpe no pomo de adão com a lateral da mão. Cambaleei para trás, lutando para me manter ereto, lutando para manter as mãos ao lado do corpo, não querendo lhe dar a satisfação, não querendo lhe dar uma desculpa para me atingir outra vez. O pátio e os alojamentos retiniram, depois sacudiram e fundiram-se um pouco, quando meus olhos se encheram de lágrimas — de dor, é claro, mas de algo mais, também.

— Senhor, ele é só uma criancinha, senhor — falei com dificuldade.

— Cabo Zumbi, você tem dois segundos, exatamente dois segundos, para calar esse cano de esgoto que chama de boca, ou vou incinerar o seu traseiro com o resto dos alienígenas infestados filhos da mãe!

O soldado respirou fundo, preparando-se para a próxima torrente verbal. Totalmente enlouquecido, abri a boca e deixei as palavras saírem. Vou ser honesto: parte de mim estava tomada de alívio e de algo que se parecia muito com alegria. Eu tinha represado o ódio dentro de mim por muito tempo.

— Então o chefe do treinamento deve fazer isso, senhor! O cabo realmente não se importa, senhor! Só... só deixe o menino em paz!

Silêncio total. Até mesmo o corvo parou de grasnar. O restante do esquadrão tinha parado de respirar. Todos ouvimos a história sobre o recruta insolente e o "acidente" na pista de obstáculos que o pôs no hospital por três semanas. E a outra história sobre o calado garoto de 10 anos que encontraram nos chuveiros pendurado a um fio elétrico. Suicídio, tinha dito o médico. Muita gente não tinha tanta certeza.

Reznik não se moveu.

— Cabo Zumbi, quem é o líder de seu esquadrão?

— Senhor, o cabo líder do esquadrão é o cabo Flintstone, senhor!

— Cabo Flintstone, para a frente, aqui no centro! — Reznik berrou. Flint deu um passo a frente e bateu continência. A sua sobrancelha em linha reta tremia de tensão.

— Cabo Flintstone, está demitido. Cabo Zumbi agora é o líder do esquadrão. O cabo Zumbi é ignorante e feio, mas não é molenga, — Senti o olhar de Reznik sondando meu rosto. — Cabo Zumbi, o que aconteceu com a sua irmãzinha?

Pisquei. Duas vezes. Tentei não demonstrar nenhuma reação. Contudo, minha voz fraquejou um pouco quando respondi.

— Senhor, a irmã do cabo está morta, senhor!

— Porque você correu feito um mancas!

— Senhor, o cabo correu feito uni maricas!

— Mas você não está correndo agora, não é, cabo Zumbi? Não é?

— Senhor, não, senhor!

O soldado recuou. Algo passou rapidamente em seu rosto. Uma expressão que eu nunca tinha visto. É claro que não podia ser, mas parecia muito com respeito.

— Cabo Nugget, para a frente, aqui no centro!

O novato não se moveu até que Pão de Ló lhe deu um cutucão nas costas. Ele estava chorando. Ele não queria, estava tentando segurar as lágrimas, mas, querido Jesus, que criancinha não iria chorar àquela altura dos acontecimentos? Sua velha vida vomita você para o mundo, e é ali que você vai parar?

— Cabo Nugget, cabo Zumbi é o líder de sua esquadra, e você vai ocupar o mesmo dormitório. Você vai aprender com ele. Ele vai lhe ensinar a andar, a falar, a pensar. Ele vai ser o irmão mais velho que você nunca teve. Você me entendeu, cabo Nugget?

— Senhor, sim, senhor! — A voz era pequena, aguda e esganiçada, mas ele entendeu as regras, e bem depressa.

E foi assim que começou.

44

Aqui está um típico dia na atípica nova realidade do Campo Abrigo.

5 horas: Toque de alvorada e higiene matinal.

5h10: Entrar em forma. Reznik inspeciona o alojamento. Encontra uma dobra no lençol de alguém. Grita durante 20 minutos. Escolhe outro recruta a esmo e grita por outros vinte sem motivo real. Depois, três voltas no pátio congelando nossos traseiros, eu estimulando Oompa e Nugget para acompanharem o ritmo ou eu vou ter que correr outra volta por ser o último homem a chegar. O solo congelado sob nossas botas. Nossa respiração virando gelo no ar. As colunas gêmeas de fumaça negra da central elétrica erguendo-se além do campo de aviação e o ronco dos ônibus passando pelo portão principal.

6h30: Café da manhã no refeitório lotado que cheira levemente a leite azedo, lembrando-me da peste e do fato de que houve uma época em que eu pensava apenas em três coisas: carros, futebol e garotas, nessa ordem. Ajudo Nugget com a bandeja, dizendo-lhe que coma porque, se não comer, os exercícios no campo vão matá-lo. Essas são

exatamente as minhas palavras, “Os exercícios vão matá-lo.” Tank e Flintstone riem por eu estar bancando a mãe de Nugget. Já estão me chamando de a babá de Nugget. Que se danem. Depois da refeição, verificamos o quadro dos líderes. Todas as manhãs os pontos do dia anterior são anotados em um grande quadro do lado de fora do refeitório. Pontos para pontaria no tiro ao alvo; pontos por melhores tempos em corrida de obstáculos, exercícios de defesa antiaérea, corridas de três quilômetros. Os quatro primeiros esquadrões vão se formar no fim de novembro, e a disputa é acirrada. Nosso esquadrão tem se mantido em décimo lugar há semanas. Décimo não é um mau resultado, mas não é bom o suficiente.

7h30: Treino. Armas, luta corpo a corpo, sobrevivência básica na selva, sobrevivência básica urbana, reconhecimento, comunicações. O meu preferido é o treino de sobrevivência. Aquela sessão memorável em que tivemos que beber a própria urina.

12 horas: Almoço. Um tipo estranho de carne entre pedaços de pão duro. Dumbo, cujas piadas são tão sem graça quanto suas orelhas são grandes, diz que não estamos incinerando os corpos dos infestados mas, sim, triturando-os para alimentar as tropas. Tenho que afastar Teacup antes de ela esmagar a cabeça dele com a bandeja. Nugget olha para seu hambúrguer como se ele pudesse pular e morder seu rosto. Obrigada, Dumbo. O garoto já *é* magro o suficiente sem sua ajuda.

13 horas: Mais treino. Principalmente no campo de tiro. Nugget usa um graveto como rifle e atira em alvos imaginários enquanto atiramos em verdadeiros alvos de madeira em tamanho real. Os disparos dos M16s. Os sons da madeira sendo perfurada. Pão de Ló consegue a pontuação máxima; sou o pior atirador do esquadrão. Finjo que Reznik é o alvo, esperando que isso possa ajudar minha mira. Não funciona.

17 horas: Jantar. Carne enlatada, ervilhas enlatadas, frutas enlatadas. Nugget afasta sua comida e começa a chorar. O esquadrão todo me encara. Nugget *é* minha responsabilidade. Se Reznik nos apanha por conduta inadequada será um inferno para pagar, e a conta será minha. Flexões extras, ração reduzida; poderia até nos tirar alguns pontos. Nada importa mais do que passar pelo treinamento com pontos suficientes para poder se formar, sair do campo e nos livrar de Reznik. Do outro lado da mesa Flintstone me encara por baixo de suas sobrancelhas tão unidas que parecem uma só. Ele está irritado com Nugget, mas ainda mais irritado comigo, por ter tirado seu posto. Não que eu tenha pedido para ser o líder do esquadrão. Ele veio até mim depois daquele dia resmungando “Eu não ligo pra o que você é agora, eu serei sargento quando nos formarmos” Então respondi: “Mais poder pra você, Flint”. A ideia de eu comandar uma unidade em combate é ridícula. Por enquanto, nada do que digo acalma Nugget. Ele continua falando de sua irmã, de como ela prometeu encontrá-lo. Imagino porque o comandante colocaria em nosso esquadrão uma criança que nem mesmo consegue levantar um rifle. Se o País das Maravilhas seleciona os melhores combatentes, qual será o perfil desse garoto?

18 horas: Exercícios com SD (Solução de dúvidas) nos alojamentos. Minha parte preferida do dia, onde consigo passar algum tempo de qualidade com a pessoa de quem mais gosto em todo o mundo. Depois de nos informar o monte de pilhas de fezes de rato ressecadas que somos, Reznik abre espaço para perguntas e preocupações.

A maioria das perguntas tem a ver com a competição. Normas, procedimentos em caso de empate, boatos sobre este ou aquele esquadrão estar roubando.

Só conseguimos pensar em nos graduar. A graduação é um grande acontecimento, uma verdadeira batalha. Uma chance de mostrar aos que morreram que não estamos aqui em vão.

Outros assuntos: a situação da operação de resgate e classificação (nome-código Lá Vem o Pato; estou falando sério). Notícias do mundo exterior? Quando iremos ficar no *bunker* subterrâneo em tempo integral, porque obviamente o inimigo pode ver o que estamos fazendo aqui, e é só uma questão de tempo para que ele nos faça desaparecer. Para essa pergunta, recebemos a resposta padrão: o comandante Vosch sabe o que está fazendo. Preocupar-se com estratégia e logística não é nossa função. Nossa função é matar o inimigo.

20h30: Tempo livre. Livre de Reznik, pelo menos. Lavamos nossos trajes de proteção, engraxamos as botas, esfregamos os alojamentos e os banheiros, limpamos os fuzis, trocamos revistas pornográficas e negociamos outros artigos de contrabando, como balas e gomas de mascar. Jogamos cartas, provocamos um ao outro e nos queixamos de Reznik. Contamos os boatos do dia e piadas ruins, e lutamos contra o silêncio que existe em nossas cabeças, o lugar em que o riso sem voz interminável surge como o ar superaquecido que emana do fluxo da lava de um vulcão. Inevitavelmente, uma discussão começa e termina a tempo de evitar uma troca de socos. A situação está nos desgastando. Sabemos demais. Não sabemos o suficiente. Por que nosso regimento é composto inteiramente de crianças, onde ninguém tem mais de 18 anos? O que aconteceu com todos os adultos? Estarão eles sendo levados para outro local e, se for esse o caso, onde e por quê? Teria sido aquela a última onda, ou haveria outra, uma quinta, que faria as quatro primeiras parecerem brincadeira de criança? Pensar em uma quinta onda encerra a conversa.

21h30: Apagam-se as luzes. Hora de ficar deitado acordado e pensar em uma forma totalmente nova e criativa para aborrecer o sargento Reznik. Depois de algum tempo, canso-me disso e penso nas garotas que namorei, classificando-as em diversas ordens. A mais gostosa; a mais esperta; a mais engraçada; as loiras; as morenas; a que ponto chegamos na troca de carinhos. Elas começam a se misturar, formando uma só, a Garota Que Não Existe Mais, e, aos olhos dela, Ben Parish, deus do colegial, revive. Do esconderijo debaixo do beliche, tiro o medalhão de Sissy e aperto de encontro ao coração. Chega de culpa. Chega de sofrimento. Vou trocar a autopiedade pelo ódio. Minha culpa por esperteza. Minha dor pelo espírito de vingança.

— Zumbi? — E Nugget no beliche ao meu lado.

— Nada de conversas depois que apagam as luzes — sussurro para ele.

— Não consigo dormir.

— Feche os olhos e pense em alguma coisa legal.

— A gente pode rezar? É contra as regras?

— Claro que pode, mas não em voz alta.

Posso ouvi-lo respirar, o estalar da estrutura de metal, enquanto ele se remexe no beliche.

— Cassie sempre diz a oração comigo — ele confessa.

— Quem é Cassie?

— Eu falei para você.

— Eu esqueci.

— Cassie é minha irmã. Ela vem me buscar.

— Ah, claro. — Eu não digo que, se ela não veio até agora, provavelmente está morta. Não cabe a mim partir seu coração. Essa é uma função do tempo.

— Ela prometeu. Prometeu.

Um minúsculo soluço prenunciando o choro. Ótimo. Ninguém sabe ao certo, mas aceitamos como fato verdadeiro que os alojamentos têm escutas, que Reznik nos espia a cada segundo, esperando que quebremos uma das regras para que ele possa nos punir. Violar a regra de não conversar depois que as luzes se apagam vai nos conseguir uma semana de trabalho na cozinha.

— Ei, tudo bem, Nugget...

Estendendo a mão para consolá-lo, encontrando o alto da cabeça recém-raspada, correndo as pontas dos dedos sobre seu crânio, Sissy gostava que eu lhe acariciasse a cabeça quando estava triste. Talvez Nugget também gostasse.

— Ei, faça isso em outro lugar! — Flintstone fala baixinho.

— É — Tank reforçou. — Você quer que a gente leve uma dura, Zumbi?

— Venha aqui — sussurro para Nugget, inclinando-me e dando tapinhas no colchão. — Vou fazer a oração com você, e, então, você vai dormir, certo?

O colchão abaixa com o peso adicional. Oh, Deus, o que estou fazendo? Se Reznik aparecer para uma inspeção surpresa, vou descascar batatas durante um mês. Nugget deita-se de lado olhando para mim, e seus punhos roçam meu braço quando ele os ergue junto ao queixo.

— Que oração ela faz com você? — pergunto.

— "Agora me deito para dormir" — ele sussurra.

— Ei, alguém quer pôr um travesseiro na cara desse Nugget? — Dumbo fala de seu beliche.

Posso ver a luz ambiente iluminando seus grandes olhos castanhos. O medalhão de Sissy apertado no meu peito e os olhos de Nugget, cintilando no escuro como dois faróis gêmeos. Orações e promessas. Uma, feita pela irmã ao menino. Outra, não dita, que fiz para a minha irmã. Orações também são promessas, e esses são tempos de promessas quebradas. De repente, quero socar a parede.

— Agora me deito para dormir, rezo a Deus para guardar a minha alma...

Ele me acompanha no próximo trecho.

— Quando de manhã eu acordar, me ensine o caminho do amor a tomar...

Os sibilos e os "ssshh" aumentam. Alguém joga um travesseiro em nós, mas continuamos a rezar.

— Agora me deito para dormir, rezo a Deus para guardar a minha alma. Seus anjos cuidam de mim durante a noite, e me mantêm em segurança até o dia amanhecer...

Em *anjos cuidam de mim,* os sibilos e "ssshh" param, Um profundo silêncio cobre o alojamento.

Nossas vozes desaceleram no último trecho, como se relutássemos em terminar, pois, do outro lado da oração, está o vazio de outra noite de sono exausto e depois outro dia esperando pelo último dia: o dia em que iremos morrer. Até Teacup sabe que provavelmente não vai viver para comemorar o oitavo aniversário. Mas vamos nos levantar e enfrentar 17 horas de inferno, afinal. Porque vamos morrer, mas pelo menos vamos morrer inteiros.

— E se eu morrer antes de acordar, rogo ao Senhor que acolha a minha alma.

45

Na manhã seguinte, estou no escritório de Reznik com um pedido especial. Sei qual vai ser a resposta dele, mas, mesmo assim, vou pedir.

— Senhor, o líder do esquadrão pede que o instrutor-chefe de treinamento conceda ao cabo Nugget uma dispensa especial dos exercícios desta manhã.

— O cabo Nugget é membro deste esquadrão — Reznik me lembra. — E como membro deste esquadrão, espera-se que ele desempenhe todas as tarefas designadas pelo Comando Central. Todas as tarefas, cabo.

— Senhor, o líder do esquadrão pede que o instrutor-chefe de treinamento reconsidere sua decisão com base na idade do cabo Nugget e...

Reznik rejeita o argumento com um aceno de mão.

— O garoto não caiu das malditas nuvens, cabo. Se ele não tivesse passado pelas preliminares, não teria sido designado para o seu esquadrão. Mas o fato é que *ele foi aprovado* nas preliminares, ele *foi* designado para o seu esquadrão e ele *vai* desempenhar todas as tarefas do seu esquadrão, conforme decidido pelo Comando Central, inclusive P&R. Estamos entendidos, cabo?

Bem, Nugget, eu tentei.

— O que é P&R? — Nugget pergunta.

— Processamento e remoção — respondo, desviando o olhar.

Na nossa frente, Dumbo geme e empurra a bandeja.

— Ótimo. A única forma de chegar ao fim do café da manhã é não pensar no assunto!

— Aguente a pressão, cara — diz Tank, pedindo aprovação de Flintstone com um olhar. São muito chegados esses dois.

No dia que Reznik me designou para a função, Tank me disse que ele não se importava com quem era o líder do esquadrão, pois só daria ouvidos a Flint. Dei de ombros. A decisão era dele. Quando nos formássemos, se realmente nos formássemos, um de nós seria promovido a sargento, e eu sabia que esse alguém não seria eu.

— A dra. Pam lhe mostrou um infestado, ou seja, um Ted? — pergunto a Nugget. Ele assente. Por sua expressão, sei que não é uma lembrança agradável. — Você apertou o botão. — Outro aceno positivo de cabeça. Mais lento do que o primeiro. — O que você acha que acontece com a pessoa do outro lado do espelho depois disso?

— Ela morre — Nugget sussurra.

— E as pessoas doentes que trazem de fora, as que não sobrevivem depois que chegam aqui, o que você acha que acontece com elas?

— Ah, Zumbi, vamos lá, conte de uma vez! — Oompa fala.

Ele também empurrou a comida para longe. Para ele, a primeira vez. Oompa é o único do esquadrão que sempre volta para se servir de uma segunda porção. Para usar palavras bem-educadas, a comida do campo é uma droga.

— Isso não é uma coisa que a gente goste de fazer, mas tem que ser feito — digo, minha voz ecoando por toda a fila. — Porque isso é uma guerra, sabia? Uma guerra.

Olho para a mesa em busca de apoio. O único que faz contato visual comigo é Teacup, que está sacudindo a cabeça, feliz.

— Guerra — ela repete. Feliz.

Fora do refeitório e do outro lado do pátio, onde vários esquadrões estão fazendo exercícios sob o olhar vigilante dos sargentos responsáveis, Nugget corre ao meu lado. O cachorrinho de Zumbi, como o esquadrão o chama pelas costas. Passando entre os alojamentos 3 e 4 até a estrada que leva à central de energia elétrica e os hangares de processamento. O dia está frio e nublado; parece que vai nevar. A distância, o som de um Falcão Negro decolando e o forte *rá-tá-tá* dos tiros de armas automáticas. Diretamente a nossa frente, as torres gêmeas da central de energia expelindo fumaça negra e cinza. A fumaça cinza desaparece nas nuvens. A negra paira no ar.

Uma grande barraca branca foi montada do lado de fora do hangar. O andaime cercado de faixas com avisos sobre perigo de contaminação por agentes biológicos em vermelho e branco. Ali nos apresentamos para o processamento. Quando estou vestido, ajudo Nugget com o traje laranja, as botas, as luvas de borracha, a máscara e o capacete. Eu o instruo para nunca, de modo algum, tirar qualquer peça do traje dentro do hangar, sob quaisquer circunstâncias. Ele deve pedir permissão antes de manusear qualquer objeto e, se tiver que sair do edifício por algum motivo, deve se descontaminar e passar pela inspeção antes de entrar de novo.

— É só ficar comigo — digo a ele. — Vai dar tudo certo.

O garoto assente com um gesto, e o capacete balança para a frente e para trás, o visor batendo em sua testa. Ele está tentando se manter forte, mas não está tendo muito êxito.

— Eles são só pessoas, Nugget — digo, então. — Só pessoas.

Dentro do hangar de processamento, os corpos das só-pessoas são separados, as infectadas das limpas, ou, como as chamamos, as Ted das não Ted. Teds têm as testas marcadas com brilhantes círculos verdes, mas raramente é preciso olhar. Os Teds são sempre corpos frescos.

Eles foram colocados de encontro à parede dos fundos, esperando a vez de serem estendidos nas longas mesas de metal distribuídas ao longo do hangar. Os corpos encontram-se em vários estágios de decomposição, Alguns há alguns meses. Outros parecem frescos o bastante para se sentar e dar um aceno.

São necessários três esquadrões para realizar a tarefa. Um esquadrão leva os corpos em carrinhos para as mesas de metal. Outro faz a classificação. Um terceiro leva os corpos processados para a frente e empilha-os para serem apanhados. Os esquadrões se revezam

para quebrar a monotonia.

O processamento é a função mais interessante, e onde o nosso esquadrão começa a trabalhar. Recomendo a Nugget que não toque em nada, apenas observe o que faço para aprender.

Esvaziar os bolsos. Separar o conteúdo. Lixo vai para uma lata, eletrônicos para outra, metais preciosos para uma terceira, todos os outros tipos de metal para uma quarta. Carteiras, bolsas, papel, dinheiro: tudo lixo. Alguns esquadrões não conseguem evitar, pois alguns hábitos são difíceis de perder, e andam pelo campo com maços de inúteis notas de 100 dólares enfiados nos bolsos.

Fotografias, RGs, qualquer pequena lembrança que não seja feita de cerâmica: lixo. Quase sem exceção, do mais velho ao mais jovem, os bolsos dos mortos estão repletos até o fundo com objetos muito estranhos cujo valor apenas os donos poderiam avaliar.

Nugget não profere palavra. Ele me observa trabalhar ao longo da fileira e fica ao meu lado, enquanto passo a outro corpo. O hangar é ventilado, mas o cheiro é esmagador. Como qualquer cheiro onipresente, ou melhor, qualquer coisa onipresente, nós nos acostumamos e logo não o sentimos.

O mesmo se aplica aos outros sentidos. E à sua alma. Depois de ter visto 500 bebês, como ficar chocado, enjoado ou experimentar qualquer outro sentimento?

Ao meu lado, Nugget está em silêncio, assistindo.

— Fale se você ficar enjoado — falo para ele, sério, — É horrível vomitar dentro da roupa.

Os alto-falantes instalados no alto criam vida, e o som começa. A maioria dos caras prefere *rap,* enquanto fazem o processamento. Eu gosto de misturá-lo com um pouco de *heavy metal* e alguma música popular. Nugget quer algo para fazer, então peço que leve as roupas velhas para as latas da lavanderia. Elas serão incineradas com os cadáveres processados mais tarde, à noite. Eles são descartados ao lado, no incinerador da central de energia. Eles dizem que a fumaça negra é gerada pelo carvão, e a cinza, pelos corpos. Não sei se isso é verdade.

Esse é o mais difícil processamento que já fiz. Tenho Nugget, meus corpos para processar e o resto do esquadrão para vigiar, porque não há sargentos ou qualquer adulto no hangar de processamento, exceto os mortos. Apenas garotos, e, às vezes, é como estar numa escola quando o professor é subitamente chamado para fora da saía. As coisas podem ficar tumultuadas.

Há pouca interação entre os esquadrões fora do P&D. A competição pelas posições mais altas no quadro de liderança é intensa demais, e não há nada de amistoso na rivalidade.

Então, quando vejo a garota de cabelos escuros, pele clara, levando cadáveres no carrinho da mesa de Pão de Ló para a área de descarte. Não vou até ela para me apresentar, não agarro um dos membros da equipe dela para saber o seu nome. Eu só a observo, enquanto enterro meus dedos nos bolsos dos mortos. Ela deve ser a líder do esquadrão, pois noto que está orientando o tráfego em direção à porta. No intervalo do meio da manhã, empurro Pão de Ló para o lado. Ele é um garoto doce, quieto, mas não de um jeito esquisito. Dumbo defende a teoria de que um dia a rolha vai escapar, e Pão de Ló

não vai parar de falar durante uma semana.

— Você conhece essa garota do esquadrão 19 que trabalha na sua mesa?

— pergunto. Ele assente. — Sabe alguma coisa sobre ela? — O garoto sacode a cabeça. — Por que estou lhe perguntando isso, Pão de Ló? — Ele dá de ombros. — Certo — digo. — Mas não conte para ninguém que eu perguntei.

Depois da quarta hora na fila, Nugget não está muito firme nos pés. Ele precisa de uma pausa, portanto levo-o para fora durante alguns minutos, onde nos sentamos encostados à porta do hangar e observamos a fumaça negra e cinza formando espirais sob as nuvens.

Nugget arranca o capacete e encosta a cabeça na porta fria de metal, o seu rosto redondo brilhando de suor.

— São só pessoas — falo outra vez, basicamente porque não sei o que mais posso dizer, — Eica mais fácil — continuo. — A cada dia, você se sente um pouco menos pior. Até que seja, não sei... como arrumar a cama ou escovar os dentes.

Estou muito tenso, imaginando que ele vá perder o controle. Chorar, Correr. Explodir. Alguma coisa. Mas há somente aquele olhar vazio e distante, e subitamente sou eu quem fica prestes a explodir. Não com ele. Ou com Reznik por me obrigar a trazê-lo. Com eles. Os bastardos que fizeram isso conosco. Esqueço a minha vida, sei que isso acaba. Mas, e quanto à de Nugget? Cinco míseros anos de idade, e o que o espera no futuro? E por que diabos o comandante Vosch o designou para uma unidade de combate? Seriamente, ele nem ao menos consegue erguer um fuzil. Talvez a ideia seja pegá-los jovens, treiná-los da estaca zero. Assim, quando ele atingir a minha idade, não teremos um simples assassino, mas um matador frio e insensível. Um matador com nitrogênio no lugar do sangue.

Escuto a voz do garoto antes de sentir a mão do garoto em meu braço.

— Zumbi, você está bem?

— Claro, estou bem. — Essa é uma estranha reviravolta nos acontecimentos: o menino preocupado comigo.

Uma grande carreta para diante da porta do hangar, e o Esquadrão 17 começa a carregar corpos, jogando-os no caminhão, como estivadores levantando sacos de grãos. Lá está a garota de cabelos escuros de novo, esforçando-se 11a parte dianteira para empurrar um cadáver muito gordo. Ela olha em nossa direção antes de voltar para o interior, para buscar outro corpo. Ótimo. Provavelmente vai nos delatar a fim de tirar alguns pontos da nossa contagem.

— Cassie disse que não importa o que eles façam — Nugget conta. — Eles não podem matar todos nós.

— Por que não? — Porque, garoto, eu realmente, realmente não sei.

— Porque é muito difícil matar a gente. Nós somos invist... invenstr... invin...

— Invencíveis?

— Isso mesmo! — Com um tapinha tranquilizador no meu braço. — Invencíveis.

Fumaça negra, fumaça cinza. O frio cortando nossas faces, e o calor de nossos corpos preso no interior das roupas. Zumbi e Nugget, e as nuvens pairando sobre nós. E, escondida acima delas, a nave mãe que gerou a fumaça cinza e, de certa forma, a nós. Nós

também.

46

Agora, todas as noites Nugget se esgueira para o meu beliche depois que as luzes se apagam para fazer sua oração. Deixo que fique até adormecer. Depois o levo ao seu beliche. Tank ameaça me delatar, geralmente quando lhe dou uma ordem que lhe desagrada. Mas ele não cumpre a ameaça. Acho que, secretamente, ele espera pela hora da oração.

Surpreende-me a rapidez com que Nugget se adaptou à vida no campo. Mas as crianças são assim. Elas conseguem se acostumar a praticamente qualquer coisa. Ele não consegue erguer o fuzil até o ombro, mas faz lodo o resto e, às vezes, melhor do que as crianças mais velhas. Ele é mais rápido do que Oompa na corrida de obstáculos e aprende mais depressa do que Flintstone. Teacup é um membro do esquadrão que não o suporta. Acho que é ciúme: antes da chegada do menino, ela era o bebê da família.

Nugget teve uma pequena crise durante seu primeiro exercício de defesa aérea. Como todos nós na primeira vez que fizemos o exercício, o menino não tinha ideia de que iria ocorrer, mas, ao contrário de nós, ele não tinha ideia do que estava acontecendo.

O exercício acontece uma vez por mês e sempre no meio da noite. As sirenes tocam muito alto, e você pode sentir o chão tremer sob os pés descalços, enquanto tropeça pelo alojamento no escuro, vestindo apressadamente o traje de proteção, calçando as botas, agarrando sua M16 e disparando prédio afora. Ao mesmo tempo em que todos os alojamentos se esvaziam, centenas de recrutas surgem no pátio e correm na direção dos túneis de acesso que levam ao subsolo.

Eu cheguei alguns minutos depois do esquadrão porque Nugget estava gritando a plenos pulmões e me agarrando como um macaco colado à mãe, imaginando que, a qualquer minuto, as naves de guerra alienígenas iriam começar a lançar seus mísseis. .

Gritei com o menino para que se acalmasse e me acompanhasse. Foi perda de tempo. Finalmente, eu simplesmente o peguei e joguei por cima do ombro, fuzil seguro em uma das mãos, traseiro de Nugget na outra. Quando cheguei ao lado de fora, lembrei-me de outra noite e outra criança aos gritos. A lembrança me fez correr mais rápido.

No poço da escada, descendo os quatro andares inundados pela luz amarela de emergência, a cabeça de Nugget batendo nas minhas costas, depois atravessando a porta de aço reforçado embaixo, passando por um curto corredor, por uma segunda porta reforçada e para o interior do complexo. A porta pesada fechou-se com ruído atrás de nós, trancando-nos do lado de dentro. Agora o menino já tinha se dado conta de que não seria despedaçado, afinal, e pude colocá-lo no chão. O abrigo é um labirinto confuso de corredores mal-iluminados que se cruzam, mas nosso treinamento tinha sido de tal modo intenso, que conseguiria encontrar o caminho para a nossa estação de olhos fechados. Gritei mais alto do que a sirene para que Nugget me seguisse e saí correndo. Um esquadrão que se dirigia ao lado oposto passou por nós trovejando.

Direita, esquerda, direita, direita, esquerda, entrando na passagem final, a mão livre

agarrando a nuca de Nugget para evitar que caísse. Vi meu esquadrão ajoelhando-se a 20 metros da parede traseira do túnel sem saída, os fuzis apoiados na grade de metal que cobre o poço de ventilação que sobe à superfície.

E Reznik parado atrás deles, cronômetro na mão.

Droga.

Não atingimos nosso tempo por 48 segundos. Quarenta e oito segundos que nos custariam três dias de tempo livre. Quarenta e oito segundos que nos fariam cair mais uma posição no quadro de liderança. Quarenta e oito segundos que representavam Deus sabe quantos dias a mais de Reznik.

Agora, de volta ao alojamento, estamos todos agitados demais para dormir. Metade do esquadrão está furioso comigo, a outra, com Nugget. Tank, é claro, me culpa.

— Você deveria ter deixado o garoto para trás — ele diz, o rosto estreito rubro de raiva.

— Nós fazemos o exercício por um motivo, Tank — eu lembrei. — E se tivesse sido um ataque de verdade?

— Então acho que a gente estaria morto.

— Ele é um integrante desse esquadrão, assim como todos nós.

— Você ainda não entendeu, não é mesmo, Zumbi? É a maldita natureza. Quem está doente ou é fraco demais, tem que morrer. — Ele arranca as botas, joga-as no compartimento sob o beliche. — Se dependesse de mim, jogaríamos todos cies no incinerador com os Teds.

— Matar seres humanos... esse não é o trabalho dos alienígenas?

O rosto dele está vermelho como um pimentão. Ele soca o ar com os punhos. Flintstone faz um movimento para acalmá-lo, mas Tank o dispensa.

— Quem é fraco, doente, velho, lento, burro ou pequeno demais... tem que SAIR! — Tank grita. — Qualquer um e todos que não podem lutar ou aguentar a luta... só nos arrastam para o buraco.

— São dispensáveis — retruco irônico.

— A corda sempre arrebenta do lado mais fraco — Tank vocifera. — É a seleção natural, Zumbi. Só os mais fortes sobrevivem!

— Ei, espere aí, cara — Flintstone diz a ele. — Zumbi está certo. Nugget faz parte da equipe.

— Pare de me criticar, Flint — Tank grita. — Todos vocês! Como se a culpa fosse minha. Como se eu fosse responsável por essa merda!

— Zumbi, faça alguma coisa — Dumbo pede. — Ele está "dando uma de Dorothy".

Dumbo referiu-se à recruta que perdeu o controle no estande de tiro certa vez: virou a arma na direção dos membros do próprio esquadrão. Duas pessoas morreram e três ficaram gravemente feridas antes que o sargento responsável atingisse sua cabeça por trás com a pistola. Toda semana havia uma história sobre alguém que "dava uma de Dorothy" ou, como dizemos às vezes, "foi bater um papo com o chefe." A pressão fica grande demais, e a pessoa desaba. Às vezes, volta-se contra os companheiros, outras, contra si mesmo. Às vezes, eu questiono a sensatez do Comando Central por colocar armas automáticas altamente potentes nas mãos de algumas crianças seriamente adoidadas.

— Ah, vá se danar — Tank rosna para Dumbo. — Como se você entendesse alguma coisa. Como se qualquer um entendesse alguma coisa. Que raios estamos fazendo aqui? Quer me explicar, Dumbo? E você, líder do esquadrão? Pode me explicar? É melhor alguém falar, e tem que ser agora, ou vou acabar com esse lugar. Vou acabar com todos vocês, porque isso está uma grande confusão, cara. Nós vamos enfrentar esses sujeitos, as coisas que mataram 7 bilhões de pessoas? Com o quê? Com o quê? — Apontando o cano do fuzil para Nugget, que está colado à minha perna. — Com isso? — rindo histericamente.

Todos se enrijecem quando a arma sobe. Ergo as mãos vazias e digo com a máxima calma possível:

— Cabo, abaixe essa arma agora mesmo.

— Você não manda em mim! Ninguém manda em mim! — Parado ao lado do beliche, o fuzil apoiado no quadril. É isso aí, a caminho da loucura.

Desvio o olhar para Flintstone, que está mais perto de Tank, parado a alguns passos à direita dele. Flint responde com um aceno quase imperceptível.

— Vocês, idiotas, nunca se perguntaram por que eles ainda não nos atacaram? — Tank pergunta. Ele não está rindo agora. Ele está chorando.

— Vocês sabem que eles podem. Vocês sabem que eles sabem que estamos aqui, e vocês sabem que eles sabem o que estamos fazendo... por que, então, estão permitindo tudo isso?

— Eu não sei, Tank — respondo com calma. — Por quê?

— Porque não importa mais que diabos a gente faça! Acabou, cara! É o fim! — Girando a arma ao redor como um selvagem, Se ela disparasse...

— E você, e eu, e todos os outros nessa maldita base estamos acabados! Estamos...

Flint está em cima dele, arrancando o fuzil de sua mão e empurrando- -o para o chão com violência. A cabeça de Tank bate na borda do beliche. Ele se enrola como uma bola, segurando a cabeça com ambas as mãos, gritando com todas as forças dos pulmões. E, quando estes se esvaziam, ele respira fundo e recomeça. De certa forma, isso é pior do que agitar a M16 para todos os lados. Pão de Ló corre para o banheiro para se esconder em um dos compartimentos. Dumbo cobre as grandes orelhas e corre para a extremidade do beliche. Oompa aproxima-se de mim, bem ao lado de Nugget, que agora está agarrando minhas pernas com as duas mãos e espiando, por detrás do meu quadril, Tank retorcendo-se no chão. A única pessoa indiferente ao colapso de Tank é Teacup, a garota de 7 anos. Ela está sentada no beliche, olhando estoicamente para o garoto, como se todas as noites Tank caísse no chão e gritasse como se estivesse sendo assassinado.

E então compreendo: o que estão fazendo conosco *é* assassinato. Um assassinato muito lento, muito cruel... estão nos matando de nossas almas para fora, e me lembro das palavras do comandante: "Não se trata de destruir nossa capacidade de lutar, mas sim de destruir nossa vontade de lutar."

É um caso perdido. É uma loucura. Tank é o sujeito normal, pois enxerga os fatos com clareza.

Motivo pelo qual ele não pode ficar.

47

O instrutor-chefe de treinamento concorda comigo, e, na manhã seguinte, Tank se vai, levado para o hospital para uma avaliação psiquiátrica completa. O beliche dele fica vazio durante uma semana, enquanto nosso esquadrão, com um homem a menos, cai ainda mais e mais na contagem geral. Nunca vamos nos formar, trocar os trajes de proteção azuis por verdadeiros uniformes, aventurar-nos além da cerca elétrica e de arame farpado para provar nosso valor, para vingar uma fração do que perdemos.

Não falamos sobre Tank. É como se ele nunca tivesse existido. Temos que acreditar que o sistema é perfeito, e Tank é uma falha no sistema.

Então, certa manhã, no hangar de P&D, Dumbo faz um gesto para que eu vá até sua mesa. Dumbo está praticando para ser o médico do esquadrão, portanto ele tem que dissecar determinados cadáveres, geralmente Teds, a fim de aprender sobre anatomia humana. Quando me aproximo, ele não diz nada, mas faz um aceno de cabeça para o corpo deitado a sua frente.

É Tank.

Olhamos fixamente para seu rosto durante um longo momento. Seus olhos estão abertos, olhando o teto sem ver. Sua aparência é tão saudável, que chega a ser perturbador. Dumbo olha ao redor do hangar para se certificar de que ninguém possa nos ouvir e, então, sussurra:

— Não conte para o Flint.

Concordo com um gesto.

— O que aconteceu?

Dumbo sacode a cabeça. Ele está suando profusamente sob o capacete de proteção.

— É isso que me assusta, Zumbi. Não consegui achar nada.

Olho para Tank novamente. Ele não está pálido. A sua pele está ligeiramente rosada, sem marcas. Como ele morreu? Ele "deu uma de Dorothy" na ala psiquiátrica e talvez tenha ingerido uma dose excessiva de remédios?

— E se você o abrir? — sugiro.

— Não vou cortar Tank — Dumbo replica, olhando para mim como se eu o tivesse mandado saltar de um penhasco.

Aceno com um gesto de cabeça. Ideia boba. Dumbo não é médico: ele é um garoto de 12 anos de idade. Olho em volta do hangar de novo.

— Tire Tank dessa mesa — peço. — Não quero que ninguém mais o veja.

— Inclusive eu.

O corpo de Tank está empilhado com os outros junto às portas do hangar para ser removido. Kle é carregado no transporte para a última etapa de sua jornada para os incineradores, onde será consumido pelo fogo, suas cinzas misturando-se à fumaça cinza e levadas para o alto em uma coluna de ar super aqueci do, e por fim depositando-se sobre nós em partículas finas demais para serem vistas ou sentidas. Ele vai ficar conosco, sobre nós, até o banho de chuveiro da noite, quando lavaremos o que restou de nosso companheiro, que será levado para o interior dos canos de esgoto, onde vai se misturar

aos nossos excrementos, antes de se embrenhar no solo.

48

O substituto de Tank chega dois dias depois. Sabemos que ele está vindo, porque, na noite anterior, Reznik anuncia o fato durante o SD. Ele não nos conta nada sobre a pessoa, além do nome; Especialista. Depois que ele sai, todos no esquadrão ficam agitados. Reznik deve ter tido um motivo para chamá-lo de Especialista.

Nugget vem até o meu beliche.

— O que é um especialista?

— Alguém que você coloca na equipe para lhe dar uma vantagem — explico. — Alguém que é muito bom.

— Tiro ao alvo — Flintstone adivinha. — É onde somos mais fracos. Pão de Ló é nosso melhor atirador, eu não sou ruim, mas você, Dumbo e Teacup são uma droga. E Nugget nem mesmo consegue atirar.

— Venha até aqui e diga que eu sou uma droga — Teacup grita.

Sempre comprando briga. Se eu fosse o encarregado, daria um fuzil para Teacup, alguns pentes de balas e a deixaria solta entre todos os Teds existentes num raio de 150 quilômetros.

Após a oração, Nugget vira e se retorce às minhas costas até eu não aguentar mais. Então, sussurro para que ele volte ao seu beliche.

— Zumbi, é ela.

— De quem você está falando?

— Da Especialista! Cassie é a Especialista!

Levo alguns segundos para lembrar quem é Cassie. "Ah, cara, essa droga outra vez, não."

— Não acho que a Especialista seja sua irmã.

— Você também não sabe se não é.

Quase deixo escapar: "Não seja bobo, garoto. A sua irmã não vai vir buscar você porque está morta." Mas me controlo. Cassie é o medalhão de prata de Nugget. O fato a que ele se prende porque, se o abandonar, não haverá nada que impeça o furacão de levá-lo à loucura, como as outras Dorothys do campo. É o motivo pelo qual um exército de crianças faz sentido. Adultos não desperdiçam seu tempo com fantasias. Eles remoem as mesmas verdades inconvenientes que fizeram Tank aterrissar na mesa de dissecação.

Especialista não está na chamada da manhã seguinte. Também não participa da corrida matinal, tampouco do café da manhã. Nós nos preparamos para ir ao estande, checamos nossas armas e saímos para o pátio. É um dia claro, mas muito frio. Ninguém fala muito. Todos nos perguntamos onde está o novo recruta.

Nugget é o primeiro a ver Especialista, parado ao longe, no estande de tiro, e logo podemos ver que Flintstone tinha razão: Especialista é um tremendo atirador. O alvo projeta-se para fora da grama marrom e alta e *pop-pop!* A cabeça explode. Depois um alvo diferente, mas o mesmo resultado. Reznik está parado em um dos lados, operando os

controles dos alvos. Ele nos vê chegando e depressa começa a apertar botões. Os alvos saltam rapidamente da grama, um imediatamente após o outro, e esse garoto Especialista derruba-os antes que possam se endireitar, com um tiro. Ao meu lado, Flintstone solta um assobio longo e aprovador.

— Ele é bom.

Nugget é o primeiro a perceber antes de todos. Algo em seus ombros, ou talvez nos quadris, mas ele diz:

— Não é um "ele" — e então dispara pelo campo na direção da figura solitária agarrada ao fuzil que solta fumaça no ar gelado.

Ela se vira antes que o menino a alcance, e Nugget para, primeiro confuso, depois desapontado. Aparentemente, Especialista não é sua irmã.

Estranho que ela parecesse mais alta à distância. Altura aproximada de Dumbo, porém mais magra, e mais velha. Suponho que tenha uns 16 anos, com um rosto de duende e olhos escuros e profundos, pele clara perfeita, cabelos negros e lisos. São os olhos que primeiro chamam a atenção. O tipo de olhos nos quais se busca encontrar algo e se contenta com apenas duas possibilidades: ou o que há lá é tão profundo que não pode ser visto, ou não existe nada.

É a garota do pátio, a que me viu do lado de fora do hangar de P&D com Nugget.

— Especialista é uma garota — Teacup sussurra, franzindo o nariz como se tivesse sentido algum mau cheiro. Ela não só não é mais o bebê do esquadrão, como agora não é a única garota.

— O que vamos fazer com ela? — Dumbo pergunta, à beira do pânico. Estou sorrindo. Não consigo evitar.

— Nós vamos ser o primeiro esquadrão a se formar — afirmo.

E tenho razão.

49

A primeira noite de Especialista — que passamos a chamar de Esp — no Alojamento 10 pode ser descrita com uma palavra: esquisita. Nada de zombarias. Nada de piadas sujas. Nada de atitudes machistas. Contamos os minutos que faltavam para o apagar das luzes como um bando de tontos nervosos no primeiro encontro. Outros esquadrões certamente têm garotas da idade dela. Nós temos Teacup, Esp parece indiferente ao nosso constrangimento. Senta-se na beira do antigo beliche de Tank, desmontando e limpando o fuzil. Esp gosta de seu fuzil. Muito. É possível perceber pela forma amorosa com que desliza o trapo com óleo para cima e para baixo no cano, lustrando-o até que o frio metal brilhe sob as luzes fluorescentes. Tentamos com tanto empenho não olhar fixamente para ela, que chega a doer. Ela torna a montar o fuzil, coloca-o com cuidado no compartimento sob a cama e vem até meu beliche. Sinto algo apertar meu peito. Não falo com uma garota da minha idade desde... quando? Antes da peste. E não penso em minha vida antes da peste. Aquela era a vida de Ben, e não de Zumbi.

— Você é o líder do esquadrão — ela diz. A voz é uniforme, sem emoção, como os

olhos. — Por quê?

Respondo ao desafio implícito na pergunta na mesma moeda:

— Por que não?

Usando apenas a roupa de baixo e a camiseta-padrão sem mangas, as franjas na altura exata das sobrancelhas, olhando para mim. Dumbo e Oompa interrompem o jogo de cartas para assistir. Teacup está sorrindo, sentindo uma briga se armando. Flintstone, que estava dobrando roupas, larga um traje de segurança limpo no alto da pilha.

— Você é um péssimo atirador — Esp afirma.

— Tenho outras habilidades — replico, cruzando os braços sobre o peito. — Você deveria me ver com um descascador de batatas.

— Você tem um corpo ótimo. — Ela diz, e alguém ri baixinho, acho que é Flint. — Você é atleta?

— Já fui.

A garota está parada na minha frente, punhos nos quadris, pés descalços plantados com firmeza no chão. São os olhos dela que me incomodam. Escuros e profundos. Não há nada ali... Ou quase nada?

— Futebol.

— Bom palpite.

— E, provavelmente, beisebol.

— Quando eu era mais novo.

Ela muda de assunto abruptamente.

— O sujeito que substituí deu uma de Dorothy.

— É verdade.

— Por quê?

Dou de ombros.

— Isso importa?

Ela assente com um gesto. Não importa.

— Eu fui líder do meu esquadrão.

— Não duvido.

— Só porque você é o líder não quer dizer que vá ser sargento depois da formatura.

— Espero mesmo que seja verdade.

— Eu sei que é. Eu perguntei.

Ela se vira nos calcanhares descalços e volta ao beliche. Olho para os meus pés e noto que as unhas precisam ser aparadas. Os pés de Esp são muito pequenos, com dedos nodosos. Quando ergo o olhar, ela está indo para os chuveiros com uma toalha jogada nos ombros. Ela para junto à porta.

— Se alguém desse esquadrão puser a mão em mim, é um cara morto.

Não há nada de ameaçador ou engraçado na forma como a garota fala.

É como se ela tivesse feito uma declaração, como, por exemplo, que está frio lá fora.

— Vou avisar todo mundo — digo.

— E quando eu estiver no chuveiro, ninguém entra. Privacidade total.

— Anotado. Mais alguma coisa?

A menina para e me olha do outro lado do aposento. Sinto que estou ficando tenso.

O que vem em seguida?

— Eu gosto de jogar xadrez? Você joga?

Sacudo a cabeça. Grito para os garotos:

— Algum dos pervertidos daqui joga xadrez?

— Não — Flint responde. — Mas se ela estiver a fim de um pôquer com *striptease*...

Acontece antes que eu possa me levantar alguns centímetros do colchão: Flint no chão, segurando a garganta, agitando as pernas como uma barata pisoteada, Esp parada acima dele.

— E também nenhum comentário humilhante, sexista e machista.

— Você é legal! — Teacup dispara, falando com convicção. Talvez ela precise reconsiderar a opinião formada sobre Esp, Talvez não seja tão ruim ter outra garota por perto.

— O que você fez representa um corte de metade da ração durante dez dias — digo a ela. Talvez Flint merecesse o que aconteceu, mas ainda sou o chefe quando Reznik não está por perto, e Esp precisa saber disso.

— Você vai me denunciar? — Não havia medo em sua voz. Não havia raiva. Não havia nada.

— Só estou dando um aviso.

Ela assente, afasta-se de Flint, passa por mim para apanhar os artigos de toalete. Ela cheira... bem, ela cheira como uma garota. Por um segundo, fico meio tonto.

— Vou lembrar que você pegou leve comigo — ela diz, agitando as franjas — quando eu for a nova líder do esquadrão 53.

50

Uma semana após a chegada de Esp, o Esquadrão 53 passou do décimo ao sétimo lugar. Na terceira semana, tínhamos ultrapassado o Esquadrão 19 para a quinta posição. E, então, somente a duas semanas do final, chegamos a uma situação insolúvel e caímos 16 pontos para o quarto lugar, um déficit praticamente insuperável.

Pão de Ló, que não é de falar muito, mas é ágil com números, analisa as diferenças nos pontos. Em todas as categorias, exceto uma, há pouca chance de melhoria. Somos os segundos em corrida de obstáculos, terceiros em defesa antiaérea e em velocidade, c primeiros em "outras tarefas designadas", que abrange pontos para inspeção matinal e "conduta adequada a uma unidade das forças armadas". Nossa queda foi no tiro ao alvo, a despeito de atiradores impressionantes como Esp e Pão de Ló. A menos que consigamos elevai" essa contagem nas duas semanas seguintes, estamos perdidos.

Naturalmente, não se precisa ser perito em matemática para saber por que nossa pontuação é tão baixa. O líder do esquadrão é péssimo atirador. Assim, o líder do esquadrão péssimo atirador procura o instrutor-chefe de exercício e solicita tempo adicional de treinamento, mas seus pontos não se alteram. Minha técnica não é má; faço tudo certo na ordem exata. Mesmo assim, *se* acerto um alvo em 30, posso me dar por satisfeito. Esp concorda que é pura sorte. Ela diz que até Nugget poderia acertar um em

30. Ela faz um grande esforço para não demonstrar, mas minha inaptidão com uma arma deixa-a furiosa. O seu esquadrão anterior encontra-se na segunda posição. Se ela não tivesse sido transferida, estaria com a formatura garantida na primeira classe e entre os favoritos para receber um par de divisas de sargento.

— 'lenho uma proposta para você — ela diz, certa manhã, quando chegamos ao pátio para a corrida matinal. Ela está usando uma bandana para prender as franjas sedosas. Não que eu preste atenção à sua sedosidade. — Ajudo você, mas com uma condição.

— Tem alguma coisa a ver com xadrez?

— Peça demissão do posto de líder do esquadrão.

Olho para ela. O frio conferiu um tom vermelho vivo às faces cor de marfim. Esp é uma pessoa calada, mas não como Pão de Ló: ela é calada de uma forma intensa e enervante, com olhos que parecem dissecá-lo com o mesmo gume afiado dos bisturis de Dumbo.

— Você não pediu o cargo, não se importa com ele, então por que não deixar que eu assuma? — ela pergunta, mantendo o olhar na trilha.

— Por que você quer tanto ser líder?

— Dar ordens é a melhor oportunidade de ficar vivo.

Eu sorrio. Eu queria contar para ela tudo que aprendi. Vosch tinha dito e eu agora tinha certeza: você vai morrer. Não se trata de sobrevivência, trata-se de dar o troco.

Seguimos a trilha que serpenteia para fora do pátio, atravessa o estacionamento do hospital e vai até a estrada de acesso ao campo de aviação. Agora, a nossa frente, a central de energia vomitando sua fumaça cinza e negra.

— O que você acha de... — sugiro — primeiro me ajudar, então a gente vence, e eu me demito?

É uma oferta sem sentido. Somos recrutas. Não depende de nós a escolha do líder do esquadrão, depende de Reznik. E eu sei que não se trata de quem é o líder, afinal, mas sim de quem vai ser promovido a sargento quando formos designados para tarefas de campo. Ser líder do esquadrão não garante uma promoção, mas certamente não atrapalha.

Um Falcão Negro retumba sobre nossas cabeças, retornando da patrulha noturna.

— Já se perguntou como eles conseguiram? — ela pergunta, observando o helicóptero virar para nossa direita em direção à área de aterrissagem. — Conseguiram fazer tudo funcionar depois do ataque do PEM?

— Não — respondi com sinceridade. — O que você acha?

A respiração dela são pequenas explosões no ar gélido.

— *Bunkers* subterrâneos, tem que ser. Isso ou...

— Ou o quê?

Ela sacode a cabeça, soprando o ar das bochechas geladas, e seus cabelos negros balançam para a frente e para trás, enquanto corre, beijados pelo brilhante sol da manhã.

— Isso é muito louco, Zumbi — ela diz, finalmente. — Vamos lá, vamos ver o que você tem para dar, astro do futebol.

Sou 10 centímetros mais alto do que ela. A cada passo que dou, ela precisa dar dois.

E, então, eu a venço. Por pouco.

Naquela tarde, fomos ao estande de tiro e levamos Oompa para operar os alvos. Esp me assiste, enquanto dou alguns tiros, e, então, me oferece a opinião de perita.

— Você é horrível.

— Esse é o problema. O quanto sou ruim. — Mostro-lhe o meu melhor sorriso.

Antes de o Armagedon alienígena ocorrer, eu era conhecido pelo sorriso. Não quero me gabar, mas eu tinha que me preocupar em nunca sorrir quando dirigia: meu sorriso tinha a capacidade de ofuscar o tráfego que vinha em sentido contrário. Mas não exerce absolutamente nenhum efeito em Esp. Ela não semicerra os olhos diante de sua avassaladora luminescência, Ela nem ao menos pisca.

— A sua técnica é boa. O que acontece quando dispara?

— De modo geral, eu erro.

Ela sacode a cabeça. Por falar em sorrisos, ainda estou à espera de que ela exiba pelo menos um sorriso acanhado. Decidi que minha missão seria conseguir fazê-la sorrir. Um pensamento mais adequado a Ben do que a Zumbi, mas é difícil largar velhos hábitos.

— Entre você e o alvo, quero dizer — ela explica.

"Hã?"

— Bom, quando ele salta para fora da grama,,.

— Não. Estou falando do que acontece entre aqui — pontas dos dedos na minha mão direita — e ali — e agora apontando para o alvo a 20 metros de distância.

— Acho que não entendi...

— É preciso pensar na sua arma como parte de você. Não o M16 atirando. *Você* atirando. É como soprar um dente-de-leão. Você sopra a bala para fora.

Ela sacode o fuzil do ombro e faz um aceno de cabeça para Oompa. Ela não sabe onde ele vai surgir, mas a cabeça do alvo explode em uma chuva de lascas antes mesmo de ficar ereto.

— É como se não houvesse espaço, nada que não seja você. O fuzil é você. A bala é você. O alvo é você. Não há nada que não seja você.

— Então, basicamente você está dizendo que estou estourando a própria cabeça.

Quase consigo um sorriso. O canto esquerdo de sua boca se contrai.

— Isso foi muito filosófico — tento de novo.

Esp franze as sobrancelhas. Tacada número três.

— É mais como mecânica quântica.

— Ah, claro — concordo sério. Foi isso que eu quis dizer. Mecânica quântica.

Ela vira a cabeça. Para esconder um sorriso? Então não vou ver um desesperado revirar de olhos? Quando a garota torna a virar a cabeça em minha direção, tudo que consigo é aquele olhar penetrante que aperta o estômago.

— Você quer se formar?

— Eu quero ficar o mais longe possível de Reznik.

— Não é suficiente. — Ela aponta para uma das figuras-alvo do outro lado do campo. O vento brinca com sua franja. — O que você vê quando mira num alvo?

— Vejo o contorno de uma pessoa em madeira.

— Certo, mas quem você vê?

— Entendo o que você quer dizer. Às vezes, vejo o rosto de Reznik.

— E isso ajuda?

— Diga você.

— É uma questão de estabelecer uma ligação — a garota fala.

Ela faz sinal para que eu sente, e ela se senta diante de mim, tomando-me as mãos. As dela estão geladas, frias como os corpos no P&R.

— Feche os olhos. Ah, vamos lá, Zumbi, O seu jeito tem dado resultado? Ótimo. Certo, lembre-se: não é você e o alvo. Não é o que há entre vocês, mas o que liga vocês. Pense no leão e na gazela, O que os liga?

— Hum... fome?

— Esse é o leão. Estou falando de que os dois partilham.

O assunto é pesado. Talvez aceitar a oferta dela tivesse sido má ideia. Não apenas a convenci de que sou uni péssimo atirador: agora há uma verdadeira possibilidade de que eu também prove ser um idiota.

— Medo — ela sussurra no meu ouvido, como se estivesse me contando um segredo, — Para a gazela, medo de ser devorada. Para o leão, medo da fome. O medo é o elo que liga os dois.

O elo. Levo um no bolso, preso a um medalhão de prata. Minha irmã morreu numa noite há milhares de anos; aquela noite foi a noite passada. Acabou. Nunca acaba. Não há uma linha que vai daquela noite até esse dia: é um círculo. Meus dedos apertam os dela.

— Não sei qual é o seu elo — Esp continua, hálito morno no meu ouvido. — É diferente para todos. Eles sabem. O País das Maravilhas lhes conta. É a coisa que os fez pôr uma arma em suas mãos, e é a mesma coisa que liga você ao alvo. — Então, como se tivesse lido minha mente: — Não é uma linha, Zumbi. É um círculo.

Abro os olhos. O sol que se põe cria um halo de luz dourada em volta dela.

— Não há distância.

Ela assente com um gesto de cabeça e me convida a levantar.

— Está quase escuro.

Ergo 0 fuzil e apoio a coronha no ombro. Não se sabe onde o alvo vai surgir, somente que vai aparecer. Esp faz sinal para Oompa, e a grama alta e seca farfalha à direita um milissegundo antes de o alvo saltar, mas o tempo é mais do que suficiente: é uma eternidade.

Não há distância. Nada entre o eu e o não eu.

A cabeça do alvo se desintegra com um craque satisfatório! Oompa grita e dá um salto no ar. Esqueço de mim e agarro Esp pela cintura, levantando-a do chão e girando-a para os lados. Encontro-me a um segundo muito perigoso de beijá-la. Quando a coloco no chão, ela recua alguns passos e ajeita os cabelos atrás das orelhas com cuidado.

— Passei dos limites — digo. Não sei quem está mais constrangido. Ambos estamos tentando recuperar o fôlego. Talvez por motivos diferentes.

— Faça de novo — ela ordena.

— Atirar ou girar? Qual deles?

A boca se contrai. Ah, estou muito perto.

— O que significa alguma coisa.

51

Dia da formatura.

Nossos novos uniformes nos aguardavam quando voltamos do café matinal, passados, engomados e dobrados com capricho em nossos beliches. E um bônus, uma surpresa especial: bandanas equipadas com a mais avançada tecnologia em detecção alienígena — um disco claro do tamanho de uma moeda de 25 centavos de dólar, que desliza para cima do olho esquerdo de quem está sendo escaneado. Humanos infestados vão se iluminar através da lente. Ou, pelo menos, foi o que nos disseram. Mais tarde, naquele dia, quando perguntei ao técnico como funcionava exatamente, a resposta dele foi simples: os não limpos exibem brilho verde. Quando lhe pedi educadamente uma breve demonstração, ele riu.

— Você vai ter sua demonstração no campo, soldado.

Pela primeira vez, depois de chegar ao Campo Abrigo, e provavelmente pela última vez na vida, somos crianças outra vez. Gritando, pulando de um beliche a outro, batendo as palmas das mãos uns nos outros. Esp é a única que se esconde no banheiro a fim de trocar de roupa, Os demais tiram a roupa onde estão, jogando os odiados trajes de proteção azuis numa pilha no meio do alojamento. Teacup tem a brilhante ideia de incendiá-los, e teria feito se Dumbo não tivesse arrancado o fósforo aceso no último segundo.

O único sem uniforme está sentado no beliche em seu traje de segurança branco, pernas balançando para a frente e para trás, braços cruzados sobre o peito, lábio inferior projetado um quilômetro à frente. Não fico indiferente. Entendo o que acontece. Depois que me visto, sento ao lado dele e lhe dou um tapa na perna.

— Vai chegar a sua vez, cabo. Aguente firme.

— Dois anos, Zumbi.

— E daí? Já pensou como vai estar durão daqui a dois anos? Vai colocar todos nós no chinelo.

Nugget vai ser designado para outro esquadrão de treinamento depois que formos distribuídos para as tropas. Prometi a ele que poderia ficar no meu alojamento sempre que eu estivesse na base, embora não soubesse quando, e se, vou voltar. Nossa missão ainda *é* altamente secreta, conhecida somente pelo Comando Central. Nem tenho certeza se Reznik sabe para onde vamos. Na verdade, não me importo, contanto que ele fique no campo.

— Vamos, soldado. Você deve ficar feliz por mim — brinco.

— Você não vai voltar. — Ele faz a declaração com tamanha convicção que não sei o que dizer. — Nunca mais vou ver você.

— Claro que vai me ver de novo, Nugget. Eu prometo.

Ele me bate com toda a sua força. Repetidas vezes, bem onde fica o coração. Agarro seu pulso, e ele me ataca com a outra mão. Agarro essa também para que ele pare.

— Não prometa, não prometa, não prometa! Nunca prometa nada, nunca, nunca! — Seu rostinho está contorcido de raiva.

— Ei, Nugget, ei. — Cruzo os braços do garoto sobre o seu peito e me abaixo para fitá-lo nos olhos. — Há coisas que não se precisa prometer. A gente apenas faz.

Procuro no bolso e tiro o medalhão de Sissy. Abro o fecho. Não faço isso desde que o consertei, na Cidade das Barracas. O círculo se quebra. Ajeito-o no pescoço dele e fecho. Círculo completo.

— Não importa o que acontecer lá fora, vou voltar para você — prometo a ele.

Por cima do ombro, vejo Esp sair do banheiro, prendendo os cabelos sob o novo quepe. Fico em posição de sentido e bato continência.

— Cabo Zumbi se apresentando, líder do esquadrão!

— Meu único dia de glória — ela diz, retribuindo a continência. — Todos sabem quem vai ser promovido a sargento.

Dou de ombros com modéstia.

— Não dou atenção a boatos.

— Você fez uma promessa que sabia não poderia cumprir — ela diz como quem não quer nada, o que é praticamente como ela diz todas as coisas, Infelizmente, diz aquilo na frente de Nugget. — Tem certeza de que não quer aprender a jogar xadrez, Zumbi? Você se daria muito bem.

Como rir parece a atitude menos perigosa a tomar no momento, eu rio.

A porta abre-se de supetão, e Dumbo grita:

— Senhor! Bom dia, senhor!

Corremos para as cabeceiras dos beliches e ficamos em posição de sentido, enquanto Reznik anda ao longo da fila para o que será a nossa inspeção final. Sua atitude é moderada, o que é surpreendente. Ele não nos chama de vermes ou montes de lixo, mas está exigente como sempre. A camisa de Flintstone está fora das calças de um lado. O quepe de Oompa está torto. Ele tira da gola de Teacup um fiapo que só ele enxerga. Permanece ao lado dela durante muito tempo, olhando fixamente para seu rosto, numa seriedade quase cômica.

— E então, cabo, está pronta para morrer?

— Senhor, sim, senhor! — Teacup grita, com a sua mais forte voz de guerreira.

Reznik volta-se para o resto de nós.

— E vocês? Estão prontos?

Nossas vozes trovejam como se fossem uma só.

— Senhor! Sim, *senhor!*

Antes de sair, Reznik me chama na frente de todos.

— Venha comigo, cabo. — Uma última continência para as tropas, e então: — Vejo vocês na festa, crianças.

Enquanto saio, Esp me lança um olhar de conhecedor, como se dissesse "Eu não disse?"

Ando dois passos atrás do sargento-chefe de exercícios, enquanto ele marcha pelo pátio. Recrutas em trajes azuis estão dando os toques finais na plataforma do orador, pendurando bandeiras, colocando cadeiras para os oficiais, desenrolando um tapete vermelho. Uma enorme faixa tinha sido colocada entre os alojamentos na extremidade oposta: "NÓS SOMOS A HUMANIDADE." E do outro lado: "SOMOS UM."

Entramos em um edifício de formato indefinido, em um andar no lado oeste do campo, e atravessamos uma porta de segurança com o aviso SOMENTE PESSOAL AUTORIZADO. Passamos por um detector de metal manuseado por soldados com rostos de pedra, pesadamente armados, e entramos em um elevador que nos leva quatro andares abaixo da terra. Reznik não fala. Nem ao menos me olha. Tenho uma boa ideia de para onde estamos indo, mas desconheço o motivo. Nervosamente, mexo na frente do novo uniforme.

Um longo corredor inundado com luzes fluorescentes. Outro ponto de checagem de segurança. Mais soldados com rosto de pedra pesadamente armados. Reznik para diante de uma porta sem identificação e passa a chave eletrônica na fechadura. Entramos em um pequeno aposento. Um homem com uniforme de tenente nos cumprimenta à porta e o acompanhamos por outro corredor e para dentro de um grande escritório particular. Um homem encontra-se sentado atrás da escrivaninha, consultando uma pilha de páginas impressas por computador.

Vosch.

Ele dispensou Reznik e o tenente, e ficamos sozinhos.

— À vontade, cabo.

Relaxo, coloco as mãos nas costas, a mão direita segurando levemente o pulso esquerdo. Parado diante da grande escrivaninha, olhos para a frente, peito empinado, Ele é o comandante supremo. Eu sou um cabo, um humilde recruta, nem mesmo um soldado de verdade, ainda. Meu coração ameaça estourar os botões dá camisa nova em folha.

— E, então, Ben, como vai?

Ele está sorrindo calorosamente para mim. Eu nem mesmo sei como começar a responder à pergunta, Além disso, estou perplexo por ele me chamar de Ben. Parece estranho aos meus próprios ouvidos depois de ter sido Zumbi por tantos meses.

O comandante espera por uma resposta, e, por algum motivo idiota, derramo as primeiras palavras que me saltam à mente:

— Senhor! O cabo está pronto para morrer!

Ele assente, ainda sorrindo. Então, levanta-se, dá a volta na mesa e diz:

— Vamos conversar livremente, de soldado para soldado. Afinal, é por isso que está aqui agora, sargento Parish.

Então as vejo: as divisas de sargento na mão dele. Esp tinha razão. Volto a ficar em posição de sentido, enquanto ele as prende ao meu colarinho. Ele me dá um tapinha 110 ombro, os olhos azuis penetrando os meus.

Foi difícil encará-lo. A forma como olha me faz sentir nu, totalmente exposto.

— Você perdeu um homem — ele diz.

— Sim, senhor.

— Coisa terrível.

— Sim, senhor.

Ele se recosta à escrivaninha, cruza os braços.

— O perfil dele era excelente. Não tão bom quanto o seu, mas... O que aprendemos aqui, Ben, é que todos temos um ponto frágil. Somos todos humanos, certo?

— Sim, senhor.

Ele está sorrindo. Por que ele está sorrindo? Está frio no *bunker* subterrâneo, mas começo a transpirar.

— Você pode perguntar — ele oferece, com um aceno convidativo da mão.

— Senhor?

A dúvida que deve estar em sua mente. A que tem desde que Tank apareceu no setor de processamento e remoção.

— Como ele morreu?

— Overdose, como você certamente desconfiou. Um dia depois de liberarem a vigilância de prevenção de suicídio. — Ele mostra a cadeira ao meu lado. — Sente-se, Ben. Há um assunto que quero discutir com você.

Afundo na cadeira, fico na beirada, costas eretas, queixo erguido. Se é possível ficar em posição de sentido enquanto sentado, é o que estou fazendo.

— Todos temos os nossos pontos frágeis — ele diz, olhos azuis fixos em mim. — Vou lhe falar sobre os meus. Duas semanas depois da 4ª Onda, recolhendo sobreviventes em um campo de refugiados a cerca de 6 quilômetros daqui. Bem, nem todos os sobreviventes. Apenas as crianças. Embora ainda não tivéssemos detectado infestações, estávamos bastante confiantes de que qualquer coisa que estivesse acontecendo não envolveria crianças. Como não podíamos saber quem era ou não o inimigo, o comando decidiu eliminar todas e quaisquer pessoas acima de 15 anos.

O rosto dele fica sombrio, ele desvia o olhar. Recostado à escrivaninha, agarrando as bordas com força, os nós de seus dedos ficam brancos.

— Isto é, eu decidi. — Ele respira fundo. — Nós os matamos, Ben. Depois de carregar as crianças, eles foram mortos um por um. E, quando terminamos, incendiamos o campo, apagando-o da face da Terra.

Ele olha para mim outra vez. Inacreditavelmente, vejo lágrimas em seus olhos.

— Esse foi meu ponto frágil. Depois me dei conta, para meu horror, de que estava caindo na armadilha deles. Eu fui um instrumento do inimigo. Para cada pessoa infestada que matei, três inocentes morreram. Vou ter que viver com isso. Porque preciso viver. Entende o que quero dizer?

Aceno com a cabeça. Ele mostra um sorriso triste.

— Claro que entende. Ambos temos o sangue de pessoas inocentes nas mãos, não é mesmo?

Vosch endireitou o corpo e adotou novamente a postura profissional. As lágrimas tinham desaparecido.

— Sargento Parish, hoje vamos formar os quatro melhores esquadrões do nosso batalhão. Como comandante do esquadrão vencedor, você tem o direito de ser o primeiro a escolher entre as missões. Dois esquadrões vão ser enviados para realizar patrulhas nos arredores, a fim de proteger essa base. As outras duas vão ser enviadas para território inimigo.

Levo alguns minutos para assimilar as palavras do comandante. Ele espera. Então, pega uma das páginas impressas e estende para mim. Vejo muitos números e linhas irregulares e símbolos estranhos que nada significam para mim.

— Não espero que você consiga ler isso — ele diz mas eu gostaria de que tentasse

adivinhar o que é.

— É só o que posso fazer, senhor — respondo. — Adivinhar.

— São dados analíticos do País das Maravilhas sobre um ser humano infestado.

Aceno com a cabeça. Por que raios aceno? Não entendo nada. "Ah, sim, comandante, dados analíticos! Por favor, continue"

— Eles têm sido estudados no País das Maravilhas, é claro, mas não fomos capazes de desenredar o mapa de infestação das vitimas, ou clones, ou seja lá o que forem. Até agora. — Vosch ergue o relatório. — Isso, sargento Parish, é como se parece a consciência de um alienígena.

Novamente, aceno com a cabeça, mas, dessa vez, porque estou começando a entender.

— Vocês sabem como eles pensam.

— Exatamente! — Radiante diante do aluno talentoso. — O segredo para vencer esta guerra não está nas táticas e estratégias, nem mesmo nas desigualdades da tecnologia. O verdadeiro segredo para vencer esta guerra, ou qualquer guerra, é compreender como o nosso inimigo pensa. E agora sabemos.

Espero que ele me explique devagar. Como o inimigo pensa?

— Muito do que imaginávamos estava correto. Eles vêm nos observando há algum tempo. Infestações foram implantadas em indivíduos-chave em todo o mundo, agentes disfarçados, se preferir, esperando pelo sinal para lançar um ataque coordenado depois que a nossa população tivesse sido reduzida a um número controlável. Sabemos qual foi o resultado desse ataque aqui tio Campo Abrigo e temos fortes razões para suspeitar que outras instalações militares não foram tão afortunadas.

Ele bate na coxa com o papel. Devo ter me encolhido, porque ele me lança um sorriso tranquilizador.

— Um terço da população sobrevivente — Vosch continuou. — Plantada aqui para erradicar os que sobreviveram às três primeiras ondas. Você. Eu. Os integrantes de sua equipe. Todos nós. Se você tem algum temor, como o pobre Tank teve, de que uma quinta onda possa vir, pode colocá-lo de lado. Não vai haver uma quinta onda. Eles não têm intenção de deixar a nave mãe até que a raça humana seja exterminada.

— É por isso que eles não...

— Atacaram de novo? É o que supomos. Parece que o desejo principal deles é preservar o planeta para colonizá-lo. Agora, estamos numa guerra de desgaste gradual. Nossos recursos são limitados. Eles não vão durar para sempre, e sabemos disso. Eles também sabem. Elimine os suprimentos e deixe-nos sem meios de conduzir uma força de batalha significativa, e esse campo, e quaisquer outros por aí iguais a ele, acabará murchando e morrendo, como uma videira arrancada das raízes.

Estranho. Ele ainda está sorrindo. Como se alguma coisa sobre esse dia de cenário de Juízo Final o entusiasmasse.

— Então, o que fazemos? — pergunto.

— A única coisa que podemos fazer, sargento. Levamos a batalha até eles.

O modo como ele falou, sem dúvidas, sem descrença, "Levamos a batalha até eles", é um dos motivos que o tornam comandante. Parado à minha frente, sorridente,

confiante, os traços bem delineados lembrando-me de alguma estátua antiga, nobre, sábia, forte. Ele é a rocha contra a qual as ondas alienígenas se chocam, enquanto ele continua intacto. "Nós somos a humanidade", dizia a faixa. Errado. Nós somos pálidos reflexos dela, sombras fracas, ecos distantes. *Ele é* a humanidade, sua essência invencível, invicta e pulsante. Naquele momento, se o comandante Vosch tivesse ordenado que eu pusesse uma bala na minha cabeça pela causa, eu o teria feito. Eu o teria feito sem hesitação.

— O que nos traz de volta à sua missão — ele fala devagar. — Nossos voos de reconhecimento identificaram significativos bolsões de combatentes infestados em e ao redor de Dayton. Um esquadrão será colocado lá, e, nas próximas quatro horas, os soldados ficarão por sua conta. As probabilidades de saírem de lá vivos mal chega a uma em quatro.

Pigarreio.

— E dois esquadrões ficam aqui.

Ele assente. Olhos azuis penetrantes. Até o fundo da alma.

— Depende de você.

O mesmo sorriso breve e reservado. Ele sabe o que vou dizer. Ele sabia antes de eu passar pela porta. Talvez meu perfil do País das Maravilhas o tivesse alertado, mas não acredito nisso. Ele me conhece.

Levanto da cadeira em posição de sentido.

E lhe digo o que ele já sabe.

52

Às 9 horas, todo o batalhão reúne-se no pátio, formando um mar de trajes azuis liderados pelos quatro principais esquadrões em seus uniformes novos em folha. Mais de mil recrutas parados em formação perfeita, voltados para o leste, a direção de novos começos, virados para a plataforma dos oradores erguida no dia anterior. Bandeiras estalam na brisa gelada, mas não sentimos o frio. Estamos aquecidos no interior por um fogo mais quente do que aquele que transformou Tank em cinzas. Os oficiais do Comando Central andam diante da primeira fileira, apertando nossas mãos e cumprimentando-nos pelo trabalho benfeito. Em seguida, uma palavra pessoal de gratidão por parte dos instrutores de treinamento. Eu sonhei com o que iria dizer a Reznik quando ele apertasse minha mão. "Obrigado por transformar minha vida num verdadeiro inferno... Ah, morra. Simplesmente morra, seu filho da..." Ou, a minha preferida, curta, doce e direta: "F@*#". Mas, quando ele me saúda e oferece a mão, quase perco o controle. Quero dar-lhe um soco na cara e abraçá-lo, tudo ao mesmo tempo.

— Parabéns, Ben — ele diz, o que me deixa totalmente sem saber o que fazer. Eu não tinha ideia de que sabia o meu nome. Ele me dá uma piscadela e continua os cumprimentos ao longo da fileira.

Alguns oficiais que nunca tinha visto antes fazem discursos rápidos. Em seguida, o comandante supremo é apresentado, e as tropas enlouquecem, agitando os quepes,

socando o ar. Nossos vivas ecoam dos edifícios que circundam o pátio, fazendo o ruído soar duas vezes mais forte e parecer que ali há o dobro de pessoas. O comandante Vosch ergue a mão muito lenta e deliberadamente até a testa, e é como se ele tivesse apertado um interruptor: o barulho extingue-se quando batemos continência. Escuto fungadelas à minha volta. É demais. Depois do que nos trouxe para esse lugar e do que passamos aqui, após todo o sangue, morte e fogo, depois de ver o feio espelho do passado no País das Maravilhas e enfrentar a verdade ainda mais feia do futuro na sala de execução, após meses de treinamento brutal que impeliu alguns de nós para além do ponto de retorno, nós chegamos. Sobrevivemos à morte de nossa infância. Agora, somos soldados, talvez os últimos que lutarão, a última e única esperança da Terra, unidos como um só no espírito da vingança.

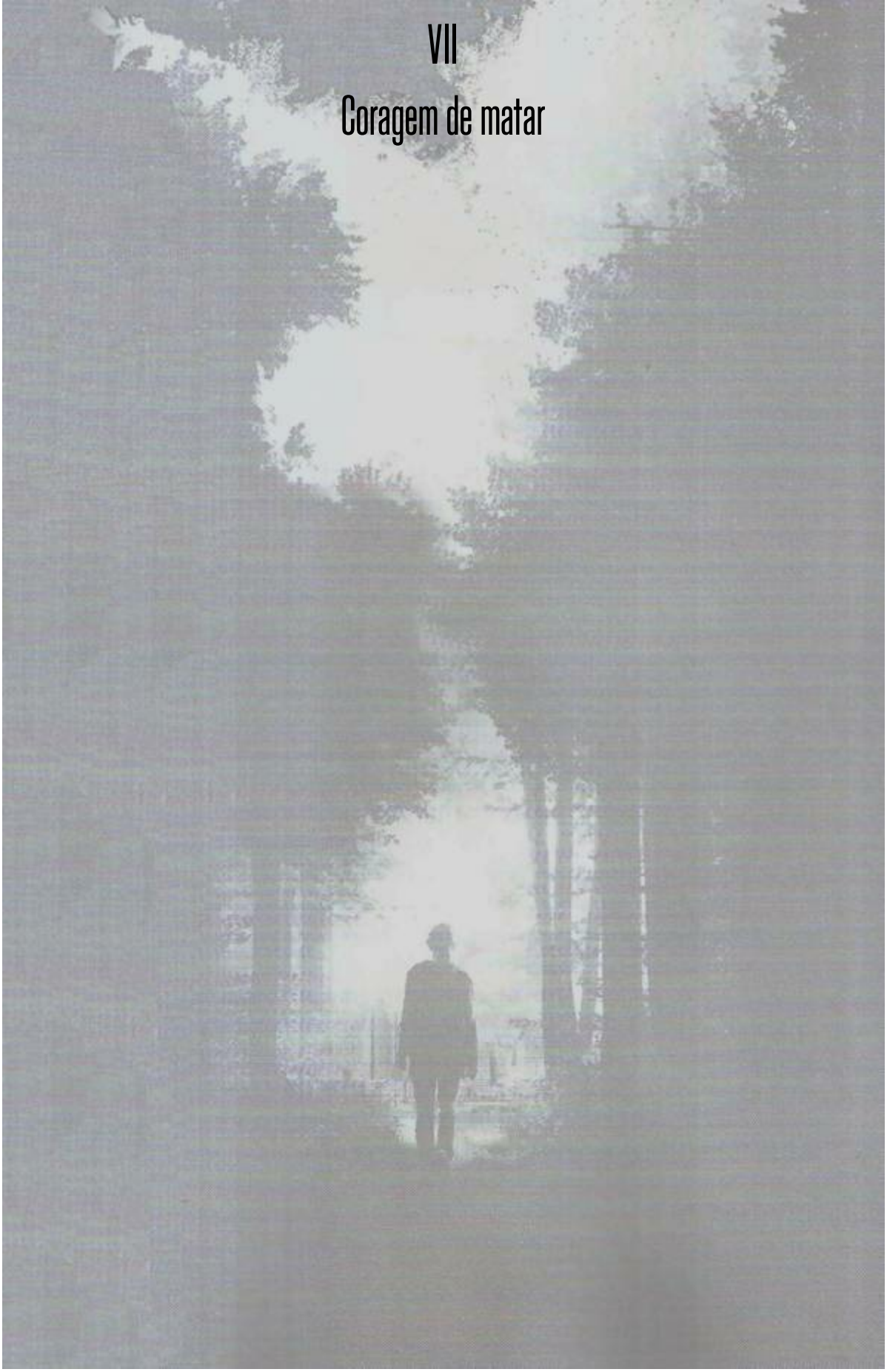
Não escuto sequer uma palavra do discurso de Vosch. Observo o sol erguer-se sobre o seu ombro, emoldurado pelas torres gêmeas da central de energia, a luz refletindo o brilho da nave mãe em órbita, a única imperfeição no céu que, fora isso, seria perfeito. Tão pequena, tão insignificante. É como se eu pudesse estender a mão e arrancá-la do céu, jogá-la ao chão, transformá-la em pó sob meu calcanhar. O fogo em meu peito cresce, cada vez mais quente, espalha-se por todas as células do meu corpo. Ele derrete meus ossos, incinera minha pele. Eu sou o sol em estado de super nova.

Eu estava enganado sobre a morte de Ben Parish no dia em que deixei a ala de convalescentes. Venho carregando o seu cadáver malcheiroso dentro de mim durante todo esse tempo. Agora, o que resta dele é queimado, enquanto olho para a figura solitária que acendeu esse fogo. O homem que me mostrou o verdadeiro campo de batalha. Que me esvaziou para que eu pudesse ser novamente preenchido. Que me matou para que eu pudesse viver. Juro que posso vê-lo olhando para mim com seus olhos azuis e gélidos que enxergam até o fundo de minha alma. E eu sei o que ele está pensando.

“Somos um, você e eu. Irmãos no ódio, irmãos na astúcia, irmãos no espírito de vingança.”

VII

Coragem de matar



“Você me salvou.”

Deitada em seus braços naquela noite, com essas palavras em meus ouvidos, eu penso: “Idiota, idiota, idiota. Você não pode fazer isso. Você não pode, não pode, não pode.”

Regra número um; não confie em ninguém. 0 que leva à regra número dois: a única forma de ficar viva o máximo de tempo possível é ficar sozinha o máximo de tempo possível.

E agora quebrei as duas.

Ah, eles são muito espertos. Quanto mais difícil fica a sobrevivência, mais você quer se agrupar. E quanto mais quer se agrupar, mais difícil se torna a sobrevivência.

Acontece que tive minha chance e não me dei muito bem sozinha. Na verdade, quebrei a cara. Eu teria morrido, se Evan não tivesse me encontrado.

O corpo dele colado às minhas costas, o braço envolvendo-me pela cintura de modo protetor, a respiração provocando uma comichão gostosa 11a minha nuca. O quarto está muito frio. Seria bom entrar sob as cobertas, mas não quero me mexer. Não quero que ele se mexa. Deslizo os dedos em seu braço nu, lembrando o calor de seus lábios, a maciez de seus cabelos na minha mão. O garoto que nunca dorme, dormindo. Repousando no litoral de Cassiopeia, uma ilha no meio de um mar de sangue. “Você tem a sua promessa para Sammy, e eu tenho você.”

Não posso confiar nele. Preciso confiar nele.

Não posso ficar com ele. Não posso deixá-lo para trás.

Não se pode mais confiar na sorte. Os Outros me ensinaram essa lição.

Mas ainda é possível confiar no amor?

Não que eu o ame. Nem mesmo sei o que é o amor. Sei os sentimentos que Ben Parish despertava em mim, e é impossível descrevê-los, pelo menos com qualquer palavra que eu conheça.

Evan se mexe às minhas costas.

— Está tarde — ele murmura. — É melhor você dormir um pouco.

“Como sabe que estou acordada?"

— E você?

Evan rola para fora da cama e anda devagar até a porta. Eu me levanto, o coração acelerado, sem saber exatamente por quê.

— Para onde você vai?

— Dar uma olhada por aí. Não vou demorar.

Depois que ele sai, tiro as roupas e escorrego para dentro de uma de suas camisas xadrez de lenhador. Vai gostava de camisolas cheias de babados. Não é meu estilo.

Subo de novo na cama e puxo as cobertas até o queixo. Puxa, está frio. Escuto o silêncio. Isto é, da casa sem Evan. Lá fora, há os sons da natureza em liberdade. O latido distante de cães selvagens, o uivo de um lobo, o piado de corujas. É inverno, a época do ano em que a natureza sussurra. Espero por uma sinfonia de animais silvestres quando a

primavera chegar.

Aguardo a volta de Evan. Uma hora se passa. Depois, duas.

Escuto o rangido revelador e prendo a respiração. Geralmente escuto quando ele entra todas as noites. A porta da cozinha bater. O ruído pesado das botas quando sobe a escada. Agora não escuto nada além do rangido do outro lado da porta.

Estendo a mão e pego a Luger na mesa de cabeceira. Sempre a mantenho por perto.

"Ele está morto", foi meu primeiro pensamento. "Não é Evan do outro lado dessa porta, é um Silenciador."

Deslizo para fora da cama e vou até a porta na ponta dos pés. Colo o ouvido na madeira. Fecho os olhos para me concentrar. Segurando a arma na postura adequada, com as duas mãos, do jeito que ele me ensinou. Ensaiando cada passo na mente, como ele me ensinou.

"Mão esquerda na maçaneta. Virar, puxar, recuar dois passos, levantar a arma. Virar, puxar, recuar dois passos, levantar a arma..."

Creeeeeeek.

Certo, é agora.

Abro a porta com um puxão, recuo apenas um passo — lá se foi o ensaio — e ergo a arma. Evan salta para trás e choca-se de encontro à parede, as mãos subindo num ato reflexo quando vê a boca da pistola cintilando diante de seu rosto.

— Ei! — ele grita. Olhos arregalados, mãos para cima, como se estivesse sendo atacado por um assaltante.

— Que diabos você está fazendo? — Estou tremendo de raiva.

— Eu estava voltando para.,, para dar uma olhada em você. Por favor, dá para abaixar a arma?

— Você sabe que eu não precisava abrir — rosnei para ele, baixando a arma. — Eu poderia ter atirado através da porta.

— Da próxima vez, eu vou bater, juro. — Ele me lança o característico sorriso de lado.

— Vamos combinar um código para quando você quiser vir se esgueirando até onde estou, Uma batida significa que você gostaria de entrar. Duas, que você só está passando para me espionar enquanto durmo.

Os olhos de Evan vão do meu rosto para a camisa (que, na verdade, é dele) e para minhas pernas nuas, parando ali muito tempo antes de voltar ao meu rosto. Seu olhar é caloroso, Minhas pernas estão frias.

Ele dá uma batida no batente. Mas é o sorriso que lhe permite entrar.

Sentamo-nos na cama. Tento ignorar o fato de que estou usando a camisa dele, e que essa camisa carrega o cheiro dele, e que ele está sentado a uns 30 centímetros de mim, também cheirando como ele, e também que há um pequeno nó duro na boca do meu estômago, como se fosse uma brasa ardente.

Quero que ele me toque outra vez. Quero sentir suas mãos, macias como nuvens. Mas, se ele me tocar, receio que todos os bilhões e bilhões de átomos que formam o meu corpo explodam e se espalhem no universo.

— Ele está vivo? — Evan sussurra. Aquele olhar triste e desesperado está de volta. O

que aconteceu lá fora? Por que ele está pensando em Sams?

Dou de ombros. Como responder a isso?

— Eu sabia quando Lauren estava. Isto é, eu sabia quando ela não estava. — Mexendo na colcha, correndo os dedos sobre a costura, contornando as bordas dos pedaços de tecido como se estivesse trilhando o caminho num mapa do tesouro. — Eu sentia. Éramos apenas Vai e eu, então. Vai estava muito doente, e eu sabia que ela não tinha muito tempo. Eu sabia qual seria o momento, até quase a hora exata: eu tinha passado por aquilo seis vezes.

Ele precisa de um minuto para continuar. Alguma coisa realmente o assustou. Seus olhos não param quietos. Eles disparam pelo quarto, como que tentando encontrar algo para se distrair, ou talvez o contrário, algo para se fixar nesse momento. Nesse momento comigo. Não no momento em que não consegue parar de pensar.

— Certo dia, eu estava lá fora — ele conta — pendurando alguns lençóis para secar no varal, e esse sentimento esquisito tomou conta de mim.

Como se alguma coisa tivesse sido atirada em meu peito. Isto é, foi totalmente físico, não mental, não uma pequena voz na minha cabeça me dizendo... dizendo que Lauren estava morta. Foi como se alguém tivesse me dado um soco forte. E eu soube. Assim, larguei o lençol e corri para a casa dela...

Ele sacode a cabeça. Toco seu joelho, tiro a mão depressa. Depois do primeiro toque, tocar fica muito fácil.

— O que ela fez? — pergunto.

Não quero que ele vá a um lugar ao qual não está pronto para ir. Até o momento, ele tem sido um *iceberg* emocional, dois terços escondidos sob a superfície, ouvindo mais do que fala, perguntando mais do que responde.

— Ela se enforcou — Evan conta. — Eu a pus no chão. — Ele desvia o olhar. No quarto comigo, lá, com ela. — E, então, a enterrei.

Não sei o que dizer. Então, não digo nada. Muita gente diz muita coisa quando, na verdade, não tem nada a dizer.

— Acho que é assim que acontece — ele fala após um minuto. — Quando se ama alguém e acontece alguma coisa com eles, é um soco no coração. Não como um soco no coração; um *verdadeiro* soco no coração. — Ele sacode os ombros e ri baixinho para si mesmo. — Sei lá, foi isso que senti.

— E como não senti nada, você acha que Sammy deve estar vivo?

— Eu sei. — Evan dá de ombros e ri, constrangido. — Sou bobo. Desculpe por ter tocado nesse assunto.

— Você a amava muito, não é?

— Crescemos juntos. — A lembrança faz os olhos de Evan brilharem.

— Ela vinha aqui, ou eu ia até a casa dela. Então ficamos mais velhos e ela estava sempre aqui, ou eu estava sempre lá. Quando eu conseguia dar uma escapada. Eu tinha que ajudar meu pai na fazenda.

— Você foi para lá hoje à noite, não é? Até a casa dela.

Uma lágrima rola em sua face. Eu a enxugo com o polegar, do jeito que ele enxugou minhas lágrimas na noite em que perguntei se acreditava em Deus.

Subitamente, ele se inclina e me beija. Simples assim.

— Evan, por que você me beijou? — Falar sobre Lauren, depois me beijar. É estranho.

— Não sei. — Ele abaixa a cabeça. Lá está o Evan enigmático, o Evan taciturno, o Evan ardente, e, agora, o Evan garotinho tímido.

— Da próxima vez, é melhor você ter um bom motivo — provoco.

— Está bem — e me beija de novo.

— Motivo? — pergunto com suavidade.

— Ahn... você é muito bonita?

— Acho que serve. Não sei se é verdade, mas é bom.

Ele segura meu rosto com ambas as mãos e inclina-se para um terceiro beijo demorado, inflamando o nó fervilhante no meu abdômen, os cabelos na nuca se arrepiando em uma dancinha alegre.

— É verdade — ele sussurra, nossos lábios se roçando.

Adormecemos na mesma posição de conchinha em que estivemos horas antes, a palma de sua mão pressionada abaixo de meu pescoço. Acordo altas horas da noite e, por um segundo, estou de volta à floresta, enfiada no meu saco de dormir, apenas eu, meu ursinho e meu M16, E um estranho apertando o corpo junto ao meu.

"Não, está tudo bem, Cassie. É Evan, o que a salvou, o que cuidou de você até recuperar a saúde e o que está disposto a arriscar a vida para que possa cumprir uma promessa ridícula. Evan, o reparador que reparou em você. Evan, o garoto simples de fazenda com mãos quentes, delicadas e macias."

Meu coração falha uma batida. Que espécie de garoto de fazenda tem mãos macias?

Afasto a mão dele do meu peito. Ele se mexe, suspirando na minha nuca. Agora, os cabelos que os lábios dele roçaram dançam num ritmo diferente. Passo levemente a ponta dos dedos na palma de sua mão. Macia como bumbum de bebê.

"Certo, não entre em pânico. Faz alguns meses que ele não trabalha na fazenda. E você sabe como as cutículas dele são bem cuidadas... mas podem anos de calosidades desaparecer depois de alguns meses caçando na floresta?"

Caçando na floresta...

Abaixo um pouco a cabeça para sentir o cheiro de seus dedos. Provavelmente é minha imaginação excessivamente ativa, mas percebo o cheiro acre e metálico de pólvora? Quando ele disparou uma arma? Evan não tinha ido caçar naquela noite, foi apenas visitar o túmulo de Lauren.

Estou deitada totalmente desperta em seus braços, enquanto o dia amanhece, sentindo o coração dele batendo junto às minhas costas, o meu coração batendo de encontro à mão dele.

"Você deve ser um péssimo caçador. Quase nunca volta com algum animal."

"Na verdade, eu sou muito bom."

"Você simplesmente não tem coragem de matai¹?"

"Tenho coragem de fazer o que tiver que fazer."

E então, Evan Walker, o que tem coragem de fazer?

54

O dia seguinte é uma agonia.

Sei que não posso confrontá-lo. É arriscado demais. E se o pior for verdade? Que não existe o garoto de fazenda Evan Walker, apenas Evan Walker traidor de humanos, ou, o impensável (uma palavra resume muito bem essa invasão alienígena): Evan Walker, Silenciador. Digo a mim mesma que essa possibilidade é ridícula. Uni Silenciador não iria cuidar de mim para que eu me recuperasse, muito menos me dar apelidos e dormir abraçadinho no escuro. Um Silenciador iria apenas... bem, me silenciar.

Se eu der o passo irreversível para confrontá-lo, o jogo praticamente terá terminado. Se ele não for quem alega ser, eu não estaria lhe dando nenhuma escolha. Qualquer que fosse a razão para me manter viva, acho que eu não continuaria nesse mundo por muito mais tempo, se lhe passasse pela cabeça que sei a verdade.

"Vá devagar. Pense bem. Não vá arrebentando tudo, como sempre faz, Sullivan. Não é seu estilo, mas você tem que ser metódica uma vez na vida." Assim, finjo que está tudo certo. Durante o café da manhã, contudo, conduzo a conversa para os seus dias pré-Chegada. Que tipo de trabalho ele realizava na fazenda? Tudo em que consegue pensar, ele diz: dirigir o trator, empilhar feno, alimentar os animais, consertar equipamentos, consertar cercas de arame farpado. Mantenho os olhos sobre suas mãos, enquanto minha mente cria desculpas para ele. Ele sempre usar luvas foi a melhor de todas, mas não consigo pensar num jeito natural de perguntar: "Então, Evan, as suas mãos são muito macias para quem cresceu numa fazenda. Você certamente usou luvas o tempo todo e passou muito mais loção hidratante do que a maioria dos sujeitos, não é?"

Evan não quer falar sobre o passado; é o futuro que o preocupa. Ele quer detalhes sobre a missão. Como cada passo entre a casa da fazenda e Wright-Patterson deve ser cuidadosamente planejado, cada contingência considerada. E se não esperarmos até a primavera e cair outra nevasca? E se encontrarmos a base abandonada? Como então vamos encontrar o rastro de Sammy? Quando vamos dizer que *já* chega e desistirmos?

— Eu nunca vou desistir — afirmo.

Espero pelo cair da noite. Esperar nunca foi o meu forte, e ele percebe a minha inquietação.

— Você vai ficar bem? — Parado junto à porta da cozinha, fuzil pendurado ao ombro. Segurando meu rosto delicadamente nas mãos macias. E eu olhando para aqueles olhos de cachorrinho. A corajosa Cassie, a confiante Cassie, a efemérida, a isca Cassie. "Claro, vou ficar ótima. Você sai, mata algumas pessoas, e eu vou estourar pipoca."

Então, vejo-me trancando a porta trás dele. Vendo-o sair com tranquilidade da varanda e caminhar até as árvores na direção do oeste, para a rodovia, onde, todos sabem, caça nova como alces, coelhos e *Homo sapiens* gostam de se reunir.

Examino todos os quartos. Quatro semanas trancada ali como alguém em prisão domiciliar, imagina-se que eu tivesse investigado um pouco.

O que encontro? Nada. E muito.

Álbuns com fotos de família. Ali está o bebê Evan no hospital, usando a touca

listrada de recém-nascido. Evan dando os primeiros passos, empurrando um cortador de grama. Evan com 5 anos montado num pônei. Evan com 10 anos no trator. Evan com 12 anos usando o uniforme de beisebol...

E o resto da família, inclusive Vai. Reconheço-a de imediato. Ver o rosto da garota que morreu em seus braços e cujas roupas usei traz muitas lembranças desagradáveis. De repente, sinto-me a pior pessoa que resta na face da Terra. Ver a família dele diante da árvore de Natal, reunida em volta de bolos de aniversário, caminhando em trilhas nas montanhas, faz tudo me descer pela garganta: o fim das árvores de Natal, dos bolos de aniversário, das férias em família e de outras 10 mil outras atividades normais. A cada fotografia, o toque de um sino, um *timer* clicando na direção do fim da normalidade.

E ela também está em algumas das fotografias. Lauren. Alta. Atlética. Ah, e loira. Claro, tinha que ser. Eles formam um casal muito atraente. Em mais da metade das fotografias, ela não está olhando para a câmera, está olhando para ele. Não do jeito que eu olharia para Ben Parish, com o olhar todo meloso, Ela olha para Evan com determinação, como "Este aqui? É meu,"

Guardo os álbuns. Minha paranoia está perdendo a força. "E então ele tem mãos macias. E daí? Mãos macias são uma coisa boa" Acendo um fogo forte a fim de aquecer o aposento e afastar as sombras que se acumulam dentro de mim. "E então os dedos dele cheiram a pólvora depois de visitar o túmulo dela. E daí? Há animais selvagens correndo por todo lugar. E não foi o tipo de momento em que se diz, 'Ei, fui até o túmulo dela. Por falar nisso, tive que atirar num cão raivoso na volta para casa.' Desde que a encontrou, ele cuidou de você, manteve-a em segurança, ficou à sua disposição."

Porém, não importa o quanto eu tente me convencer, não consigo me acalmar. Algo me escapa. Algo importante. Ando de um lado a outro na frente da lareira, tremendo apesar das chamas ruidosas. É como ter coceira e não poder coçar. Mas o que poderia ser? No íntimo, sei que não vou encontrar nada incriminador, mesmo que eu investigue cada centímetro da casa.

"Mas você não procurou em todos os lugares, Cassie. Você não procurou no único lugar em que ele não imaginaria que fosse olhar."

Vou mancando para a cozinha. Não tenho mais muito tempo. Pego uma jaqueta pesada no gancho perto da porta e uma lanterna no armário, enfio a Luger no cós da calça e saio no frio intenso. Céu claro, o pátio banhado pela luz das estrelas. Tento não pensar na nave mãe a algumas centenas de quilômetros acima da cabeça enquanto corro para o celeiro. Só acendo a lanterna depois de entrar.

O cheiro de esterco velho e feno embolorado. O ruído dos ratos correndo nas tábuas podres acima de minha cabeça. Giro a lanterna pelo local, sobre as baias vazias, o chão sujo e o monte de feno. Não sei exatamente o que estou procurando, mas continuo a olhar. Em todos os filmes de suspense já feitos, o celeiro é o principal esconderijo das coisas que você não sabe que está procurando e sempre se arrepende de encontrar.

Encontro o que não estou procurando sob uma pilha de cobertores cheios de ratos empilhados de encontro à parede dos fundos. Algo comprido e escuro cintilando no círculo de luz. Não o toco. Eu o exponho, jogando três cobertores para o lado a fim de chegar ao esconderijo.

É meu Ml6.

Sei que é meu. Posso ver as iniciais na coronha, C.S., rabiscadas ali certa tarde, quando me escondia na pequena barraca na floresta. C.S. são mesmo as iniciais perfeitas para mim: *Completamente Sem-Noção.*

Eu o tinha perdido no meio da estrada, quando o Silenciador saiu de entre as árvores. Apavorada, deixei-o ali. Decidi que não poderia voltar para apanhá-lo. E agora, aqui está, no celeiro de Evan Walker. O meu preferido encontrou o caminho de volta até mim.

"Você sabe dizer quem é o inimigo em tempos de guerra, Cassie?" Dou alguns passos para trás. Recuo da mensagem que a arma me envia. Recuo até a porta, enquanto mantenho a luz acesa sobre seu cano negro e brilhante.

E, então, viro-me e corro. E me choco em seu peito rígido como pedra.

55

— Cassie? — ele diz, segurando meus braços para que eu não caia de costas. — O que você está fazendo aqui? — Ele olha por cima do meu ombro para dentro do celeiro.

— Achei que escutei um barulho.

Sua idiota! Agora ele poderia decidir investigar, mas dizer aquilo foi a primeira coisa que me ocorreu. Eu deveria treinar para não deixar escapar tudo que me vem à cabeça. Se eu continuar viva nos próximos cinco minutos, claro, Meu coração batia com tanta força, que eu sentia os ouvidos tinindo.

— Pensei que você... Cassie, você não deveria vir aqui à noite.

Concordo com um gesto de cabeça e me obrigo a olhá-lo nos olhos.

Evan Walker é um reparador.

— Eu sei, foi burrice, mas você demorou para voltar.

— Eu estava perseguindo um alce. — Ele é uma enorme sombra com formato de Evan diante de mim, uma sombra com um fuzil de alta potência de encontro ao fundo de um milhão de sóis.

"Aposto que sim."

— Vamos para dentro, está bem? Estou congelando.

Ele não se move. Está olhando para o interior do celeiro.

— Já verifiquei — digo, tentando manter a voz calma. — Ratos.

— Ratos?

— É, ratos.

— Você escutou ratos? No celeiro? De dentro de casa?

— Não. Como eu poderia ouvir ratos de lá? — Um revirar de olhos desesperado seria ótimo agora. Não é um riso nervoso que escapa em seu lugar, — Saí na varanda para pegar um pouco de ar fresco.

— E você os ouviu da varanda?

— Eram ratos muito grandes.

Sorriso sedutor! Exibo um que, espero, atinja o objetivo, e então enrosco meu braço no dele, puxando-o na direção da casa. É como tentar mover um poste de concreto. Se ele entrar no celeiro e vir o fuzil à mostra, acabou. Por que diabos não cobri o fuzil?

— Evan, não era nada. Eu me assustei, foi só isso.

— Está bem.

Ele fecha a porta do celeiro com um empurrão e voltamos para a casa da fazenda, o braço dele envolvendo meus ombros protetoramente. Evan deixa o braço cair quando chegamos à porta.

"Agora, Cassie. Rápido passo para a direita, tirar a Luger do cós, segurá-la com duas mãos como se deve, joelhos levemente dobrados, apertar, não puxar. Agora."

Entramos na cozinha aquecida. A oportunidade passa.

— Bom, parece que você não caçou nenhum alce — digo como quem não quer nada.

— Não. — Evan encosta o fuzil na parede, sacode a jaqueta de cima dos ombros. Suas faces estão muito coradas do frio.

— Talvez você tenha atirado em alguma outra coisa — falo. — Talvez tenha sido isso que ouvi.

Ele balança a cabeça.

— Não atirei em nada. — Ele assopra as mãos. Eu o acompanho até a sala grande, onde ele se curva diante da lareira a fim de aquecer as mãos. Estou parada atrás do sofá a alguns metros atrás dele.

A segunda chance de acabar com ele. Atingi-lo de uma distância tão curta não seria difícil. Pelo menos não seria se a cabeça dele se parecesse com uma lata vazia de creme de milho, o único tipo de alvo com que me acostumei.

Tiro a arma do cós.

Encontrar meu fuzil no celeiro não me oferece muitas opções. Era como estar sob aquele carro na rodovia: esconder-me ou enfrentar. Não fazer nada, fingir que tudo estava bem entre nós não levaria a nenhum lugar. Atirar nele na nuca daria algum resultado, iria matá-lo, mas, depois do Soldado do Crucifixo, matar um inocente nunca mais tinha se tornado uma de minhas prioridades. Era melhor mostrar minha mão agora, enquanto essa mão segura uma arma.

— Preciso lhe contar uma coisa — falo. Minha voz treme. — Menti sobre os ratos.

— Você achou o fuzil. — Não foi uma pergunta.

Evan se vira. De costas para o fogo, seu rosto está envolto nas sombras. Não consigo ver sua expressão, mas ele fala em tom casual.

— Eu o achei há alguns dias na rodovia. Lembrei que você tinha dito que deixou o fuzil cair quando correu, então eu vi as iniciais e imaginei que fosse seu.

Durante um minuto, não digo nada. A explicação faz sentido. Eu só não esperava que ele tocasse no assunto de maneira tão direta.

— Por que não me contou? — pergunto finalmente.

Ele dá de ombros.

— Eu ia contar. Acho que esqueci. O que está fazendo com essa arma, Cassie?

"Ah, eu estava pensando em estourar a sua cabeça, só isso. Achei que talvez você fosse um Silenciador, ou um traidor da sua espécie, ou alguma coisa parecida com isso.

Ha ha!”

Acompanho seus olhos até a arma em minha mão e, de repente, sinto vontade de chorar.

— Temos que confiar um no outro — sussurro. — Não temos?

— Sim — Evan responde, agora se aproximando de mim. — Nós temos.

— Mas como... como se faz para confiar em alguém? — pergunto.

Ele está ao meu lado agora. Não tenta apanhar a arma. Ele tenta pegá-la com o olhar. E quero que ele me apanhe, antes que eu me afaste demais do Evan-que-pensei-conhecer, que me salvou para salvar a si mesmo de cair. Ele é tudo que possuo no momento. Ele é o minúsculo arbusto que cresce num penhasco ao qual me seguro. “Ajude-me, Evan. Não me deixe cair. Não me deixe perder a parte de mim que me faz humana.”

— A gente não podo se obrigar a acreditar em nada — Evan responde com suavidade. — Mas a gente pode se permitir acreditar. A gente pode se permitir confiar.

Aceno com a cabeça, e o encaro. Aqueles olhos calorosos como chocolate. Tão ternos e tristes. Droga, por que ele precisa ser tão atraente? E por que eu preciso ter tanta consciência desse fato? E qual a diferença da confiança que tenho nele da de Sammy ao segurar a mão do soldado antes de subir naquele ônibus? O estranho é que os olhos dele me lembram dos de Sammy, cheios de vontade de saber se vai ficar tudo bem. Os Outros responderam a essa pergunta com um inconfundível “não". Assim, no que isso me transforma, se eu der a Evan a mesma resposta?

— Eu quero. Realmente, muito mesmo.

Não sei como aconteceu, mas minha arma está agora na mão dele. Ele segura minha mão e me conduz até o sofá. Coloca a Luger sobre O *Amor é um Desejo Desesperado,* senta-se perto de mim, não tão perto, e repousa os cotovelos em meus joelhos. Ele esfrega as grandes mãos uma na outra, como se ainda estivessem frias. Não estão. Acabei de segurar uma delas.

— Não quero sair daqui — ele confessa. — Por uma série de razões que pareciam muito boas, até encontrar você.

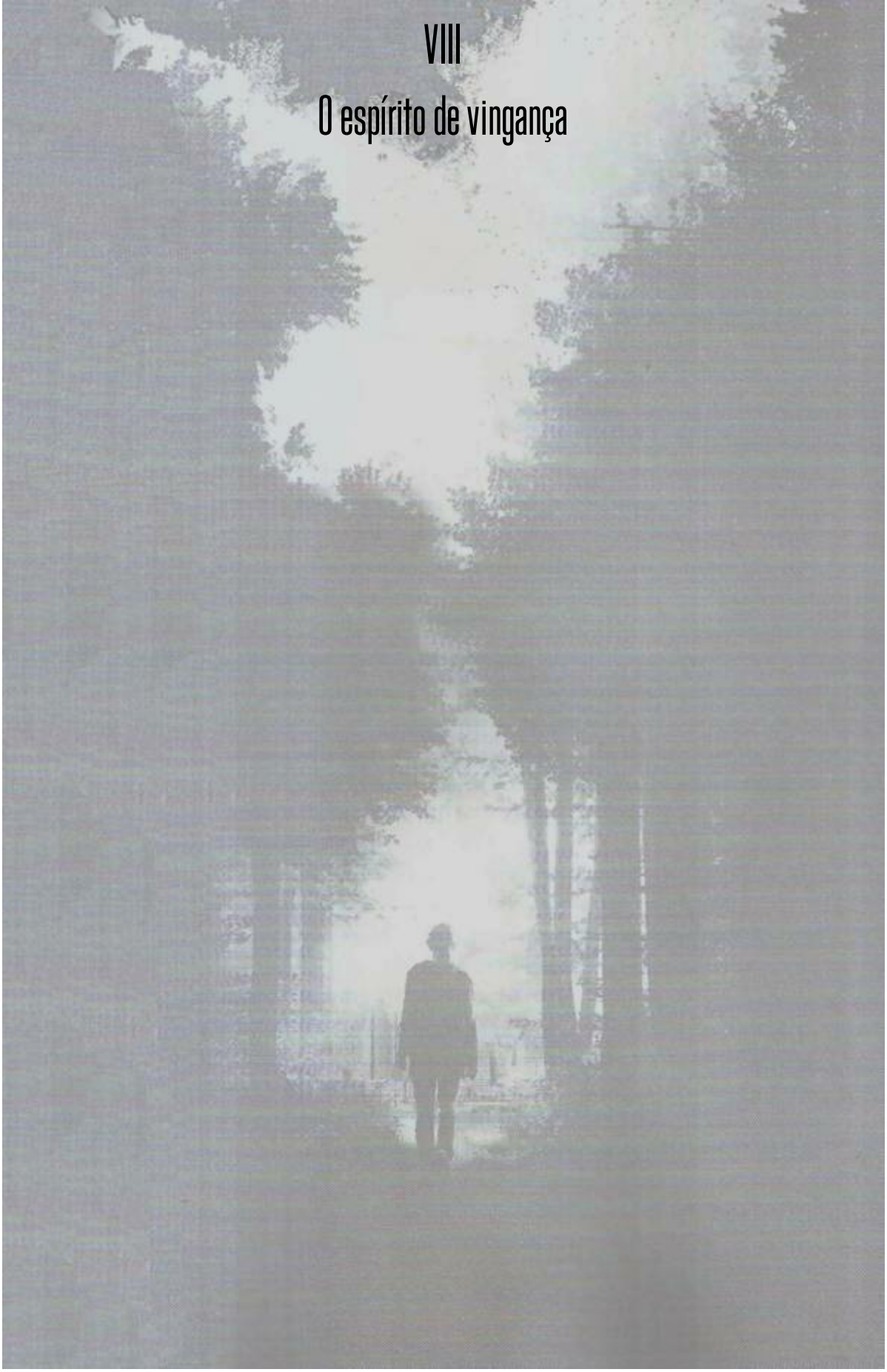
Ele bate as mãos uma na outra de leve, frustrado. As palavras não saem como pretendia.

— Sei que você não pediu para ser a razão para eu continuar com... com tudo. Mas, a partir do momento em que encontrei você... — Ele se vira, toma minhas mãos nas dele e, de repente, fico um pouco assustada. É como se eu estivesse evitando que ele caísse de um penhasco.

— Entendi tudo errado — Evan continua. — Antes de achar você, pensei que a única forma de me manter inteiro era encontrando um motivo para viver. Não é assim. Para continuar inteiro, é preciso encontrar alguma coisa pela qual se está disposto a morrer.

VIII

O espírito de vingança



O mundo está gritando.

Apenas o vento gélido disparando pela janelinha do Falcão Negro, mas é essa impressão que o som dá. Na época da peste, quando as pessoas morriam às centenas todos os dias, os apavorados residentes da cidade das Barracas, às vezes, jogavam pessoas inconscientes no fogo por engano, e não apenas elas eram ouvidas sendo queimadas vivas, mas também se podia senti-las como um soco no coração.

Algumas lembranças nunca podem ser deixadas para trás. Elas não pertencem ao passado. Elas pertencem a você.

O mundo está gritando. O mundo está sendo queimado vivo.

Pelas janelas do helicóptero, é possível ver incêndios pontilhando a paisagem escura, manchas de cor âmbar de encontro ao fundo negro, multiplicando-se à medida que nos aproximamos dos arredores da cidade. Aqueles fogos são piras funerárias. Raios de tempestades de verão os iniciaram, e os ventos de outono carregaram as brasas incandescentes para novos terrenos em que possam se alimentar, porque havia tanto para comer... a despensa estava lotada. O mundo vai queimar durante anos. Ele vai queimar até eu atingir a idade de meu pai. Se viver tanto tempo.

Estamos pairando 30 metros acima da copa das árvores, os rotores abafados por algum tipo de tecnologia moderna, aproximando-nos do centro de Dayton pelo norte. Uma neve fraca está caindo, cintilando entre os fogos abaixo como halos dourados, derramando luz, iluminando nada.

Afasto-me da janela e vejo Esp do outro lado do corredor me olhando fixamente. Ela levanta dois dedos. Aceno com a cabeça. Dois minutos para o salto. Puxo a bandana para baixo, a fim de posicionar as lentes da ocular sobre meu olho esquerdo, e ajeito a tira.

Esp aponta para Teacup, na cadeira ao meu lado. A ocular dela não para de escorregar. Aperto a tira. Ela me dá um sinal de positivo com o polegar, e" algo azedo me sobe pela garganta. Sete anos de idade. Querido Jesus. Inclino-me e grito em seu ouvido:

— Fique bem do meu lado, entendeu?

Teacup sorri, sacode a cabeça, aponta para Esp.

— Vou ficar com ela!

Rio. Teacup não é boba.

Sobrevoando o rio agora, o Falcão Negro está passando somente a alguns metros acima da água. Esp está checando a arma pela milésima vez. Ao lado dela, Flintstone está batendo o pé, nervoso, olhando para a frente, olhando para nada.

Lá está Dumbo verificando seu kit médico, e Oompa inclinando a cabeça para que não o vejamos enfiar a última barra de chocolate na boca.

Finalmente, Pão de Ló, de cabeça baixa, mãos dobradas no colo. Reznik lhe deu o nome de Pão de Ló porque disse que ele era suave e doce. Eu não acho que seja nem uma coisa nem outra, principalmente no estande de tiro. No geral, Esp é melhor atiradora, mas eu já vi Pão de Ló derrubar seis alvos em seis segundos.

“E, Zumbi. Alvos. Contornos de seres humanos em compensado. Quando se tratar

da coisa verdadeira, como então vai ser a sua mira? Ou a de qualquer um de vocês?"

Inacreditável. Somos a vanguarda. Sete crianças que há somente seis meses eram, bem... apenas crianças. Somos a resposta aos ataques que deixaram 7 bilhões de mortos.

Ali está Esp, encarando-me novamente. Quando o helicóptero começa a descer, ela abre a fivela das tiras do paraquedas e atravessa o corredor. Põe as mãos nos meus ombros e grita no meu rosto:

— Lembre-se do círculo! Nós não vamos morrer!

Mergulhamos depressa na zona de salto, na vertical. O helicóptero não pousa, paira alguns centímetros acima do terreno congelado, enquanto o esquadrão pula para fora. Pela portinhola aberta, vejo Teacup lutando com as tiras. Então, ela se liberta e salta na minha frente. Sou o último. Na carlinga, o piloto olha por cima do ombro e me dá um sina) de positivo. Retribuo o sinal.

O Falcão Negro dispara para o céu noturno, voltando direto para o norte, a fuselagem negra misturando-se rapidamente às nuvens escuras, até que elas o engolem, e, então, ele desaparece.

Os rotores limparam a neve do ar no pequeno parque junto ao rio. Depois da partida do helicóptero, a neve retorna, girando furiosamente à nossa volta. O súbito silêncio que segue os gritos do vento é ensurdecedor. Bem a nossa frente, uma imensa sombra humana assoma: a estátua de um veterano da guerra da Coreia. À esquerda da estátua encontra-se a ponte. Do outro lado, dez quarteirões a sudoeste, está o velho tribunal, onde vários infestados tinham acumulado um pequeno arsenal de armas automáticas e lançadores de granadas, além de mísseis FIM-92 Stinger, segundo o perfil do País das Maravilhas de um dos infestados capturado na Operação Lá Vem o Pato. Foram os mísseis Stinger que nos trouxeram para esse lugar. Nossa força aérea foi devastada pelos ataques, então é fundamenta] que protejamos os poucos recursos que nos restam.

Nossa missão é dividida em duas etapas: destruir ou capturar qualquer material bélico inimigo e matar todos os infestados.

Matar com danos extremos.

Esp na ponta: ela tem a visão mais aguçada. Nós a seguimos passando pela estátua de semblante sério até a ponte; Flint, Dumbo, Oompa, Pão de Ló e Teacup cobrindo a retaguarda. Serpenteando entre os carros abandonados que parecem saltar por uma cortina branca, cobertos pelos piores detritos de três estações. Alguns tiveram os vidros estilhaçados, decorados com grafites, despojados de quaisquer valores, mas o que ainda é valioso? Teacup correndo conosco, na minha frente, com os pés de bebê. Ela é valiosa. Lá está o maior benefício da Chegada. Ao nos matarem, eles nos mostraram a idiotice dos bens materiais. O sujeito que era dono dessa BMW agora está no mesmo lugar que a proprietária desse Kia.

Paramos perto de Patterson Boulevard, na extremidade sul da ponte. Escondemo-nos ao lado do para-choque amassado de um SUV e observamos cuidadosamente a estrada à frente. A neve reduz nossa visibilidade a cerca de meio quarteirão. Isso pode levar algum tempo. Olho para o relógio. Quatro horas até retornar ao ponto de encontro no parque.

Um carro-tanque enguiçou no meio do cruzamento, a 20 metros, bloqueando nossa

visão do lado esquerdo da rua. Não consigo enxergar, mas, pelas informações recebidas sobre a missão, sei que há um edifício de quatro andares naquele lado, um excelente ponto de guarda, se o inimigo quisesse ficar de olho na ponte. Faço sinal para Esp para se manter à direita quando deixamos a ponte, ficando entre o carro-tanque e o edifício.

Ela se move rapidamente na frente do veículo e estende-se no chão. O esquadrão a imita, e eu rastejo de bruços para me juntar a ela.

— O que está vendo? — sussurro.

— Três deles, 2 horas.

Observo o edifício do outro lado da rua pela ocular com olhos semicerrados. Pelos flocos algodoados de neve, vejo três bolhas verdes de luz balançando ao longo da calçada, ficando maiores à medida que se aproximam do cruzamento. Meu primeiro pensamento é: "Puxa vida, essas lentes realmente funcionam." E meu segundo pensamento: "Puxa, Teds, e estão vindo diretamente para cá."

— Patrulha? — pergunto à Esp.

Ela dá de ombros.

— Provavelmente notaram o helicóptero e estão vindo investigar.

Ela está deitada de bruços, mantendo os inimigos na mira, aguardando a ordem para atirar. As bolhas verdes ficam maiores. Atingiram agora a esquina oposta a nós. Mal consigo distinguir seus corpos sob os faróis verdes em cima dos ombros. É um efeito estranho e desagradável, como se suas cabeças tivessem sido tragadas por um fogo verde giratório e iridescente.

"Ainda não. Se começarem a atravessar, dê a ordem."

Ao meu lado, Esp respira fundo, prende a respiração, espera pacientemente por minha ordem, como se pudesse esperar mil anos. A neve se acumula em seus ombros, gruda nos cabelos pretos. A ponta de seu nariz está vermelha. O momento se arrasta. E se houver mais que três? Se anunciarmos nossa presença, uma centena deles poderia vir para cima de nós, vinda de dezenas de diferentes esconderijos. Agir ou esperar? Mordo o lábio inferior, analisando as opções.

— Eles estão na mira — ela afirma, interpretando mal minha hesitação.

Do outro lado da rua, as bolhas verdes de luz estão imóveis, reunidas como que entretidas numa conversa. Não sei dizer se estão voltados em nossa direção, mas tenho certeza de que não sabem que estamos ali. Se soubessem, correriam até nós, abririam fogo, se esconderiam, fariam alguma coisa. Temos o elemento surpresa e temos Esp. Mesmo que ela erre o primeiro tiro, não vai errar os seguintes. Realmente, não é uma decisão fácil.

Assim, o que me impede de tomá-la?

Esp deve estar se perguntando o mesmo, porque olha para mim e sussurra:

— Zumbi? O que vamos fazer?

As minhas ordens são "Acabem com todos os infestados." Mas minha intuição diz "Não se apresse. Não faça pressão. Deixe rolar." E ali estou eu, espremido no meio.

Um segundo depois de nossos ouvidos registrarem a reação do fuzil de alta potência, o pavimento a meio metro a nossa frente desintegra-se em uma chuva de neve suja e concreto pulverizado. A situação resolve meu dilema rapidamente. As palavras

disparam de minha boca como se puxadas dos pulmões pelo vento gelado.

— Pegue eles.

A bala de Esp atinge uma das luzes verdes balouçantes, e a luz se apaga. Uma das luzes escapa para a direita, Esp vira o cano para o meu rosto. Abaixo-me quando ela atira novamente, e a segunda luz se apaga. A terceira parece encolher enquanto ele corre pela rua, voltando para o lugar de onde veio.

Eu me levanto de um salto. Não posso deixar que ele fuja para soar o alarme. Esp me agarra pelo pulso e me puxa com força, para que eu me abaixe.

— Droga, Esp, o que você...

— E uma armadilha. — Ela aponta para a cicatriz de 15 centímetros no concreto. — Você não escutou? Não foram eles que deram o tiro. Ele veio dali. — Com um gesto brusco de cabeça, ela mostra o edifício do lado oposto da rua. — Da nossa esquerda. E, a julgar pelo ângulo, do alto, talvez do telhado.

Sacudo a cabeça. Um quarto infestado no telhado? Como ele sabe que estamos ali, e por que não avisou os outros? Estamos escondidos atrás do carro-tanque, o que significa que ele deve ter nos visto na ponte. Deve ter nos visto e esperado para atirar até que estivéssemos fora de vista e não houvesse condições de nos atingir. Não fazia sentido.

E Esp continua, como se lesse a minha mente.

— Acho que isso é o que eles querem dizer com "a névoa da guerra".

Concordo com um gesto de cabeça. Os fatos estão ficando muito complicados, tudo acontece depressa demais.

— Como ele nos viu atravessar? — pergunto.

Ela sacode a cabeça.

— Visão noturna, só pode ser.

— Então estamos ferrados. — Encurralados. Ao lado de milhares de litros de gasolina. — Ele vai atirar no carro-tanque.

Esp dá de ombros.

— Com uma bala, de jeito nenhum. Isso só funciona nos filmes, Zumbi.

Ela me olha, esperando por uma decisão. Juntamente com o resto do esquadrão. Viro-me para trás. Eles estão me olhando, olhos grandes e arregalados na escuridão tomada pela neve. Teacup está congelando, ou tremendo de completo horror. Flint está de cara feia. Ele é o único a se manifestar e externar o que os demais estão pensando.

— Sem saída. Abortamos agora, certo?

Tentador, mas uma atitude suicida. Se o atirador no telhado não nos atingir na retirada, os reforços que devem estar vindo atingirão.

Bater em retirada não é uma opção. Avançar não é uma opção. Ficar onde nos encontramos não é uma opção. Não há opções.

Correr = morrer. Ficar = morrer.

— Por falar em visão noturna — Esp resmunga eles deveriam ter pensado nisso antes de nos largar em uma missão noturna. Estamos totalmente cegos aqui.

Olho para ela. "Totalmente cegos. Obrigado, Esp." Ordeno ao esquadrão que se reúna a minha volta e sussurro:

— Próximo quarteirão, lado direito, ligado aos fundos do edifício, há uma garagem.

— Ou pelo menos deveria haver, segundo o mapa. — Subimos ao terceiro andar. Esquema de duplas: Flint com Esp, Pão de Ló com Oompa, Dumbo com Teacup.

— E você? — Esp pergunta. — Quem é seu companheiro?

— Não preciso de um companheiro — respondo. — Eu sou um maldito Zumbi.

Ali vem o sorriso. Espero por ele.

57

Mostro a barragem que leva para a beira da água.

— Andem até aquela trilha e não esperem por mim — digo a Esp. Ela sacode a cabeça, franzindo o cenho. Eu me mantenho firme, e continuo com a expressão mais séria possível. — Pensei que tinha ganhado você com a observação sobre o zumbi. Qualquer dia desses, vou conseguir arrancar-lhe um sorriso, cabo.

Ainda longe de um sorriso.

— Acho que não, senhor.

— Você tem alguma coisa contra sorrisos?

— Foi a primeira coisa que desapareceu. — Então a neve e a escuridão a engoliram, O resto do esquadrão a seguiu. Ouço Teacup choramingando baixinho, enquanto Dumbo a incentiva.

— Olhe, Cup, corra bem depressa, certo?

Eu me agacho ao lado do tanque de combustível, seguro a tampa de metal, proferindo uma daquelas orações contraintuitivas de que esse garoto mau está cheio, ou melhor, meio cheio, visto que os gases vão nos dar o melhor custo-benefício. Não ouso pôr fogo na carga, mas os poucos litros de diesel contidos debaixo dela devem ser suficientes. Espero.

A tampa está congelada. Bato nela com a coronha do fuzil, seguro- -a com as duas mãos e uso toda a força que tenho. Ela se solta com um chiado muito pungente e satisfatório. Tenho dez segundos. Devo contar? Não, dane-se. Puxo o pino da granada, jogo-a na abertura e disparo colina abaixo. A neve segue, intermitente, os meus passos. O dedão do meu pé prende-se em algo e sigo tropeçando o resto do caminho, aterrissando de costas no fundo, batendo a cabeça no asfalto da trilha pavimentada. Vejo a neve girando em volta de minha cabeça e sinto o cheiro do rio. Logo escuto um suave *vu-vrump,* e o carro-tanque salta cerca de meio metro no ar, seguido por uma fantástica bola de fogo refletida pela neve que cai, um miniuniverso de minúsculos sóis cintilantes. Eu me levanto e corro colina acima. E impossível enxergar a equipe. Posso sentir o calor na face esquerda quando corro paralelamente ao veículo, que ainda está inteiro, o tanque intacto. Jogar a granada no tanque de combustível não incendiou a carga. Devo jogar outra? Continuo correndo? Ofuscado pela explosão, o atirador iria tirar seus óculos de visão noturna. Mas ele não vai ficar sem enxergar durante muito tempo.

Passei o cruzamento e estou no meio-fio quando a gasolina pega fogo. A explosão me joga para a frente, sobre o corpo do primeiro Ted morto por Esp, e direto nas portas de vidro do edifício comercial. Escuto algo se quebrar. Espero que sejam as portas, e não

alguma parte importante do meu corpo. Imensos fragmentos pontiagudos de metal caem como chuva, pedaços do tanque destruído pela explosão atirados a centenas de metros em todas as direções na velocidade de uma bala. O calor é insuportável. É como se eu tivesse sido engolido pelo sol.

O vidro atrás de mim se estilhaça devido a uma bala de alto calibre, e não por causa da explosão. "Meia quadra da garagem. Ande, Zumbi." E vou o mais depressa que posso, até encontrar Oompa encolhido na calçada, Pão de Ló ajoelhado ao seu lado, puxando-o pelo cotovelo, o rosto retorcido em um grito silencioso. Tinha sido Oompa quem ouvi gritando depois que o carro-tanque explodiu, e preciso apenas de meio segundo para descobrir o motivo: um pedaço de metal do tamanho de um Frisbee projeta-se da parte inferior das costas dele.

Empurro Pão de Ló na direção da garagem.

— Vai! — e ergo o pequeno corpo redondo de Oompa por cima de meu ombro. Dessa vez, escuto o tiro do fuzil, dois segundos depois que o atirador do outro lado da rua dispara, e um pedaço de concreto solta-se da parede atrás de mim.

O primeiro andar da garagem está separado da calçada por uma parede de concreto na altura da cintura. Passo Oompa sobre ela, e, então, vou para o outro lado com um salto e me abaixo. *Ka-tump:* um pedaço da parede do tamanho de um punho dispara em minha direção. Ajoelhado ao lado de Oompa, olho e vejo Pão de Ló correndo até o poço de uma escada. Agora, contanto que não haja outro atirador escondido nesse prédio, e contanto que o infestado que escapou também não tenha se ocultado aqui...

Um rápido exame do ferimento de Oompa não é encorajador. Quanto mais rápido eu conseguir levá-lo para cima ao encontro de Dumbo, melhor.

— Cabo Oompa — sussurro em seu ouvido. — Você não tem permissão para morrer, entendeu?

Ele acena com a cabeça, enchendo o pulmão com o ar gélido, expirando-o em seguida, morno ao sair do interior de seu corpo. Mas ele está branco como a neve que se agita na luz dourada. Tomo a colocá-lo no ombro e corro para a escada, mantendo-me o mais abaixado possível, sem perder o equilíbrio.

Subo os degraus de dois em dois até chegar ao terceiro andar, onde encontro a unidade agachada atrás da primeira fila de carros, vários metros longe da parede voltada para o edifício onde está o atirador.

Dumbo está ajoelhado ao lado de Teacup, cuidando da menina. O traje dela está rasgado, e posso ver um corte vermelho bem feio, onde uma bala atravessou-lhe a barriga da perna. Dumbo joga uma atadura sobre o ferimento e entrega Teacup a Esp, antes de correr para perto de Oompa. Flintstone está sacudindo a cabeça para mim.

— Eu disse que devíamos abortar — Flint fala com um brilho hostil no olhar. — Agora, veja só.

Eu o ignoro e me viro para Dumbo.

— E então?

— Não está nada bem, sarge.

— Então, faça-o ficar bem. — Olho para Teacup, que enterrou a cabeça no peito de Esp, choramingando baixinho.

— *É* superficial — Esp me diz. — Ela pode andar.

Aceno com a cabeça. Oompa mal, Teacup com um tiro na perna, Flint pronto para um motim, um atirador do outro lado da rua e cerca de uma centena de seus melhores amigos a caminho da festa. Preciso encontrar uma solução brilhante, e depressa.

— Ele sabe onde estamos, o que significa que não podemos ficar muito tempo aqui. Veja se vocês podem carregá-lo.

Esp assente com um gesto de cabeça, mas não consegue desgrudar Teacup dela. Estendo as mãos úmidas do sangue de Oompa: "Dê a garota para mim." Entregue, Teacup se retorce de encontro à minha camisa. Ela não me quer. Mostro a rua com um gesto brusco de cabeça e digo para Pão de Ló:

— Cabo, vá com Esp. Tire o filho da mãe dali.

Esp e Pão de Ló agacham-se entre dois carros e desaparecem. Acaricio a cabeça descoberta de Teacup, em algum ponto do caminho ela tinha perdido o quepe, e observo Dumbo puxar o fragmento nas costas de Oompa com cuidado. Oompa uiva de dor, os dedos agarrando o chão. Inseguro, Dumbo olha para mim. Faço um aceno. Aquilo tem que sair.

— Depressa, Dumbo. Quanto mais devagar, pior. — E, então, ele puxa.

Oompa dobra-se sobre si mesmo, e os ecos de seus gritos disparam pela garagem. Dumbo joga o pedaço denteado de metal para o lado e ilumina a ferida aberta com a lanterna.

Com uma careta, rola Oompa para que fique de costas. A frente da camisa está encharcada. Dumbo rasga, expondo o ferimento de saída: o estilhaço tinha entrado pelas costas e atravessado para o outro lado.

Flint vira-se e rasteja alguns metros. Suas costas se arqueiam quando vomita. Teacup fica muito quieta ao assistir a tudo aquilo. Ela vai entrar em choque. Teacup, a que gritava mais alto durante os ataques simulados no pátio. Teacup, a mais sedenta de sangue, a que cantava mais alto no P&R. Eu a estou perdendo.

E estou perdendo Oompa. Enquanto Dumbo pressiona-lhe o ferimento no abdômen com ataduras, tentando estancar o fluxo, os olhos dele procuram os meus.

— Quais são suas ordens, cabo? — pergunto a ele.

— Eu,., eu não vou.,, não...

Dumbo joga fora a atadura encharcada de sangue e aperta uma nova no estômago de Oompa. Olhando para o meu rosto. Não precisa dizer nada. Não para mim. Não para Oompa.

Tiro Teacup do colo e ajoelho ao lado de Oompa. Seu hálito tem cheiro de sangue e chocolate.

— É porque sou gordo — ele diz com dificuldade, e começa a chorar.

— Pare com essa merda — digo para ele, sério.

Ele sussurra algo. Aproximo meu ouvido de sua boca.

– Meu nome é Kenny. — Como se fosse um terrível segredo que ele tinha receio de contar.

Ele revira os olhos para o teto. E, então, se vai.

Teacup perdeu o controle. Abraçando as pernas, testa pressionada de encontro aos joelhos erguidos. Chamo Flint para ficar de olho nela. Estou preocupado com Esp e Pão de Ló. Flint parece querer me matar com as próprias mãos.

— Foi você quem deu a ordem — ele dispara. — Fique você de olho nela.

Dumbo está limpando as mãos do sangue de Oompa, não, de Kenny.

— Pode deixar, sarge — ele diz com calma, mas suas mãos tremem.

— Sarge — Flint diz com irritação. — Isso mesmo. E agora, sarge?

Eu o ignoro e me arrasto até a parede, onde encontro Pão de Ló agachado atrás de Esp. Ela está de joelhos, espiando sobre a borda da parede para o edifício do outro lado da rua. Eu me abaixo ao lado dela, evitando o olhar interrogativo de Pão de Ló.

— Oompa não está mais gritando — Esp diz sem tirar os olhos do edifício.

— O nome dele era Kenny — conto.

Esp assente com um gesto de cabeça. Ela entende o recado, Pão de Ló leva um ou dois minutos a mais, Ele corre, abrindo distância entre nós, aperta ambas as mãos no concreto e enche os pulmões de ar, de um jeito profundo e trêmulo.

— Você teve que fazer isso, Zumbi — Esp diz. — Se não fosse assim, todos poderíamos estar como Kenny.

Isso soa mesmo muito bem, Soou bem quando eu o disse a mim mesmo. Observando o perfil de minha companheira, imagino o que Vosch estava pensando ao prender as divisas no meu colarinho. O comandante promoveu o membro errado do esquadrão.

— E então? — pergunto a ela.

Esp mostra o outro lado da rua com um gesto de cabeça.

— Está se escondendo.

Levanto-me devagar. Sob a luz do fogo que se apaga, posso ver o edifício: uma fachada de janelas quebradas, tinta branca descascada e o telhado um andar mais alto do que onde estamos, Uma sombra indistinta que pode ser de uma torre d'água, mas é tudo que vejo.

— Onde? — sussurro.

— Ele acabou de se abaixar de novo. Faz isso o tempo todo, como uma caixa de surpresas.

— Só um?

— Eu só vi um.

— Ele acende?

Esp sacode a cabeça.

— Negativo, Zumbi. Ele não parece infestado.

Mordo o lábio inferior.

— Pão de Ló também viu o cara?

Ela assente.

— Nada de verde. — Observando-me com os olhos escuros como facas que cortam

fundo.

Talvez ele não seja o atirador... — tento adivinhar.

— Vi a arma — ela diz. — Fuzil de atirador.

Então, por que ele não tem o brilho verde? Os sujeitos na rua acendiam, e estavam mais longe do que ele. Portanto, acho que não importa se ele exibe um brilho verde, roxo ou nenhum: ele está tentando nos matar, e não podemos sair daqui até ele ser neutralizado. E temos que ir embora antes que o Ted que fugiu volte com reforços.

— Eles não são espertos? — Esp resmunga, como se tivesse lido meus pensamentos. — Usar um rosto humano para que não se possa confiar em nenhum rosto humano. A única resposta: matar todos ou arriscar-se a ser morto por qualquer um.

— Ele acha que somos um deles?

— Ou decidiu que isso não importa. A única maneira de ficar seguro.

— Mas ele atirou na gente, e não nos três embaixo dele. Por que ele iria ignorar os alvos fáceis e tentar um impossível?

Como eu, minha companheira não tem resposta para essa pergunta. Ao contrário de mim, o assunto não é prioritário em sua lista de questões a serem resolvidas.

— A única maneira de ficar seguro — ela repete incisivamente. Olho para Pão de Ló, que está olhando para mim. Aguardando minha decisão, mas na verdade não há decisão a ser tomada.

— Você consegue acertar o cara daqui? — pergunto a Esp.

Ela sacode a cabeça.

— Longe demais. Só vou revelar nossa posição.

Corro até onde Pão de Ló está.

— Fique aqui. Em dez minutos, apareça para o sujeito e nos dê cobertura enquanto atravessamos. — ele ficou me encarando com olhar inocente e confiante. — Sabe, cabo, é costume acusar o recebimento de uma ordem do oficial comandante.

Pão de Ló assente. Tento novamente.

— Com um "sim, senhor" — ele assente de novo. — Em voz alta. Com palavras.

Outro aceno de cabeça. Certo, pelo menos tentei.

Quando Esp e eu nos juntamos aos outros, o corpo de Oompa não está mais lá. Eles o colocaram em um dos carros. Ideia de Flint. Uma ideia muito semelhante do que faria conosco.

— Estamos bem protegidos aqui. Sugiro que a gente se esconda nos carros até a hora do encontro.

— Só o voto de uma pessoa conta nessa unidade, Flint — digo a ele.

— E, e como isso está funcionando? — ele diz, sarcasticamente. Ah, já sei. Vamos perguntar ao Oompa!

— Flintstone — Esp diz. — Calma. Zumbi está certo.

— Até você cair numa emboscada, daí eu acho que ele vai estar errado.

— E então você vai ser o oficial comandante e vai poder tomar as decisões — disparo irritado. — Dumbo, você assume a tarefa de Teacup. — Se conseguirmos tirá-la de perto de Esp. Ela havia voltado a se colar à perna da garota. — Se não voltarmos em 30 minutos, é porque não vamos voltar.

E, então, Esp diz:

— Nós vamos voltar.

59

O carro-tanque queimou até os pneus. Agachados na entrada para pedestres da garagem, aponto para o edifício do outro lado da rua, que exibe um brilho alaranjado devido ao fogo.

— Ali é nosso ponto de entrada. Terceira janela a partir do canto esquerdo, completamente destruída.

Esp assente com um gesto, distraída. Algum pensamento a incomoda. Ela continua remexendo na ocular, afastando-a do olho, tornando a colocá-la. A segurança exibida diante do esquadrão se foi.

— O tiro impossível... — ela sussurra. Então ela se volta para mim. — Como você sabe quando está dando uma de Dorothy?

Balanço a cabeça. De onde veio aquela ideia?

— Isso não está acontecendo com você — garanto a ela, e dou ênfase à frase com um tapinha em seu braço.

— Como você pode ter certeza? — Olhos disparando de um lado a outro, procurando que algo aconteça. Do jeito como os olhos de Tank dançaram antes de endoidar. As pessoas loucas nunca acham que são loucas. Sua própria loucura faz todo o sentido para elas.

Há um olhar desesperado, totalmente contrário ao comportamento habitual de Esp.

— Você não está louca, acredite em mim.

Não foi a coisa certa a dizer.

— Por que eu deveria? — ela replica bruscamente. E a primeira vez que ouço emoção em sua voz. — Por que devo acreditar em você, e por que você deveria acreditar em mim? Como você sabe que não sou um deles, Zumbi?

Finalmente, uma pergunta fácil.

— Por que você foi examinada. E não acendemos quando usamos a nossa ocular.

Ela me fita durante um longo momento, e então murmura:

— Deus, eu gostaria que você jogasse xadrez.

Nossos dez minutos passaram. Acima de nós, Pão de Ló dispara no telhado do outro lado da rua. O atirador responde ao fogo de imediato, e nós vamos. Mal saímos do meio-fio quando o asfalto explode diante de nós. Separamo-nos, Esp zarpando para a direita, eu para a esquerda. Escuto o gemido da bala, um som agudo e áspero, cerca de uma eternidade antes de ela rasgar a manga de minha jaqueta. É muito difícil resistir ao instinto despertado em mim nos meses de treinamento para devolver o tiro. Salto para o meio-fio e, em dois passos, estou colado com força de encontro ao agradável concreto frio do edifício. É quando vejo Esp escorregar no gelo e cair de rosto no meio-fio. Ela acena para mim.

— Não!

Uma bala arranca um pedaço do meio-fio e passa raspando em sua nuca. Que se dane o "não". Vou até ela, agarro-lhe pelo braço e puxo-a em direção ao edifício. Outra bala passa assobiando por minha cabeça, enquanto ando de costas para a segurança.

Ela está sangrando. O ferimento tem um brilho escuro sob a luz do fogo. Ela acena para que eu prossiga, "Vai, vai". Corremos ao longo da lateral do prédio até a janela quebrada e pulamos para dentro.

Levamos menos que um minuto para chegar. Pareceram duas horas.

Estávamos no interior do que costumava ser uma elegante e cara butique. Tinha sido saqueada várias vezes, restando agora as prateleiras e os cabides vazios, assustadores manequins acéfalos e pôsteres de modelos excessivamente sérias nas paredes. Um aviso no balcão diz: LIQUIDAÇÃO PARA ENCERRAMENTO DAS ATIVIDADES.

Esp está encolhida em um canto do aposento com bons ângulos de visão das janelas e da porta que vem do saguão. Com uma das mãos na nuca, mão enluvada coberta de sangue. Tenho que olhar. Ela não quer que eu olhe. Eu digo algo como "Não seja boba, tenho que ver." Então, ela me deixa olhar. É superficial, entre um raspão e um corte profundo. Encontro uma echarpe num balcão, e ela a enrola e aperta em volta do pescoço. Acena com a cabeça em direção à manga rasgada de minha jaqueta.

— Levou um tiro?

Sacudo a cabeça e me largo no chão ao lado dela. Ambos estamos tentando recuperar o fôlego. Sinto a cabeça flutuar por causa da adrenalina.

— Não quero julgar ninguém, mas esse atirador é uma droga.

— Três tiros, três erros. Faz você querer que isso seja um jogo de beisebol.

— Muito mais que três — corrijo. Várias tentativas nos alvos, e o único acerto real provocou um ferimento superficial na perna de Teacup.

— Amador.

— Provavelmente — ela disse brevemente.

— Ele não acende e não é profissional. Um solitário defendendo seu território, talvez se escondendo dos mesmos sujeitos que estamos perseguindo. Morrendo de medo. — Não acrescento "como nós". Só tenho certeza sobre um de nós.

Do lado de fora, Pão de Ló continua a manter o atirador ocupado. *Pop-pop-pop*, um pesado silêncio, então *pop-pop-pop. O* atirador responde sempre.

— Então isso deve ser fácil — Esp diz, a boca uma linha sombria.

Estou um tanto confuso.

— Esp, ele não acendeu. Não temos autorização para...

— Eu tenho. — Colocando o fuzil no colo. — Bem aqui.

— Ahn. Pensei que nossa missão era salvar a humanidade.

Ela me olha com o canto do olho sem a ocular.

— Xadrez, Zumbi: defender-se da jogada que ainda não aconteceu. Será que importa se ele acende por trás de nossa ocular? Se ele erra os tiros quando poderia ter nos matado? Se dois acontecimentos são igualmente prováveis, mas mutualmente excludentes, qual é mais importante? Em qual você apostaria sua vida?

Estou assentindo com um gesto de cabeça, mas não entendo nada.

— Você está dizendo que ele ainda pode estar infestado — conjeturo.

— Estou dizendo que a aposta segura é agir como se ele estivesse.

Ela tira a faca de combate da bainha. Eu me encolho, lembrando-me da observação sobre Dorothy. Por que Esp tirou a faca?

— O que importa — ela diz, pensativa. Minha companheira está tomada por uma imobilidade terrível, um acúmulo de trovoada prestes a estourar, um vulcão fumegante prestes a entrar em erupção. — O que importa, Zumbi? Sempre fui muito boa em encontrar a resposta para essa pergunta. Fiquei ainda melhor depois dos ataques. O que realmente importa? Minha mãe morreu primeiro. Isso foi ruim, mas o realmente importante foi o fato de ainda ter o meu pai, meu irmão e minha irmãzinha. E então eu os perdi. E o que importava era o fato de ainda ter a mim mesma. E não havia muita coisa importante quando se tratava apenas de mim. Comida. Água. Abrigo. Do que mais você precisa? O que mais importa?

Isso é ruim, a meio caminho de ser realmente ruim. Não tenho ideia de aonde ela quer chegar com aquilo, mas se Esp der uma de Dorothy agora, estou ferrado, E talvez o resto da equipe comigo. Preciso trazê-la de volta para o presente. A melhor forma é pelo toque, mas receio que, se tocá-la, ela arranque minhas tripas com essa lâmina de 25 centímetros.

— Isso importa, Zumbi? — Ela estica o pescoço para olhar para mim, virando a faca lentamente nas mãos. — Que ele tenha atirado em nós, e não nos três Teds bem na frente dele? Ou quando atirou em nós tenha errado todas as vezes? — Girando a faca devagar, a ponta se afundando no dedo. — Importa que eles tenham juntado tudo e fugido depois do ataque do PEM? Que eles estejam agindo exatamente debaixo da nave mãe, reunindo sobreviventes, matando infestados, queimando centenas de corpos, armando, treinando e nos mandando matar o resto? Diga que essas coisas não importam. Diga que as probabilidades de eles não serem os Outros são insignificantes. Diga em que possibilidade devo apostar minha vida.

Estou assentindo de novo, mas, dessa vez, entendo o que ela quer dizer, e esse caminho termina num lugar muito sombrio. Agacho-me ao lado dela e procuro seu olhar.

— Não sei qual é a história desse cara e não sei sobre o PEM, mas o comando me disse por que estão nos deixando em paz. Eles acham que não representamos mais uma ameaça para eles.

Esp sacode as franjas e dispara.

— Como o Comando sabe o que eles pensam?

— País das Maravilhas. Fomos capazes de traçar o perfil...

— País das Maravilhas — ela repete, assentindo fortemente com a cabeça. Olhos indo do meu rosto para a rua coberta de neve lá fora e voltando para mim. — O País das Maravilhas é um programa alienígena.

— Certo. — Fique com ela, mas tente trazê-la de volta gentilmente. — É verdade, Esp. Lembra? Depois que retomamos a base, nós o encontramos escondido...

— A menos que a gente não tenha feito isso. Zumbi, *a menos que a gente não tenha feito isso.* — A garota investiu com a faca em minha direção. — É uma possibilidade, igualmente válida, e possibilidades importam. Acredite em mim, Zumbi, sou uma especialista em coisas que importam. Até agora, tenho brincado de cabra-cega. Está na

hora de jogar xadrez. — ela joga a faca de uma mão à outra e empurra o cabo em minha direção. — Retire-o de mim.

Não sei o que dizer. Olho estupidamente para a faca em sua mão.

— Os implantes, Zumbi. — Agora, cutucando meu peito. — Temos que tirá-los. Você tira o meu, e eu tiro o seu.

Pigarreio.

— Esp, não podemos tirá-los. — Luto por alguns segundos à procura do melhor argumento, mas só consigo encontrar este: — Se não conseguirmos voltar ao ponto de encontro, como eles vão nos encontrar?

— Droga, Zumbi, você não prestou atenção em nada do que eu disse? E se eles não forem *nós*? E se eles forem *eles*? E se toda essa situação for uma mentira?

Estou prestes a perder o controle. Bem, não exatamente prestes.

— Ah, pelo amor de Deus, Esp! Você sabe como isso parece uma me... bobagem? O inimigo nos resgatando, treinando, entregando armas? Ora, vamos parar de besteira, temos um trabalho a fazer. Talvez você não esteja satisfeita com isso, mas eu sou seu comandante...

— Certo. — Muito calma agora. Ela está tão tranquila quanto eu estou agitado. — Faço isso sozinha.

Ela vira a lâmina na nuca, abaixa bem a cabeça. Arranco a faca da mão dela. Chega.

— Pare, cabo. — Jogo a faca nas sombras profundas do outro lado do aposento e me levanto. Estou tremendo, todas as partes do meu corpo, e também minha voz. — Você quer arriscar tudo, então está bem. Fique aqui até eu voltar. Melhor ainda, acabe comigo agora. Talvez um chefão alienígena tenha descoberto um jeito de esconder minha infestação de você. E> depois de me matar, volte para o outro lado da rua e mate todos, ponha uma bala na cabeça de Teacup... Ela pode ser uma inimiga, não é mesmo? Então estoure a maldita cabeça dela! É a única resposta, certo? Mate todos ou se arrisque a ser morto por qualquer um.

Esp não se move. Durante um longo tempo, também não diz nada. A neve nos açoita pela janela aberta, os flocos de uma forte cor rubra, refletindo os destroços incandescentes do carro-tanque.

— Tem certeza de que você não joga xadrez? — ela pergunta. A garota puxa o fuzil de volta ao colo, corre o indicador ao longo do gatilho. — Vire de costas para mim, Zumbi.

Agora chegamos ao fim da trilha escura, e é um beco sem saída. Não me ocorre nada que possa passar por um argumento convincente, portanto me saio com a primeira frase que me vem à cabeça.

— Meu nome é Ben.

Ela não perde um segundo.

— Droga de nome. Zumbi é melhor.

— Qual é o seu? — continuo no mesmo ritmo.

— Essa é uma das coisas que não importam, já faz muito tempo, Zumbi. — Dedo acariciando o gatilho devagar. Muito devagar. E hipnótico, estonteante.

— Então, o que acha disso? — Procurando uma saída. — Eu corto o rastreador fora,

e você promete não me matar.

Desse jeito, mantenho-a ao meu lado, porque prefiro enfrentar uma dúzia de atiradores a uma Esp pirada. Na minha mente, visualizo minha cabeça se despedaçando como uma daquelas de compensado no estande de tiro.

Ela inclina a cabeça, e o canto de sua boca se retorce num quase-mas- -não-totalmente sorriso.

— Xeque.

Retribuo com um sorriso honesto-de-boa-vontade, o velho sorriso Ben Parish, com o qual conseguia praticamente tudo que queria. Bem, não praticamente, estou sendo modesto.

— Esse *xeque* significa *sim,* ou você está me dando uma lição de xadrez?

A menina coloca a arma de lado e vira de costas para mim. Curva a cabeça. Afasta os cabelos sedosos da nuca.

— Ambos.

Pop-pop-pop faz a arma de Pão de Ló. E o atirador responde. O jogo deles continua em segundo plano enquanto me ajoelho atrás de Esp com minha faca. Parte mim está mais do que disposta a tratá-la com indulgência se isso me mantiver, e ao resto da unidade, vivo. A outra parte grita em silêncio: "Você não está soltando a raposa no galinheiro? O que ela vai exigir em seguida? Uma inspeção física do córtex cerebral?"

— Relaxe, Zumbi — ela fala, sossegada e calma, a velha Esp outra vez. — Se os rastreadores não forem nossos, provavelmente não é uma boa ideia tê-los dentro de nós. Se forem nossos, a dra. Pam pode a qualquer momento nos implantar novamente quando voltarmos, concorda?

— Xeque-mate.

— Xeque e mate — ela corrige.

O pescoço dela é longo e está muito frio sob meus dedos, enquanto exploro a área sob a cicatriz em busca do dispositivo. Minha mão treme. "É só fazer o que ela quer. Isso provavelmente vai significar uma corte marcial e o resto da vida descascando batatas, mas pelo menos você vai estar vivo"

— Seja delicado — ela sussurra.

Respiro fundo e corro a ponta da lâmina ao longo da cicatriz minúscula. O sangue brota muito vermelho, chocantemente vermelho, em comparação à pele cor de pérola. Ela nem mesmo se encolhe, mas tenho que perguntar:

— Estou machucando-a?

— Não, estou gostando muito.

Solto o implante de sua nuca com a ponta da faca. Ela geme baixinho. A pelota gruda no metal, envolta em uma gotícula de sangue.

— Então — ela diz, virando-se. O quase-sorriso está quase lá. — Como foi para você?

Não respondo. Não posso. Perdi a capacidade de falar. A faca cai de minha mão. Encontro-me a meio metro de distância olhando diretamente para ela, mas seu rosto desapareceu. Não consigo vê-lo pela ocular.

Toda a cabeça de Esp está brilhando com um fogo verde ofuscante.

Minha primeira reação é me livrar do dispositivo, mas não o faço. Estou paralisado pelo choque. Em seguida, um estremecimento de repulsa. Depois, vem o pânico, acompanhado de perto pela perplexidade. A cabeça de Esp se acendeu como uma árvore de Natal, brilhante o bastante para ser vista a um quilômetro de distância. O fogo verde faísca e gira, tão intenso que forma uma imagem persistente no meu olho esquerdo.

— O que foi? — ela quer saber. — O que aconteceu?

— Você acendeu. Assim que tirei o rastreador.

Olhamos um para o outro durante dois longos minutos.

— Não limpos têm brilho verde — ela diz então.

Já me encontro de pé, o Ml6 nas mãos, recuando em direção à porta. E, do lado de fora, sob a nevasca que abafa todos os sons, Pão de Ló e o atirador, trocando tiros. Não limpos têm brilho verde. Esp não faz menção de apanhar o fuzil ao seu lado. Com o olho direito, ela é normal. Com o esquerdo, cintila como uma vela romana.

— Pense bem nisso, Zumbi — ela diz. — Pense bem nisso. — Levantando as mãos vazias, arranhadas e machucadas devido à queda, uma delas coberta de sangue coagulado. — Eu acendi depois que você tirou o implante. A ocular não detecta infestações. Ela reage quando não há implantes.

Sinto muito, Esp, mas isso não faz o menor sentido, Elas acenderam com aqueles três infestados. Por que as oculares iriam acender se não fossem?

— Você sabe o motivo, só não consegue admitir, Elas acendem porque aquelas pessoas não estavam infestadas. Elas são como nós, a única diferença é que elas não têm implantes.

Ela se levanta. Deus, ela parece tão pequena, como uma criança... Mas ela é uma criança, não é? Com um olho, normal. Com o outro, bola de fogo verde. Qual é ela? O *que é* ela?

— Vão nos buscar, — Ela anda em minha direção. Ergo a arma. Ela para.

— Eles nos rotulam e nos ensacam. Eles nos treinam para matar. — Outro passo. Viro o cano em sua direção. Não para ela, mas para onde se encontra: "Fique onde está." — Qualquer um que não tenha sido rotulado vai ter um brilho verde, e, quando eles se defendem ou nos desafiam, atiram em nós como o atirador que está lá em cima. Bom, isso só prova que eles são o inimigo, não é? — Outro passo. Agora estou mirando diretamente no seu coração.

— Não — imploro. — Por favor, Esp. — Um rosto puro, um rosto em fogo.

— Até que tenhamos matado todos que não foram rotulados. — Outro passo. Exatamente diante de mim agora. A extremidade da arma apertando seu peito de leve. — É a 5ª Onda, Ben.

Sacudo a cabeça.

— Não há 5ª Onda. Não há 5ª Onda! O comandante disse...

— O comandante mentiu.

Ela ergue as mãos ensanguentadas e arranca o fuzil de mim. Sinto-me caindo em

um tipo totalmente diferente de país das maravilhas, onde em cima *é* embaixo, verdadeiro é falso e o inimigo tem duas faces, a minha e a dele, a que evitou que eu me afogasse, que tomou meu coração e o transformou em um campo de batalha.

Ela coloca as mãos nas minhas e me diz, sem rodeios:

— Ben, *nós* somos a 5ª Onda.

61

NÓS SOMOS A HUMANIDADE.

Isso é mentira. País das Maravilhas. Campo Abrigo. A própria guerra.

Como foi fácil. Como foi incrivelmente fácil, mesmo após tudo que passamos. Ou talvez tenha sido fácil *por causa* de tudo que passamos.

Eles nos buscaram e reuniram dentro de seu espaço. Eles nos esvaziaram. Eles nos encheram de ódio, de habilidade e com o espírito de vingança.

Desse modo, puderam nos mandar para fora de novo.

Para matar os nossos que tinham sobrado.

Xeque e mate.

Vou passar mal. Esp se apoia no meu ombro enquanto eu a passo sobre um pôster que caiu da parede: OUTONO EM LIQUIDAÇÃO!

Lá estava Chris, por detrás daquele espelho de duas faces. Ali estava o botão escrito EXECUTAR e meu dedo apertando-o com força. Como foi fácil fazer-me matar uma outra pessoa.

Quando termino, volto sobre os calcanhares. Sinto os dedos frios de Esp roçando meu pescoço. Escuto sua voz me dizendo que tudo vai ficar bem. Arranco a ocular, extinguindo o fogo verde e devolvendo o rosto a Esp. Ela é Esp, e eu sou eu, só que não tenho mais certeza do que *eu* significa. Não sou quem pensava que era. O mundo não é o que eu pensava que era. Talvez esse seja o problema:

— É o mundo deles, agora, e nós somos os alienígenas.

— Não podemos voltar — falo com dificuldade, E lá estão os seus olhos penetrantes e os dedos frios massageando meu pescoço.

— Não, não podemos. Mas podemos ir em frente, — Ela pega meu fuzil e o empurra no meu peito. — E podemos começar com esse filho da mãe lá em cima.

Não antes de tirar meu implante. Dói mais do que eu imaginava, menos do que eu merecia.

— Não se culpe — Esp diz, enquanto o retira. — Eles enganaram todos nós.

— Além de chamar de Dorothy e matar os que não conseguiram enganar.

— Não foram os únicos — ela diz com amargura. E então a verdade me atinge como um soco no coração: o hangar de P&R. As torres gêmeas vomitando fumaça cinza e preta. Os caminhões carregados de corpos, centenas de corpos, todos os dias. Milhares todas as semanas. E os ônibus chegando todas as noites, cheios de refugiados, cheios de mortos-vivos.

— Campo Abrigo não é uma base militar — sussurro, enquanto o sangue pinga pelo meu pescoço.

Ela sacode a cabeça.

— Muito menos um campo de refugiados.

Concordo com um gesto de cabeça. Engulo a bile amarga que me sobe pela garganta. Sei que ela está esperando que eu revele meus pensamentos em voz alta. Às vezes, é preciso dizer a verdade em voz alta, ou ela não parece real.

— É um campo de morte.

Há um velho ditado sobre a verdade ser libertadora. Não acredite. Às vezes, a verdade fecha a porta da cela e joga a chave fora.

— Você está pronto? — Esp pergunta. Ela parece ansiosa para acabar com aquilo.

— Não vamos matá-lo — digo.

Esp me dá uma olhada corno quem pergunta: "Mas que droga é essa?" Mas estou pensando em Chris amarrado à cadeira atrás do espelho de duas faces. Pensando nos corpos colocados na carreta que levavam sua carga para a boca quente e faminta do incinerador. Fui instrumento deles por muito tempo.

— Neutralizar e desarmar, essa é a ordem. Entendeu?

Ela hesita e, então, assente. Não consigo decifrar sua expressão, o que é normal. Estará ela jogando xadrez de novo? Ainda podemos ouvir Pão de Ló atirando do outro lado da rua. A munição dele deve estar acabando. E hora.

Entrar no saguão é mergulhar na escuridão total. Avançamos ombro a ombro, escorregando nossos dedos ao longo das paredes a fim de nos orientarmos no escuro, abrindo todas as portas, procurando a que nos levará às escadas. Os únicos sons são nossa respiração no ar abafado e frio, e o chapinhar das botas nos centímetros de água gelada e de cheiro azedo; um cano deve ter estourado. Empurro uma porta no fim do corredor e sinto uma lufada de ar fresco. O poço da escada.

Paramos no patamar do quarto andar, no início dos degraus estreitos que conduzem ao telhado. A porta está aberta alguns centímetros. Podemos ouvir as respostas incisivas do fuzil do atirador, mas não podemos vê-lo. Sinais de mão são inúteis no escuro, de modo que puxo Esp para perto e encosto os lábios cm seu ouvido.

— Parece que ele está aí na frente. — Ela assente. Seus cabelos fazem cócegas no meu nariz. — Vamos entrar com tudo.

Esp é a melhor atiradora: ela vai entrar primeiro. Eu darei o segundo tiro, caso ela erre ou seja atingida. Ensaiamos aquela manobra centenas de vezes, mas sempre a praticamos eliminando o alvo, e não o pondo fora de combate. E o alvo nunca respondeu aos nossos tiros. Ela se aproxima da porta. Estou imediatamente atrás dela, mão em seu ombro. O vento assobia pela fresta como o vagido de um animal moribundo. Esp aguarda meu sinal com a cabeça baixa, respirando calma e profundamente. Eu me pergunto se ela está rezando e, se estiver, se reza para o mesmo Deus que eu. Por algum motivo, acho que não. Dou-lhe um tapinha no ombro, e ela abre a porta com um pontapé. Corno se tivesse sido atirada para fora de um canhão, desaparece 110 redemoinho de neve antes que eu dê dois passos no telhado, e escuto o forte *pop-pop-pop* de sua arma antes de quase tropeçar sobre ela no branco e molhado tapete de neve. Quinze metros a sua frente, o atirador se

encontra deitado de lado, agarrando a perna com uma das mãos, enquanto estende a outra para apanhar o fuzil. A arma deve ter voado para longe quando Esp o acertou. Esp atira de novo, dessa vez para a mão estendida. A distância *é* pequena, e a garota manda um tiro direto. Na escuridão densa. Sob a neve pesada. Ele retrai a mão para o peito com um grito de espanto. Dou um tapinha no alto da cabeça de Esp e faço sinal para que ela pare.

— Deite e fique quieto! — grito para ele. — Não se mova!

Ele se senta, apertando a mão ferida contra o peito, voltado para a rua, curvado para a frente, e não conseguimos ver o que está fazendo com a outra mão, mas vejo um lampejo prateado e o escuto grunhir.

— Vermes. — Algo dentro de mim congela. Conheço aquela voz.

Ela havia gritado, zombado de mim, me humilhado, ameaçado, xingado. Ela me seguia do minuto em que acordava ao minuto em que me deitava. Ela sibilava, gritava, rosnava e vociferava para mim, para todos nós.

Reznik.

Ambos o ouvimos. Aquela voz faz nossos pés colarem no chão, impede nossa respiração e paralisa nossos pensamentos.

E assim ele ganha tempo.

Tempo que desaparece quando ele se levanta, desacelerando como se o relógio universal colocado a funcionar pelo *big bang* estivesse perdendo a força.

Lutando para se pôr de pé. Isso leva cerca de oito minutos.

Virando-se para nos olhar. Isso leva pelo menos dez.

Segurando algo na mão sã. Golpeando o objeto com a ensanguentada. Esses movimentos duram uns bons 20 minutos.

E, então, Esp volta à vida. A bala atinge-o no peito. Reznik cai de joelhos, abre a boca. Seu corpo é lançado para a frente e ele aterrissa de bruços diante de nós.

O relógio se acerta. Ninguém se move. Ninguém diz nada.

Neve. Vento. Como se estivéssemos sozinhos no pico de uma montanha gelada. Esp vai até ele, vira-o de costas. Tira o dispositivo de prata de sua mão. Eu estou olhando para o rosto descorado, bexiguento, com olhos de rato, e de certo modo estou e não estou surpreso.

— Passou meses nos treinando para poder nos matar — digo.

Esp sacode a cabeça. Ela está olhando para o visor do objeto prateado. Sua luz ilumina o rosto dela, acentuando o contraste entre a pele clara e os cabelos negros como piche. Ela fica linda sob essa luz, não uma beleza angelical, mais uma beleza de anjo-vingador.

— Ele não ia nos matar, Zumbi. Até que nós o surpreendemos e não lhe demos outra opção. E, mesmo assim, não com o fuzil. — ela ergue o objeto para que eu veja o visor. — Acho que cie ia nos matar com isso.

Uma grade ocupa a metade superior do visor. Há um amontoado de pontos verdes no canto esquerdo. Outro ponto verde mais perto do centro.

— O esquadrão — compreendo.

— E esse ponto solitário deve ser Pão de Ló.

— O que significa que, se não tivéssemos tirado os implantes...

— Ele saberia exatamente onde estávamos — Esp diz. — Ele estaria esperando por nós, e estaríamos ferrados.

Ela aponta para os dois números destacados na parte inferior da tela. Um deles é o número que recebi quando a dra. Pam me rotulou e ensacou. Suponho que o outro é o de Esp. Sob os números, há um botão verde piscante.

— O que acontece se apertarmos o botão? — pergunto.

— Acho que não acontece nada — minha companheira responde, e aperta o botão.

Eu me encolho, mas o palpite dela está certo.

— É um interruptor matador — ela fala. — Tem que ser. Conectado aos nossos implantes.

Ele poderia ter fritado todos nós a qualquer momento. Se nos matar não era o objetivo, então o que era? Esp vê a pergunta em meu olhar.

— Os três infestados, É por isso que ele abriu fogo — ela diz. — Nós somos o primeiro esquadrão que sai do campo. Faz sentido eles monitorarem a gente de perto para observar nosso desempenho num combate verdadeiro. Ou o que pensamos que seja um combate verdadeiro, Para garantir que reajamos à isca da luz verde como bons ratinhos. Eles devem tê-los trazido para cá antes de nós, para puxar o gatilho, caso a gente não o fizesse. E, quando não atiramos, ele nos deu um pequeno incentivo.

— E continuou a atirar por quê?

— Para nos manter alerta e prontos para explodir qualquer maldita coisa verde e brilhante.

Na neve, é como se ela estivesse me fitando através de uma diáfana cortina branca. Flocos cobrem suas sobrancelhas como pó e cintilam em seus cabelos.

— Um terrível risco para se correr — ressalto.

— Nem tanto. Ele nos tinha em seu pequeno radar. Na pior das hipóteses, tudo que ele tinha que fazer era apertar um botão. Ele só não levou a pior das piores hipóteses em consideração.

— Que nós tiraríamos os implantes.

Esp assente com um gesto. Ela limpa a neve que lhe cobre o rosto.

— Acho que esse bastardo idiota não esperava que lutássemos.

Ela me entrega o dispositivo. Fecho a tampa e guardo 110 bolso.

— É nossa vez, sargento — ela fala com calma, ou talvez seja a neve diminuindo o volume de sua voz, — O que vamos fazer?

Encho os pulmões de ar com força, e solto lentamente.

— Voltar para o esquadrão. Tirar os implantes de todos...

— E...?

— Cruzar os dedos para que não tenha um batalhão de Rezniks a caminho nesse momento.

Viro para sair dali. Ela agarra o meu braço.

— Espere! Não podemos voltar sem nossos implantes.

Levo alguns segundos para compreender. Então concordo, esfregando as costas da mão nos lábios entorpecidos. Nós vamos acender na ocular deles sem os implantes.

— Pão de Ló vai nos matar antes que a gente atravesse a rua.

— Vamos colocá-los na boca?

Sacudo a cabeça. E se os engolirmos por acidente?

— Temos que colocá-los de volta de onde vieram, fechar os cortes com ataduras firmes e...

— Esperar como o diabo que eles não caiam?

— E esperar que o fato de tirá-los não os tenha desativado... O quê? — pergunto. — Estou querendo demais?

Ela retorce o canto da boca.

— Talvez essa seja a nossa arma secreta.

62

— Isso está uma confusão muito, muito grande — Flintstone me diz. — Reznik estava atirando na gente?

Estamos sentados, recostados na meia parede de concreto da garagem, Esp e Pão de Ló nos flancos, vigiando a rua abaixo. Dumbo está ao meu lado, Flint do outro, Teacup entre eles, apertando a cabeça no meu peito.

— Reznik é um Ted — digo a ele pela terceira vez. — O Campo Abrigo é deles. Eles nos usaram para...

— Pare, Zumbi! Essas são as bobagens mais doidas, mais paranoicas que já ouvi! — O rosto largo de Flintstone está vermelho como um pimentão. Sua sobrancelha única se mexe e retorce. — Você matou nosso instrutor de treinamento! Que estava tentando nos matar! Numa missão para matar Teds! Vocês podem fazer o que quiserem, mas, para mim, chega. Acabou.

Ele se levanta e sacode o punho para mim.

— Vou voltar para o ponto de encontro e esperar a evacuação. Isso **é...**

— Ele procura a palavra correta, e então se contenta com "besteira".

— Flint — digo, mantendo a voz baixa e firme. — Fique onde está.

— Inacreditável. Vocês estão dando uma de Dorothy. Dumbo, Pão, vocês estão acreditando nisso? Vocês não podem estar acreditando nisso.

Tiro o dispositivo de prata do bolso e o abro. Empurro-o na cara dele.

— Está vendo esse ponto verde bem ah? Esse é você. — Desço a tela até seu número e o ilumino com um toque do polegar. O botão verde pisca. — Sabe o que acontece se o botão verde for apertado?

Essa é um daquelas coisas que o fazem ficar insone à noite durante toda a vida e desejar poder esquecer.

Flintstone salta para a frente e arranca o dispositivo de minha mão. Eu poderia tê-lo impedido a tempo, mas a presença de Teacup no colo me retarda. Tudo que acontece antes que ele aperte o botão é meu grito de "Não!"

A cabeça de Flint é jogada violentamente para trás como se alguém tivesse golpeado sua testa com força. A boca se abre, os olhos reviram na direção do teto.

E então ele cai, direto para o chão, as pernas bambas, como uma marionete cujos cordéis perderam a tensão.

Teacup grita. Esp a arranca de mim, e eu me ajoelho ao lado de Flint. Embora eu o faça mesmo assim, não preciso checar seu pulso para saber que está morto. Tudo que preciso fazer é verificar a tela do aparelho que tenho na mão, e ver o ponto vermelho onde antes estava o verde.

— Acho que você tinha razão, Esp — digo por cima do ombro.

Tiro o controle da mão sem vida de Flint. A minha própria mão está tremendo. Pânico. Confusão. Mas, principalmente, raiva estou furioso com Flint. Estou seriamente tentado a golpear seu rosto grande e gordo com o punho.

Atrás de mim, Dumbo diz:

— O que vamos fazer agora, sarge? — ele também está entrando em pânico.

— Você vai tirar os implantes de Pão de Ló e Teacup agora mesmo.

— Eu? — Ele pergunta com voz estridente.

— Você é quem entende de medicina, certo? — devolvo com a voz grave. — Esp vai tirar o seu.

— Certo, mas depois o que vamos fazer? Não podemos voltar. Não podemos... para onde vamos agora?

Esp está olhando para mim. Estou aprendendo a decifrar suas expressões. Aquela leve curvatura de sua boca significa que ela está se preparando, como se já soubesse o que vou dizer. Quem poderia dizer? Ela provavelmente sabe.

— Você não vai voltar, Dumbo.

— Você quer dizer que *nós* não vamos voltar — Esp me corrige. — *Nós,* Zumbi.

Eu me levanto. Parece levar uma eternidade até que eu endireite o corpo. Aproximo-me dela. O vento açoita seus cabelos e joga-os para o lado, uma bandeira negra voando.

— Deixamos um para trás — digo.

Ela sacode a cabeça vivamente. As franjas balançam de um lado a outro de maneira agradável.

— Nugget? Zumbi, você não pode voltar para buscar o garoto. E suicídio.

— Não posso abandoná-lo. Fiz uma promessa.

— Começo a explicar, mas nem sei como começar. Como expressar com palavras o que sinto? Não é possível, É como localizar o ponto inicial de um círculo. Ou encontrar o primeiro elo de uma corrente de prata.

Eu fugi uma vez — digo, finalmente, — Não vou fugir de novo.

63

Há a neve, minúsculas agulhas girando em direção ao chão.

Há o rio com o mau cheiro de resíduos e dejetos humanos, negro, rápido e silencioso sob as nuvens que ocultam o cintilante olho verde da nave mãe.

E há o rapaz de 17 anos, jogador de futebol do colégio, vestido de soldado com um

fuzil semiautomático de alta potência, que os que estão no olho verde brilhante lhe deram, agachado junto à estátua de um verdadeiro soldado que lutou e morreu com a mente clara e o coração aberto, não corrompido por mentiras de um inimigo que sabe como ele pensa, que torna ruim tudo de bom que existe nele, que usa sua esperança e confiança para transformá-lo em uma arma contra a própria espécie. O garoto que não voltou quando deveria, e agora volta quando não deveria.

O garoto chamado Zumbi fez a promessa, e, se ela não for cumprida, a guerra acaba. Não a grande guerra, mas a guerra que importa, a que se desenrola no campo de batalha de seu coração. Porque promessas são importantes. Agora elas são mais importantes do que nunca. No parque, junto ao rio, na neve que cai girando.

Sinto o helicóptero antes de ouvi-lo. Uma mudança na pressão, a vibração de encontro à pele. E, então, a percussão ritmada das hélices, e eu me levanto, instável, apertando a mão no ferimento à bala no lado do corpo.

— Onde devo atirar em você? — Esp perguntou.

— Não sei, mas não pode ser nas pernas, nem nos braços.

E Dumbo, que tinha muita experiência em anatomia humana acumulada na tarefa de processamento.

— Atire no lado. À queima-roupa. E nesse ângulo, ou você vai perfurar os intestinos dele.

E Esp:

— O que vamos fazer se eu perfurar seus intestinos?

— Você me enterre, porque vou estar morto.

Um sorriso? Não. Droga.

E depois, quando Dumbo examinou o ferimento, ela perguntou:

— Quanto tempo devemos esperar por você?

— Não mais **que** um dia.

— Um dia?

— Tá bom, dois dias. Se eu não voltar com Nugget em 48 horas, significa que não vamos voltar.

Esp não discutiu comigo, mas disse:

— Se vocês não voltarem em 48 horas, eu vou procurar vocês.

— Péssimo lance, jogadora de xadrez.

— Isso não é xadrez.

Sombra escura rugindo sobre os galhos nus das árvores que cercam o parque, e o pesado pulsar dos rotores como um imenso coração acelerado, e o vento gélido soprando, pressionando meus ombros, enquanto subo em direção à portinhola aberta.

O piloto vira a cabeça bruscamente quando entro.

— Onde está a sua unidade?

Caindo no assento vazio.

— Vá, vá!

E o piloto;

— Soldado, onde está a sua unidade?

Das árvores, a unidade responde, abrindo uma barragem de fogo contínuo, e as

balas atingem e batem na fuselagem reforçada do Falcão Negro. Grito com toda a força de meus pulmões:

— Vá, vá, vá! — Pelo que pago um preço alto, pois, a cada "vá!", o sangue é forçado a Sair pelo ferimento, escorrendo entre meus dedos.

0 piloto decola, dispara para a frente, e, então, faz uma curva acentuada para a esquerda. Fecho os olhos. "Corra, Esp, corra."

O Falcão Negro responde com fogo cerrado, pulverizando árvores. O piloto grita algo para o copiloto, e o helicóptero sobe acima das árvores, mas Esp e minha equipe já devem estar longe, na trilha que acompanha as margens escuras do rio. Circulamos sobre as árvores várias vezes, atirando até elas se transformarem em tocos despedaçados. O piloto olha para trás, me vê deitado sobre dois assentos, segurando o ferimento ensanguentado no lado do corpo. Ele sobe mais e acelera. O helicóptero dispara adiante entre as nuvens. O parque é engolido pelo nada branco da neve.

Estou perdendo a consciência, Muito sangue. Sangue demais. Lá está o rosto de Esp, e quero ser mico de circo se ela não está rindo, não apenas sorrindo, ela está rindo. Bom para mim. Bom para mim ter conseguido que ela risse.

Mas há Nugget, e ele, decididamente, não está sorrindo.

"Não prometa, não prometa, não prometa! Não prometa nada, nunca, nunca, nunca!"

— Estou chegando. Eu prometo.

64

Acordo onde tudo começou, numa cama de hospital, com uma atadura, e flutuando em um mar de analgésicos. Círculo completo.

Preciso de vários minutos para perceber que não estou sozinho. Há alguém sentado na cadeira do outro lado do tubo de soro intravenoso. Viro a cabeça e vejo primeiro suas botas, pretas, polidas como se fossem um espelho. O uniforme impecável, engomado e passado. O rosto bem delineado, os olhos azuis penetrantes que atravessam até o fundo do meu ser.

— E aqui está você — Vosch fala com suavidade. — Seguro, mas não totalmente são. Os médicos me disseram que você teve muita sorte de ter sobrevivido. Nenhum dano importante. A bala passou direto de um lado a outro. Na verdade, surpreendente, considerando que você recebeu um tiro à queima-roupa.

O que eu ia dizer a ele?

"Vou contar-lhe a verdade."

— Foi Esp — digo. E penso; "Esse maldito. Por meses eu o vi como meu salvador, até mesmo como salvador da humanidade. Suas promessas deram-me o presente mais cruel: esperança."

O comandante inclina a cabeça para o lado, lembrando um pássaro de olhos brilhantes observando algum petisco saboroso.

— E por que cabo Esp atirou em você, Ben?

“Você não pode lhe contar a verdade”

Certo. Que se dane a verdade. Em vez disso, vou lhe apresentar fatos.

— Por causa de Reznik.

— Reznik?

— Senhor, cabo Esp atirou em mim porque defendi a presença de Reznik no local.

— E por que você iria precisar defender a presença de Reznik, sargento? — Cruzando as pernas e cobrindo o joelho erguido com as mãos. É difícil manter contato visual com ele mais do que uns quatro segundos de cada vez.

Eles se voltaram contra nós, senhor. Bem, nem todos. Flintstone e Esp, e também Teacup, mas só para imitar Esp. Eles disseram que Reznik estar ali provava que tudo isso era mentira, e que o senhor...

Vosch ergue uma das mãos.

— Isso tudo?

— O campo, os infestados. Que não estávamos sendo treinados para matar alienígenas. Os alienígenas estavam nos treinando para que nos matássemos uns aos outros.

No início, ele não diz nada. Quase desejo que ele ria, sorria ou sacuda a cabeça. Se fizesse qualquer coisa parecida, eu poderia ter alguma dúvida. Eu poderia repensar toda essa situação de essa-é-uma-cabeça-alienígena-falsa e concluir que estou sofrendo de paranoia e histeria induzida pela guerra.

Em vez disso, ele apenas me encara com a expressão vazia, com aqueles olhos brilhantes de pássaro.

— E você não quis participar dessa pequena teoria da conspiração?

Fiz que não com um gesto de cabeça. Um gesto intenso, forte, confiante. Assim espero.

Eles deram uma de Dorothy para cima de mim, senhor. Viraram todo o esquadrão contra mim. — Sorrio. Um sorriso de soldado, sombrio, duro. Assim espero. — Mas não antes de eu dar um jeito em Flint.

— Recuperamos o corpo dele — Vosch me conta. — Como você, ele foi atingido à queima-roupa, Ao contrário de você, o alvo estava num ponto da anatomia um pouco mais elevado.

"Tem certeza disso, Zumbi? Por que você precisa atirar na cabeça dele?”

“Eles não podem saber que Flint foi apagado. Talvez se eu causar bastante danos, vou poder destruir as evidências. Recue, Esp. Você sabe que não tenho a melhor pontaria do mundo.”

— Eu teria acabado com todos eles, mas estava sozinho, senhor. Decidi que o melhor a fazer era correr de volta à base e contar o que aconteceu.

Mais uma vez, ele não se move, não diz nada por um longo tempo. Apenas me encara. “O que você é?” eu me pergunto. “Você é humano? Você é um Ted? Ou você é... outra coisa? Que diabos você é?”

— Sabe, eles desapareceram — o comandante diz, finalmente. E, então, aguarda minha resposta. Felizmente, pensei em uma. Ou Esp pensou. Dar o crédito a quem merece.

— Eles retiraram os rastreadores.

— O seu também — ele lembra. E espera.

Por cima do ombro, vejo enfermeiros em seus uniformes verdes passando ao longo das camas e escuto o chiado de seus sapatos no piso de linóleo. Só mais um dia no hospital dos condenados.

Estou pronto para a pergunta dele.

— Eu estava participando do jogo. Esperando por uma abertura. Dumbo tirou o dispositivo de Esp e depois o meu. Foi quando eu agi.

— Atirando em Flintstone...

— E, então, Esp atirou em mim.

— E, então...

Braços cruzados no peito, agora. Queixo abaixado. Analisando-me com olhos encobertos. Do jeito que um pássaro predador faria com sua refeição.

— E, então, eu corri. Senhor.

"Pois então sou capaz de matar Reznik 110 escuro no meio de uma nevasca, mas não consigo acabar com eles a meio metro de distância? Ele não vai acreditar nisso, Zumbi."

"Não preciso que ele acredite. Só que pense a respeito por algumas botas."

Ele pigarreia. Coça o queixo. Observa o teto por algum tempo, antes de voltar a olhar para mim.

— Você teve muita sorte, Ben, por ter chegado ao ponto de evacuação antes de sangrar até a morte.

"Ah, pode apostar que sim, seu seja-lá-quem-for. Uma sorte dos diabos,"

O silêncio se instala. Olhos azuis. Boca fechada. Braços cruzados.

— Você não me contou tudo.

— Senhor?

— Você está deixando alguma coisa de fora.

Lentamente, sacudo a cabeça. 0 aposento balança como um navio numa tempestade, Quantos analgésicos me deram?

— O seu antigo sargento de treinamento. Alguém em sua unidade deve tê-lo procurado. E encontrado um desses em seu poder. — Levantando um dispositivo prateado idêntico ao de Reznik. — Momento em que, imagino que tenha sido você, como oficial no comando, iria se perguntar o que Reznik estava fazendo com um mecanismo capaz de dar fim às suas vidas apenas tocando um botão.

Estou assentindo. Esp e eu tínhamos imaginado que ele chegaria a essa conclusão, e estou com a resposta pronta. A questão é se ele vai ou não acreditar.

— Há apenas uma explicação que faz sentido, senhor. Era a nossa primeira missão, nosso primeiro verdadeiro combate. Era preciso nos monitorar. Era preciso ter um mecanismo à prova de falhas no caso de algum de nós dar uma de Dorothy e voltar-se contra os outros...

Minha voz vai sumindo, estou sem fôlego e satisfeito por isso, porque não confio em mim com todas as drogas que ministraram. Não estou raciocinando com clareza. Estou atravessando um campo minado em meio a uma névoa densa. Esp previu essa situação. Ela me fez praticar essa parte repetidas vezes, enquanto esperávamos no parque pela

volta do helicóptero, imediatamente antes de ela ter encostado a pistola no meu estômago e puxado o gatilho.

A cadeira é arrastada no chão, e, repentinamente, o rosto magro e duro de Vosch preenche meu campo de visão.

— Isso é mesmo extraordinário, Ben, Você resistir à dinâmica de combate do grupo, à enorme pressão de seguir o rebanho, É quase... bem, inumano, na falta de palavra melhor.

— Eu sou humano — sussurro, o coração batendo no peito com tanta intensidade, que, por um segundo, tenho certeza de que o comandante pode vê-lo pulsando através da camisola.

— É mesmo? Porque esse é o X da questão, não é, Ben? Esse é todo o jogo! Quem é humano... e quem não é. Não temos olhos, Ben? Mãos, órgãos, dimensões, sentidos, afetos, paixões? Se somos espetados, não sangramos? E se formos traídos, não devemos nos vingar?

O ângulo duro do maxilar. A severidade dos olhos azuis. Os lábios finos pálidos de encontro ao rosto corado.

— Shakespeare. *O Mercador de Veneza*. Dito pelo membro de uma raça desprezada e perseguida. Como a nossa raça, Ben. A raça humana.

— Não acho que eles nos odeiem, senhor.

Tentando manter a calma nessa estranha e inesperada reviravolta no campo minado. Minha cabeça está girando. Um tiro nas entranhas, dopado, discutindo Shakespeare com o comandante de um dos mais eficientes campos de matança da história do mundo.

Eles têm uma estranha maneira de mostrar seu afeto.

Eles não nos amam, nem nos odeiam. Nós só estamos no caminho. Talvez, para eles, sejamos a infestação.

— *Periplaneta americana* para seu *homo sapiens*? Nessa competição, fico com as baratas. Muito difíceis de erradicar.

Ele me dá um tapinha no ombro. Fica muito sério. Chegamos ao verdadeiro ponto principal da questão, ao momento decisivo, de acertar ou falhar, é o que sinto. Ele não para de virar o liso dispositivo prateado na mão.

O seu plano é uma droga, Zumbi, e você sabe disso."

Certo, vamos ouvir o seu."

Ficamos juntos. Corremos o risco com quem quer que esteja escondido no tribunal."

E Nugget?"

Eles não vão fazer mal a ele. Por que está tão preocupado com o menino? Deus, Zumbi, existem centenas de crianças..."

— E, existem. Mas eu fiz uma promessa a *uma delas"*

— Essa é uma ocorrência muito grave, Ben. Muito grave. Os delírios de Esp vão fazer com que procure abrigo exatamente junto a essas coisas que tinha o objetivo de destruir. Ela vai contar a eles tudo que sabe sobre nossas operações. Despachamos mais três esquadrões para encontrá-la, mas receio que possa ser tarde demais. Se for tarde demais, não vamos ter escolha a não ser usar a opção do último recurso.

O olhar dele queima com seu próprio pálido fogo azul. Chego mesmo a tremer quando ele se vira. Fico totalmente frio, e muito, muito assustado.

"Qual é a opção do último recurso?"

Talvez ele não tenha acreditado em mim, mas não... Ainda estou vivo. E, enquanto eu estiver vivo, Nugget tem uma chance.

Ele se volta para mim como se tivesse acabado de se lembrar de algo.

"Droga, lá vera."

— Ah, mais uma coisa. Sinto ser o portador de más notícias, mas vamos parar de lhe dar analgésicos para podermos realizar um interrogatório completo com você.

— Interrogatório, senhor?

— Combates são engraçados, Ben. Eles pregam peças em sua memória. E descobrimos que os medicamentos interferem no programa. Acho que em seis horas o seu organismo vai estar limpo.

— Ainda não entendo, Zumbi. Por que tenho que atirar em você? Por que não dizer simplesmente que você escapou da gente? Se quer minha opinião, acho que você está exagerando um pouco."

Preciso ser ferido, Esp."

Por quê?"

Para que eles me deem remédios."

Por quê?"

Para eu ganhar tempo. Para que eles não me levem do helicóptero direto para lá."

Levar para onde?"

Portanto, não preciso perguntar sobre o que Vosch está falando, mas pergunto mesmo assim:

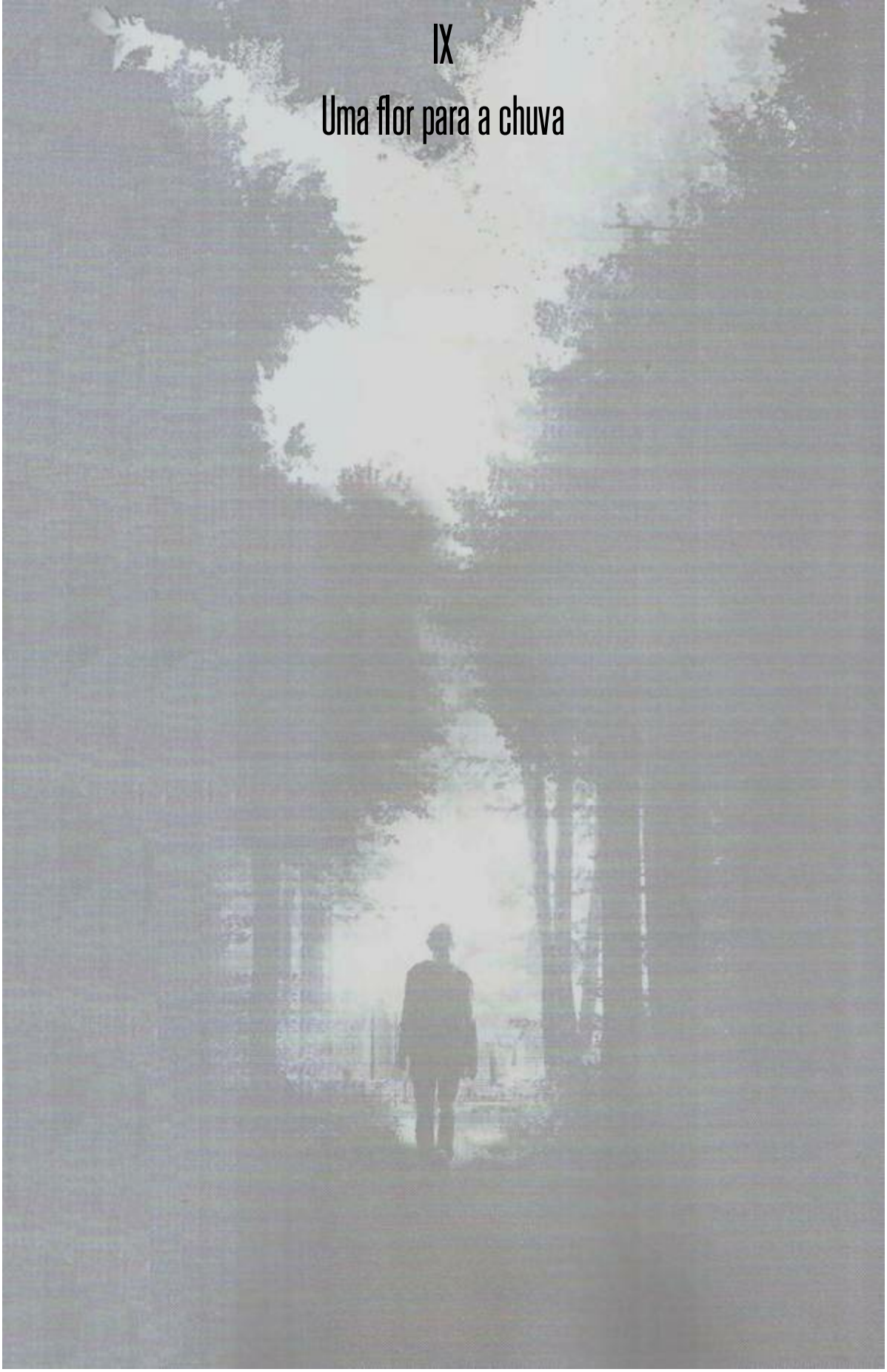
— Você vai me conectar ao País das Maravilhas?

Com um gesto do dedo, ele chama um enfermeiro, que se aproxima segurando uma bandeja. Uma bandeja com uma seringa e uma minúscula pelota de prata.

— Vamos conectar você ao País das Maravilhas.

IX

Uma flor para a chuva



Noite passada, adormecemos diante da lareira, e essa manhã acordei em nossa cama. Não, não nossa cama. Minha cama, Cama de Vai? A cama, e não me lembro de ter subido a escada, portanto ele deve ter me carregado e me deitado, só que ele não está aqui agora. Fico um tanto apavorada quando me dou conta de que ele não está aqui. F, muito mais fácil afastar as dúvidas quando F.van está comigo. Quando posso ver aqueles olhos cor de chocolate derretido e escutar a voz profunda que cai sobre mim como um cobertor quente na noite fria. "Ah, você é mesmo um caso perdido, Cassie. Um verdadeiro desastre,"

Visto-me rapidamente na fraca luz do amanhecer e desço. Ele também não está lá, mas o meu M16 está, limpo e carregado, encostado ao consolo da lareira. Chamo o seu nome. O silêncio responde.

Apanho a arma. A última vez em que a disparei foi no Dia do Soldado do Crucifixo.

"Não foi culpa sua, Cassie. E não foi culpa dele."

Fecho os olhos e vejo meu pai caído na terra, atingido por uma bala, dizendo: "Não, Cassie", imediatamente antes de Vosch se aproximar dele e silenciá-lo.

"Culpa dele, e não sua. Nem do Soldado do Crucifixo. Dele." Conservo uma imagem vívida de golpear a têmpora de Vosch com a extremidade do fuzil, arrancando-lhe a cabeça dos ombros.

Primeiro, preciso encontrá-lo. **E,** então, educadamente, pedir-lhe que fique imóvel para que eu possa golpear sua têmpora com a coronha de minha arma. E, então arrancar-lhe a cabeça dos ombros.

Encontro-me no sofá ao lado de Urso e me aconchego aos dois, Urso em um braço, o fuzil no outro, como se eu tivesse voltado à floresta na minha barraca sob as árvores, e sob o céu que estava sob o maligno olho da nave mãe, que estava sob a explosão de astros dos quais o nosso é apenas um. Quais são as malditas probabilidades de os Outros escolherem o nosso astro entre 100 sextilhões no universo para se instalar?

Não consigo lidar com tanta coisa. Não posso derrotar os Outros. Sou uma barata. Certo, vou aceitar a metáfora das efeméridas usada por Evan. Efeméridas são mais bonitas e, pelo menos, conseguem voar. Mas posso destruir alguns desses bastardos antes que meu único dia na Terra acabe. E pretendo começar com Vosch.

Uma mão pousa em meu ombro.

— Cassie, por que você está chorando?

— Não estou. São minhas alergias. Esse maldito urso está cheio de pó.

Ele se senta ao meu lado, do lado do urso, e não do lado da arma.

— Onde você estava? — pergunto, na intenção de mudar de assunto.

— Dando uma olhada no tempo.

—E?

"Frases completas, por favor. Estou com frio e preciso de sua voz quente e calma para me manter segura" Puxo os joelhos até o peito, apoiando os calcanhares na beira da almofada do sofá.

— Acho que estamos bem para esta noite.

A luz da manhã espreita por uma fresta nas cobertas penduradas sobre a janela e colore seu rosto de dourado. A luz cintila em seus cabelos escuros, cria faíscas em seus olhos.

— Ótimo. — Emito uma fungadela alta.

— Cassie. — Evan toca meu joelho. Sua mão está quente, sinto o calor através dos jeans. — Tive uma ideia esquisita.

— Que tudo isso não passa de um pesadelo?

Evan sacode a cabeça, ri, nervoso.

— Não quero que você me entenda mal, então me deixe terminar de falar antes de dizer qualquer coisa, certo? Pensei muito no assunto e nem iria mencioná-lo se não achasse...

— Fale, Evan. Apenas... fale. — "Oh, Deus, o que ele vai me dizer?" Meu corpo fica tenso. "Não importa, Evan. Não fale."

— Deixe que eu vá.

Sacudo a cabeça, confusa. É uma piada? Olho para a mão no meu joelho, dedos fazendo leve pressão.

— Eu pensei que você ia.

— Estou pedindo para você deixar que eu vá. — Dando um pequeno chacoalhão no meu joelho para que eu o encare.

Então, compreendo.

— Deixar que você vá sozinho. Eu fico aqui, e você vai procurar o meu irmão.

— Olhe, você prometeu ouvir até eu terminar...

" Não prometi nada, — Tiro a mão dele do meu joelho. Pensar em me deixar para trás não é só ofensivo, é aterrorizante, — Minha promessa foi para Sammy, portanto, esqueça.

Ele não esquece.

— Mas você não sabe o que tem lá fora.

— E você, sabe?

— Mais do que você.

Evan tenta se aproximar de mim. Coloco a mão em seu peito. "Ah, não, amigo."

— Então me conte o que existe lá fora.

Ele atira as mãos para o alto.

— Pense em quem tem melhores chances de viver tempo suficiente para cumprir sua promessa. Não estou dizendo que é porque você é uma garota, ou porque sou mais forte, mais resistente, ou, sei lá. Estou dizendo que, se apenas um de nós for, o outro ainda poderia ter uma chance de encontrá-lo, se acontecer o pior.

— Bom, provavelmente você tem razão sobre essa última parte. Mas não deve ser você o primeiro a tentar, Ele é meu irmão. Não vou esperar aqui que um Silenciador bata na porta e me peça uma xícara de açúcar emprestada. Eu simplesmente vou sozinha.

Pulo do sofá como se fosse sair naquele instante. Evan agarra meu braço. Eu o puxo de volta.

— Pare, Evan. Você ainda se esquece de que eu estou deixando você ir comigo, e não

o contrário.

Ele abaixa a cabeça.

— Eu sei. Eu sei disso. — E, então, um riso melancólico, — Eu também sabia qual seria a sua resposta, mas tinha que perguntar.

— Porque você acha que não sei tomar conta de mim?

— Porque não quero que você morra.

66

Vínhamos nos preparando havia semanas. Naquele último dia, não havia muito a fazer além de esperar pelo cair da noite. Vamos viajar com pouca bagagem. Evan acha que podemos chegar a Wright-Patterson em duas ou três noites, excluindo a possibilidade de um atraso inesperado devido a outra nevasca, ou se um de nós for morto, ou ambos formos mortos, o que atrasaria a operação por tempo indefinido.

Apesar de reduzir meus suprimentos a um mínimo, tenho problemas em fazer Urso entrar na mochila. Talvez eu devesse cortar suas pernas e dizer a Sammy que elas foram arrancados pelo Olho que destruiu o Campo Ashpit.

O Olho, Isso seria melhor, resolvi: não uma bala no cérebro de Vosch, mas uma bomba alienígena enfiada em suas calças.

— Talvez você não devesse levá-lo — Evan sugere.

— Talvez você devesse calar a boca — resmungo, empurrando a cabeça de Urso até a barriga e puxando o zíper. — Pronto.

Evan está sorrindo.

— Sabe, quando eu vi você pela primeira vez na floresta, pensei que o urso era seu.

— Floresta?

O sorriso dele desaparece.

— Você não me achou na floresta — lembrei. De repente, o aposento parece ter esfriado dez graus. — Você me achou no meio de um banco de neve.

— Eu quis dizer que eu estava na floresta, e não você — ele justifica. — Eu a vi da floresta a uns 800 metros de distância.

Assinto com um gesto de cabeça. Não porque acredito nele, mas porque sei que estou certa em não acreditar.

— Você ainda não saiu dessa floresta, Evan. Você é um amor, tem cutículas incríveis, mas ainda não tenho certeza de por que as suas mãos são tão macias, ou por que tinha cheiro de pólvora na noite em que supostamente visitou o túmulo de sua namorada.

— Eu lhe contei ontem a noite, não tenho trabalhado na fazenda há dois anos, e eu limpei minha arma naquele dia, Não sei o que mais pode...

Eu o interrompo.

— Só estou confiando em você porque sabe lidar com um fuzil e não me matou com ele, mesmo tendo tido milhares de oportunidades. Não leve isso para o lado pessoal, mas tem uma coisa que não entendo sobre você e toda essa situação, mas isso não significa que nunca vou entender. Vou descobrir o que é, e se a verdade for algo que o coloque contra

mim, então vou fazer o que for preciso.

— O quê?

Sorrindo aquele maldito sorriso torto e sexy, ombros eretos, mãos nos fundos dos bolsos com uma atitude meio tímida que, suponho, tem a intenção de me deixar louca, no bom sentido. O que esse sujeito tem que me faz querer estapeá-lo e beijá-lo, correr dele e para ele, atirar meus braços ao redor dele e lhe dar uma joelhada na virilha, tudo ao mesmo tempo? Gostaria de responsabilizar a Chegada pelo efeito que ele exerce em mim, mas algo me diz que rapazes vêm fazendo isso conosco há muito mais tempo do que apenas alguns meses.

— O que eu tiver que fazer — digo a ele.

Vou para o andar superior. Pensar no que tenho que fazer me lembrou de algo que eu queria fazer antes de partir.

No banheiro, remexo as gavetas até encontrar uma tesoura e, então, começo a cortar 15 centímetros do meu cabelo. As tábuas do chão rangem atrás de mim, e eu grito:

— Pare de se esgueirar! — sem me virar. Um segundo depois, Evan espia para dentro do banheiro.

— O que você está fazendo? — ele quer saber.

— Simbolicamente cortando os meus cabelos. O que você está fazendo? Ah, é mesmo. Está me seguindo, espreitando pelas portas. Talvez um dia desses você consiga reunir coragem para atravessar a soleira, Evan.

— Parece que você está mesmo cortando os cabelos.

— Decidi me livrar de tudo que me incomoda. — E o olho pelo espelho.

— Por que eles a incomodam?

— Por que você quer saber? — Observando meu reflexo agora, mas ele está ali no canto do meu olho. Droga, mais simbolismos.

Sensatamente, ele sai. *Snip, snip, snip,* e a pia se enche com meus cachos. Escuto Evan andando de um lado a outro no andar inferior, depois a porta da cozinha bater. Acho que antes eu deveria ter pedido permissão. Como se ele fosse meu dono. Como se eu fosse um cachorrinho que ele encontrou perdido na neve.

Recuo a fim de examinar o meu trabalho. Com os cabelos curtos e sem maquiagem, aparento ter 12 anos de idade. Está bem, não mais que 14. Mas com a atitude apropriada e os acessórios certos, alguém poderia me confundir com uma adolescente. Talvez até me oferecer uma carona para a segurança em seu simpático ônibus amarelo.

Naquela tarde, uma cobertura de nuvens cinzentas espalha-se pelo céu, fazendo o dia escurecer mais cedo. Evan desaparece de novo e volta alguns minutos depois, carregando dois contêineres com 12 litros de gasolina em cada um. Olho para ele, que me diz:

— Achei que uma distração poderia ajudar.

Levo um minuto para compreender.

— Você vai incendiar a sua casa?

Ele assente, parecendo meio entusiasmado com aquela perspectiva.

— Vou pôr fogo na minha casa.

Ele carrega um dos contêineres para cima, a fim de encharcar os quartos. Saio para a

varanda para escapar do cheiro. Um grande corvo preto está saltitando pelo pátio. Ao me ver, lança um olhar com seus olhos de contas negras. Penso em pegar minha arma e dar-lhe um tiro.

Acho que não iria errar. Agora sou uma boa atiradora, graças a Evan, além do fato de realmente detestar pássaros.

A porta abre-se atrás de mim, e uma onde de cheiro nauseante salta para fora. Saio da varanda, e o corvo foge, grasnando. Evan molha a varanda e joga a lata vazia na lateral da casa.

— O celeiro — lembro. — Se você queria criar uma distração, deveria ter incendiado o celeiro. Dessa forma, a casa ainda estaria aqui quando voltássemos. — "Porque eu gostaria de acreditar que vamos voltar, Evan. Você, eu, Sammy, uma grande família feliz,"

— Você sabe que não vamos voltar — ele diz. E acende um fósforo.

67

Vinte e quatro horas depois, completo o círculo que une a mim e Sammy como que por um cordão de prata, voltando ao local onde lhe fiz a promessa.

O Campo Ashpit está exatamente como o deixei, o que significa que não há Campo Ashpit: apenas uma estrada de terra cortando a floresta interrompida por um vazio de mais de um quilômetro de largura onde o campo estava instalado, o chão mais duro do que aço e totalmente deserto, sem nem mesmo uma erva daninha, ou folha de grama, ou folha morta. Naturalmente, é inverno, mas, por algum motivo, eu não acho que, quando a primavera chegar, esta clareira feita pelos Outros vá florescer como uma campina.

Aponto para um lugar à nossa direita.

— Ali estavam os barracões. Acho. É difícil dizer sem um ponto de referência exceto a estrada. Ali, o depósito. Lá atrás, por aquele caminho, o fosso de cinzas, e mais adiante a ravina.

Evan está sacudindo a cabeça, admirado.

— Não sobrou nada. — ele bate o pé no chão duro como pedra.

— Ah, sim, sobrou. Eu sobrei.

Evan suspira.

— Você entendeu o que eu quis dizer.

— Estou sendo muito intensa — digo.

— Hmmm. Você não costuma ser assim.

Ele experimenta mostrar um sorriso, mas seus sorrisos não têm causado o mesmo efeito ultimamente. Ele tem estado muito quieto desde que deixamos a casa queimando no meio da fazenda. Na luz do dia que está enfraquecendo, ajoelha-se no chão duro, pega o mapa e aponta nossa localização com a lanterna.

— A estrada de terra não está no mapa, mas deve se ligar a essa rodovia, talvez por aqui...? Podemos ir por ela até a 675, e, então, é uma linha reta até Wright-Patterson.

— É longe? — pergunto, olhando por cima do ombro dele.

— Mais ou menos 50 quilômetros. Mais um dia, se andarmos depressa.

— Vamos andar.

Eu me sento ao lado dele e procuro algo para comer em sua mochila. Encontro uma misteriosa carne curada embrulhada em papel manteiga e alguns biscoitos duros. Ofereço um para Even. Ele recusa com um gesto de cabeça.

— Você precisa comer — repreendo. — Pare de se preocupar tanto.

Ele tem receio de que nossa comida acabe. Naturalmente, ele tem o fuzil, mas não haverá caçadas nessa fase da operação de resgate. Temos que passar despercebidos pelo campo, não que o campo seja especialmente silencioso. Na primeira noite, escutamos tiros. Às vezes, o eco do disparo de um único revólver, às vezes, mais de um. Mas sempre ao longe, nunca perto o bastante para nos assustar. Talvez caçadores solitários como Evan, vivendo da terra. Talvez bandos de vagabundos, quem sabe? Talvez haja outras garotas de 16 anos com M16s, bobas o bastante para achar que são as últimas representantes da humanidade na Terra.

Evan cede e pega um dos biscoitos. Mordisca um pedaço. Mastiga pensativo, olhando para o deserto ao redor, enquanto a luz se vai.

— E se eles pararam de usar os ônibus? — pergunta pela centésima vez.

— Como vamos entrar?

— Vamos descobrir outro jeito. — Cassie Sullivan: especialista em planejamento estratégico.

Evan olha para mim.

— Soldados profissionais, veículos militares e Falcões Negros. E isso.., como você a chamou? A bomba de olho verde. É melhor a gente encontrar um jeito muito bom.

Ele guarda o mapa no bolso e levanta, ajeitando o fuzil no ombro. Ele está prestes a fazer algo. Não sei bem o quê. Lágrimas? Gritos? Risos?

Eu também. Todos os três. E talvez não pelos mesmos motivos. Decidi confiar nele, mas como alguém disse, certa vez, não podemos nos obrigar a confiar. Assim, você coloca todas as suas dúvidas em uma caixinha e a enterra bem fundo, e, então, tenta esquecer onde a enterrou. O problema é que essa caixa enterrada é como uma espinha que não consigo parar de cutucar.

— É melhor ir andando — ele diz, tenso, olhando para o céu. As nuvens que surgiram no dia anterior ainda continuavam ali, ocultando as estrelas.

— Estamos expostos neste lugar.

De repente, Evan vira a cabeça abruptamente para a esquerda e fica imóvel como uma estátua.

— O que foi? — sussurro.

Ele levanta a mão. Sacode a cabeça bruscamente. Espia na escuridão próxima e perfeita. Não vejo nada. Não escuto nada. Mas não sou uma caçadora como Evan.

— Uma maldita lanterna — ele murmura. Ele pressiona os lábios no meu ouvido. — O que está mais perto: a floresta do outro lado da estrada ou a ravina?

Sacudo a cabeça. Na verdade, não sei.

— A ravina, eu acho.

Fie não hesita. Agarra minha mão, e saímos correndo para onde eu esperava que a

ravina estivesse. Não sei quanto corremos para chegar até ela. Provavelmente não tanto quanto pareceu, porque tive a impressão de que levamos uma eternidade. Evan me ajuda a descer a parede rochosa até o fundo, e, então, salta para o meu lado.

— Evan?

Ele põe o indicador nos lábios e levanta um pouco o corpo para espiar sobre aborda. Mostra a mochila com um gesto, e eu procuro até encontrar os binóculos. Puxo a perna de sua calça — *O que está acontecendo?* mas ele tira minha mão. Bate os dedos na coxa, polegar retraído. Quatro pessoas? É isso que ele quer dizer? Ou está usando alguma espécie de código de caça, como "Abaixe-se e fique de quatro!"?

Evan não se move durante um longo tempo. Finalmente, ele volta a se abaixar e encosta os lábios nos meus ouvidos de novo.

— Fies estão vindo para cá.

Na escuridão, ele observa com olhos semicerrados a parede oposta da ravina, muito mais íngreme do que a que descemos, mas há árvores do outro lado, ou o que restou delas: tocos despedaçados, emaranhados de galhos quebrados e trepadeiras. Bom esconderijo. Ou, pelo menos, melhor do que estar totalmente exposto numa vala onde os caras maus podem nos pegar como peixes num barril. Evan morde o lábio, analisando as probabilidades. Temos tempo para escalar o outro lado antes de sermos vistos?

— Fique abaixada.

Evan sacode o fuzil de cima do ombro, apoia as botas na superfície instável, repousando os cotovelos no chão acima. Estou parada diretamente abaixo dele, segurando o M16. É, sei que ele me disse para ficar abaixada, mas não sou do tipo que fica encolhida aguardando o fim. já estive lá antes e pretendo nunca voltar.

Evan atira. O silêncio da penumbra se quebra. O coice da arma tira-lhe o equilíbrio, o pé escorrega e ele cai. Felizmente, há uma idiota diretamente abaixo dele para interromper a queda. Felizmente para ele, nem tanto para a idiota.

Ele sai rolando de cima de mim, levanta-me com um puxão e me empurra na direção oposta. Mas é difícil mover-se com rapidez, quando não se pode respirar.

Um clarão aparece na ravina, rasgando a escuridão com um brilho vermelho infernal. Evan desliza as mãos sob meus braços e me empurra para o alto. Seguro a borda com a ponta dos dedos e enterro com fúria os dedos dos pés na parede, como uma ciclista enlouquecida. E, então, as mãos de Evan no meu traseiro para o empurrão final. E chego ao outro lado.

Viro-me rapidamente a fim de ajudá-lo, mas ele grita para que eu corra. Não há motivo para ficar cm silêncio, pois um pequeno objeto em forma de abacaxi cai com ruído na ravina atrás dele.

Grito:

— Granada! — o que dá a Evan todo um segundo para se proteger.

Mas não é tempo suficiente.

A explosão o derruba. Naquele momento, um vulto usando um traje de proteção aparece do outro lado da ravina. Ataco com meu Ml 6, gritando de modo incoerente com toda a força de meus pulmões. O vulto cambaleia para trás, mas continuo a atirar no ponto em que ele se encontrava. Acho que ele não esperava a resposta de Cassie Sullivan

ao seu convite para a festa no estilo pós-alíenígena.

Esvazio o pente, carrego um novo. Conto até dez. Obrigo-me a olhar para baixo, certa do que vou ver. O corpo de Evan no fundo da ravina, partido em pedaços, tudo porque para ele eu era a única coisa pela qual valia a pena morrer. Eu, a garota que permitiu ser beijada por ele, mas que nunca o beijou primeiro. A garota que nunca lhe agradeceu por ter salvo sua vida, retribuiu apenas com sarcasmo e acusações. Sei o que vou ver quando olhar para baixo, mas não é isso que vejo.

Evan se foi.

Uma pequena voz no interior de minha cabeça, cuja função é me manter viva, grita: "Corra!"

E, então, eu corro.

Saltando sobre árvores caídas e arbustos ressequidos pelo inverno, acompanhada pelo agora familiar *pop-pop-pop* dos disparos rápidos.

Granadas. Clarões. Armas de assalto. Não são vagabundos que nos perseguem, São profissionais.

Do lado de fora do diabólico brilho do clarão, atinjo um muro feito de escuridão e, então, me choco diretamente com uma árvore. O impacto me faz cair. Não sei quanto corri, mas deve ter sido uma distância considerável, porque não vejo a ravina, não escuto nada além das batidas do meu coração fugindo em meus ouvidos.

Corro até um pinheiro caído e agacho atrás dele, esperando que o fôlego que abandonei na ravina me alcance. Esperando que outro clarão se acenda na floresta diante de mim. Esperando que os Silenciadores apareçam a lodo vapor pela vegetação.

Um fuzil dispara ao longe, seguido por um grito agudo. Então, a resposta de uma rajada de armas automáticas e outra explosão de granada, e depois o silêncio.

"Bom, não é em mim que estão atirando, então deve ser em Evan" penso. O que faz com que eu me sinta melhor e muito pior, porque cie está lá fora sozinho contra profissionais, e eu, onde estou? Escondida atrás de uma árvore como uma garota.

Mas, e Sams? Posso voltai* correndo para uma luta que provavelmente vou perder ou ficar e continuar viva tempo suficiente para cumprir a promessa.

É um mundo em que se precisa escolher.

Outro estalo de fuzil. Outro grito feminino.

Mais silêncio.

Ele os está pegando um por um. Um garoto de fazenda sem nenhuma experiência de combate contra um esquadrão de soldados profissionais. Sozinho. Com menos armas. Derrotando-os com a mesma eficiência brutal do Silenciador na interestadual, o caçador na floresta que me caçou sob um carro e depois desapareceu misteriosamente.

Craque!

Grito.

Silêncio.

Não me movo. Espero atrás do meu tronco, aterrorizada. Nos últimos dez minutos, ele se tornou um amigo querido e penso em lhe dar um nome: Howard, meu tronco de estimação.

Sabe, quando eu vi você pela primeira vez na floresta, pensei que o urso era seu."

O estalar e farfalhar de folhas e galhos secos sob os pés. Uma sombra mais escura de encontro à escuridão da floresta. 0 chamado suave do Silenciador. Meu Silenciador.

— Cassie? Cassie, estamos em segurança agora.

Endireito o corpo e aponto o fuzil diretamente para o rosto de Evan Walker.

68

Evan recua depressa, mas a expressão confusa surge devagar.

— Cassie, sou eu.

— Eu sei que é você. É que não sei quem você é.

O maxilar dele enrijece. A voz fica tensa. Raiva? Frustração? Não sei dizer.

— Abaixe a arma, Cassie.

— Quem é você, Evan? Se é que Evan é mesmo o seu nome.

Ele sorri desanimado. E, então, cai de joelhos, oscila, cai para a frente e fica imóvel.

Espero, a arma encostada na parte posterior de sua cabeça. Ele não se move. Salto por cima de Howard e o cutuco com a ponta do pé. Ele ainda não se move. Ajoelho-me ao seu lado, apoiando a coronha do fuzil na coxa, e aperto seu pescoço com os dedos à procura da pulsação. Ele está vivo. Suas calças estão rasgadas da altura das coxas até os pés. Úmidas ao toque. Sinto o cheiro dos meus dedos. Sangue.

Encosto o M16 numa árvore caída e viro Evan de costas. Suas pálpebras se agitam. Ele levanta a mão e toca meu rosto com a palma ensanguentada.

— Cassie — ele sussurra. — Cassie, de Cassiopeia.

— Pare — ordeno. Noto o fuzil caído ao lado dele e o chuto para fora de seu alcance. — Seu ferimento é grave?

— Acho que é bastante grave.

— Quantos eram?

— Quatro.

— Eles não tiveram a menor chance, não é?

Longo suspiro. Seu olhar encontra o meu. Não preciso que ele fale, posso ver a resposta em seus olhos.

— Não, não muita.

— Porque você não tem coragem de matar, mas tem coragem de fazer o que tiver que fazer. — Prendo a respiração. Ele deve saber onde quero chegar.

Evan hesita. Assente. Posso ver a dor em sua expressão. Desvio o olhar para que ele não veja a dor na minha, "Mas você começou a viagem por essa estrada, Cassie. Uma viagem sem volta."

— E você **é** muito bom no que tem coragem de fazer, não **é?**

"Bem, é essa a questão, não é? Para você também, Cassie: o que você tem coragem de fazer, Cassie?"

Ele salvou minha vida. Como ele também podia ser quem tentou tirá-la? Não faz sentido.

Tenho a coragem de deixá-lo sangrar até a morte porque agora sei que ele mentiu

para mim, que ele não c o gentil Evan Walker, o caçador relutante, o filho, irmão e namorado sofrido, mas algo que talvez nem seja humano? Tenho o que é preciso para seguir aquela primeira regra até sua conclusão final, brutal e implacável e pôr uma bala em sua testa finamente esculpida?

"Ah, droga, a quem você está querendo enganar?"

Começo a desabotoar sua camisa.

— Temos que tirar essas roupas — murmuro.

— Você não sabe quanto tempo esperei para ouvir você dizer isso. — Sorriso. Inclinado. Sexy.

— Você não vai escapar dessa com seu charme, amigo. Consegue se sentar? Um pouco mais. Olhe, tome isso. — Um par de analgésicos do kit de primeiros socorros. Ele os engole com dois longos goles de água da garrafa que lhe entrego.

Tiro a camisa dele. Evan está olhando para o meu rosto; evito seu olhar. Enquanto puxo as botas, ele desafivela o cinto e abre o zíper. Ergue as nádegas, mas não consigo tirar-lhe as calças: estão coladas ao seu corpo com sangue pegajoso.

— Rasgue as calças — ele pede. Ele vira de bruços. Tento, mas o tecido escorrega entre meus dedos quando puxo.

— Olhe, use isso. — Evan me dá uma faca ensanguentada. Não lhe pergunto de onde veio o sangue.

Corto de um rasgo a outro, lentamente, estou com muito medo de machucá-lo. Então, puxo as calças de cada perna, como se estivesse descascando uma banana. Pronto, a metáfora perfeita: descascando uma banana. Preciso saber a verdade, e é impossível chegar à fruta saborosa sem arrancar a camada externa.

Por falar em fruta, cheguei, ou melhor, ele chegou, à roupa de baixo.

Diante do fato, pergunto:

Preciso ver o seu traseiro?

— Estava imaginando qual seria a sua opinião.

— Chega de tentativas idiotas de fazer humor.

Corto o tecido nos dois lados do quadril e puxo a cueca, expondo-o. O traseiro está péssimo. Quando digo péssimo, refiro-me ao fato de estar pontilhado de ferimentos provocados por estilhaços. Fora isso, é muito bom.

Limpo o sangue com gaze do kit, reprimindo um riso histérico. Culpo o estresse insuportável e não o fato de estar limpando o bumbum de Evan Walker.

— Deus, isso está horrível.

Evan está respirando com dificuldade.

— Por favor, por enquanto apenas tente parar o sangramento.

Protejo os ferimentos desse lado o melhor que posso.

— Você consegue se virar? — pergunto.

— Prefiro não fazer isso.

— Preciso ver a frente. — "Oh, meu Deus. A frente?".

— A frente está bem, juro.

Recuo um pouco e sento, exausta. Suponho que essa é uma parte em que vou acreditar.

— Conte o que aconteceu.

— Depois que tirei você da ravina, eu corri. Encontrei um lugar baixo para sair. Fui até eles por trás. Provavelmente, o resto você ouviu.

— Ouvi três tiros. Você disse que eram quatro sufeitos.

— Faca.

— Esta faca?

— Esta faca. Este sangue nas minhas mãos é dele, e não meu.

— Ah, obrigada. — Esfrego o rosto onde ele me locou. Decido apresentar a pior explicação para o que está acontecendo. — Você é uni Silenciador, não é?

Silêncio. Quanta ironia.

— Ou você é humano? — sussurro.

"Diga humano, Evan, E, quando você falar, fale com clareza para não haver dúvidas. Por favor, Evan. Preciso mesmo que você acabe com a dúvida. Sei que você disse que não podemos nos obrigar a confiar. Então, droga, faça outra pessoa confiar. Faça com que eu confie. Diga. Diga que é humano"

— Cassie...

— Você é humano?

— Claro que sou.

Respiro fundo. Ele falou, mas não com perfeição. Não consigo ver seu rosto, escondido sob o cotovelo. Talvez, se eu pudesse ver-lhe o rosto, suas palavras ficariam perfeitas, e eu poderia afastar esse pensamento terrível. Apanho alguns lenços esterilizados e começo a limpar o sangue dele, ou de quem quer que seja, de suas mãos.

— Se você é humano, por que mentiu para mim?

— Não menti para você sobre tudo.

— Apenas as partes que importam?

— Não menti sobre essas partes.

— Você matou aquelas três pessoas na interestadual?

— Sim.

Então me encolho. Não esperava que ele dissesse sim. Esperava um "Você está brincando? Pare de ser tão paranoica." Em vez disso, recebo uma resposta simples e breve, como se tivesse lhe perguntado se já nadou nu alguma vez.

A próxima pergunta é ainda mais difícil.

— Você atirou na minha perna?

— Sim.

Estremeço e deixou cair o lenço ensanguentado entre as pernas.

— Por que você atirou na minha perna, Evan?

~ Por que não consegui atirar na sua cabeça.

"Bom, aí está."

Tiro a Luger e a seguro no colo. À cabeça dele está a cerca de 30 centímetros do meu joelho. O que me confunde é o fato de que a pessoa com a arma está tremendo como uma vara verde e a que está à sua mercê está perfeitamente calma.

— Vou embora agora — digo a ele. — Vou deixar você sangrando até a morte do jeito que me deixou debaixo daquele carro.

Espero que ele diga algo.

— Você não vai embora — ele afirma.

— Estou esperando para ouvir o que você tem a dizer.

— É complicado.

— Não, Evan. Mentiras são complicadas. A verdade é simples. Por que você estava atirando em pessoas na rodovia?

— Por que estava com medo.

— Medo de quê?

— Medo de que não fossem pessoas.

Suspiro e tiro uma garrafa d'água da mochila, encosto na árvore caída e bebo um longo gole.

— Você atirou naquelas pessoas na estrada, e em mim, e sabe Deus em quem mais. Sei que você não saía todas as noites para caçar animais, porque você já sabia sobre a 4ª Onda. Eu sou o seu Soldado do Crucifixo.

Ele assente com o rosto na curva do cotovelo.

— Se essa é a explicação que quer dar — ele fala com a voz abafada.

Se me queria morta, por que me tirou da neve em vez de deixar que eu congelasse até a morte?

— Eu não queria você morta.

— Depois de atirar na minha perna e me deixar sangrando debaixo de um carro.

— Não, você estava de pé quando corri.

— Você correu? Por quê? — Eu estava com dificuldades em imaginar a cena.

— Eu tive medo.

— Você atirou naquelas pessoas porque tinha medo. Você atirou em mim porque tinha medo. Você fugiu porque tinha medo.

— Talvez eu tenha algum tipo de problema com o medo.

— Depois, você me achou e me levou para a casa da fazenda, cuidou de mim até eu sarar, fez hambúrguer para mim, lavou meus cabelos, me ensinou a atirar, me beijou com o objetivo de... de quê?

Evan vira a cabeça para me fitar com um dos olhos.

— Sabe, Cassie, você está sendo um pouco injusta.

Fico boquiaberta.

— Injusta, eu?

— Está me atormentando, enquanto estou cheio de estilhaços.

— Isso não foi minha culpa — disparo. — Foi você quem insistiu em vir.

— Uma onda de medo percorre minha espinha. — Por que você veio, Evan? Isso é alguma espécie de truque? Você está me usando para alguma coisa?

— Resgatar Sammy foi ideia sua — ele lembra. — Tentei convencer você a não vir. Eu até me ofereci para vir sozinho.

Evan está tremendo. Ele está nu sob uma temperatura de 4 graus. Ajeito a jaqueta dele em cima de suas costas e cubro o resto de seu corpo da melhor forma possível com a camisa de brim.

— Sinto muito, Cassie.

— Por qual parte?

— Todas as partes.

As palavras saem arrastadas. Os analgésicos estão fazendo efeito.

— Evan, eu matei aquele soldado porque não tive escolha, não saí todos os dias procurando pessoas para matar. Não me escondi na floresta do lado da estrada para atirar em todos que passavam porque podiam ser um deles. — Estou assentindo para mim mesma. É realmente simples. — Você não pode ser quem você diz ser porque quem você diz ser não poderia ter feito o que fez!

Agora, não me importo com mais nada além da verdade. E em não ser uma idiota. E não sentir nada por ele, porque sentir alguma coisa por ele vai tornar o que tenho que fazer muito mais difícil, talvez impossível, e, se eu quiser salvar meu irmão, nada pode ser impossível.

— E agora, o que vai ser? — pergunto.

— Pela manhã, vamos ter que tirar os estilhaços.

— Estou me referindo depois dessa onda. Ou você é a última onda, Evan?

Evan está me fitando com aquele olho descoberto e sacudindo a cabeça.

— Não sei como convencer você...

Aperto a boca da arma de encontro à sua têmpora, bem ao lado do olho cor de chocolate que me encara, e rosno:

— 1ª Onda: apagam-se as luzes. 2ª Onda: começa a arrebentação. 3ª Onda: pestilência. 4ª Onda: Silenciador. O que vem em seguida, Evan? O que é a 5ª Onda?

Ele não responde. Tinha desmaiado.

69

Ao amanhecer, ele ainda está inconsciente, portanto, pego o meu fuzil e ando pela floresta. Queria avaliar o trabalho dele. Provavelmente, não é a atitude mais inteligente a ser tomada. E se nossos atacantes da meia-noite chamaram reforços? Eu seria o prêmio num concurso de tiro ao alvo. Não sou má atiradora, mas não sou nenhum Evan Walker.

Bem, nem Evan Walker não é nenhum Evan Walker.

Não sei o que ele é. Ele diz ser humano, e se parece com um humano, fala como um humano, sangra como um humano e, certo... beija como um humano. E assim por diante, blá-blá-blá. Ele também diz as coisas certas, como o motivo pelo qual estava atirando em pessoas é o mesmo pelo qual atirei no Soldado do Crucifixo.

O problema é que não acredito nele. E agora não consigo decidir o que é melhor: um Evan morto ou um Evan vivo. Um Evan morto não pode me ajudar a cumprir minha promessa. Um Evan vivo pode.

Por que ele atirou em mim e depois me salvou? O que ele quis dizer quando disse que eu o tinha salvado?

É estranho. Quando ele me abraçou, eu me senti segura. Quando me beijou, perdi-me nele. É como se houvesse dois Evans. Há o Evan que conheço e o Evan que não conheço. Evan, o garoto de fazenda com mãos macias que me acaricia até eu ronronar

como um gato. Evan, o embusteiro que é o matador insensível que atirou em mim.

Vou pressupor que ele é humano, pelo menos biologicamente. Talvez ele seja um clone criado a bordo da nave mãe, gerado a partir de um DNA colhido de alguém. Ou talvez algo menos *Guerra nas Estrelas* e mais desprezível: um traidor de sua espécie. Talvez os Silenciadores sejam isso: mercenários humanos.

Os Outros estão lhe dando algo para nos matar. Ou o ameaçaram, como, por exemplo, sequestraram alguém que ele ama (Lauren? Na verdade, nunca vi seu túmulo.) e estão lhe oferecendo um acordo. "Mate 20 humanos e você a terá de volta."

A última possibilidade? Que ele é quem afirma ser, Sozinho, assustado, matando antes que alguém o mate, um firme adepto da primeira regra, até que ele a quebrasse ao me deixar escapar e depois me trazer de volta.

Assim como as duas primeiras possibilidades, isso explica o que ocorreu, Tudo se encaixa. Poderia ser verdade. Exceto por um pequeno e insignificante problema.

Os soldados.

É por isso que não o deixo na floresta. Quero ver por mim mesma o que ele fez.

Visto que o Campo Ashpit agora está mais descaracterizado que uma praia deserta, não tenho dificuldade em encontrar as vítimas de Evan. Um deles perto da borda da ravina, mais dois lado a lado a uns 100 metros de distância. Todos atingidos na cabeça, No escuro. Enquanto estavam atirando nele. O último está caído perto de onde antes ficavam os barracões, talvez no local exato em que Vosch assassinou o meu pai.

Nenhum deles tem mais de 14 anos. Todos usavam aqueles estranhos tapa-olhos de prata, algum tipo de tecnologia que possibilita a visão noturna? Em caso positivo, o fato, de um jeito um tanto repulsivo, torna os feitos de Evan ainda mais impressionantes.

Evan está acordado quando volto. Sentado de encontro à árvore caída. Pálido, trêmulo, olhos fundos.

— Eles eram crianças — conto a ele, — Eles eram apenas crianças.

Aos tropeços, entro nos arbustos secos atrás dele e esvazio meu estômago.

E, então, me sinto melhor.

Volto até onde ele está. Decidi não matá-lo, Ainda. Por enquanto, para mim ele vale mais vivo. Se ele for um Silenciador, talvez saiba o que aconteceu ao meu irmão. Assim, pego o kit de primeiros socorros e me ajoelho entre suas pernas estendidas.

— Certo, hora de operar.

Encontro um pacote de gaze limpa. Em silêncio, ele me observa limpar da faca o sangue de uma das vítimas.

Engulo em seco, sentindo o gosto do vômito fresco.

— Nunca fiz isso antes — conto. Uma informação um tanto óbvia, mas me sinto como se estivesse falando com um estranho.

Ele assente com um gesto de cabeça, vira de bruços. Puxo a camisa, expondo a metade inferior de seu corpo.

Nunca tinha visto um sujeito nu antes. Agora ali estava eu, ajoelhada entre as pernas de um, embora não pudesse ver toda a sua nudez. Apenas a metade posterior. Estranho, nunca imaginei que minha primeira vez com um cara nu seria daquele jeito. Bom, acho que não é tão estranho assim.

— Você quer outro analgésico? — pergunto. — Está frio, e minhas mãos estão tremendo...

— Nada de comprimidos — ele resmunga, o rosto escondido na curva do braço.

No início, trabalho devagar, remexendo delicadamente nos ferimentos com a ponta da faca, mas logo aprendo que essa não é a melhor forma de desenterrar metal de dentro da carne de um ser humano, ou talvez não humano. Você apenas prolonga o sofrimento.

Demoro-me mais tempo nas nádegas. Não porque quero, mas porque há muitos estilhaços. Ele não se mexe. Ele mal se encolhe. Às vezes, solta um gemido. Outras, suspira.

Tiro a jaqueta de suas costas. Não há muitos ferimentos ali, e eles estão concentrados principalmente na parte inferior. Dedos rígidos, punhos machucados, obrigo-me a trabalhar depressa. Depressa, mas com cuidado.

— Aguente firme — murmuro. — Estou quase no fim.

— Eu também.

— Não temos ataduras suficientes.

— Cubra só os mais graves.

— Infecção...?

— Tem alguns comprimidos de penicilina no kit.

Evan se vira enquanto procuro os comprimidos. Ele toma dois com um gole de água. F,u me sento para trás, suando, apesar de a temperatura estar perto de zero grau.

— Por que crianças? — pergunto.

— Eu não sabia que eram crianças.

— Talvez não, mas elas estavam fortemente armadas e sabiam o que estavam fazendo. O problema deles é que você também sabia. Você deve ter se esquecido de mencionar o seu treinamento militar.

— Cassie, se não pudermos confiar um no outro...

— Evan, *não* podemos confiar um no outro. — Quero golpeá-lo na cabeça e irromper em lágrimas ao mesmo tempo. Atingi o ponto de estar cansada de estar cansada. — Esse é todo o problema.

Acima de nós, o sol tinha se libertado das nuvens, mostrando-nos um brilhante céu azul.

— Crianças alienígenas clonadas? — arrisco. — A América está raspando o fundo do poço do recrutamento? Sério, por que crianças estão correndo por aí com armas automáticas e granadas?

Ele sacode a cabeça. Beberica a água. Estremece.

— Acho que vou tomar mais um desses comprimidos contra a dor.

— Vosch disse "só as crianças". Eles estão sequestrando crianças para formar um exército?

— Talvez Vosch não seja um deles. Talvez seja o exército que tenha raptado as crianças.

— Então por que ele matou todos os outros? Por que ele pôs uma bala na cabeça do meu pai? E se ele não é um deles, por que era vigiado pelo Olho? Tem alguma coisa errada aqui, Evan. E você sabe o que está acontecendo. Nós dois sabemos que você sabe.

Por que não pode simplesmente me contar? Você confia em mim com uma arma na mão e para tirar estilhaços do seu traseiro, mas não confia para me contar a verdade?

Ele me encara por um longo momento e, então, diz:

— Eu gostaria que você não tivesse cortado os cabelos.

Eu teria perdido o controle, mas estou com muito frio, muito nauseada e muito fraca.

— Juro por Deus, Evan Walker — digo, com desânimo se não precisasse de você, eu o mataria agora mesmo.

— Então fico satisfeito porque precisa de mim.

— E, se eu descobrir que você está mentindo para mim sobre a parte mais importante, mato você.

— Qual é a parte mais importante?

— Sobre ser humano.

— Cassie, sou tão humano quanto você.

Ele puxa minha mão e a coloca na dele. Ambas as nossas mãos estão manchadas de sangue. A minha com o sangue dele. A dele com o do garoto pouco mais velho do que meu irmão. Quantas pessoas esta mão teria matado?

— E isso que somos? — pergunto.

Estou prestes a pirar de vez. Não consigo confiar nele. Preciso confiar nele. Não consigo acreditar. Preciso acreditar. É esse o objetivo máximo dos Outros, a onda que vai pôr fim a todas as ondas, reduzindo a nossa humanidade a um monte de ossos descarnados e animalescos, até não sermos nada além de predadores desalmados que fazem o trabalho sujo para eles, solitários e tão insensíveis quanto tubarões?

Evan nota a expressão de animal acuado em meu olhar.

— O que foi?

— Não quero ser um tubarão — sussurro.

Evan me fita por um longo e desconfortável momento. Ele poderia ler dito:

Tubarão? Quem? O quê? Ahn? Quem disse que você é um tubarão?"

Em vez disso, ele começa a assentir, como se compreendesse tudo.

— Você não é.

"Você, e não, *nós*" Devolvo-lhe o olhar demorado.

— Se a Terra estivesse morrendo e tivéssemos que partir — começo devagar — e encontrássemos um planeta, mas alguém tivesse chegado antes de nós, alguém com quem, por algum motivo, não fôssemos compatíveis...

— Você faria o que tivesse que ser feito.

— Como tubarões.

— Como tubarões.

Acho que ele estava tentando tratar a questão com delicadeza. Acho que, para ele, era importante que minha aterrissagem não fosse muito violenta, que o choque não fosse muito grande. Acho que ele queria que eu compreendesse sem que ele precisasse falar.

Afasto a mão dele com rispidez. Estou furiosa pelo fato de ter permitido que me tocasse. Furiosa comigo mesma por ficar com ele quando sei que há fatos que não me conta. Furiosa com meu pai por deixar Sammy subir naquele ônibus. Furiosa com Vosch.

Furiosa com o olho verde que paira sobre nós no horizonte. Furiosa comigo mesma por quebrar a primeira regra para o primeiro sujeito bonitinho que apareceu e, por quê? Porque suas mãos são grandes, mas delicadas, e seu hálito tem cheiro de chocolate?

Dou repetidos socos em seu peito até esquecer por que o estou golpeando, até esvaziar a fúria e tudo que sobra dentro de mim é um buraco negro onde antes Cassie se abrigava.

Evan segura meus punhos agitados.

— Cassie, pare! Acalme-se! Não sou seu inimigo.

— Então é inimigo de quem, hein? Porque você é inimigo de alguém. Você não saía para caçar todas as noites. Pelo menos, não animais. E você não aprendeu técnicas ninja assassinas na fazenda do papai. Você continua dizendo o que não é, e tudo que quero é saber o que você é. O que você é, Evan Walker?

Ele solta meus punhos e me surpreende ao apertar meu rosto com a mão, correr o polegar macio na minha face, ao longo do nariz. Como se estivesse me tocando pela última vez.

— Eu sou um tubarão, Cassie — ele fala devagar, arrancando as palavras como se estivesse falando comigo pela última vez. Fitando-me com lágrimas nos olhos, como se estivesse me vendo pela última vez. — Um tubarão que sonhou ser um homem.

Estou caindo mais depressa do que a velocidade da luz no buraco negro que se abriu com a Chegada e que devorou tudo por onde passava. O buraco em que meu pai olhou quando minha mãe morreu, o que pensei estar lá fora, longe de mim, mas, na verdade, nunca esteve. Estava dentro de mim, desde o início, crescendo, devorando cada centímetro de esperança, confiança e amor que eu tinha, abrindo caminho a dentadas na galáxia de minha alma, enquanto eu me prendia a uma escolha. Uma escolha que está me fitando agora como se fosse a última vez.

Assim, faço o que a maioria das pessoas sensatas faria na minha situação.

Fujo.

Disparando pela floresta no cortante ar de inverno, galhos nus, céu azul, folhas secas, e depois irrompendo da linha de árvores para o campo aberto, o chão congelado rangendo sob meus pés, sob o domo do céu indiferente, a cortina azul brilhante puxada sobre um bilhão de estrelas que ainda estão lá, ainda olhando para ela, a garota que corre com os cabelos curtos balançando e lágrimas escorrendo pelas faces, não correndo de nada, não correndo para nada, apenas correndo, correndo como o diabo, porque essa é a atitude mais lógica a tomar quando se percebe que a única pessoa na Terra em quem se decidiu confiar não é da Terra. Não importa que ele salvou o seu traseiro mais vezes do que consegue se lembrar, ou que ele a poderia ter matado centenas de vezes, ou que há algo nele, algo atormentado e triste e terrivelmente solitário, como se ele fosse a última pessoa na face da Terra, e não a garota tremendo no saco de dormir, abraçada a um urso de pelúcia em um inundo agora silencioso.

"Cale a boca, cale a boca, simplesmente cale a boca."

Ele não estava lá quando voltei. Isso mesmo, eu voltei. Para onde iria sem minha arma e especialmente sem aquele maldito urso, minha razão de viver? Não tive medo de voltar. Ele tinha tido dez bilhões de oportunidades de me matar. Que diferença faria mais uma?

Ali está o fuzil. A mochila. O kit de primeiros socorros. E lá estão os jeans rasgados junto de Howard, o tronco.

Como ele não trouxe outro par de calças, suponho que esteja saltitando na floresta gelada apenas de botas, como uma garota do calendário. Não, espere, a camisa e a jaqueta não estão lá.

— Vamos, Urso — resmungo, pegando minha mochila. — É hora de devolvê-lo para o seu dono.

Pego o meu fuzil, verifico a munição, idem para a Luger, tiro um par de luvas de lã, porque meus dedos estão entorpecidos, roubo o mapa e a lanterna da mochila dele e me dirijo à ravina. Vou me arriscar a andar durante o dia, para aumentar a distância entre mim e o Homem Tubarão. Não sei para onde ele foi, talvez entrar em contato com os teleguiados, já que seu disfarce foi para os ares, mas isso não importa. Foi o que decidi no caminho de volta, depois de correr até não conseguir correr mais: realmente não importa quem ou o que Evan Walker é. Ele evitou que eu morresse. Ele me alimentou, me banhou, me protegeu. Ele me ajudou a ficar forte. Ele até me ensinou a matar. Com um inimigo como esse, quem precisa de amigos?

Para dentro da ravina. Dez graus a menos do que nas sombras. Subindo e saltando para a paisagem destruída do Campo Ashpit, correndo no chão tão duro quanto asfalto, e ali está o primeiro corpo. Eu penso: "Se Evan for um deles, em que time ele joga?" Iria Evan matar um dos seus para manter a fachada que tinha criado para mim, ou terá ele sido obrigado a matar por terem achado que ele era humano? Esses pensamentos me deixam louca de desespero: esse poço de sujeira não tem fim. Quanto mais se cava, mais fundo ele fica.

Quando passo por outro corpo, olho apenas de relance, e, então, esse rápido olhar registra algo, e eu me viro. O soldado-criança está sem calças.

Não importa. Continuo andando. Agora, na estrada de terra, direção norte. Ainda com passo muito rápido. "Ande, Cassie, ande, ande." Esqueci a comida. Esqueci a água. Não importa. Não importa. Não há nuvens no céu. Um olho azul imenso, gigantesco, olhando para baixo. Corro à beira da estrada, perto das árvores limitando o lado oeste. Se eu vir um teleguiado, mergulho entre elas para me. esconder. Se eu vir Evan, vou atirar primeiro e perguntar depois. Bom, não só Evan. Qualquer um.

Além da primeira regra, nada importa. Nada importa, exceto encontrar Sammy. Tinha me esquecido disso por um momento.

Silenciadores: humanos, semi-humanos, clones humanos ou um holograma alienígena-projetando-um-humano? Não importa. O objetivo final dos Outros: erradicação, confinamento ou escravização? Não importa. Minhas chances de sucesso: um ponto um ou ponto zero zero zero por cento? Não importa.

"Siga pela estrada, siga pela estrada, siga pela estrada de terra empoeirado..."

Depois de alguns quilômetros, a estrada desvia para a esquerda, ligando-se à

rodovia 35. Mais alguns quilômetros na rodovia 35 até a junção com a 675. Posso me esconder na passagem de ligação ali e esperar pelos ônibus. Se eles ainda estiverem percorrendo a rodovia 35. Se ainda estiverem percorrendo alguma estrada.

No fim da estrada de terra, paro o tempo suficiente para inspecionar o terreno atrás de mim. Nada. Ele não está vindo, Ele está permitindo que eu me vá.

Ando alguns metros no interior do bosque. Precisava recuperar o fôlego. No instante em que desabo no chão, tudo de que vinha fugindo me alcança muito antes do que minha respiração.

"Sou um tubarão que sonhou ser um homem..."

Alguém está gritando. Posso ouvir os grilos dela ecoando entre as árvores. O som é interminável. Que traga uma horda de Silenciadores até onde estou, não me importo. Aperto a cabeça com as mãos e balanço para a frente e para trás. Tenho a estranha sensação de estar flutuando acima do meu corpo, e então disparando como um foguete para o céu a mil quilômetros por hora, observando a mim mesma reduzir-se a um minúsculo ponto antes de a imensidão da Terra me engolir. É como se eu tivesse sido desprendida da Terra. Como se não houvesse mais nada para me segurar ali, e eu estivesse sendo sugada para o vazio. Como se eu estivesse presa por um cordão de prata. E agora esse cordão tivesse arrebentado.

Achei que sabia o que significava solidão antes de ele ter me encontrado, mas agora sei que não tinha a menor ideia. É impossível saber o que é a verdadeira solidão até ter conhecido o oposto.

— Cassie.

Dois segundos: de pé. Mais dois e meio: girando o M16 em direção à voz. Uma sombra dispara entre as árvores à minha esquerda e começo a atirar, espirrando balas, vacilante, nos troncos e galhos das árvores e no ar vazio.

— Cassie.

Na minha frente, posição aproximada 2 horas. Esvazio o pente. Sei que não o atingi. Sei que não tenho chance de atingi-lo. Ele é um Silenciador. Mas, se eu continuar atirando, talvez ele recue.

— Cassie.

Diretamente atrás de mim. Respiro fundo, recarrego, viro-me lentamente e disparo mais chumbo nas árvores inocentes.

"Você não entendeu, sua boba? Ele está usando você para acabar com sua munição "

Portanto, espero, pés bem separados, ombros eretos, arma erguida, corro os olhos para a direita e para a esquerda e escuto a voz dele na minha mente, dando instruções na fazenda: "Você tem que sentir o alvo como se ele estivesse ligado a você. Como se você estivesse ligado a ele..."

Acontece no intervalo de tempo entre um segundo e o próximo. O braço dele cai em volta do meu peito, ele me arranca o fuzil das mãos e me tira a Luger. Após outro meio segundo, ele me prende num abraço de urso, esmagando-me de encontro ao peito e me levantando alguns centímetros do chão, enquanto aplico golpes furiosos com os calcanhares, torcendo a cabeça para a frente e para trás, tentando morder seu braço.

E o tempo todo aqueles lábios provocando comichões na pele delicada de minha

orelha.

— Cassie, não. Cassie...

— Me... deixe... ir...

— Esse é o grande problema. Eu não posso.

71

Evan deixa que eu chute e me retorça até ficar exausta, e, então, me solta bruscamente de encontro a uma árvore, recuando um passo.

— Você sabe o que vai acontecer se você correr — Evan adverte.

Seu rosto está corado. Ele está tendo dificuldade em recuperar o fôlego. Quando se vira para pegar minhas armas, seus movimentos são rígidos e lentos, Apanhar-me, depois de ser atingido pela granada em meu lugar, teve um preço alto. Sua jaqueta está aberta, expondo a camisa de brim. As calças que tirou do garoto morto são dois números menores que o dele, portanto, estão apertadas em todos os lugares indevidos. Parece que ele está usando um par de calças capri.

— Você vai me dar um tiro na nuca digo.

Ele prende a Luger no cinto e joga o M 16 sobre o ombro.

— Eu poderia ter feito isso muito (empo atrás.

Acho que ele está falando sobre á primeira vez em que nos encontramos.

— Você é um Silenciador — falo.

Preciso de todas as minhas forças para não dar um salto e disparar por entre as árvores novamente, Claro, fugir dele não adianta. Lutar contra ele não adianta. Assim, preciso ser mais esperta do que ele. É como se eu estivesse outra vez debaixo daquele carro no dia em que nos encontramos. Sem me esconder. Sem fugir.

Evan senta-se a alguns metros de distância e apoia o fuzil sobre as coxas. Ele está tremendo.

— Se seu trabalho é nos matar, por que não acabou comigo? — quero saber.

Ele responde sem hesitar, como se tivesse decidido há muito tempo qual seria a resposta, caso eu fizesse a pergunta.

— Forque estou apaixonado por você.

Minha cabeça cai de encontro à casca áspera da árvore. Os galhos desfolhados mostram contornos duros de encontro ao brilhante céu azul.

— Puxa, essa é uma trágica história de amor, não é? Invasor alienígena se apaixona por garota humana. O caçador por sua presa.

— Eu sou humano.

— Eu sou humano... mas... — Acabe a frase, Evan. "Porque eu estou acabada, Evan. Você foi o último, o único amigo no mundo, e agora não existe mais. Quer dizer, você está aqui, seja lá quem for, mas Evan, o meu Evan, se foi."

— Não tem *mas,* Cassie. E. Eu sou e não sou humano. Não sou nem uma coisa nem outra, e sou as duas. Eu sou Outro e sou você.

Olho nos olhos dele, profundos e muito escuros no ar cheio de sombras, e digo:

— Você me dá vontade de vomitar.

— Como poderia contar a verdade quando a verdade significaria a sua partida, e a sua partida representaria a sua morte?

— Nada de sermões sobre morte, Evan. — Agitando o dedo diante do rosto dele. — Vi minha mãe morrer. Vi um de vocês matar o meu pai. Vi mais mortes em seis meses do que qualquer outro ser humano na História.

Evan abaixa minha mão e fala entre dentes semicerrados:

— Se houvesse alguma coisa que você pudesse ter feito para proteger o seu pai e para salvar a sua mãe, não teria feito? Se você soubesse que uma mentira salvaria Sammy, não mentiria?

Pode apostar que sim. Para salvar Sammy, eu até fingiria confiar no inimigo. Eu ainda estou tentando assimilar o "porque estou apaixonado por você." Tentando encontrar algum outro motivo para ele ter traído a sua espécie.

Não importa, não importa. Só uma coisa importa. Uma porta se fechou bruscamente atrás de Sammy no dia cm que ele entrou naquele ônibus, uma porta com milhares de fechaduras, e me dou conta de que o cara que tem as chaves está sentado na minha frente.

Você sabe o que tem em Wright-Patterson, não sabe? — pergunto. — Você sabe exatamente o que aconteceu a Sam.

Evan não responde. Não assente com um gesto. Não faz que não com a cabeça. O que ele está pensando? Que poupar um miserável ser humano ao acaso é uma coisa, mas entregar o plano mestre é algo sério e totalmente diferente? Será esse o momento de "ficar sob o Buick" de Evan Walker, quando não se pode correr, não se pode esconder, e a única opção é se virar e enfrentar?

Ele está vivo? — pergunto. Inclino-me para a frente; a casca áspera da árvore machuca minha coluna.

Evan hesita por alguns segundos.

— Provavelmente.

— Por que eles... por que vocês o levaram para lá?

— Para prepará-lo.

— Prepará-lo para quê?

Espera mais tempo dessa vez.

— Para a 5ª Onda.

Fecho os olhos. Pela primeira vez, não consigo suportar olhar aquele rosto maravilhoso. Deus, estou cansada. Tão cansada que poderia dormir durante mil anos. Se eu dormisse mil anos, talvez quando acordasse os Outros teriam ido embora e haveria crianças felizes brincando nessas florestas, "Eu sou Outro e sou você" Que raios isso significa? Estou cansada demais para perseguir o pensamento.

Abro os cílios e me obrigo a olhar para ele.

— Você pode conseguir que a gente entre.

Ele sacode a cabeça.

— Por que não? — quero saber. — Você é um deles. Você pode dizer que me capturou.

— Wright-Patterson não é um campo de prisioneiros, Cassie.

— Então, o que é?

— Para você? — Inclinando-se para mim, seu hálito aquece meu rosto. — Uma armadilha mortal. Você não vai durar cinco segundos. Por que você acha que venho tentando tudo em que consigo pensar para evitar que vá até lá?

— Tudo? É mesmo? Que tal me contar a verdade? Que tal algo como "Ei, Cass, sabe esse seu plano de resgate? Eu sou um alienígena como os sujeitos que levaram Sam, portanto sei que o que está fazendo é completamente inútil."

— Teria feito alguma diferença se eu tivesse dito isso?

— A questão não é essa.

— Não, a questão é que seu irmão está sendo mantido na base mais importante que nós, quero dizer, os Outros criaram desde que o expurgo começou...

— Desde o quê? Que nome você usou? Expurgo?

— Ou a limpeza. — Evan não é capaz de me olhar nos olhos, — Às vezes, usam esse nome.

— Ah, é isso que você está fazendo? Limpando a sujeira humana?

— Essa não é a palavra que eu usaria, e não fui eu quem decidiu fazer o expurgo, a limpeza, ou seja lá como você quiser chamá-la — ele protesta. — Se isso fizer você se sentir melhor, nunca achei que devíamos...

— Não quero me sentir melhor! Eu só preciso do ódio que estou sentindo nesse momento, Evan, E só do que preciso. — "Está certo, isso foi sincero, mas não vá longe demais. Ele é o cara com as chaves. Faça-o continuar falando." — Nunca pensou que deveria...?

Evan toma um longo gole de água da garrafa e oferece para mim. Sacudo a cabeça.

— Wright-Patterson não é apenas uma simples base, ela é a *base* — continua, pesando cada palavra com cuidado, — E Vosch não é só um comandante qualquer, ele é o *comandante*, o líder de todas as operações de campo e o arquiteto da limpeza. O que planejou os ataques.

— Vosch assassinou 7 bilhões de pessoas.

O número soa estranhamento vazio aos meus ouvidos. Depois da Chegada, um dos assuntos prediletos de meu pai era como os Outros deviam ser avançados, o quanto deviam ter subido na escala evolutiva para atingir o estágio de viagens intergalácticas. E essa foi a solução de seu problema "humano"?

— Alguns de nós não achavam que a aniquilação era a resposta — Evan conta. — Eu fui um deles, Cassie. Meus partidários perderam a discussão.

— Não, Evan, acho que foi o *meu* lado que perdeu.

Aquilo *é* mais do que posso suportar. Eu me levanto, esperando que ele também o faça, mas Evan fica onde está, olhando para mim.

— Ele não vê vocês como alguns de nós veem... como eu vejo — fala. — Para ele, vocês são uma doença que vai matar seu hospedeiro, a menos que sejam eliminados.

— Eu sou uma doença. É isso que sou para vocês.

Não consigo mais olhar para ele. Vou ficar enjoada, se eu olhar mais um segundo para Evan Walker.

Atrás de mim, a voz dele, suave, quase triste.

— Cassie, você quer enfrentar uma coisa que está muito acima de sua capacidade de luta. Wright-Patterson não é apenas mais um campo de expurgo. O complexo abaixo é o ponto central de coordenação de todos os teleguiados desse hemisfério. É os olhos de Vosh, Cassie, é como ele vê vocês. Invadir para resgatar Sammy não é apenas arriscado, é suicídio. Para nós dois.

— Nós dois? — Eu o observo com o canto do olho, Ele não se moveu.

— Não posso fingir levar você como prisioneira. Minha missão não é capturar pessoas.,, é matá-las, Se eu tentar entrar com você como minha prisioneira, eles vão matá-la. E depois vão me matar por não ter matado você. E não posso fazer com que entre às escondidas. A base é patrulhada por teleguiados, protegida por uma cerca elétrica de 6 metros de altura, torres de vigia, câmeras infravermelhas, detectores de movimento... e uma centena de pessoas como eu, e você sabe do que sou capaz.

— Então vou entrar às escondidas, sem você.

Ele assente.

— É o único jeito possível — mas só o fato de algo ser possível não significa que não seja suicídio. Todas as pessoas que são levadas para lá, estou falando das pessoas que não são mortas de imediato, passam por um programa de avaliação que lhes mapeia toda a psique, inclusive as lembranças.

Eles sabem quem elas são e por que estão lá... e então as matam.

— Deve existir uma situação que não termine com a minha morte — insisto.

— Existe — Evan fala. — A situação em que encontramos um lugar seguro para nos esconder e esperar que Sammy venha até nós.

Fico boquiaberta e penso "Hã?" E então faço.

—Hã?

— Fode levar alguns anos. Quantos anos ele tem? Cinco? Os mais jovens a terem permissão têm 7.

— Os mais jovens com permissão para quê?

— Você viu — ele responde, desviando o olhar.

A criança que ele degolou no Campo Ashpit, usando roupas de proteção, carregando um fuzil quase de seu tamanho. Agora preciso tomar alguma coisa. Ando até onde Evan está, e ele fica muito quieto, enquanto me abaixo e pego a garrafa. Depois de quatro grandes goles, minha boca ainda está seca.

— Sam é a 5ª Onda — eu digo.

As palavras têm gosto ruim. Tomo outro longo gole.

Evan assente.

— Se ele passou pela avaliação, está vivo, sendo... — ele procura por uma palavra — processado.

— Submetido à lavagem cerebral, você quer dizer.

— É mais uma doutrinação. Aprendem que os alienígenas vêm usando corpos humanos, e nós, isto é, os humanos descobriram um jeito de detectá-los. E, se consegue detectá-los, você pode...

— Isso não é ficção — interrompo. — Vocês estão usando corpos humanos.

Evan sacode a cabeça.

— Não do jeito que Sammy acredita que estamos usando.

— O que isso quer dizer? Ou vocês estão ou não.

— Sammy pensa que parecemos uma espécie de infestação ligada a cérebros humanos, mas,..

— Engraçado, é exatamente assim que vejo você, Evan, Como uma infestação. — Não consegui evitar.

Ele levanta a mão. Como não a afasto com um tapa ou saio correndo para a floresta, ele envolve meu pulso com os dedos lentamente, e delicadamente me puxa para o chão ao seu lado. Estou transpirando um pouco, apesar de o frio ser cortante. E agora?

Havia um garoto, um verdadeiro garoto humano, chamado Evan Walker — ele diz, olhando no fundo dos meus olhos. — Como qualquer garoto, com mãe, pai, irmãos e irmãs, completamente humano. Antes de nascer, eu fui inserido dentro dele enquanto a mãe dormia. Enquanto nós dois dormíamos. Durante os treze anos cm que dormi dentro de Evan Walker, enquanto ele aprendia a se sentar, a comer alimentos sólidos, andar, falar, correr e andar de bicicleta, eu estava lá, esperando o momento de acordar. Como milhares de outros em milhares de outros Evan Walkers em lodo o mundo. Alguns de nós já estavam acordados, ajeitando suas vidas para estar no lugar em que deveriam estar quando chegasse a hora.

Estou assentindo, mas por quê? Ele veio para um corpo humano? Que diabos isso quer dizer?

— A 4ª Onda — Evan prossegue, tentando ajudar. — Silenciadores. É um bom nome para nós. Éramos silenciosos, escondidos em corpos humanos, escondidos em vidas humanas. Não tínhamos que fingir ser como vocês. Nós éramos vocês. Humano e Outro. Evan não morreu quando acordei. Ele foi... absorvido.

Sempre reparador, Evan repara que estou totalmente assustada com o que me contou. Ele estende a mão, na intenção de me tocar, e se encolhe quando me afasto.

— Então, Evan, o que você é? — sussurro. — Onde você está? Você disse que você foi... o que foi que disse? — Minha mente está disparando a milhões de quilômetros por hora. — Inserido. Inserido onde?

— Talvez *inserido* não seja a melhor palavra. Acho que o conceito que mais se aproxima é fazer um download. Fui introduzido por meio de um download em Evan quando seu cérebro ainda estava se desenvolvendo.

Sacudo a cabeça. Para um ser séculos mais avançado do que eu, ele certamente tem dificuldade para responder a uma pergunta simples.

— Mas o que você é? Com que se parece?

Ele franze o cenho.

— Você sabe com que me pareço.

— Não! Oh, Deus, às vezes você pode ser tão... — "Cuidado, Cassie, não siga por esse caminho. Lembre-se do que é importante." — Antes de você ser humano, Evan, antes de vir para cá, quando você estava a caminho da Terra, de onde quer que tenha vindo, com que você se parecia?

— Nada. Não lemos corpos há dezenas de milhares de anos. Tivemos que desistir deles quando deixamos nosso lar.

— Você está mentindo outra vez. Ora, você se parece com um sapo, um javali, uma lesma ou alguma coisa assim? Todo ser vivo se parece com alguma coisa.

— Nós somos consciência pura. Substância pura. Abandonar nossos corpos e fazer download de nossas psiques para o computador central da nave mãe foi a única forma de podermos fazer a jornada. — ele pega minha mão e dobra meus dedos. — Esse sou eu.

Ele fala com suavidade, e então cobre meu punho com as mãos, envolvendo-o.

— Este é Evan. Não é uma analogia perfeita porque não há um lugar onde eu começo, e ele termina. — ele sorri envergonhado. — Não estou me saindo muito bem, estou? Você quer que eu mostre quem sou?

"Santo Deus!"

— Não. Sim. O que você quer dizer? — Visualizo sua imagem descascando o rosto como a criatura de um filme de terror.

A voz dele treme um pouco.

— Posso lhe mostrar o que sou.

— Não envolve nenhum tipo de inserção, envolve?

Ele ri.

— Acho que sim. De certa forma. Vou lhe mostrar, Cassie, se você quiser ver.

Naturalmente, quero ver. E, naturalmente, não quero ver. Está claro que ele quer me mostrar. Isso iria me aproximar mais de Sams? Mas isso não é totalmente sobre Sammy. Talvez, se Evan me mostrar, eu entenda porque ele me salvou quando deveria ter me matado. Porque ele me abraçou noite escura após outra para me manter em segurança e para manter minha sanidade.

Ele ainda está sorrindo para mim, provavelmente deliciado com o fato de eu não. estar tentando arrancar-lhe os olhos ou rindo dele, o que poderia doer mais. Minha mão está perdida na dele, gentilmente presa, como o suave cerne de uma rosa dentro do botão, aguardando a chuva.

— O que preciso fazer? — sussurro.

Evan solta minha mão, roça no meu rosto. Eu me encolho.

— Eu nunca machucaria você, Cassie. — Inspiro. Assinto. Continuo a respirar. — Feche os olhos. — Evan toca minhas pálpebras com delicadeza, muita delicadeza... Asas de borboleta.

— Relaxe. Respire fundo. Esvazie a mente. Se não fizer isso, não posso entrar. Você quer que eu entre, Cassie?

— Sim- sussurro.

Não começa na minha cabeça, como tinha imaginado. Em vez disso, um delicioso calor espalha-se por meu corpo, expandindo-se do coração para fora, e meus ossos, músculos e pele se dissolvem 110 calor que se irradia de mim, até que ele supere a Terra e as fronteiras do universo. O calor está em todos os lugares e em tudo. O meu corpo e tudo fora dele pertence a ele. Então, eu o sinto. Ele também está no calor, e não há separação entre nós. Nenhum ponto onde eu termino e ele começa. E eu me abro como uma flor para a chuva, dolorosamente devagar e atordoantemente depressa, dissolvendo-me no calor, dissolvendo-me nele. F. não há nada para *ver,* essa é somente uma palavra conveniente que Evan empregou porque não há palavra que o descreva. Ele apenas *é,*

E eu me abro para ele, uma flor para a chuva.

72

A primeira coisa que faço após abrir os olhos é irromper em soluços de cortar o coração. Não consigo evitar: nunca me senti tão abandonada em toda a vida.

— Talvez tivesse sido cedo demais — ele diz, puxando-me para os seus braços e acariciando meus cabelos.

E eu deixo. Estou fraca, confusa, vazia e desesperada demais para fazer qualquer outra coisa além de permitir que ele me abrace.

— Sinto ter mentido para você, Cassie — Evan murmura nos meus cabelos.

O frio se retira, Agora tenho somente lembranças do calor.

— Você deve detestar ficar preso lá dentro — sussurro, apertando minha mão de encontro ao seu peito e sentindo o pulsar de seu coração.

— Não tenho a sensação de estar preso — ele diz. — De certo forma, eu me sinto como se tivesse sido libertado.

— Libertado?

— Para poder sentir alguma coisa outra vez. Para sentir isso. — Ele me beija. Um diferente tipo de calor se espalha por meu corpo.

Deitada nos braços do inimigo. O que está errado comigo? Esses seres nos queimaram vivos, nos esmagaram, afogaram, contagiaram com uma peste que nos fez sangrar de dentro para fora até a morte. Eu os vi matando todos que conhecia e amava, com uma única e especial exceção, e aqui estou, aos beijos e abraços com um deles! Eu deixei que ele entrasse em minha alma. Dividi com ele algo mais precioso e íntimo do que meu corpo.

Pelo bem de Sammy, eis o motivo. Boa resposta, mas complicada. A verdade é simples.

— Você disse que perdeu a discussão sobre o que fazer a respeito da doença humana — digo. — Qual foi a sua sugestão?

— Coexistência. — Falando comigo, mas dirigindo-se às estrelas acima de nós. — Não somos muitos, Cassie. Apenas algumas centenas de milhares. Nós poderíamos ter nos inserido em vocês, vivido nossas novas vidas, sem que nunca soubessem que estávamos aqui. Poucos integrantes do meu povo concordaram comigo. Eles encaravam o fato de fingir ser humano como algo indigno. Eles receavam que, quanto mais fingíssemos ser humanos, mais humanos iríamos nos tornar.

— E quem iria querer uma coisa dessas?

— Eu achei que não iria querer — ele admite -, até me tornar um.

— Quando você... "acordou" em Evan?

Ele sacode a cabeça e diz simplesmente, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo:

— Quando acordei em você, Cassie. Eu não me tornei totalmente humano até me ver em seus olhos.

E então brotam verdadeiras lágrimas humanas em seus verdadeiros olhos humanos,

e é minha vez de abraçá-lo, enquanto o coração dele se parte. Minha vez de me ver em seus olhos.

Alguém poderia dizer que não sou a única deitada nos braços do inimigo.

Eu represento o lado humano, mas quem é Evan Walker? Humano e Outro. Ambos e nenhum dos dois. Ao me amar, ele não pertence a ninguém.

Evan não encara o fato dessa forma.

— Vou fazer qualquer coisa que você pedir, Cassie — ele afirma, indefeso. Seus olhos brilham mais que as estrelas no céu. — Entendo por que você precisa ir. Eu iria, se fosse você quem estivesse no campo. Centenas de milhares de Silenciadores não poderiam me impedir.

Evan cola os lábios ao meu ouvido e sussurra baixo e com veemência, como se estivesse me contando o segredo mais importante do mundo. Talvez estivesse mesmo.

— É inútil e tolo. E um suicídio. Mas o amor é uma arma para a qual eles não têm resposta. Eles sabem o que vocês pensam, mas não podem saber o que sentem.

Eles, e não *nós*.

Atravessamos um limiar, e ele não é tolo. Evan sabe que é o tipo de limiar a partir do qual não se pode voltar.

73

Passamos o nosso último dia juntos, dormindo sobre a interligação para a estrada como dois seres sem-teto, o que literalmente éramos. Uma pessoa dorme, a outra vigia. Quando é a vez de ele descansar, devolve minhas armas sem hesitar e adormece no mesmo instante, como se não lhe ocorresse que eu pudesse fugir ou atingi-lo na cabeça facilmente. Não sei, talvez isso não lhe ocorra mesmo. Nosso problema sempre foi não pensar como eles pensam. Foi por isso que confiei nele no início, e ele sabia que eu confiaria nele. Silenciadores matam pessoas. Evan não me matou. Logo, Evan não podia ser um Silenciador. Entendeu? Isso é lógica. Ah, lógica humana.

Ao anoitecer, terminamos com o que restava de nossas provisões e subimos o aterro para procurar abrigo entre as árvores que acompanham a Rodovia 35. Os ônibus correm somente à noite, ele me conta. E é possível saber quando estão vindo. Pode-se ouvir o som dos motores a quilômetros de distância porque é o único som a quilômetros de distância. Primeiro, é possível ver os faróis, depois escutá-los e então eles passam disparando como enormes carros de corrida amarelos, porque a estrada foi limpa dos destroços e não há mais limites de velocidade. Ele não sabe: talvez eles parem, talvez não. Talvez apenas desacelerem o suficiente para que um dos soldados a bordo coloque uma bala entre meus olhos. Talvez eles nem venham.

— Você disse que eles ainda estavam reunindo pessoas — lembro. — Por que eles não viriam?

Evan está observando a estrada abaixo.

— Em algum momento, os "resgatados", ou os sobreviventes do lado de fora, vão descobrir que foram tapeados. Quando isso acontecer, eles vão fechar a base, ou a parte

da base destinada à limpeza. — Ele pigarreou. Olhou para a estrada abaixo.

— "Fechar a base", o que isso quer dizer?

— Fechar do mesmo jeito que fecharam o Campo Ashpit.

Penso no que ele disse. Como ele, olhando a estrada vazia.

— Certo — digo finalmente. — Então vamos torcer para que Vosch ainda não tenha tirado o fio da tomada.

Apanho um punhado de terra, galhos e folhas secas e esfrego no rosto. Outro punhado para os cabelos. Evan me observa sem dizer nada.

— Esse é o momento em que você me dá uma pancada na cabeça — digo. Tenho cheiro de terra e, por algum motivo, penso em meu pai ajoelhado no roseiral, e no lençol branco. — Ou se oferece para ir no meu lugar. Ou me dá uma pancada na cabeça e vai no meu lugar.

Evan se levanta de um salto. Por um segundo, receio que ele vá me dar um golpe da cabeça, pois está muito aborrecido. Em vez disso, ele se abraça como se estivesse com frio, ou para se impedir de me dar uma pancada na cabeça.

— É suicídio — ele dispara. — Nós dois achamos isso. Um de nós tem que falar. Suicídio se você for, suicídio se eu for. Mortos ou vivos, estamos perdidos.

Tiro a Luger do cós da calça. Coloco-a no chão aos seus pés. Depois, o M16.

— Guarde isso para mim — eu peço. Vou precisar deles quando voltar. E, a propósito, alguém tem que dizer isto: você está ridículo nessas calças.

— Eu me inclino para a mochila sem me levantar. Tiro Urso. Não há necessidade de sujá-lo, ele já está com aspecto maltratado.

— Você ouviu o que eu disse? — ele indaga.

— O problema é que você não ouve a si mesmo — retruco irritada. — Tem só um jeito de entrar, e é o jeito como Sammy entrou. Você não pode ir. Eu preciso ir. Assim, nem abra a boca. Se disser alguma coisa, vou bater em você.

Eu me levanto e algo estranho acontece: enquanto me ergo, Evan parece encolher.

— Eu vou buscar meu irmãozinho, e só tem um jeito de eu conseguir. Ele está me olhando, assentindo. Ele esteve dentro de mim. Não havia um lugar em que ele terminasse e eu começasse. Ele sabe o que vou dizer.

— Sozinha.

74

Há as estrelas, alfinetadas de luz perfurando o céu.

Há a estrada vazia, sob a luz que desce do céu, e a garota na estrada, de rosto sujo, com galhos e folhas emaranhados em seus curtos cabelos encaracolados, agarrada a um velho urso judiado, na estrada vazia, sob as estrelas perfurando o firmamento.

Há o rosnado dos motores e depois as faixas gêmeas dos faróis cortando o horizonte, e as luzes ficam maiores, mais brilhantes, como duas estrelas em estado cie super nova, voltadas na direção da garota, que leva segredos no coração e promessas a cumprir, e ela se vira para as luzes que a iluminam, Ela não foge, não se esconde.

O motorista me vê com tempo suficiente para parar. Os freios guincham, a porta se abre com um chiado e um soldado sai para o asfalto. Ele carrega uma arma, mas não a aponta para mim. Ele olha para mim, como que presa pela luz dos faróis, e eu olho para ele.

O rapaz está usando uma faixa branca com uma cruz vermelha no braço. O crachá diz que seu nome é PARKER. Eu me lembro do nome. Meu coração falha uma batida. E se ele me reconhecer? Eu deveria estar morta.

Qual é meu nome? Lizbeth. Estou ferida? Não. Estou sozinha? Sim.

Parker dá um giro lento de 360 graus, examinando a paisagem. O soldado não vê o caçador na floresta que está assistindo à encenação, a mira voltada para a sua cabeça. É claro que Parker não o vê. O caçador na floresta c um Silenciador.

Parker me pega pelo braço e me ajuda a subir no ônibus. No interior, o cheiro é de sangue e suor. Mais da metade dos assentos estão vazios. Há crianças. Adultos também. Mas eles não têm importância. Apenas Parker, o motorista e o soldado cujo crachá diz HUDSON importam. Eu me largo no último banco junto à porta de emergência, o mesmo em que Sam se sentou quando apertou a mãozinha no vidro e me observou encolhendo, até a poeira me engolir.

Parker me entrega um saco de balas de goma vencidas e uma garrafa d'água. Não quero nenhum dos dois, mas consumo ambos. As balas estavam em seu bolso, por isso estão quentes e grudentas, e tenho receio de ficar com náuseas.

O ônibus aumenta a velocidade. Alguém na frente, perto de mim, chora. Além disso, escuto o zumbido das rodas, a alta rotação do motor e o vento frio atravessando as frestas das janelas.

Parker volta com um disco de prata e o aperta de encontro à minha testa. Para verificar a temperatura, ele diz. O disco exibe um brilho vermelho. Eu estou bem, o soldado afirma. Como se chama O meu urso?

Sammy, respondo.

Luzes no horizonte. Ali fica o Campo Abrigo, ele me informa. É perfeitamente seguro. Não preciso mais fugir. Não preciso mais me esconder. Assinto com um gesto de cabeça. Perfeitamente seguro.

A luz fica mais intensa, penetra lentamente pelo para-brisa e então corre à medida que nos aproximamos, agora inundando o ônibus, Paramos junto ao portão. Uma campainha alta começa a tocar, e o portão se abre. A silhueta de um soldado no alto da torre de vigia.

Paramos diante de um hangar. Um homem gordo se aproxima do veículo, pisando de leve nos calcanhares, como muitos homens gordos fazem. Ele se chama major Bob. Não precisamos ter medo, ele fala. Estamos perfeitamente seguros. Só há duas regras. Regra número um: lembrar nossas cores. Regra número dois: ouvir e obedecer.

Entro na fila e sigo Parker até a por ta lateral do hangar. Ele dá um tapinha no ombro de Lizbeth e lhe deseja boa sorte.

Encontro um círculo vermelho e sento. Há soldados por todos os lados, mas são quase todos crianças: alguns não muito mais velhos do que Sam. Todos são muito sérios, especialmente os mais novos. Os muito jovens são os mais sérios de todos.

"Você pode manipular uma criança para que acredite em quase tudo, para que faça praticamente qualquer coisa", Evan tinha me explicado antes da missão. "Com o treinamento adequado, há poucas coisas mais selvagens do que uma criança de 10 anos de idade."

Deram-me um número: E-62. *E* de *Exterminador*. Puxa!

Os números são chamados por um alto-falante.

— SESSENTA-E-DOIS! SESSENTA-E-DOIS! VÁ ATÉ A PORTA VERMELHA, POR FAVOR! NÚMERO SESSENTA-E-DOIS!

A primeira parada é nos chuveiros.

Do outro lado da porta vermelha está uma mulher magra usando um avental verde. Tudo sai do corpo e entra no cesto. Roupas de baixo também. Ali eles amam crianças, mas não piolhos ou carrapatos. Ali está o chuveiro. Aqui está o sabonete. Vista o roupão branco quando terminar e espere ser chamada.

Sento Urso de encontro à parede e entro nua entre os azulejos frios. A água está morna. O sabonete tem um forte cheiro medicinal. Ainda estou úmida quando escorrego para dentro do roupão de papel. Ele gruda na minha pele e é quase transparente. Pego Urso e espero.

"Em seguida, pré-avaliação. Uma série de perguntas. Algumas praticamente iguais. E para testar a sua história. Fique calma. Concentre-se."

Atravesso a outra porta. Subo na mesa de exame, Outra enfermeira, mais gorda, mais maldosa. Ela mal olha para mim, Eu devo ser a milésima pessoa que ela viu desde que os Silenciadores assumiram a base.

O meu nome completo? Elizabeth Samantha Morgan.

Minha idade? Doze.

De onde venho? Tenho irmãos ou irmãs? Algum parente ainda está vivo? O que aconteceu com eles? Para onde fui depois que saí de casa? O que aconteceu com minha perna? Como fui atingida? Quem atirou? Sei onde estão outros sobreviventes? Qual o nome de meus irmãos? Dos meus pais? Qual era a profissão do meu pai? Qual era o nome de minha melhor amiga? Conto novamente o que aconteceu com minha família.

Quando acaba, ela me dá um tapinha no joelho e diz para eu não ter medo. Estou perfeitamente segura.

Abraço Urso junto ao peito e balanço a cabeça.

Perfeitamente segura.

"Em seguida, exame físico. E, então, o implante.. A incisão é muito pequena. Provavelmente ela vai fechá-la com cola."

A mulher chamada dra. Pam é tão legal que gosto dela, mesmo não querendo. A médica dos sonhos: delicada, gentil, paciente. Ela não chega apressada, me cutucando. Ela conversa primeiro, conta tudo o que vai fazer. Mostra o implante. Como o chip de um animal de estimação, só que melhor! Agora, se algo acontecer comigo, eles vão saber como me encontrar.

— Como se chama o seu urso?

— Sammy.

— Tudo bem se eu colocar Sammy nessa cadeira, enquanto inserimos o rastreador?

Viro de bruços. Tenho a preocupação irracional de que ela possa ver minhas nádegas pelo roupão de papel. Fico tensa, prevendo a picada da agulha.

"O dispositivo não pode fazer o download antes de ser conectado ao País das Maravilhas. Mas, assim que estiver colocado, funciona perfeitamente. Eles podem usá-lo para rastreá-la, e podem usá-lo para matá-la."

A dra. Pam pergunta o que aconteceu com a minha perna. Alguma pessoa perversa atirou em mim. Isso não vai acontecer aqui, ela garante. Não há pessoas malvadas no Campo Abrigo. Estou perfeitamente segura.

Fui rotulada. Sinto-me como se ela tivesse pendurado uma pedra de 40 quilos no meu pescoço. Um programa conseguido com o inimigo.

"Eles o chamam de País das Maravilhas."

Pego Urso da cadeira e a acompanho até a outra sala. Paredes brancas. Chão branco. Teto branco. Cadeira de dentista branca, tiras penduradas nos braços e nos apoios para as pernas. Um teclado e um monitor, Ela me diz para sentar e vai ate o computador.

— O que o País das Maravilhas faz?

— Bom, é meio complicado, Lizbeth, mas essencialmente ele registra um mapa virtual de suas funções cognitivas.

— Um mapa do cérebro?

— Sim, algo parecido. Sente-se na cadeira, querida. Não vai demorar muito, e garanto que não vai doer.

Eu me sento, abraçando Urso junto ao peito.

— Ah, não, Sammy não pode ficar na cadeira com você.

— Por que não?

— Olhe, dê ele para mim. Vou colocá-lo bem aqui, junto ao computador.

Lanço-lhe um olhar desconfiado, mas ela está sorrindo e tem sido muito gentil. Eu devia confiar nela. Afinal, ela confia totalmente em mim.

Mas estou tão nervosa que Urso me escapa da mão quando o estendo para ela. Ele cai ao lado da cadeira e bate a cabeça fofa e gorda. Eu me viro para apanhá-lo, mas a doutora diz para eu permanecer imóvel, que irá pegá-lo, e inclina-se para baixo.

Agarro a cabeça da dra. Pam com ambas as mãos e bato-a diretamente no braço da cadeira. O esforço deixa meus braços doloridos. Ela cai, atordoada pelo golpe, mas não fica totalmente inconsciente. Quando os joelhos dela atingem o chão branco, já estou fora da cadeira e correndo para trás dela. O plano era desferir-lhe um golpe de caratê no pescoço, mas ela está de costas para mim, e preciso improvisar. Agarro a tira pendurada na cadeira e dou duas voltas com ela em seu pescoço. A médica ergue as mãos tarde demais. Prendo a tira com firmeza, apoiando o pé na cadeira para ter firmeza, e puxo.

Os segundos que esperei até que ela desmaiasse foram os mais longos de minha vida.

A doutora fica inerte. Imediatamente solto a tira, e ela cai de rosto no chão. Verifico seu pulso.

"Sei que pode ser tentador, mas você não pode matá-la. Ela e todos os que correm pela base estão ligados a um sistema de monitoramento localizado no centro de comando. Se ela morrer, um inferno vai se instalar."

Viro a dra. Pam de costas. Sangue escorre de suas narinas. Provavelmente o nariz está quebrado, Estendo a mão para minha nuca, Essa é a parte "molhada", mas estou eufórica e com a adrenalina a mil. Até o momento, tudo tem dado certo. Posso fazer isso.

Arranco a atadura e aperto com força os dois lados da incisão na nuca. Tenho a sensação de um fósforo aceso quando abro novamente o corte. Uma pinça e um espelho seriam úteis no momento, mas não tenho nenhum dos dois, portanto, tenho que usar as unhas para desenterrar o rastreador. A técnica funciona melhor do que imaginei: após três tentativas, o dispositivo prende-se sob a unha, c tiro com facilidade.

"São necessários apenas 90 segundos para fazer o download. Isso vai lhe dar uns quatro minutos. Não mais que cinco."

Quantos minutos ainda? Dois? Três? Ajoelho-me ao lado da doutora e enfio o rastreador em seu nariz o mais fundo possível. Argh.

"Não, você não pode enfiá-lo na garganta dela. Tem que ser perto do cérebro. Sinto muito por isso"

Você sente muito, Evan?

Sangue no meu dedo, meu sangue, o sangue dela, misturados.

Vou até o teclado. Agora, a etapa realmente assustadora.

"Você não sabe o número de Sammy, mas deve haver alguma referência cruzada com seu nome. Se uma variável falhar, lente outra. Deve haver uma função de busca."

O sangue está escorrendo na minha nuca, formando uma trilha entre as omoplatas. Estou tremendo incontrolavelmente, o que dificulta a digitação. Na caixa azul piscante, vou para a busca de palavras. Preciso de duas tentativas para escrevê-la corretamente.

DIGITE NÚMERO.

Não tenho o número, droga! Tenho o nome. Como volto para a caixa azul? Aperto o botão ENTER.

DIGITE NÚMERO.

Ah, agora entendi. Ele quer um numero!

Digito *Sullivan*.

ERRO DE DADO DE ENTRADA.

Estou indecisa entre jogar o monitor para o outro lado da sala e chutar a dra. Pam até ela morrer. Nenhuma das duas atitudes vai me ajudar a encontrar Sam, mas ambas iriam fazer com que eu me sentisse melhor. Aperto a tecla ESC, volto à tela azul e digito *Busca por nome*.

As palavras desaparecem. Vaporizadas pelo País das Maravilhas. A caixa azul pisca, vazia outra vez.

Reprimo um grito. O tempo está se acabando.

"Se você não puder achá-lo no sistema, teremos que usar o Plano B."

Não estou ansiosa em colocar o Plano B em prática. Gosto do Plano A, onde a localização de Sam surge num mapa, e eu corro direto até ele. O Plano Á é simples e tranquilo. O Plano B é complicado e confuso.

Mais uma tentativa. Mais cinco segundos não podem fazer grande diferença.

Digito *Sullivan* na caixa azul O monitor enlouquece. Números começam a disparar no fundo cinza e enchem a tela, como se eu tivesse acabado de dar um comando para que

calculasse o valor de Pi. Entro em pânico e começo a apertar botões a esmo, mas a lista continua a ser apresentada. Já se passaram mais que cinco minutos. O Plano B é uma droga, mas Plano B é o que vai ser.

Abaixo-me na sala contígua, onde encontro os trajes de segurança brancos. Tiro um da prateleira e, sensatamente, tento vesti-lo sem tirar o roupão antes. Com um gemido de frustração, me dispo, e, durante um segundo, fico totalmente nua, o segundo durante o qual a porta ao meu lado vai se abrir violentamente e um batalhão de Silenciadores irromper sala adentro. É isso o que ocorre com todos os Planos B. O traje é grande demais, mas é melhor do que muito pequeno, penso. Fecho rapidamente 0 zíper e volto à sala do País das Maravilhas.

"Se você não conseguir achá-lo pela interface central, há uma boa possibilidade de que ela tenha uma unidade de mão em alguma parte de sua roupa, Ela funciona com os mesmos princípios, mas você tem que ter muito cuidado. Uma função é o localízador, 0 outro é o detonador. Digite 0 comando errado e não vai encontrá-lo: você vai fritá-lo,"

Quando corro para dentro da sala, a dra. Pam está se sentando, segurando Urso numa das mãos e um pequeno objeto prateado parecido com um celular na outra.

Como eu disse, o Plano B é uma droga.

75

O pescoço dela está vermelho vivo no local em que a estrangulei. O rosto está coberto de sangue, mas as mãos estão firmes, e os olhos perderam todo 0 calor. O polegar paira sobre um botão verde abaixo de um visor numérico.

— Não aperte — digo. — Não vou machucar você. — Jogo-me para baixo, mãos abertas, palmas voltadas para ela. — Sério, você não quer apertar esse botão.

Ela aperta o botão.

A cabeça *6* jogada para trás, e ela desaba no chão. As pernas se agitam algumas vezes, e ela se vai.

Salto para a frente, tiro Urso de seus dedos sem vida e atravesso correndo a sala dos trajes de segurança, chegando ao corredor. Evan não se lembrou de me dizer quanto tempo após soar o alarme a tropa de assalto é mobilizada, a base é trancada e o intruso capturado, torturado e posto para morrer de forma lenta e agonizante. Provavelmente não muito tempo.

Lá se vai o Plano B, Bom, eu o detestava mesmo. O único aspecto negativo é Evan e eu nunca termos arquitetado um Plano C.

"Ele vai estar em um esquadrão com crianças mais velhas, portanto, nossa melhor opção são os alojamentos que cercam o local de exercícios."

Alojamentos que cercam o local de exercícios. Seja lá o que isso possa ser. Talvez eu deva parar alguém e pedir informações, porque só conheço um jeito de sair desse prédio, que foi por onde entrei, passando pelo cadáver, pela velha enfermeira malvada e gorda e pela enfermeira legal e magra, direto para os braços carinhosos do major Bob.

Há um elevador no final do corredor com um único botão de chamada. É o expresso

que leva somente ao complexo subterrâneo, onde Evan diz que Sammy e os outros "recrutas" veem as criaturas esquisitas "conectadas" a verdadeiros cérebros humanos. Enfeitado com câmeras de segurança. Fervilhando de Silenciadores. Só outras duas formas de sair deste corredor: a porta à direita do elevador e a porta pela qual saí.

Finalmente, uma escolha fácil.

Bato a porta e me vejo diante do poço de uma escada. Como o elevador, os degraus levam apenas a um lugar: para baixo.

Hesito meio segundo. O poço da escada é silencioso e pequeno, mas o espaço reduzido é agradável e acolhedor. Talvez eu devesse ficar ali por um tempo, abraçar o meu urso, quem sabe chupar o dedo.

Obrigo-me a descer devagar os cinco lances até o final. Os degraus são de metal, frios de encontro aos meus pés descalços. Espero pelo grito agudo dos alarmes, o bater das botas pesadas e pela chuva de balas vinda de cima e de baixo. Lembro-me de Evan no Campo Ashpit, matando quatro assassinos pesadamente armados, altamente treinados, na escuridão total, e me pergunto como pensei que era sensato andar na toca do leão sozinha, quando eu podia ter um Silenciador ao meu lado.

Bem, não totalmente sozinha. Eu tenho Urso.

Encosto o ouvido na porta do fundo e apoio minha mão na maçaneta. Escuto as batidas do meu coração, e isso é tudo.

A porta abre-se bruscamente para dentro, obrigando-me a recuar para a parede, e, então, escuto os passos pesados de botas, quando homens carregando semiautomáticas correm degraus acima. A porta começa a se fechar, e agarro a maçaneta para mantê-la diante de mim, enquanto eles viram a primeira curva e desaparecem de vista com estrondo.

Viro rapidamente para dentro do corredor antes que a porta feche. Luzes vermelhas instaladas no teto giram, atirando minha sombra de encontro às paredes brancas, jogando-a para longe, depois nas paredes outra vez. Direita ou esquerda? Estou um pouco confusa, mas acho que a parte dianteira do hangar fica à direita. Corro nessa direção e paro. Onde é mais provável que eu encontre a maioria de Silenciadores numa emergência? Certamente amontoados na entrada principal da cena do crime.

Eu me viro e corro. De encontro ao peito de um homem muito alto, com penetrantes olhos azuis.

Não estava perto o suficiente para ver seus olhos no Campo Ashpit.

Mas me lembro da voz.

Profunda, cortante, dura.

— Ora, olá, ovelhinha — Vosch diz. — Você deve estar perdida.

76

A mão no meu ombro é tão dura quanto a voz.

— Por que está aqui embaixo? — ele pergunta. — Quem é o líder de seu grupo?

Sacudo a cabeça. As lágrimas que se formam nos meus olhos não são falsas. Preciso

pensar depressa, e meu primeiro pensamento é que Evan tinha razão: essa operação solo estava condenada, não importa quantos planos substitutos tivéssemos arquitetado. Se ao menos Evan estivesse ali...

Se Evan estivesse ali!

— Ele a matou! — disparo, — Aquele homem matou a dra. Pam!

— Que homem? Quem matou a dra. Pam?

Sacudo a cabeça, arregalando os olhos, apertando o maltratado urso de encontro ao peito. Atrás de Vosch, outro esquadrão de soldados dispara pelo corredor em nossa direção. Ele me empurra na direção deles.

— Prendam essa daqui e me encontrem lá em cima. Temos uma invasão.

Sou arrastada para a porta mais próxima, empurrada para dentro de um aposento escuro, e a tranca se fecha. As luzes piscam e acendem. A primeira coisa que vejo é uma garota apavorada de aspecto jovem em um traje de segurança branco segurando um urso de pelúcia. Chego mesmo a dar um grito de espanto.

Sob o espelho, há um longo balcão com um monitor e um teclado.

Estou na câmera de execução que Evan descreveu, onde eles mostram aos novos recrutas os espiões de cérebro falso.

"Esqueça o computador. Não vou recomeçar a apertar botões. Opções, Cassie. Quais são as suas opções?"

Sei que há mais uma sala do outro lado do espelho. E tem que haver pelo menos uma porta, que pode ou não estar trancada. Sei que a porta para a sala em que me encontro está trancada, portanto, posso esperar que Vosch volte ou posso arrebentar o espelho e ir para o outro lado.

Pego uma das cadeiras, recuo e a atiro contra o espelho. O impacto arranca a cadeira de minhas mãos, e ela cai no chão com um estrondo ensurdecedor, pelo menos para mim. Consegui causar um grande arranhão no vidro grosso, mas esse é o único dano que vejo. Pego a cadeira de novo. Respiro fundo. Abaixo os ombros, giro os quadris, enquanto dou impulso com a cadeira. E o que ensinam na aula de caratê: a força está na rotação. Miro o arranhão. Concentro cada grama de energia naquele único ponto.

A cadeira bate e volta, fazendo com que eu perca o equilíbrio e aterrisse sentada, com um baque de trincar os dentes. Tão intenso, aliás, que mordo minha língua com força. Minha boca se enche de sangue, e eu o cuspo para fora, atingindo a garota no espelho bem no nariz.

Levanto a cadeira outra vez, respirando fundo. Esqueço uma lição aprendida no caratê: o seu *eich,* o grito de guerra. Riam o quanto quiserem, mas o grito concentra a sua força.

O terceiro e último golpe estilhaça o vidro. Com o impulso, bato no balcão, na altura da cintura, e meus pés se elevam do chão, quando a cadeira desaba no aposento adjacente. Vejo outra cadeira de dentista, uma bancada de processadores, fios correndo pelo chão e outra porta. "Por favor, Deus, não permita que esteja trancada."

Apanho Urso e passo pelo buraco. Imagino Vosch retornando e a expressão em seu rosto quando vir o espelho quebrado. A porta do outro lado não está trancada. Ela se abre para outro corredor de blocos de concreto pintados de branco, cheio de portas sem

identificação. Ah, as possibilidades. Mas não entro nesse corredor. Fico na soleira da porta. Diante de mim, o caminho desconhecido. Atrás de mim, o que percorri: eles vão ver o buraco. Eles vão saber qual direção tomei. Quanto tempo conseguirei ficar na dianteira? Minha boca se enche de sangue outra vez, e me obrigo a engoli-lo. Não posso facilitar demais a tarefa de encontrar meu rastro.

Facilitar demais: esqueci de prender a cadeira sob a maçaneta no primeiro aposento. A medida não vai impedi-los de entrar, mas vai pingar alguns segundos preciosos no meu Cofrinho.

"Se algo der errado, não pense demais, Cassie. Você tem bons instintos, confie neles. Considerar todos os passos é bom, quando se joga xadrez, mas isso não é um jogo."

Volto correndo pela sala de execução e mergulho no buraco. Calculo mal a largura do balcão e escorrego na borda, dando um salto mortal de costas e batendo a cabeça com força no chão. Fico ali deitada por um segundo estonteante, estrelas vermelhas cintilando nos meus olhos. Estou olhando para o teto e os dutos de metal que correm debaixo dele. Vi a mesma instalação nos corredores: o sistema de ventilação do abrigo antiaéreo.

E penso: "Cassie, esse é o bendito sistema de ventilação do abrigo antiaéreo."

77

Rastejando rapidamente de bruços, preocupada com a possibilidade de ser pesada demais e que a qualquer momento toda a instalação de canos desabe, vou avançando pelo duto, pausando a cada conexão para escutar. Escutar o que, não tenho bem certeza. O choro de crianças assustadas? O riso de crianças felizes? O ar no duto é frio, vindo do exterior e afunilando para o subsolo, mais ou menos como eu.

O ar pertence ao local, eu não. O que Evan disse?

"A sua melhor opção são os alojamentos que cercam o terreno de exercidos."

É isso, Evan, Esse é o novo plano. Vou encontrar o duto de ar mais próximo e subir à superfície. Não vou saber onde estarei, ou a que distância vou estar dos alojamentos, e, naturalmente, toda a base vai estar em alerta geral, fervilhando com Silenciadores ou suas crianças-soldados submetidas à lavagem cerebral procurando pela garota no traje de segurança branco. E não esqueça o urso de pelúcia. Bela maneira de se denunciar! Por que insisti em trazer esse maldito urso? Sam iria entender se eu deixasse Urso para trás. Minha promessa não envolvia levar Urso para ele. Minha promessa era levar-me até ele.

O que acontece com esse urso?

A cada poucos metros, uma escolha: virar à direita, à esquerda ou continuar em frente? E, a cada poucos passos, uma pausa para ouvir e limpar o sangue de minha boca. Não estou preocupada com o fato de o sangue poder pingar ali: ele equivale às migalhas que marcam o meu caminho de volta. Mas minha língua está inchando e lateja terrivelmente a cada batida do meu coração, o tique-taque do relógio humano contando os minutos que me faltam antes de me encontrarem, me levarem até Vosch, e ele acabar comigo como acabou com meu pai.

Uma coisa marrom e pequena está correndo em minha direção, muito depressa,

como se estivesse com pressa de realizar uma tarefa. Uma barata. Encontrei teias de aranha, montes de poeira e uma misteriosa substância pegajosa que talvez seja mofo tóxico, mas essa é a primeira coisa realmente nojenta que vi. Prefiro aranhas ou cobras a baratas. E agora ela está vindo diretamente para o meu rosto. Com imagens mentais muito vividas da coisa rastejando dentro de minha roupa, uso a única coisa disponível para esmagá-la, Minha mão nua. Eca!

Continuo avançando. Mais adiante, vejo algo brilhar, algo cinza esverdeado. Eu o chamo de verde nave mãe. Aproximo-me lentamente da grade pela qual o brilho se espalha. Espio o aposento abaixo pelas fendas. Chamado apenas de aposento não lhe faz justiça: é um espaço imenso, facilmente do tamanho de um estádio de futebol, em formato de tigela, com filas e filas de estações de computador ao fundo, operados por mais de uma centena de pessoas. Só que chamá-las de pessoas é uma injustiça com as verdadeiras pessoas. Elas são eles, os humanos não humanos de Vosch, e não tenho ideia do que fazem, mas acho que ali deve ser o lugar, o núcleo da operação, a base-zero da limpeza. Uma teia imensa ocupa uma parede inteira, projetando um mapa da Terra pontilhado com brilhantes sinais verdes, a origem da luz verde enjoativa. Cidades, imagino, e, então, dou-me conta de que os pontos verdes devem representar bolsões de sobreviventes.

Vosch não precisa nos caçar. Vosch sabe exatamente onde estamos.

Continuo a avançar serpenteando, obrigando-me a ir devagar, até que o brilho verde fique tão pequeno quanto os pontos no mapa na sala de controle. Escuto vozes quatro junções abaixo. Vozes masculinas. Também o clangor de metal roçando metal e o chiado de solas de borracha no concreto duro.

"Continue avançando, Cassie. Não pare mais. Sammy não está lá, e Sammy é o objetivo."

Então, um dos sujeitos diz:

— Quantos ele disse que eram?

E o outro responde:

— Pelo menos dois. Uma garota e seja lá quem que matou Walter, Pierce e Jackson.

Seja lá quem matou Walter, Pierce e Jackson?

Evan. Tinha que ser.

Mas que...? Por inteiros dois minutos, fico realmente furiosa com ele. Nossa única esperança era eu ter vindo sozinha, passar pelas defesas do inimigo sem ser notada e pegar Sam antes que percebessem o que estava acontecendo, Naturalmente, não tinha funcionado bem desse jeito, mas Evan não tinha como saber disso.

Mesmo assim. O fato de Evan ter ignorado nosso plano cuidadosamente arquitetado e se infiltrado na base também significava que ele estava ali.

E Evan tem coragem de fazer o que tem que ser feito.

Rastejo para mais perto das vozes, passando direto em cima de suas cabeças, até chegar à grade. Espio pelas lendas de metal e vejo dois soldados Silenciadores carregando um enorme carrinho de mão contendo globos em formato de olhos. Reconheço de imediato o que são: já tinha visto um daqueles.

"O Olho vai cuidar dela."

Observo-os até o carrinho estar carregado, e eles o levarem lentamente dali, para fora de meu campo de visão.

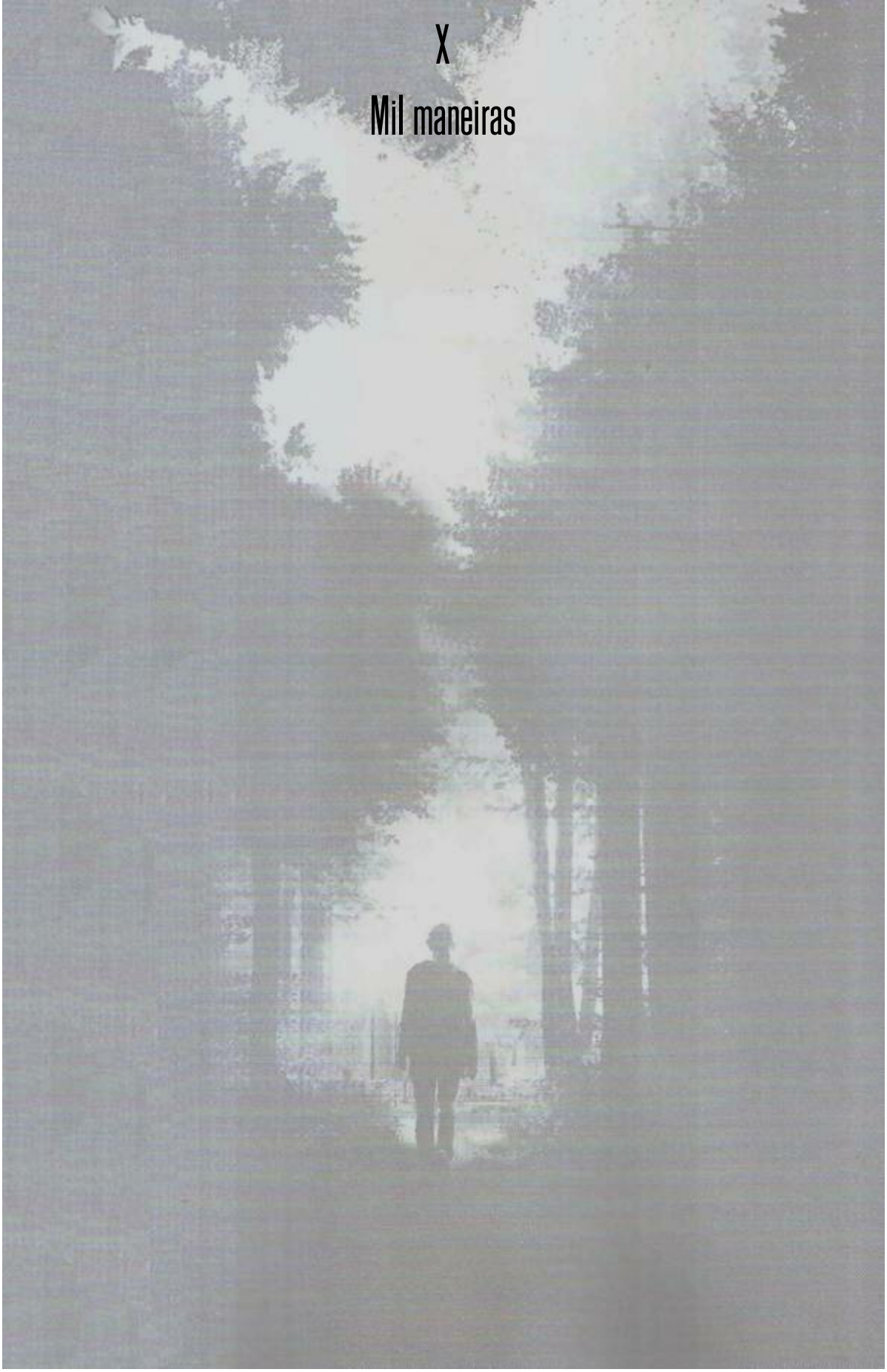
"Vai chegar um momento em que o abrigo não vai ser mais sustentável. Quando isso acontecer, eles vão fechar a base ou a parte da base que for sacrificável."

Ah, puxa, Vosch vai fazer com o Campo Abrigo o que fez com Ashpit.

E, no instante em que me dou conta disso, a sirene dispara.

X

Mil maneiras



Duas horas.

No instante em que Vosch parte, um relógio dentro de minha cabeça começa a funcionar, Não, não é um relógio, É mais um *timer,* retrocedendo em direção ao Armagedon. Vou precisar de cada segundo. Portanto, onde está o enfermeiro? Exatamente quando eu mesmo estou prestes a tirar o tubo de soro, ele aparece. Um garoto alto e magro chamado Kistner. Encontramo-nos da última vez em que fui posto na cama. Ele tem um tique nervoso, fica toda hora puxando a frente da camisa, como se o tecido lhe irritasse a pele.

— Ele lhe falou? — Kistner pergunta, falando baixo ao se inclinar sobre a cama. — Entramos no Código Amarelo.

— Por quê?

Ele dá de ombros.

Você acha que eles me contam alguma coisa? Só espero que isso não queira dizer que a gente precise dar outro mergulho no *bunker.*

Ninguém no hospital gosta dos exercícios de defesa antiaérea. Levar várias centenas de pacientes para o subsolo em menos de três minutos é um pesadelo tático.

— E melhor do que ficar aqui em cima e ser incinerado por um raio alienígena mortal.

Talvez seja psicológico, mas, no momento em que Kistner tira o tubo, a dor se instala, uma aborrecida dor latejante onde o tiro de Esp me atingiu, que acompanha o ritmo do meu coração. Enquanto espero que a mente clareie, pergunto-me se devo repensar o plano. Uma evacuação para o *bunker* subterrâneo pode simplificar as coisas. Depois do fiasco de Nugget no primeiro exercício de defesa, o comando decidiu reunir todas as crianças não combatentes em uma sala segura localizada no meio do complexo. Seria infinitamente mais fácil tirá-lo de lá do que procurar em todos os alojamentos da base.

Mas não tenho ideia de quando, ou mesmo se, isso vai acontecer. Melhor continuar com o plano original. Tique-taque.

Fecho os olhos, visualizando cada passo da fuga com o máximo de detalhes possíveis. Já fiz isso antes, quando havia escolas, jogos na sexta-feira à noite e multidões na torcida. Quando conquistar um título distrital parecia o feito mais importante do mundo. Imaginando minhas rotas, o arco da bola voando em direção às luzes, o jogador da defesa acompanhando meus passos ao meu lado, o momento exato de virar a cabeça e. levantar as mãos sem interromper o ritmo. Imaginando não só a jogada perfeita, mas a fracassada, como eu iria ajustar meus movimentos e dar ao zagueiro um alvo para salvar a manobra infeliz.

Há mil maneiras de isso dar errado e somente urna de dar certo. Não pense uma jogada adiante, nem duas ou três. Pense nessa jogada, nesse passo. Acerte um passo de cada vez, e você vai marcar um ponto.

Primeiro passo: o enfermeiro.

O meu melhor amigo, Kistner, dando um banho de esponja em alguém dois leitos adiante.

— Ei — chamo, — Ei, Kistner!

— O que foi? — o rapaz responde, claramente aborrecido comigo. Ele não gosta de ser interrompido.

— Preciso ir ao banheiro.

— Você não deve se levantar. Vai arrebentar os pontos.

— Ah, vamos lá, Kistner. O banheiro é logo ali.

Ordens do médico. Vou pegar um urinol para você.

Observo quando ele serpenteia entre as camas em direção à sala de materiais. Estou um pouco preocupado com o fato de talvez não ter esperado tempo suficiente para que passasse o efeito dos remédios. E se eu não conseguir me levantar? “Tique-taque, Zumbi, tique-taque,”

Jogo as cobertas para longe e ponho as pernas para fora da cama. Rangendo os dentes, Essa é a parte difícil. Estou envolto em ataduras do peito até a cintura. E endireitar o corpo distende os músculos rompidos pela bala de Esp.

“Eu corto você. Você atira em mim. E mais do que justo.”

“Mas está piorando aos poucos. Qual vai ser seu próximo passo? Enfiar uma granada de mão nas minhas calças?"

Colocar uma granada nas calças de Esp é uma imagem perturbadora. Sob vários aspectos.

Apesar de ainda estar bastante dopado, quando me sento, quase desmaio por causa da dor. Assim, fico imóvel por um minuto, esperando que a mente clareie.

Segundo passo: o banheiro.

“Concentre-se em andar devagar. Dê passos pequenos. Arraste os pés.” Posso sentir as costas do avental se abrindo. Toda a ala está vendo o meu traseiro.

O banheiro fica a uns 6 metros de distância, que mais parecem 60 quilômetros. Se estiver trancado ou estiver sendo usado, estou ferrado.

Nem uma coisa nem outra. Tranco a porta depois que entro. Pia, vaso sanitário e um pequeno box com chuveiro. O suporte da cortina está parafusado na parede. Levanto a tampa do vaso. Um pequeno braço de metal rombudo nas duas extremidades ergue a tampa. O suporte de papel higiênico é de plástico. Até parece que eu ia encontrar uma arma ah. Mas ainda estou no rumo certo. “Vamos, Kistner, estou bem aqui.”

Duas batidas rápidas na porta, e, então, a voz dele do outro lado.

— Ei, você está aí dentro?

— Eu disse que precisava ir! — grito.

— E eu lhe disse que ia pegar o urinol!

— Não deu mais para segurar!

A maçaneta balança.

— Destranque a porta!

— Por favor, privacidade! — berro.

— **Vou chamar a segurança.**

— Está bem, está bem! Como se eu fosse para algum lugar!

Conto até dez, giro a tranca, vou até o vaso sanitário arrastando os pés, sento. Abre-se uma fresta na porta, o suficiente para eu ver um pedacinho tio rosto magro do enfermeiro.

— Satisfeito? — resmungo. — Agora você pode fechar a porta, por favor?

Kistner me encara por um longo momento, puxando a camisa.

— Vou estar bem aqui fora — ele promete.

— Ótimo — retruco.

A porta fecha-se devagar. Agora conto seis vezes até dez. Um minuto inteiro.

— Ei, Kistner!

— O quê?

— Vou precisar da sua ajuda.

— Defina "ajuda".

— Para levantar! Não consigo sair da maldita privada! Acho que algum ponto arrebentou...

A porta abre-se bruscamente. O rosto de Kistner está vermelho de raiva.

— Eu não falei?

Ele fica na minha frente e estende as duas mãos.

— Aqui, segure meus pulsos.

— Dá para você fechar a porta antes? Isso é constrangedor.

Kistner fecha a porta. Envolvo os pulsos dele com meus dedos.

— Pronto? — ele pergunta.

— Mais do que nunca.

Terceiro passo: tirar o sujeito da jogada.

Quando Kistner me puxa, dou um impulso para a frente com as pernas, golpeando seu peito estreito com o ombro, jogando-o de costas contra a parede de concreto. Em seguida, empurro-o, giro-o para ficar atrás dele e torço seu braço nas costas. O movimento o obriga a se ajoelhar na frente do vaso sanitário. Agarro-o pelos cabelos, empurro seu rosto na água. Kistner é mais forte do que parece, ou eu estou muito mais fraco do que imaginei. Parece levar uma eternidade até ele desmaiar.

Eu o solto e me afasto. Kistner vira para o lado devagar e desaba 110 chão. Sapatos, calças. Endireitando seu corpo para arrancar a camisa. A camisa vai ficar muito pequena; as calças, compridas demais; os sapatos, apertados. Dispo 0 avental, jogo-o no box, visto as roupas do enfermeiro. Demoro mais com os sapatos. Pequenos demais. Uma dor forte atravessou a lateral do meu corpo, enquanto eu lutava para calçá-los, Olho para baixo e vejo sangue se infiltrando pelas ataduras. E se eu sangrar e manchar a camisa?

"Mil maneiras. Concentre-se na principal."

Arrastar Kistner para o box. Fechar as cortinas. Quanto tempo ele vai ficar inconsciente? Não importa. Continue 0 que está fazendo. Não pense no que vem a seguir.

Quarto passo: 0 rastreador.

Hesito diante da porta. E se alguém viu o enfermeiro entrar e agora me vê saindo, vestido como ele?

"Então, acabou. Ele vai matar você de qualquer jeito. Certo, não morra simplesmente. Morra tentando."

A porta da saia de operações está a um campo de futebol de distância, depois de duas fileiras de camas e passando pelo que parece uma horda de enfermeiros, enfermeiras e médicos de avental. Ando 0 mais depressa que posso na direção da porta, cuidando do lado ferido, que desequilibra meus passos, mas não posso evitar. Pelo que eu saiba, Vosch vem me rastreando, e deve estar se perguntando por que não voltei para 0 leito.

Atravesso as portas vaivém, entro na sala de assepsia, onde um médico de aspecto cansado está com desinfetante até os cotovelos, preparando- -se para uma cirurgia. Ele tem um sobressalto quando entro.

— O que você está fazendo aqui? — ele pergunta.

— Estou procurando luvas. Ficamos sem nenhuma lá na frente.

O cirurgião mostra uma fila de armários na parede oposta com um gesto brusco de cabeça.

— Você está mancando — ele notá. — Você está ferido?

— Distendi um músculo levando um sujeito gordo ao banheiro.

O médico enxágua o sabonete verde dos braços.

— Você deveria ter usado um urinol.

Caixas de luvas de látex, máscaras cirúrgicas, chumaços de algodão antissépticos, rolos de esparadrapo. Em que raios de lugar está? Sinto sua respiração na minha nuca.

— Tem uma caixa bem na sua frente — ele avisa, O cara está me olhando de um jeito engraçado.

— Desculpe — digo. — Não tenho dormido muito.

— E quem tem? — O cirurgião ri e me dá uma cotovelada no ferimento à bala. A sala gira. Muito. Cerro os dentes para não gritar.

O médico atravessa correndo as portas internas até a sala de operação. Continuo a procurar na fileira de armários, abrindo portas, remexendo nos suprimentos, mas não encontro o que procuro, Prestes a perder a consciência, sem fôlego, o ferimento latejando como o inferno. Quanto tempo Kistner vai ficar desmaiado? Quanto tempo até que alguém entre para dar uma urinada e o encontre?

Há um Container no chão ao lado dos armários com a etiqueta LIXO HOSPITALAR — USE LUVAS AO MANUSEAR. Arranco a tampa, e, bingo, lá está entre os chumaços de esponjas cirúrgicas ensanguentadas, seringas usadas e cateteres descartados.

Certo, o bisturi está coberto de sangue coagulado. Acho que eu poderia esterilizá-lo com uma toalha antisséptica ou lavá-lo na pia, mas não há tempo, e um bisturi usado é a menor das minhas preocupações.

“Incline-se sobre a pia para firmar o corpo. Empurre os dedos na nuca para localizar o rastreador sob a pele, e, então, não corte, apenas aperte a lâmina rombuda e suja na sua pele até que ela se abra.”

79

Quinto passo: Nugget.

Um médico de aspecto extremamente jovem corre pelo corredor na direção dos elevadores, usando um avental branco e uma máscara cirúrgica. Mancando, favorecendo o lado esquerdo. Se alguém lhe abrisse o avental branco, seria possível ver a mancha vermelho escura na camisa verde. Se alguém lhe puxasse o colarinho para baixo, também seria possível ver a atadura apressadamente aplicada na nuca. Mas, se tentasse fazer qualquer uma dessas coisas, o médico de aspecto jovem o mataria.

Elevador. Fechando os olhos enquanto ele desce. A menos que alguém tivesse deixado um carrinho de golfe convenientemente parado nas portas da frente, a caminhada para o pátio levará dez minutos. Depois, a parte mais difícil: encontrar Nugget entre mais de 50 esquadrões acampados ali e tirá-lo sem acordar ninguém. Portanto, talvez meia hora para procurar e recuperar. Outros dez minutos para passar sobre o hangar do País das Maravilhas, onde os Ônibus são descarregados. É ali que o plano começa a se dividir em uma série de improbabilidades incontroláveis: embarcar clandestinamente em um ônibus vazio e dominar o motorista e os soldados a bordo, assim que nos afastarmos dos portões. E, então, quando, onde e como largar o ônibus e prosseguir a pé para encontrar Esp?

"E se você tiver que esperar pelo ônibus? Onde você vai se esconder?"

"Não sei."

"E quando estiver no ônibus, quanto tempo vai ter que esperar? Trinta minutos? Uma hora?"

"Não sei."

"Você não sabe? Bom, isso é o que eu sei: é muito tempo, Zumbi. Alguém vai soar o alarme."

Ela tem razão. É muito tempo. Eu deveria ter matado Kistner. Tinha sido um dos passos originais.

Quarto passo: matar Kistner.

Mas Kistner não é um deles. Kistner é só um garoto. Como Tank. Como Oompa. Como Flint. Kistner não pediu essa guerra e não sabia a verdade sobre ela. Talvez ele não teria acreditado em mim, se eu contasse a verdade, mas nunca lhe dei essa chance.

"Você é um moleirão. Você deveria ter matado o sujeito. Não se pode confiar na sorte e no pensamento positivo. O futuro da humanidade pertence aos fortes."

Assim, quando as portas do elevador se abrem no saguão principal, faço uma promessa silenciosa para Nugget, a promessa que não fiz para minha irmã, cujo medalhão ele usa em volta do pescoço.

"Se alguém ficar entre nós dois, é um cara morto."

E, no momento em que faço essa promessa, é como se algo no universo decidisse responder, pois as sirenes do ataque antiaéreo disparam com um grilo ensurdecedor.

Perfeito! Pelo menos agora as coisas estão funcionando a meu favor. Nada de atravessar todo o campo agora. Nada de me esgueirar nos alojamentos à procura de Nugget como se fosse uma agulha no palheiro. Nada de correr até os ônibus. Em vez disso, disparar diretamente para as escadas que levam ao complexo subterrâneo. Agarrar Nugget no caos organizado da sala de segurança, ficar escondido até o aviso de que está tudo bem, e, então, para os ônibus.

Simples.

Estou a meio caminho das escadas, quando o saguão deserto se ilumina com um repulsivo brilho verde, o mesmo verde esfumaçado que dançou em volta da cabeça de Esp, quando eu a olhava com a ocular. As luzes fluorescentes do teto foram apagadas, procedimento padrão num exercício, de modo que a luz não está vindo do interior, mas de algum lugar do estacionamento.

Eu me viro para olhar. Não deveria ter feito isso.

Pelas portas de vidro, vejo um carrinho de golfe atravessando o estacionamento em direção ao campo de aviação. E vejo a origem da luz verde pousada na entrada coberta do hospital. No formato de uma bola de futebol, só que duas vezes maior. Ela me lembra um olho. Eu a encaro, ela me encara.

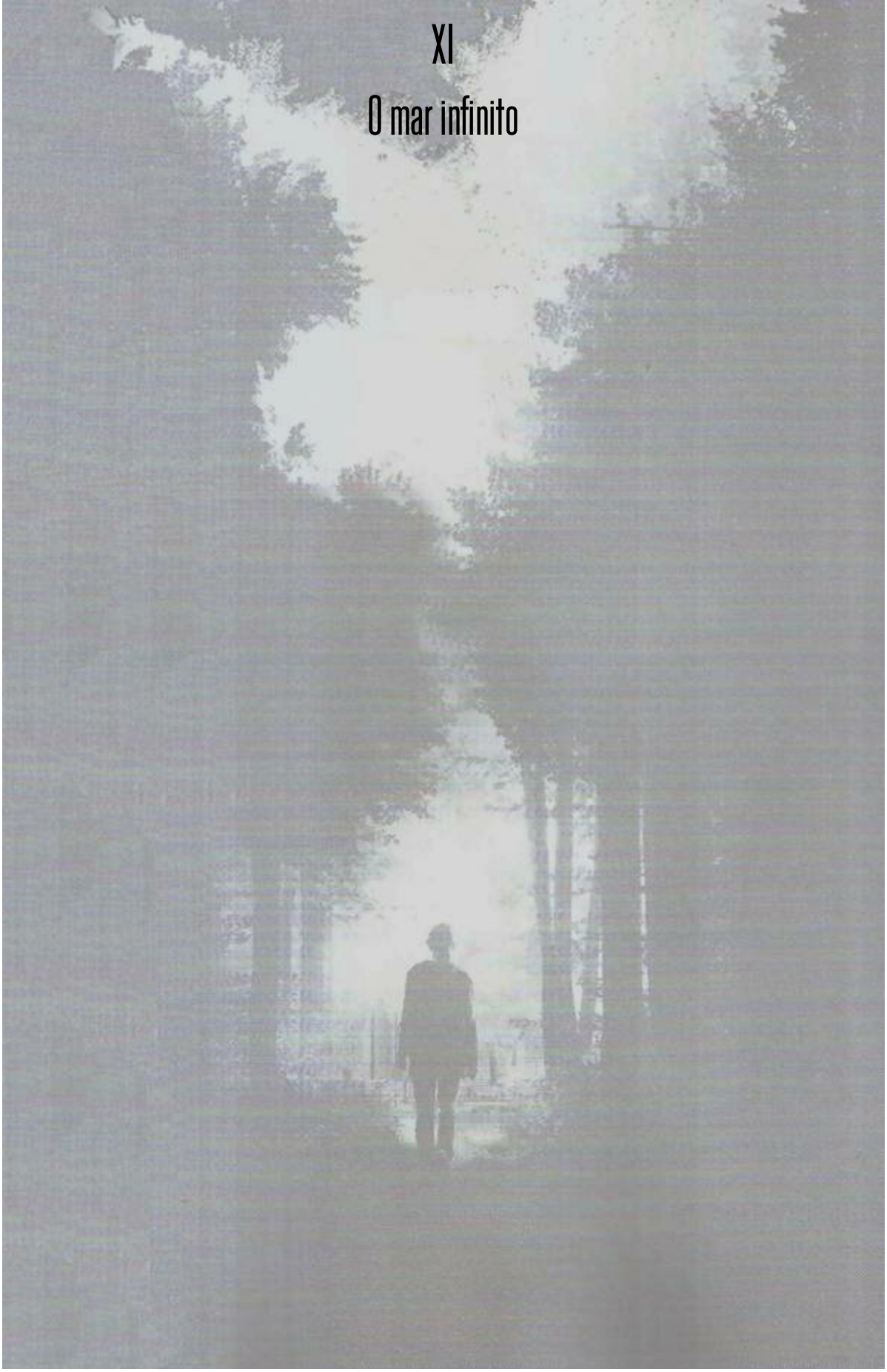
Pulso... pulso... pulso...

Faísca... faísca... faísca...

Pisca, pisca, pisca.

XI

O mar infinito



O toque da sirene é tão alto, que posso sentir os pelos da nuca vibrarem.

"Cassie, é o depósito de armas."

De volta para a grade, de onde observo durante inteiros três minutos, examinando o aposento abaixo cm busca de algum sinal de movimento, enquanto a sirene agride meus ouvidos, dificultando a concentração, graças a você, coronel Vosch.

— Certo, maldito urso — resmungo com a língua inchada. — Nós vamos entrar.

Bato o calcanhar do pé descalço na grade. *Eich!* Ela se abre com um único chute. Quando parei de lutar caratê, minha mãe quis saber o motivo, e eu disse que aquilo simplesmente não me desafiava mais. Essa era a forma que encontrei de dizer que eu estava entediada, o que não era permitido dizer na frente de minha mãe. Se ela ouvisse você se queixar de estar entediada, ia se ver com um espanador na mão.

Salto para dentro da sala. Bem, mais um armazém de tamanho médio do que uma sala. Tudo que um invasor alienígena possa precisar para administrar um campo de extermínio humano. Encostados àquela parede estão os seus Olhos, várias centenas deles, caprichosamente empilhados em seu cubículo especialmente projetado. Na parede oposta, fileiras e mais fileiras de fuzis, lançadores de granadas e outros armamentos que não teria a menor ideia de como utilizar. Armas menores ali, semiautomáticas, granadas e facas de combate de 25 centímetros de comprimento. Também há uma seção de trajes, representando cada ramo de serviço e todos os níveis hierárquicos possíveis, acompanhados de todos os equipamentos, cintos, botas e a versão militar de uma pochete.

E eu como uma criança numa loja de doces.

Primeiro, livro-me do traje de segurança branco, puxo o menor uniforme que encontro e visto. Em seguida, calço as botas.

Hora de me armar. Uma Luger com 11111 pente cheio. Algumas granadas. M16? Por que não? Se você vai representar um papel, prepare-se para ele. Guardo alguns pentes adicionais na pochete. Ah, vejam, o meu cinto tem até um coldre para uma daquelas facas de 25 centímetros de aspecto cruel! Ei, facona de 25 centímetros de cara cruel!

Há uma caixa de madeira ao lado do armário de armas. Espio em seu interior e vejo uma pilha de tubos de metal cinza. O que são eles? Alguma espécie de granada comprida? Pego um. Ele é oco e termina em forma de peneira. Agora sei o que são.

Silenciadores.

E ajustam-se com perfeição ao cano do meu novo M16. É só enroscá-lo.

Escondo os cabelos sob um quepe grande demais para mim, desejando ter um espelho. Espero poder passar por um dos jovens recrutas de Vosch, mas provavelmente pareço mais a irmãzinha de um dos soldados dos Comandos em Ação brincando uniformizada.

Agora, o que fazer com Urso. Encontro um objeto de couro parecido com uma sacola e o coloco lá dentro, penduro as tiras no ombro, já parei de prestar atenção à sirene ensurdecedora. Estou toda paramentada. Não só diminuí um pouco as desvantagens, mas

sei que Evan está ali, e Evan não vai desistir até que cu esteja segura, ou ele morto.

De volta aos dutos de ar, c estou me perguntando se devo seguir por ele, com cerca de 10 quilos a mais, ou arriscar a sorte nos corredores. De que serve um disfarce, se você vai andar por aí como se tivesse algo a esconder? Eu me viro e me dirijo à porta. Neste momento, a sirene para, e o silencio se instala.

Não encaro o fato como sendo um sinal favorável.

Também me ocorre que, estar em um depósito de armas repleto de bombas verdes, uma das quais pode arrasar um quarteirão, enquanto cerca de uma dezena de outras bombas são detonadas no andar de cima, pode não ser a melhor das ideias.

Corro para a porta, mas não chego lá antes que o primeiro Olho exploda. Faltam apenas alguns passos, e o próximo Olho pisca uma última vez, Esse deve estar mais perto, porque uma chuva de poeira cai do teto. O duto do outro lado solta-se do apoio e vem abaixo.

“Hum, Vosch, essa foi por pouco, concorda?”

Atravesso a porta. Não há tempo para investigar o terreno. Quanto maior a distância que eu puser entre mim e os Olhos restantes, melhor. Disparo sob as luzes vermelhas que giram, virando em corredores ao acaso, tentando não pensar em nada, dependendo apenas dos instintos e da sorte.

Outra explosão. As paredes tremem. A poeira cai. De cima, o som dos edifícios sendo destruídos e desintegrados até o último prego. E, ali embaixo, o grito de crianças aterrorizadas.

Sigo os gritos.

Às vezes, faço a curva errada, e os gritos se afastam. Volto sob meus passos e tento o próximo corredor. Este lugar parece um labirinto; e eu, o rato de laboratório.

As explosões acima cessaram, pelo menos por ora, e desacelero o passo, segurando fortemente o fuzil com ambas as mãos, tentando uma passagem, voltando quando os gritos diminuem, avançando outra vez.

Escuto a voz do major Bob vinda de um megafone, ecoando pelas paredes, vinda de todos os lugares e de nenhum lugar.

— Certo, quero que todos fiquem sentados com o líder de seu grupo! Fiquem quietos e prestem atenção! Fiquem com os líderes de seu grupo!

Viro uma esquina e vejo um esquadrão de soldados correndo exatamente em minha direção. Por que iriam me notar? Sou apenas outra recruta a caminho da batalha contra a horda alienígena.

Eles viram uma curva, e eu continuo a avançar. Ouço as crianças tagarelando e choramingando, apesar da repreensão do major Bob, quando faço mais uma curva.

"Estou quase chegando, Sam. Por favor, esteja aí.”

— Pare!

Um grito às minhas costas. Não era a voz de uma criança. Eu paro. Endireito os ombros. Fico imóvel.

— Onde está a sua base de operações, soldado? Soldado, estou lhe fazendo uma pergunta!

— Recebi ordens para cuidar das crianças, senhor! — digo no tom mais grave que

consigo expressar.

— Vire-se! Olhe para mim quando falar comigo, soldado.

Suspiro. Eu me viro. Ele tem 20 e poucos anos, nada feio, o tipo de garoto americano. Não conheço insígnias militares, mas acho que ele pode ser um oficial.

"Para ficar totalmente segura, todos com mais de 18 anos são suspeitos. Pode haver alguns humanos adultos ocupando posições de autoridade mas, conhecendo Vosch, duvido. Assim, se for um adulto, e principalmente se for um oficial, acho que se pode pressupor que não seja humano."

— Qual é o seu número? — ele vocifera.

Meu número? Despejo a primeira coisa que me vem à cabeça.

— T-sessenta-e-dois, senhor!

Ele me lança um olhar confuso.

— T-sessenta-e-doís? Tem certeza?

— Sim, senhor, senhor! — "Senhor, senhor? Oh, Deus, Cassie."

— Por que não está com a sua unidade?

Ele não espera pela resposta, felizmente, pois nada me vem à mente. Ele dá um passo a frente e me olha de cima a baixo. Naturalmente não estou de acordo com os regulamentos. O oficial alienígena não gosta do que vê.

— Onde está o seu crachá, soldado? E o que está fazendo com um silenciador na arma? E o que é isso?

Ele puxa a sacola volumosa em que está Urso.

Recuo. A sacola se abre, e estou frita.

— É um urso de pelúcia, senhor.

— Um o quê?

Ele fita o meu rosto voltado para cima, e algo acontece com ele quando se dá conta de quem está observando. A mão direita voa em direção à arma na cintura, mas foi um movimento idiota, quando tudo que tinha que fazer era me dar um golpe na cabeça com o punho. Viro o silenciador num arco rápido, paro-o diante de seus atraentes traços de adolescente e puxo o gatilho.

"Agora você conseguiu, Cassie. Detonou a única chance que tinha, agora que estava tão perto."

Não posso simplesmente deixar o oficial alienígena onde caiu. Eles talvez não vejam todo o sangue na correria da batalha, e ele é mesmo praticamente invisível no redemoinho de luz vermelha, mas o corpo... O que vou fazer com o corpo?

Estou perto, tão perto, e não vou deixar que um sujeito morto me impeça de ir até Sammy. Agarro-o pelos tornozelos e o arrasto de volta pelo corredor, para dentro de outra passagem, ao redor de outra curva, e, então, 0 largo, Ele é mais pesado do que parece. Levo um momento para me alongar e me livrar da dor nas costas antes de sair correndo. Agora, se alguém me parar antes de chegar à sala de segurança, planejo dizer tudo o que for necessário para não ter que matar outra vez. A menos que eu não tenha outra escolha. E, então, eu vou matar outra vez.

Evan tinha razão: fica mais fácil a cada vez.

A sala está lotada de crianças. Centenas de crianças. Usando trajes de proteção

idênticos. Sentados cm grandes grupos espalhados numa área do tamanho aproximado de um ginásio de esportes do colégio. Elas se acalmaram um pouco. Talvez eu deva apenas gritar o nome de Sam ou pegar o megafone do major Bob emprestado. Abro caminho 110 aposento, erguendo as botas bem alto para não pisarem nenhum daqueles dedinhos.

Tantos rostos. Eles começam a se confundir e parecer um só. A sala se expande, explode para além das paredes, estendendo-se à infinitude, repleta de bilhões de rostinhos voltados para cima, e... ah, os malditos, os malditos, o que fizeram? Na minha barraca, ele chorava por mim e pela vida vazia e estúpida que tinha sido tomada de mim. Agora imploro por perdão ao mar infinito de rostos voltados para cima.

Ainda estou tropeçando pelo local como uni zumbi, quando escuto uma vozinha chamando meu nome. Vindo de um grupo pelo qual acabei de passar, e é engraçado que ele tenha me reconhecido, e não o contrário. Fico imóvel. Não me viro. Fecho os olhos, mas não consigo me virar.

— Cassie?

Abaixo a cabeça. Há um nó de tamanho imensurável na minha garganta. E, então, eu me viro, e ele está me olhando com uma expressão meio assustada, como se ver a irmã andando na ponta dos pés vestida como um soldado pudesse ser a gota d'água. Como se ele tivesse ultrapassado todos os limites da crueldade dos Outros.

Ajoelho-me diante de meu irmão. Ele não corre para os meus braços. Ele fita 0 meu rosto manchado de lágrimas e toca minhas faces úmidas com os dedos. O meu nariz, minha testa, meu queixo, minhas pálpebras agitadas.

— Cassie?

Tudo bem agora? Ele consegue acreditar? Se o mundo quebrar um milhão e uma promessas, é possível acreditar na milionésima segunda?

— Oi, Sams.

Ele inclina um pouco a cabeça, Minha voz deve estar estranha por causa da língua inchada. Remexo no fecho da sacola de couro.

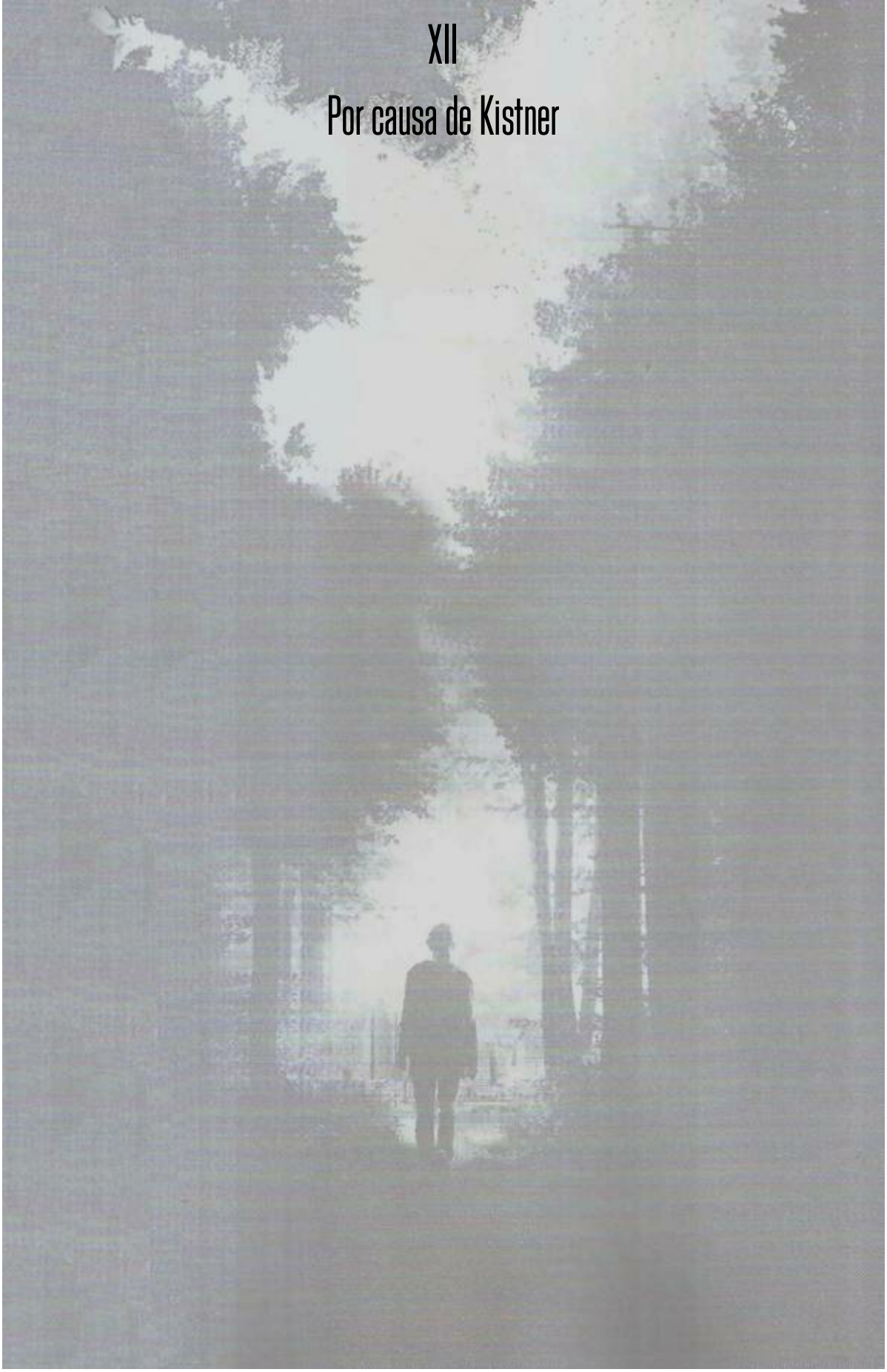
— Eu, ahn, pensei que você quisesse isso de volta.

Tiro o velho urso maltratado e estendo para ele. Sammy franze o cenho, sacode a cabeça e não estende a mão, E eu me sinto atingida por um soco no estômago.

Então, meu irmãozinho arranca o maldito urso de minha mão e aperta 0 rosto de encontro ao meu peito, e sob os intensos odores de suor e sabonete, sinto o cheiro dele, de Sammy, meu irmão.

XII

Por causa de Kistner



O olho verde olhou para mim, e eu olhei para ele. Não me lembro exatamente do que ocorreu entre o momento em que vi o olho piscante e agora.

Minha primeira lembrança mais nítida? Correr.

Saguão. Poço da escada. Porão. Primeiro lance de escadas. Segundo lance de escadas.

Quando cheguei ao terceiro, o choque da explosão me atinge nas costas corno uma bola de demolição, atirando-me escadas abaixo e me fazendo atravessar a porta que conduz ao abrigo antibombas.

Acima de mim, o hospital grita como se estivesse sendo despedaçado. É exatamente esse o som: um ser vivo gritando, como se estivesse sendo cortado em pedaços. O estrondo retumbante do cimento e de pedras quebrando-se. O chiado dos pregos se partindo e o grito agudo de duzentas janelas explodindo. O chão sacode e se abre. Mergulho de cabeça no corredor de concreto reforçado, enquanto o edifício acima de mim se desintegra.

A luz bruxuleia uma vez, e, depois, o corredor mergulha na escuridão. Eu nunca tinha vindo a esta parte do complexo, mas não preciso de flechas luminescentes nas paredes para me mostrar o caminho para a sala de segurança. Só preciso seguir os gritos aterrorizados das crianças.

Mas, primeiro, seria bom ficar de pé.

A queda tinha arrebentado todas as sulturas. Os dois ferimentos estão sangrando com abundância agora: onde a bala de Esp entrou e de onde saiu. Tento me levantar. Esforço-me ao máximo, mas minhas pernas não conseguem me sustentar. Ergo-me alguns centímetros, mas volto a abaixar, a cabeça girando, respirando com dificuldade.

Uma segunda explosão joga-me estirado no chão. Consigo rastejar alguns centímetros, antes que um novo estouro me derrube outra vez. Droga, o que você está fazendo aí em cima, Vosch?

"Se for tarde demais, não vamos ter outra escolha senão aplicar a opção do ultimo recurso."

Bem, suponho que esse mistério em especial foi desvendado, Vosch está explodindo toda a base. Destruindo a vila, a fim de salvá-la. Mas, salvá-la de quê? A menos que não seja Vosch. Talvez Esp e eu estejamos totalmente enganados.Talvez eu esteja arriscando minha vida e a de Nugget por nada. Campo Abrigo é o que Vosch afirma ser, e isso significa que Esp entrou com a guarda baixa num campo de infestados. Esp está morta, Esp, Dumbo, Pão de Ló e a pequena Teacup. Cristo, será que eu fiz de novo? Fugi, quando deveria ter ficado?

A explosão seguinte é a pior. Ela ocorre diretamente acima de onde me encontro. Cubro a cabeça com os dois braços, enquanto pedaços de concreto, grandes como o meu punho, caem como chuva. Os choques provocados pelas bombas, os remédios ainda percorrendo a corrente sanguínea, a perda de sangue, a escuridão... tudo conspira para me prender ao solo. De longe, ouço alguém gritando — e, então, me dou conta de que sou

eu.

"Você tem que levantar. Você tem que levantar. Você tem que manter a promessa feita a Sissy..."

Não. Não para Sissy. Sissy está morta. Você a deixou para trás, seu saco nojento de vômito.

Droga, como dói. A dor dos ferimentos que sangram e a dor da velha ferida que não quer sarar. Sissy, comigo no escuro.

Posso ver a mão dela, tentando me tocar no escuro.

"Estou aqui, Sissy, Segure a minha mão."

Estendo a mão para ela no escuro.

82

Sissy afasta-se, e fico sozinho novamente.

Quando chegar o momento de parar de fugir do passado, de virar e enfrentar o perigo que você acreditava não poder enfrentar, o momento em que a sua vida oscilar entre desistir e levantar, quando esse momento chegar, e ele sempre chega, se você não puder levantar c também não puder desistir, aqui está o que vai fazer: rastejar.

Deslizando de bruços, chego à intersecção do corredor principal que acompanha toda a extensão do complexo. Preciso descansar. Não mais que dois minutos. As luzes de emergência acendem-se, hesitantes, Agora sei onde estou. À esquerda, o duto de ventilação; à direita, a central de comando c a sala de segurança.

Tique-taque, Meu intervalo de dois minutos acabou. Levanto-me com esforço, usando a parede como apoio, e quase desmaio de dor. Mesmo que eu apanhe Nugget sem eu mesmo ser apanhado, como vou tirá-lo daqui nessas condições?

Além do mais, duvido sinceramente que tenha sobrado algum ônibus. Ou qualquer parte do Campo Abrigo. Quando eu o pegar — se eu o pegar -, para que raio de lugar iremos?

Avanço, arrastando os pés pelo corredor, conservando uma das mãos na parede, na tentativa de manter o equilíbrio. Mais adiante, posso ouvir alguém gritando com as crianças na sala de segurança, dizendo-lhes que fiquem calmas e sentadas, que tudo vai ficar bem e que elas estão em perfeita segurança.

Tique-taque. Bem diante da última curva. Olho para a esquerda e vejo algo amontoado de encontro à parede: um corpo humano.

Um corpo humano morto.

Ainda quente. Usando um uniforme de tenente. Metade do rosto esfacelada por uma bala de alto calibre, atirada à queima-roupa.

Não é um recruta. É um deles. Será que mais alguém descobriu a verdade? Talvez.

Ou talvez o sujeito morto tenha sido atingido por um recruta impaciente, doido para atirar, que o confundiu com um Ted.

"Chega de confundir seus desejos com a realidade, Parish."

Tiro a arma do coldre do soldado e a deslizo para o bolso do meu avental de

laboratório. Em seguida, puxo a máscara cirúrgica sobre o rosto.

"Dr. Zumbi, sua presença *é* exigida na sala de segurança, imediatamente!"

E lá está ela, logo adiante. Mais alguns metros, e estarei lá.

"Consegui, Nugget. Estou aqui, Agora, espero que esteja aí."

E é como se ele tivesse me escutado, porque ele está andando em minha direção, carregando, acredite se quiser, um urso de pelúcia.

Só que ele não está sozinho. Má alguém com ele: um recruta da idade de Dumbo, usando um uniforme largo e um quepe puxado para baixo, a borda pousada sobre os olhos, carregando um M16 com alguma espécie de cano de metal rosqueado ao cano.

Não há tempo para pensar. Porque inventar algo para escapar dessa vai levar tempo demais e exigir muita sorte, e não se trata mais de sorte. Trata-se de ser durão.

Porque essa é a última guerra, e somente os fortes vão sobreviver a ela. Por causa da etapa do plano que deixei passar. Por causa de Kistner. Mergulho a mão no bolso do avental. Fecho o espaço. Ainda não, ainda não. Meu ferimento não me deixa andar com firmeza. Preciso atingi-lo com o primeiro tiro.

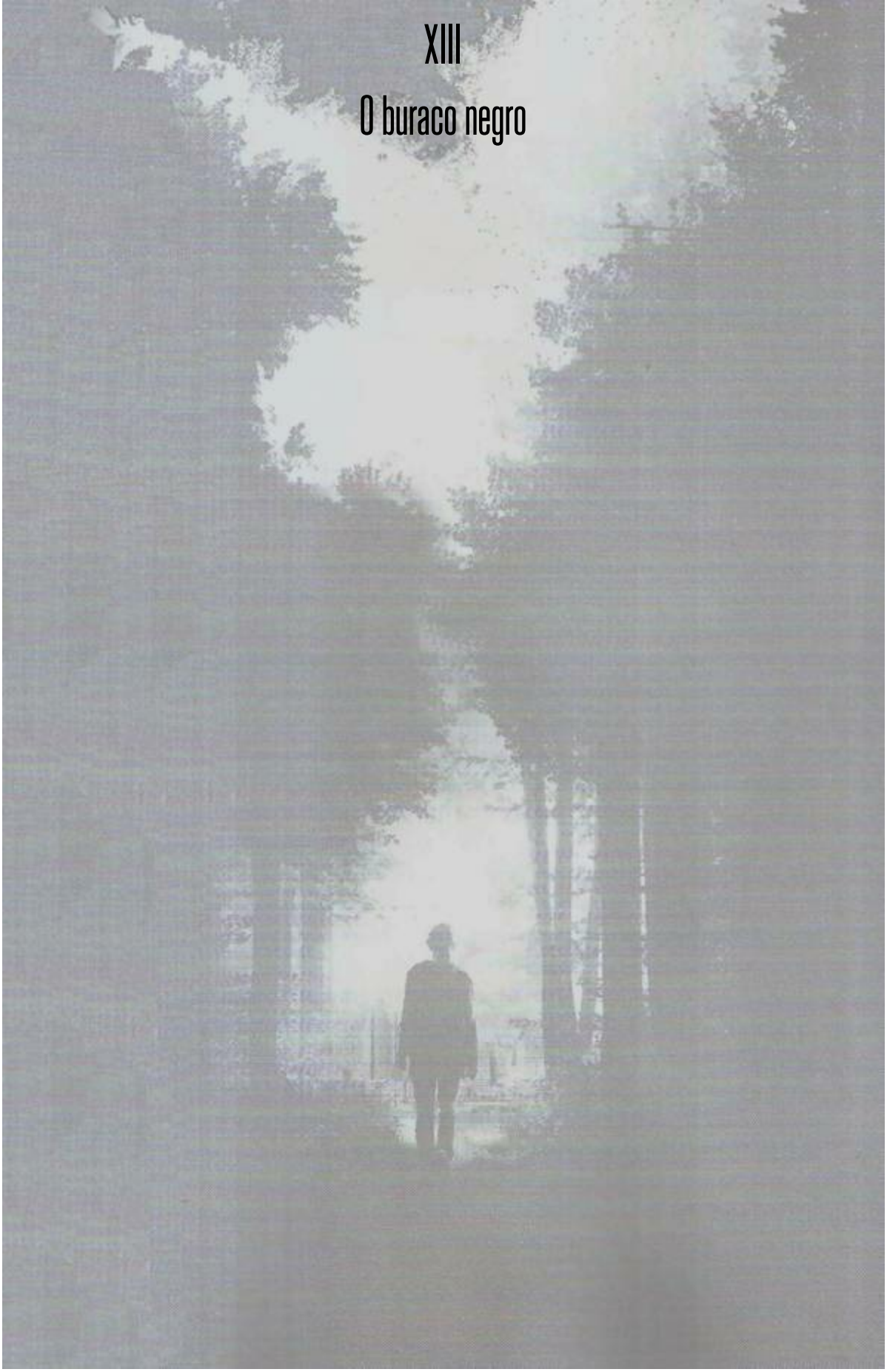
Sim, ele c um garoto.

Sim, ele é inocente.

E, sim, ele está frito.

XIII

O buraco negro



Quero mergulhar no doce cheiro de Sammy para sempre, mas não posso. O lugar está fervendo de soldados armados, alguns deles Silenciadores, ou, pelo menos, não adolescentes, de modo que devo supor que sejam Silenciadores. Conduzo Sammy até uma parede, colocando um grupo de crianças entre nós e o guarda mais próximo. Abaixo-me o máximo possível e sussurro:

— Você está bem?

Ele assente com um gesto de cabeça.

Eu sabia que você vinha, Cassie.

— Eu prometi, não foi?

Ele está usando um medalhão em forma de coração ao redor do pescoço. O que é aquilo? Eu o toco, e ele recua um pouco.

— Por que você está vestida desse jeito? — ele quer saber.

— Depois eu explico.

— Agora você é um soldado, não é? De que esquadrão você é?

Esquadrão?

— Nenhum esquadrão — respondo. — Eu sou o meu esquadrão.

Sammy franze o cenho.

— Você não pode ser seu esquadrão, Cassie.

Aquele realmente não é o momento para discutir a ridícula questão do esquadrão, Olho em volta da sala.

— Sam, nós vamos sair daqui.

— Eu sei. O major Bob disse que nós vamos viajar num avião bem grande. — Ele mostra o major com um gesto de cabeça, começa a acenar para ele, Eu abaixo a sua mão.

— Um avião grande? Quando?

Ele dá de ombros.

— Logo. — Ele pegou Urso. Agora meu irmão o examina, virando-o nas mãos. — A orelha dele está rasgada — fala em tom acusador, como se eu tivesse negligenciado minha tarefa.

— Hoje à noite? — pergunto. — Sam, isso *é* importante. VOCÊS vão partir hoje à noite?

— Foi o que o major Bob falou. Ele disse que estão *vaculando* todos os não essenciais.

— *Vaculando*? Ah, entendi, eles estão evacuando as crianças.

Minha .mente está a mil, tentando processar a informação. É essa a saída? Simplesmente subir a bordo com os outros e correr o risco na hora da aterrissagem, seja lá onde iremos aterrissar? Deus, por que me livrei do traje de segurança? Mas mesmo se eu o tivesse guardado e pudesse me esgueirar para dentro do avião, não era esse o plano.

"Vai haver veículos de fuga compactos em algum lugar da base, provavelmente perto do centro de comando ou dos alojamentos de Vosch. Basicamente, eles são foguetes para um tripulante, pré-programados para aterrissar em segurança em algum ponto distante da base. Não me pergunte onde, mas os veículos são sua melhor chance. Não é

tecnologia humana, mas vou explicar como operar um deles. Se você puder encontrar um, e se vocês dois couberem nele, e se você viver o bastante para encontrar um em que os dois caibam."

São muitos "ses". Eu deveria nocautear um garoto do meu tamanho e roubar-lhe o traje.

— Há quanto tempo você está aqui, Cassie? — Sam pergunta. Acho que ele desconfia que eu o evitei, talvez porque deixei a orelha de Urso se rasgar.

— Mais tempo do que eu gostaria — resmungo. E tomo uma decisão: não vamos ficar ali nem mais um minuto além do necessário e não vamos fazer uma viagem sem volta para o Campo Abrigo II, Não vou trocar um campo de extermínio por outro.

Meu irmão está brincando com a orelha rasgada de Urso. Para falar a verdade, não é seu primeiro ferimento. Perdi a conta de quantas vezes meus pais tiveram que remendá-lo. Ele tem mais pontos pelo corpo do que Frankenstein. Eu me inclino para chamar a atenção de Sammy, e é neste momento que ele me encara e pergunta:

— Onde está o papai?

Minha boca se move, mas não deixa nenhum som escapar. Eu nem tinha pensado em contar a ele, ou como contar a ele.

— Papai? Ah, ele está... — "Não, Cassie. Não complique as coisas." Não quero que ele tenha um colapso emocional quando estamos nos preparando para a fuga. Decido deixar nosso pai viver por mais algum tempo.

— Ele está esperando por nós no Campo Ashpit.

Seu lábio inferior começa a tremer.

— Papai não está aqui?

— Papai está ocupado — digo, esperando que ele se cate, e sinto-me um lixo ao agir dessa maneira. — Foi por isso que ele me mandou. Para buscar você. E é isso que estou fazendo, bem agora, buscando você.

Eu o ponho de pé. Ele continua.

— E o avião?

— Você perdeu o voo. — Sam me lança um olhar confuso. "Perdi o voo?" — Vamos.

Agarro sua mão e ando até o túnel, mantendo os ombros para trás e a cabeça para cima, porque, esgueirar-me na ponta dos pés para a saída mais próxima, certamente vai chamar atenção. Eu até grito com algumas crianças para saírem do caminho. Se alguém tentar nos parar, não vou atirar. Vou explicar que o garoto está passando mal e vou levá-lo ao médico antes que ele vomite em toda a roupa e em outras pessoas. Se não acreditarem na minha história, vou atirar.

E, então, chegamos ao túnel e, por incrível que pareça, um médico está caminhando diretamente até nós, metade do rosto coberto por uma máscara cirúrgica. Ele arregala os olhos quando nos vê, e lá se vai a minha inteligente história: o que significa que, se ele parar, vou ter que atirar nele. Quando nos aproximamos, vejo que ele casualmente põe a mão no bolso do avental branco, e o alarme soa na minha cabeça, o mesmo alarme que disparou na loja de conveniência atrás dos refrigeradores de cerveja, exatamente antes de eu esvaziar todo um pente num soldado que segurava um crucifixo.

Tenho metade de meio segundo para decidir.

Esta é a primeira regra da última guerra: não confie em ninguém.

Levanto o silenciador na altura de seu peito, quando a mão dele sai do bolso.

A mão que segura uma pistola.

Mas a minha segura um fuzil de assalto M16.

Quanto tempo dura metade de meio segundo?

O bastante para que um garotinho que não conhece a primeira regra salte entre a pistola e o fuzil.

— Sammy! — grito, interrompendo o tiro.

O meu irmãozinho se levanta nos dedos dos pés, seus dedos agarram a máscara do médico e a puxam para baixo.

Eu detestaria ver a expressão no meu rosto quando a máscara cai e vejo o' rosto atrás dela. Mais magro do que me lembro. Mais pálido. Olhos fundos nas órbitas, meio vidrados, como se estivesse doente ou ferido, mas eu o reconheço. Sei de quem é o rosto que estava escondido atrás da máscara. Eu apenas não consigo processar a informação.

Aqui, nesse lugar. Mil anos depois e um milhão de quilômetros dos corredores do Colégio George Bernard. Aqui, no ventre da besta no fundo do mundo, parado bem na minha frente.

Benjamin Thomas Parish.

E Cassiopeia Marie Sullivan, tendo uma experiência extracorpórea completa, vendo-se vendo Ben. A última vez em que ela o viu foi no ginásio de esportes do colégio, depois que as luzes se apagaram, e, mesmo assim, apenas de costas. E as únicas vezes em que o viu desde então se passaram em sua mente, cuja parte racional sempre soube que Ben Parish estava morto como todos os outros.

— Zumbi! -- Sammy chama. Eu sabia que era você.

"Zumbi?"

— Para onde você o está levando? — Ben me pergunta em tom grave.

Não me lembro de sua voz ser tão grave assim. É minha memória que está falhando, ou ele a está baixando intencionalmente, a fim de parecer mais velho?

— Zumbi, essa é a Cassie — Sammy censura. — Você sabe... a Cassie.

— Cassie? — Como se ele nunca tivesse ouvido o nome antes.

— Zumbi? — repito, porque eu realmente não tinha ouvido o nome antes.

Tiro o quepe, imaginando que o ajude a me reconhecer, e me arrependo de imediato. Sei como os meus cabelos estão.

— Nós vamos ao mesmo colégio — digo, correndo os dedos apressadamente pelos cachos cortados. — Sento na sua frente na aula de química.

Ben sacode a cabeça, como se estivesse afastando as teias de aranha.

Sammy continua.

— Eu disse que ela vinha.

— Quieto, Sam — repreendo.

— Sam? — Ben pergunta.

— Cassie, o meu nome agora é Nugget — meu irmão informa.

— Ora, claro que é. — Viro-me para Ben. — Você conhece meu irmão.

Ben assente, cauteloso. Ainda não entendo a atitude dele. Não que eu esperasse que

ele me abraçasse ou mesmo se lembrasse de mim da aula de química, mas seu tom de voz está tenso, e ele ainda está segurando a pistola ao lado do corpo.

— Por que você está vestido como médico? — Sam quer saber.

Ben como médico, eu como soldado. Como duas crianças brincando de se fantasiar. Um falso doutor e um falso soldado considerando se devem estourar os miolos um do outro.

Aqueles primeiros momentos entre nós dois foram muito estranhos.

— Eu vim para tirar você daqui — Ben diz para Sam, ainda olhando para mim.

Sam olha para mim. Não é para isso que estou lá? Agora ele está realmente confuso.

— Você não vai levar o meu irmão para nenhum lugar — replico.

— É tudo mentira — Ben dispara. — Vosch é um deles. Eles estão nos usando para matar os sobreviventes, para nos matar uns aos outros...

— Eu sei disso — respondo irritada. — Mas como *você* sabe disso, e o que isso tem a ver com levar Sam?

Ben parece perplexo com minha reação à sua revelação bombástica. Então, eu compreendo. Ele acha que fui doutrinada como todos os outros no campo. É tão ridículo, que chego mesmo a rir. Enquanto estou rindo como uma idiota, entendo outro detalhe: ele também não foi submetido a uma lavagem cerebral.

O que significa que posso confiar nele.

A menos que esteja me enganando, obrigando-me a baixar a guarda, e a arma, para que possa me matar e levar Sam.

O que significa que não posso confiar nele.

Também não posso ler a sua mente, mas ele deve estar seguindo o mesmo raciocínio que eu quando solto a gargalhada. Por que essa garota doida com cabelos tipo capacete está rindo? Porque ele disse o óbvio, ou porque eu acho que ele está mentindo?

— Já sei — Sammy diz para promover a paz. — A gente pode ir junto!

— Você sabe como sair daqui? — pergunto a Ben.

Sammy é mais crédulo do que eu, mas vale a pena explorar a ideia. Encontrar os pontos de fuga, se existirem, sempre foi o ponto mais fraco de meu plano de retirada.

Ben assente.

— E você?

— Sei de um jeito — só não sei de que jeito chegar lá.

— De que jeito chegar lá? Certo.

Ele sorri. O aspecto dele é horrível, mas o sorriso não mudou nada. Ele ilumina o túnel como uma lâmpada de mil watts.

— Eu conheço o jeito, e o jeito para chegar lá.

Ben larga a pistola no bolso e estende a mão vazia.

— Vamos juntos.

O que me deixa indecisa é se eu seguraria aquela mão, se fosse de outra pessoa que não Ben Parish.

Sammy nota o sangue antes de mim.

— Não é nada — Ben resmunga.

Não é o que a expressão de seu rosto me diz. Considerando sua expressão, é muito mais do que nada.

É uma longa história, Nugget — Ben fala. — Mais tarde eu conto.

Para onde estamos indo? — quero saber.

Não que estejamos chegando lá, seja onde for, muito depressa. Ben anda arrastando os pés ao longo do labirinto de corredores como um verdadeiro zumbi. O rosto de Ben de que me lembro ainda está lá, mas está esmaecido... ou, talvez, não esmaecido, mas solidificado em uma versão mais magra, mais bem definida e dura de seu antigo rosto. Como se alguém tivesse cortado as partes que não eram absolutamente necessárias para que Ben mantivesse a sua essência.

— De modo geral? Para o mais longe daqui. Depois desse túnel, subimos à direita. De lá, vamos para um duto de ar onde podemos...

— Espere! — Agarro seu braço. A surpresa por vê-lo de novo me fez esquecer totalmente. — O rastreador de Sammy.

Ele me encara por um segundo e, então, ri desanimado.

— Esqueci totalmente.

— Esqueceu o quê? — Sammy quer saber.

Eu me abaixo apoiada em um joelho e seguro as mãos dele. Estamos a vários corredores de distância da sala de segurança, mas a voz do major Bob no megafone ainda ecoa e salta pelos túneis.

— Sam, tem uma coisa que precisamos lazer. Uma coisa importante. Aqui, as pessoas não são quem dizem ser.

— Quem elas são? — ele sussurra.

— Pessoas más, Sam. Muito más.

— Teds — Ben ajunta. — A dra. Pam, os soldados, o comandante... até o comandante. Todos estão infestados. Eles nos enganaram, Nugget.

Os olhos de Sam estão muito arregalados.

— O comandante também?

— O comandante também — Ben repete. — Então nós vamos sair daqui e vamos encontrar Esp. — Ele nota o meu olhar interrogativo. — Esse não é <3 verdadeiro nome dela.

— É mesmo? — Sacudo a cabeça. Zumbi, Nugget, Esp. Deve ser coisa do exército. Volto a olhar para Sam. — Eles mentiram sobre muitas coisas, Sam. Sobre quase tudo. — Solto sua mão e passo os dedos em sua nuca, encontrando a pequena protuberância sob a pele. — Essa é uma das mentiras deles, essa coisa que puseram em você. Eles a usam para rastreá-lo... mas também podem usá-la para machucá-lo.

Ben agacha-se ao meu lado.

— Então a gente vai ter que tirá-lo, Nugget.

Sam assente, o lábio inferior carnudo tremendo, os olhos grandes enchendo-se de lágrimas.

— Tá-á cer-to...

— Mas você tem que ficar muito quieto e calmo — aviso. — Você não pode gritar, nem chorar, nem se virar. Acha que consegue?

Ele assente de novo, e uma lágrima salta e escorre para o meu braço. Eu me levanto, e Ben e eu nos afastamos para uma breve conferência pré-cirurgia.

— Ainda vamos ter que usar isto — digo, mostrando a faca de combate de 25 centímetros de comprimento, tendo o cuidado para que Sammy não a veja.

Ben arregala os olhos.

— Você é quem sabe, mas eu ia usar isto — ele retruca, tirando um bis- turi do bolso do aventai.

— Provavelmente é melhor.

— Quer fazer isso?

— Eu deveria. Ele e meu irmão. Mas pensar em cortar a nuca de Sammy me enche de temor.

— Deixe que eu faço — Ben oferece. — Você o segura, eu corto.

— Então não é um disfarce? Você conseguiu um diploma aqui na Universidade E.T.?

Ele exibe um sorriso sombrio.

— Só procure manter o seu irmão o mais imóvel possível para que eu não corte nada importante.

Voltamos para perto de Sam, que agora está sentado recostado à parede, apertando Urso junto ao peito e nos observando, os olhos assustados indo de um lado a outro. Sussurro para Ben:

— Se você o machucar, Parish, vou enfiar esta faca no seu coração.

Ele olha para mim, perplexo.

— Eu nunca iria machucá-lo.

Coloco Sam no meu colo e o viro de bruços sobre minhas pernas, o queixo pendendo na borda de minha coxa. Olho para a mão que segura o bisturi. Está tremendo.

— Eu estou bem — ele sussurra. — De verdade. Estou bem. Não o deixe se mexer.

— Cassie...! — Sammy sussurra.

— Shhh, shhh. Fique muito quieto. Vai ser rápido — prometo. — Seja rápido — digo a Ben.

Seguro a cabeça de meu irmão com ambas as mãos. Quando Ben aproxima o bisturi, sua mão está firme como uma rocha.

Ei, Nugget — ele diz. — Tudo bem se eu tirar o medalhão primeiro?

— Sammy concorda com um gesto de cabeça, e Ben abre o fecho, O metal retine em sua mão quando ele o tira.

— É seu? — pergunto a Ben, surpresa.

— Da minha irmã. — Ben larga o medalhão no bolso. Pelo seu jeito de falar, sei que ela está morta.

Viro a cabeça. Trinta minutos antes eu teria estourado o rosto dele, e agora não consigo ver alguém fazer um corte mínimo. Sammy se retorce quando a lâmina corta-lhe a pele. Ele morde minha perna para não gritar. Morde com vontade. Preciso de muita determinação para ficar imóvel. Se eu me mover, a mão de Ben pode escorregar.

— Depressa — chio com voz de camundongo.

— Achei! — O rastreador gruda na ponta do dedo médio e ensanguentado de Ben.

— Livre-se dele.

Ben o sacode da mão e cola uma atadura no corte. Ele veio preparado. Eu vim com uma faca de combate de 25 centímetros de comprimento.

— Pronto, Sam, acabou — digo num gemido. — Pode parar de me morder.

— Está doendo, Cassie!

— Eu sei, eu sei. — Ergo seu corpo e lhe dou um forte abraço. — Você foi muito corajoso.

— Eu sei — ele responde sério, balançando a cabeça.

Ben me oferece a mão e me ajuda a levantar. A mão dele está pegajosa com o sangue de Sam. Ele larga o bisturi no bolso e torna a pegar a pistola.

— É melhor a gente ir andando — ele diz com calma, como se fôssemos perder o ônibus.

De volta ao corredor principal, Sammy encostado com força ao meu corpo. Viramos a última curva e, de repente, Ben para, e eu me choco de encontro às suas costas. O som dos disparos de uma dezena de semiautomáticas ecoa no túnel, e escuto uma voz familiar dizer:

— Está atrasado, Ben. Eu esperava você muito antes.

Uma voz profunda, dura como aço.

85

Perco Sammy pela segunda vez. Um soldado-silenciador leva-o embora, para junto das outras crianças à sala de segurança a ser evacuada, suponho. Outro Silenciador leva-nos até a sala de execução. A sala com o espelho e o botão. A sala onde pessoas inocentes são ligadas a fios e eletrocutadas. A sala de sangue e mentiras. Parece adequado.

— Vocês sabem por que vamos vencer essa guerra? — Vosch nos pergunta depois de nos trancar. — Por que não podemos perder? Porque sabemos como pensam. Temos observado vocês há 6 mil anos. Quando as pirâmides foram erguidas no deserto do Egito, estávamos observando. Quando César incendiou a biblioteca na Alexandria, estávamos observando. Quando vocês crucificaram o camponês do primeiro século, estávamos observando. Quando Colombo pôs os pés no Novo Mundo... quando vocês participaram de uma guerra para libertar milhões de seres humanos da escravidão... quando aprenderam a dividir o átomo... quando se aventuraram pela primeira vez além de sua atmosfera... O que estávamos fazendo?

Ben não está olhando para ele. Nenhum de nós está. Ambos estamos sentados na frente do espelho, olhando diretamente para nossas imagens distorcidas no vidro quebrado. A sala do outro lado está às escuras.

— Vocês estavam nos observando — digo.

Vosch está sentado em frente ao monitor, a cerca de meio metro de distância de mim. Ao meu lado, Ben, e, atrás de nós, um Silenciador muito robusto.

— Estávamos aprendendo como vocês pensam. Esse é o segredo da vitória, como o

nosso sargento Parish já sabe: compreender como o inimigo pensa. A chegada da nave mãe não foi o começo, mas o começo do fim. E, agora, aqui estão vocês, num assento da primeira fila para o final, uma espiada especial no futuro. Vocês gostariam de ver o futuro? O seu faturo? Vocês gostariam de olhar até o fundo da experiência humana?

Vosch aperta um botão no teclado. As luzes do aposento do outro lado do espelho acendem-se.

Há uma cadeira e um Silenciador parado a seu lado. Amarrado à cadeira, o meu irmão, Sammy, com grossos fios fixados em sua cabeça.

— Esse é o futuro — Vosch sussurra. — O animal humano amarrado, sua morte na ponta de nossos dedos. E, quando vocês terminarem a tarefa que lhes demos, vamos apertar o botão de execução, e o seu deplorável gerenciamento desse planeta vai chegar ao fim.

— Você não precisa fazer isso! — eu grito. O silenciador atrás de mim põe a mão no meu ombro e aperta com força. Mas não forte o bastante para evitar que eu pule da cadeira. — Você só precisa instalar um implante em nós e fazer o download de nossos pensamentos no País das Maravilhas. Isso não vai lhe dizer tudo o que quer saber? Você não precisa matá-lo...

— Cassie — Ben diz com suavidade. — Ele vai matar o seu irmão de qualquer jeito.

— Você não deve prestar atenção a ele, minha jovem — Vosch diz. — Ele é fraco. Ele sempre foi fraco. Você mostrou mais coragem e determinação em poucas horas do que ele em sua miserável e curta vida.

Ele faz um gesto de cabeça para o Silenciador, que me empurra de volta para a cadeira.

— Eu vou fazer o seu "download" — Vosch informa. — E vou matar o sargento Parish. Mas você pode salvar a criança. Se você me disser quem a ajudou a se infiltrar nesta base.

— Não vai ficar sabendo se fizer o download? — pergunto ao mesmo tempo em que penso: "Evan está vivo!" E então mudo de ideia: "Não, talvez ele não esteja." Ele pode ter sido morto no bombardeio, pulverizado como todo o resto na superfície. Pode ser que Vosch, como eu, não saiba se Evan está vivo ou morto.

— Porque alguém a ajudou — Vosch fala, ignorando minha pergunta. — E desconfio que esse alguém não seja como o sr. Parish. Ele, ou eles, seria alguém como... bem, eu. Alguém que saberia como anular o programa do País das Maravilhas, escondendo suas verdadeiras lembranças, o mesmo método que usamos durante séculos para nos esconder de vocês.

Estou sacudindo a cabeça. Não tenho ideia do que ele está falando. Verdadeiras lembranças?

— Pássaros são os mais comuns — Vosch fala, correndo distraidamente o dedo sobre o botão em que se lê EXECUTAR. — Corujas. Durante a fase inicial, quando estávamos nos inserindo em vocês, muitas vezes usamos a memória blindada de uma coruja para ocultar o fato da mãe grávida.

— Detesto pássaros — sussurro.

Vosch sorri.

— Os mais úteis da fauna nativa desse planeta. Variados. Considerados benignos, em sua maioria. Tão ubíquos que são praticamente invisíveis. Você sabia que eles descendem dos dinossauros? Esse fato implica uma ironia muito satisfatória. Os dinossauros abriram caminho para vocês, e, agora, com a ajuda de seus descendentes, vocês vão abrir caminho para nós.

— Ninguém me ajudou! berro, interrompendo a aula. — Fiz tudo sozinha!

— Mesmo? Então como explica o fato de, no exato momento em que estava matando a dra. Pam no Hangar Um, dois de nossos sentinelas terem sido mortos a tiros, outro a facada e um quarto jogado de uma altura de 30 metros em seu posto na torre de vigia sul?

▪ Não sei nada sobre isso. Eu só vim encontrar o meu irmão.

A expressão do comandante endurece.

— Você sabe que realmente não há esperança. Todos os seus devaneios e fantasias infantis sobre nos derrotar... são inúteis.

Abro a boca e as palavras saem. Elas simplesmente saem.

— F#@*#.

E o dedo dele aperta o botão com força, como se ele o odiasse, como se o botão tivesse um rosto e esse rosto fosse humano, o rosto da barata senciente, e seu dedo a bota, esmagando-a.

86

Não sei o que fiz primeiro. Acho que gritei. Sei que também me livrei da mão do Silenciador e parti para cima de Vosch com a intenção de arrancar-lhe os olhos. Mas não sei o que ocorreu primeiro, o grito ou a investida. Ben atirando os braços ao meu redor para me segurar com certeza aconteceu depois do grito e da investida, pois eu estava concentrada em Vosch, em meu ódio. Eu nem mesmo olhei para o meu irmão do outro lado do espelho, mas Ben tinha olhado para o monitor e a palavra que saltou para a tela quando Vosch apertou o botão EXECUTAR.

ÔPA.

Eu me viro bruscamente para o espelho. Sammy ainda está vivo, chorando desesperadamente, mas vivo. Ao meu lado, Vosch levanta-se tão depressa, que a cadeira voa pelo aposento e choca-se com a parede.

— Ele entrou no sistema centra! e: modificou o programa — ele rosna para o Silenciador. — Em seguida, ele vai cortar a energia. Mantenha-os aqui. — O comandante grita com o homem parado ao lado de Sammy. — Vigie aquela porta! Ninguém sai até eu voltar.

Vosch precipita-se para fora da sala. A tranca estala. Não há como sair. Ou existe um meio, o meio que usei a primeira vez em que fiquei presa nesse aposento. Olho para a grade acima. “Esqueça, Cassie. É você e Ben contra dois Silenciadores, e Ben está ferido. Nem pense nisso.”

Não. Sou eu, Ben e *Evan* contra os Silenciadores. Evan está vivo. E, se Evan está vivo, não chegamos ao fim, ao fundo da experiência humana. A bota não esmagou a barata. Não ainda.

E é quando a vejo cair de entre as fendas, direto para o chão, o corpo de uma verdadeira barata, recém-esmagada, Eu assisto quando cai em câmera lenta, tão lenta que a vejo quicar quando atinge o piso.

"Você quer se comparar a um inseto, Cassie?"

Meu olhar retorna rápido para a grade onde uma sombra estremece, como o agitar das asas de uma efemérida. E eu sussurro para Ben Parish:

— O que está com Sammy... é meu.

Atordoado, Ben responde com outro sussurro:

— O quê?

Golpeio o abdômen do nosso Silenciador com o ombro, pegando-o desprevenido, e ele tropeça, cai de costas embaixo da grade, agitando os braços para recuperar o equilíbrio, e a bala de Evan penetra o seu cérebro totalmente humano, matando-o instantaneamente. Apodero-me de sua arma, antes que ele atinja o chão, e tenho uma chance: um tiro pelo buraco que fiz antes. Se eu errar, Sammy está morto. O Silenciador está se virando para o meu irmão, no mesmo instante em que me viro para ele.

Mas ou tive um excelente instrutor. Um dos melhores atiradores no mundo, mesmo quando nele habitavam 7 bilhões de pessoas.

Não é exatamente como atirar cm uma lata no poste da cerca.

Na verdade, é muito mais fácil: a cabeça do homem está mais perto e é extremamente maior.

Sammy está a meio caminho de mim, quando o corpo do sujeito cai no chão. Eu o puxo pelo buraco. Ben está olhando para nós, para o Silenciador morto, para o outro Silenciador morto, para a arma na minha mão. Ele não sabe para quem olhar. Eu estou olhando para a grade.

— Estamos livres! — grito para o alto.

Ele dá uma batida na lateral. Primeiro, não entendo, mas, então, rio.

"Vamos combinar um código para quando você quiser vir se esgueirando até onde estou. Uma batida significa que você gostaria de entrar."

— Sim, Evan. — Estou rindo tanto, que começa a doer. — Você pode entrar. — Estou prestes a urinar nas calças de alívio pelo fato de estarmos todos vivos, mas principalmente porque ele está.

Evan salta para o aposento, aterrissando nos calcanhares como um gato. Estou em seus braços no espaço de tempo necessário para dizer "eu te amo" o que ele faz, acariciando meus cabelos, sussurrando meu nome e as palavras.

— Minha efemérida.

— Como você nos achou? — pergunto.

Ele está de tal forma comigo, tão presente, que é como se eu estivesse vendo seus olhos de chocolate pela primeira vez, sentindo os braços fortes e os lábios macios pela primeira vez.

— Calma. Alguém chegou lá antes de mim e deixou um rastro de sangue.

— Cassie?

É Sammy, junto de Ben, porque está sentindo "a coisa Ben" um pouco mais do que "a coisa Cassie" naquele momento. "Quem é esse cara que caiu do duto de ar, e o que cie está fazendo com a minha irmã?"

— Esse deve ser Sammy — Evan diz.

— Esse é Sammy — digo. — Ah! E esse **é...**

— Ben Parish — Ben se apresenta.

— Ben Parish? — Evan pergunta, olhando para mim. — Aquele Ben Parish?

Ben — falo, o rosto em fogo. Quero rir e me esconder sob o balcão ao mesmo tempo. — Este é Evan Walker.

— Ele é seu namorado? — Sammy pergunta.

Não .sei o que dizer. Ben parece totalmente perdido, Evan totalmente divertido, e Sammy simplesmente muito curioso. É meu primeiro momento verdadeiramente embaraçoso no terreno alienígena, e já vivi minha cota de momentos estranhos.

— Ele é um amigo da escola — murmuro.

E Evan me corrige, visto que está claro que perdi a cabeça.

— Na verdade, Sam, Ben é o amigo de Cassie da escola.

— Ela não é minha amiga — Ben retruca. — Quer dizer, acho que até me lembro dela... — E então ele finalmente assimila as palavras de Evan. — Como *você* sabe quem eu sou?

— Ele não sabe! — praticamente grito.

— Cassie me falou de você — Evan conta. Eu cutuco suas costelas com o cotovelo, e ele me dá aquele olhar de "O que foi?"

— Talvez mais tarde possamos bater um papo sobre como todos nos conhecemos — peço a Evan. — Acho que seria uma boa ideia irmos embora agora, você não acha?

— Certo — Evan concorda. — Vamos. — Ele olha para Ben. — Você está ferido.

Ben dá de ombros.

— Alguns pontos arrebentados. Estou bem.

Escorrego a pistola do Silenciador para dentro da sacola vazia, dou-me conta de que Ben precisa de urna arma e salto pelo buraco no espelho para pegá-la. Todos ainda estão parados no aposento, quando volto, Ben e Evan sorrindo um para o outro. Astuciosamente, em minha opinião.

— O que vamos fazer agora? — pergunto com mais rispidez do que pretendia. Puxo a cadeira ao lado do Silenciador e levo-a em direção à grade.

— Evan, você deve ir na frente.

— Nós não vamos por ah — Evan responde. Ele pega o cartão-chave do bolso do Silenciador e passa pela fechadura. Uma luz verde pisca.

— Vamos sair andando? Simples assim?

~ Simples assim — Evan responde.

Ele, antes, checa o corredor, e, então, faz sinal para que o sigamos, e saímos da sala de execução, Aporta tranca-se às nossas costas. O corredor, estranhamente quieto, parece deserto.

— Ele disse que você ia cortar a energia — sussurro, tirando a pistola da sacola.

Evan ergue um objeto prateado que parece um celular flip.

— Eu vou, e é agora.

Evan aperta um botão, e o corredor mergulha na escuridão. Não enxergo nada. Minha mão livre estende-se para o escuro, procurando pela de Sammy. Em vez disso, encontro a de Ben. Ele aperta minha mão com força antes de a soltar. Pequenos dedos puxam a perna da minha calça, e eu os puxo para cima, prendendo-os numa das alças do cós.

— Ben, segure-se em mim — Evan diz em voz baixa. — Cassie, segure-se em Ben. Não é longe.

Imagino que essa fila estranha vá avançar devagar, arrastando os pés, na escuridão de breu, mas nos afastamos depressa, quase tropeçando nos calcanhares uns dos outros. Evan deve poder enxergar no escuro, outra característica felina. Não andamos muito e ficamos amontoados ao redor de uma porta. Pelo menos, acho que é uma porta. É lisa, diferente das paredes de concreto texturizadas. Alguém, provavelmente Evan, empurra a superfície lisa, e somos recebidos por uma lufada de ar fresco.

— Escada? — pergunto num sussurro. Estou completamente cega e desorientada, mas acho que essa escada pode ser a mesma pela qual desci quando cheguei a este lugar.

— No meio do caminho, vamos encontrar alguns destroços — Evan conta. — Mas vocês vão conseguir se espremer e passar. Tenham cuidado, o piso pode estar meio instável. Quando chegarem ao alto, vão para o norte. Vocês sabem de que lado fica o norte?

Ben diz:

— Eu sei. Ou, pelo menos, sei como descobrir.

— O que você quer dizer com quando chegarem ao alto? — pergunto. — Você não vem com a gente?

Sinto a mão de Evan em meu rosto. Sei o que isso quer dizer e afasto a mão com um tapa.

— Você vem com a gente, Evan — digo.

— Tem uma coisa que preciso fazer.

— Está certo. — Minha mão procura pela dele no escuro. Eu a encontro e a puxo com força. — Você tem que vir com a gente.

— Vou encontrar você, Cassie. Eu não encontro você sempre? Eu...

— Não, Evan. Você não sabe se vai poder me achar.

— Cassie. — Não gosto do jeito que ele pronuncia meu nome. A voz dele é suave demais, triste demais, parecida demais com uma voz de adeus.

— Eu me enganei quando disse que era as duas coisas e nenhuma delas.

Não posso ser, sei disso agora. Eu tenho que escolher.

— Espere um minuto — Ben interrompe. — Cassie, esse cara é um deles?

— É complicado — respondo. — Vamos falar disso mais tarde. — Pego a mão de Evan e aperto-a junto ao peito. — Não me deixe outra vez.

— Você me deixou, lembra? — Evan estende os dedos sobre o meu coração, como se o estivesse segurando, como se ele lhe pertencesse, o território pelo qual batalhou com empenho e conquistou.

Desisto. O que vou fazer?Ameaçá-lo com uma arma? “Ele chegou até esse ponto” digo a mim mesma. “Ele vai continuar o resto do caminho”

— O que tem do lado norte? — quero saber, apertando seus dedos.

— Não sei. Mas é o caminho mais curto para o ponto mais distante.

— O ponto mais distante de quê?

— Daqui. Espere pelo avião. Quando ele decolar, corra. Ben, você acha que pode correr?

— Acho que sim.

— Bem depressa?

— Sim. — Mas Ben não parece muito confiante.

— Espere pelo avião — Evan sussurra. — Não esqueça.

Ele me beija na boca com paixão, e, então, o poço da escada fica totalmente sem Evan. Sinto a respiração de Ben na nuca, quente no ar frio.

— Não entendo o que está acontecendo aqui — Ben fala. — Quem é esse cara? Ele é um... O que ele é? De onde ele veio? E para onde ele está indo agora?

— Não tenho certeza, mas acho que ele encontrou o depósito de armas.

“Alguém chegou lá antes de mim e deixou um rastro de sangue.”

“Ah, Deus, Evan. Não é de surpreender que você não me contou.”

— Ele vai explodir toda essa droga de lugar.

87

Não foi uma corrida degraus acima para a liberdade. Nós praticamente rastejamos para cima, segurando-nos uns aos outros, enquanto escalávamos: eu na frente, Ben atrás, e Sammy entre nós dois. O espaço fechado está tomado por finas partículas de poeira, e logo todos estamos tossindo e resfolegando alto o bastante, me parece, para sermos ouvidos 'por todos os Silenciadores em um raio de três quilômetros. Ando com uma das mãos estendida a minha frente na escuridão e informo nosso progresso em voz baixa.

— Primeiro lance!

Cem anos depois chegamos ao segundo patamar. Quase metade do caminho para o topo, mas não passamos pelos destroços sobre os quais Evan nos avisou.

“Tenho que escolher.”

Agora que ele se foi e é tarde demais, surgem vários bons argumentos para que ele não nos deixasse. O melhor deles.

Você não vai ter tempo.”

O Olho leva... quanto? Cerca de dois minutos da ativação à detonação. Mal dá tempo de chegar às portas do depósito de armas. “Certo, então você vai ser a mais nobre das pessoas e se sacrificar para nos salvar, mas então não diga coisas como “eu vou encontrar você”, o que implica que vai haver uni Evan para me encontrar depois que você soltar a bola de fogo verde no inferno.”

A menos que... Talvez os Olhos possam ser detonados por controle remoto, Talvez aquela coisinha prateada que ele leva a todos os lugares...

“Não. Se essa fosse uma possibilidade, ele teria vindo conosco c detonado as bombas, quando estivéssemos a uma distância segura.”

Droga. Sempre que acho que estou começando a compreender Evan Walker, ele escapa. É como se eu fosse cega de nascença e tentasse visualizar um arco-íris. Se o que imagino que está prestes a realmente acontecer, vou sentir sua morte como ele sentiu a de Lauren, como um soco no coração?

Estamos a meio caminho do terceiro lance de escadas, quando minha mão bate num monte de pedras, Viro-me para Ben e sussurro:

— Vou ver se consigo escalar. Talvez tenha espaço para passarmos pelo alto.

Entrego-lhe meu fuzil e me seguro firmemente com as duas mãos. Nunca escalei muitas rochas, ou melhor, minha experiência é zero, mas, na verdade, será que *é* tão difícil?

Subo cerca de um metro, quando uma pedra escorrega sob meu pé e caio, batendo com força o queixo no trajeto.

— Vou tentar — Ben se oferece.

— Não seja bobo. Você está ferido.

— Eu teria que tentar, se você tivesse conseguido, Cassie — ele argumenta.

Naturalmente, Ben tem razão. Seguro Sammy, enquanto Ben escala a massa de concreto quebrado e barras de ferro retorcido. Posso ouvi-lo gemer a cada vez que estende a mão em busca de outro ponto de apoio. Algo molhado pinga no meu nariz. Sangue.

— Você está bem? — pergunto a ele.

— Ahn... defina “bem”

— “Bem” significa que você não está sangrando até morrer.

— Estou bem.

“Ele é fraco”, Vosch disse. Lembro-me do modo como Ben caminhava pelos corredores do colégio, gingando os ombros largos, fulminando as pessoas com seu sorriso mortal, o mestre do universo. Nunca o teria chamado de fraco então. Mas o Ben Parish que conheci naquela época é muito diferente do Ben Parish que agora escala uma parede de pedras pontudas e metal retorcido. O novo Ben Parish tem o olhar de um animal ferido. Não sei o que ocorreu com ele entre aquele dia 110 ginásio de esportes e agora, mas sei que os Outros conseguiram separar o fraco do forte.

O fraco foi varrido para longe.

Essa é a falha no plano mestre de Vosch: se não matar todos nós de uma vez, não serão os fracos que vão sobreviver.

É o forte que vai permanecer, os dobrados, porém intactos, como as barras de ferro que davam resistência a este concreto.

Enchentes, incêndios, terremotos, doenças, fome, traições, isolamento, assassinato.

O que não nos mata nos fortalece. Endurece. Disciplina.

"Você está forjando das espadas relhas de arado, Vosch. Você está nos transformando.”

"Somos a argila, e você é Michelangelo.”

“E nós seremos a sua obra-prima.”

88

— E aí? — pergunto, depois que se passaram vários minutos, e Ben não desce — nem do jeito lento, nem do rápido.

— Espaço... exatamente.,, suficiente. Eu acho, — A voz soa fraca. É um trecho bem comprido, mas posso ver luz adiante. Uma luz brilhante. Como holofotes. EÍ...

— E? E o quê?

— Não é muito firme. Posso sentir o chão deslizando debaixo de mim. Eu me abaixo diante de Sammy, digo-lhe para subir no meu colo, e ele se abraça ao meu pescoço.

— Segure firme, Sam. — Ele aperta a ponto de me sufocar. — Ahh ofego. — Não tanto assim.

— Não deixe eu cair, Cassie — ele sussurra 110 meu ouvido, quando começo a subir.

— Não vou deixar, Sam.

Ele aperta 0 rosto de encontro às minhas costas, completamente confiante de que não vou deixá-lo cair. Ele enfrentou quatro ataques alienígenas, sofreu Deus sabe o que na fábrica da morte de Vosch e ainda confia que, de algum jeito, tudo vai ficar bem.

"Você sabe que realmente não há esperança", Vosch disse. Ouvi essas palavras antes, com outra voz, a minha voz, na barraca na floresta, sob 0 carro na rodovia. "Irrealizável. Inútil. Sem sentido."

Eu acreditava no que Vosch disse.

Na sala de segurança, vi um mar infinito de rostos voltados para cima. Se tivessem perguntado, eu teria lhes dito que não havia esperança, que nada tinha sentido? Ou teria falado: "Subam nos meus ombros, não vou deixar vocês caírem"?

Estender a mão. Agarrar. Apoiar o pé. Descansar.

Estender a mão. Agarrar. Apoiar o pé. Descansar.

"Subam nos meus ombros, não vou deixar vocês caírem."

89

Ben agarra meus pulsos, quando me aproximo do topo dos destroços, mas, ofegante, peço a ele que puxe Sam primeiro, Não me resta nada para apoiar 0 pé nessa etapa final. Fico apenas pendurada ali, esperando que Ben me pegue de novo. Ele me puxa para o espaço limitado, uma pequena faixa entre o teto e 0 alto do deslizamento. A escuridão ali não é tão densa, e posso ver seu rosto macilento coberto de poeira de concreto, sangrando com os novos arranhões.

— Direto para a frente — ele sussurra! — Talvez uns 30 metros. — Não há espaço para levantar ou sentar: estamos deitados de bruços com os narizes praticamente colados. — Cassie, não tem... nada, O campo todo desapareceu. Simplesmente... desapareceu.

Balanço a cabeça. Vi de peito e pessoalmente o que Evan é capaz de fazer.

— Preciso descansar — falo ofegante, e por algum motivo estou preocupada com o

meu hálito. Quando foi a última vez que escovei os dentes?

— Sams, você está bem?

— Sim.

— E você? — Ben pergunta.

— Defina "bem".

— Essa definição muda a toda hora — ele responde. — Eles iluminaram o lugar ali fora.

— O avião?

— Está lá. Grande, um daqueles aviões de carga imensos.

— Tem um monte de crianças.

Rastejamos em direção à faixa de luz que se insinua pela fenda entre os destroços e a superfície. É um trajeto difícil. Sammy começa a choramingar. As mãos estão arranhadas e em carne viva, o corpo machucado pelas pedras ásperas. Nós nos espremos por pontos tão estreitos, que o teto arranha nossas costas. Num momento, fico presa, e Ben precisa de vários minutos para me libertar. A luz empurra a escuridão para trás, fica brilhante, tão brilhante que consigo ver partículas de pó girando de encontro ao fundo negro.

— Estou com sede — Sammy choraminga.

Estamos quase chegando — garanto, — Está vendo a luz?

Pela abertura, vejo todo o Vale da Morte leste, a mesma paisagem deserta do Campo Ashpit multiplicado por dez, graças aos holofotes balançando em postes apressadamente erguidos, ancorados nos poços de ventilação que levavam ar ao complexo abaixo.

Acima de nós, o céu noturno pontilhado de teleguiados. Centenas deles, pairando a milhares de metros de altura, imóveis, os ventres cinzentos cintilando na luz. No chão, abaixo deles, e bem à minha direita, um avião enorme está pousado perpendicular a nossa posição. Quando decolar, vai passar direto por nós.

— Eles carregaram o.,. — começo, mas Ben me interrompe cora sibilo.

— Eles ligaram os motores.

— Para que lado fica o norte?

— À 2 horas. — Ele aponta.

Seu rosto não tem cor. Nenhuma. A boca está um pouco entreaberta, como um cachorro arfante. Quando ele se inclina para olhar o avião, vejo que toda a frente da camisa está molhada.

— Você consegue correr? — pergunto.

— Eu preciso. Portanto, sim.

Eu me viro para Sam.

— Assim que sairmos, volte para as minhas costas, está bem?

— Posso correr, Cassie — meu irmão protesta. — Eu sou rápido.

— Eu o levo — Ben oferece.

— Não seja ridículo — replico.

— Não sou tão fraco quanto parece. — Ele deve estar pensando em Vosch.

— Claro que não — respondo. — Mas, se você cair com ele, nós três vamos morrer.

— A mesma coisa pode acontecer com você.

— Ele é meu irmão. Eu vou levá-lo. Além disso, você está ferido e... Isso é tudo que consigo dizer. O resto é abafado pelo rugido do imenso avião que está vindo em nossa direção, acelerando.

— É agora! — Ben grita, mas não consigo ouvi-lo. Preciso ler seus lábios.

90

Agachamo-nos na abertura, apoiados na ponta dos dedos e nos calcanhares. O ar frio vibra de acordo com o ensurdecedor trovejar do grande avião que vocifera no chão batido. Ele fica nivelado conosco quando a roda dianteira se ergue, e é quando se ouve a primeira explosão.

E eu penso: “Hum, um pouco cedo, Evan.”

O chão se desloca, e saímos correndo, Sammy balançando para cima e para baixo nas minhas costas, e atrás de nós o poço da escada parece desabar silenciosamente, porque todos os sons são abafados pelo rugido do avião. A pressão traseira dos motores atinge meu lado esquerdo. Tropeço e quase escorrego. Ben me segura e puxa para a frente.

E, então, sou transportada pelo ar. A terra incha como um balão inflado e volta ao lugar, abrindo-se devido à violenta força. Tenho receio de que meus tímpanos estouraram. Felizmente para Sam, aterrisso de bruços, mas não foi tão agradável para mim, porque o impacto arranca todos os centímetros cúbicos de ar dos meus pulmões. Sinto que o peso de Sammy desapareceu e, então, vejo Ben colocando-o sobre o ombro. Eu me levanto, mas caio para trás, e penso: "Fraco uma ova, uma ova.”

Diante de nós, o chão parece se estender ao infinito. Atrás de nós, está sendo sugado para um buraco negro, e o buraco nos segue à medida que se expande, devorando tudo em seu caminho. Qualquer escorregão e seremos puxados para o interior, e nossos corpos moídos em fragmentos microscópicos.

Escuto um grito agudo vindo de cima, e um teleguiado choca-se com a terra a uns dez metros de distância. O impacto o desfaz em pedaços, transformando-o em uma granada do tamanho de um automóvel. Milhares de estilhaços afiados são atirados pela explosão, rasgando minha camisa cáqui em tiras e penetrando em minha pele exposta.

Esta chuva de teleguiados obedece a um ritmo. Primeiro, o grito da Banshee. Depois, a explosão, quando se chocam com o chão duro como pedra. Em seguida, a rajada de destroços. Nós nos desviamos dos pingos dessa chuva mortal, zigue-zagueando pela paisagem sem vida, enquanto ela é consumida pelo faminto buraco negro que nos segue.

Também tenho mais um problema. O joelho. O velho ferimento provocado por um Silenciador na floresta. Sempre que meu pé bate no chão duro, uma dor aguda desce pela perna, deixando-me desconcertada, me retardando. Fico cada vez mais para trás. A sensação de estar correndo menos, me atrasando mais, enquanto alguém bate sem parar no meu joelho com uma marreta.

Uma cicatriz surge no perfeito nada adiante. Cresce. Aproxima-se de nós numa velocidade assustadora.

— Ben! — grito, mas ele não pode me ouvir em meio a todos os gritos, explosões e implosões ensurdecedoras de 200 toneladas de rochas desabando no vácuo criado pelos Olhos.

A sombra indistinta que vem em nossa direção cria uma forma, e, então, a forma se transforma em um veículo do exército, pontilhado de torres de tiro voltadas para nós.

Patifes determinados.

Ben agora o vê, mas não temos escolha, não podemos parar, não podemos voltar, “Pelo menos eles também serão sugados" penso.

E, então, eu caio.

Não sei bem por quê, Não me lembro da queda em si. Num momento estou em pé, no seguinte estou com o rosto no chão, e é como se eu me perguntasse: “De onde veio essa parede?” Talvez o meu joelho tenha travado. Talvez eu tenha escorregado. Mas estou no chão e sinto a terra debaixo de mim, chorando e gritando, enquanto o buraco a dilacera, como se um predador faminto estivesse devorando uma criatura viva.

Tento me levantar, mas o chão não coopera. Ele se empena debaixo de mim, e caio novamente. Ben e Sam estão a vários metros adiante, ainda correndo, e lá está o jipe militar, cortando-lhe a frente no último segundo, muito depressa. Ele mal desacelera. A porta abre-se de repente, e um garoto magro se inclina para fora, a mão estendida para Ben.

Ben arremessa Sammy para o garoto, que puxa meu irmão para dentro e, então, bate a mão com força na lateral do veículo como se estivesse dizendo, “Vamos, Parish, vamos!”

E, então, em vez de saltar para dentro do jipe como uma pessoa normal, Ben Parish vira-se e volta correndo até onde estou.

Aceno para que volte. “Não dá tempo, não dá tempo, não dá tempo, não dá tempo, não dá tempo.”

Sinto o hálito da besta nas minhas pernas nuas, quente e empoeirado, terra e pedras pulverizadas, e o chão se abre entre nós dois quando o pedaço em que me encontro se desprende e começa a deslizar para a cratera sem luz.

Isso faz com que eu escorregue para trás, para longe de Ben, que sensatamente se jogou de bruços na beirada da fissura, para não deslizar comigo direto para o buraco negro. Nossos dedos se tocam, flertam uns com os outros, o dedo mínimo dele se engancha no meu. “Salve-me, Parish. A promessa do dedo mindinho, está bem?” mas ele não pode me puxar pelo mindinho. E, assim, no meio segundo que tem para decidir, ele decide, solta o meu dedo e arrisca a única oportunidade de agarrar meu pulso.

Vejo-o abrir a boca, mas não escuto nenhum som, quando ele se atira para trás, puxando me para cima e para fora sem me soltar, segurando meu pulso com as duas mãos e virando-se como um lançador de peso, atirando-me na direção do jipe, Acho que meus pés chegaram mesmo a sair do chão.

Outra mão pega meu braço e puxa para dentro. Acabo aterrissando nas pernas do garoto magro, somente agora perto o bastante para perceber que não é um garoto, mas uma garota de olhos negros e cabelos pretos, brilhantes e lisos. Sobre seu ombro, vejo Ben saltar para a traseira do jipe, mas não consigo ver se ele consegue se segurar. Em seguida, sou jogada de encontro à porta, quando o motorista vira violentamente a direção para a

esquerda, na tentativa de evitar um teleguiado em plena queda. Ele aperta fundo o acelerador.

O buraco já engoliu todas as luzes, mas é urna noite clara, e não tenho dificuldade em ver a borda da cratera disparando na direção do jipe, a boca escancarada da besta. O motorista, que é jovem demais para ter licença para dirigir, gira a direção de um lado a outro, evitando a torrente de teleguiados explodindo a nossa volta. Um deles cai diante de nós. Não há tempo de desviar, de modo que disparamos em meio à explosão. O para- -brisa se desintegra, cobrindo-nos com uma chuva de vidro.

A roda traseira derrapa, somos sacudidos, saltamos para a frente, agora a centímetros do buraco. Não posso mais olhar para ele. Então, olho para cima.

Onde a nave mãe navega serenamente no céu.

E, abaixo dela, caindo rapidamente em direção ao horizonte, outro teleguiado.

"Não, não é um teleguiado", penso. "Está brilhando."

Deve ser uma estrela cadente, a cauda em fogo como um cordão de prata ligando-a aos céus.

91

Quando o amanhecer se aproxima, estamos a quilômetros de distância, escondidos sob uma passagem de acesso para a rodovia. O garoto com orelhas muito grandes, que chamam de Dumbo, está ajoelhado ao lado de Ben, aplicando-lhe uma nova atadura no ferimento lateral. Ele já cuidou de mim e de Sammy, tirando estilhaços, higienizando, suturando, colocando ataduras.

Perguntou o que aconteceu à minha perna. Eu lhe disse que fui atingida por um tubarão. Ele não reage. Não parece confuso, nem divertido, nem nada disso. Como se levar um tiro de um tubarão fosse algo perfeitamente natural como resultado da Chegada. Como mudar o nome para Dumbo. Quando lhe perguntei qual era seu verdadeiro nome, ele disse que era... Dumbo.

Ben é Zumbi, Sammy é Nugget, Dumbo é Dumbo. E também há Pão de Ló, um garoto de expressão doce que não fala, não sei se porque não pode ou se porque não quer. Teacup, uma garotinha não muito mais velha que Sams, parece estar muito confusa, o que me preocupa, porque ela segura, acaricia e *se* abraça a um M16 que parece estar carregado com um pente cheio.

Finalmente, a garota bonita de cabelos negros, chamada Especialista, vulgo Esp, com idade próxima à minha, que não apenas tem cabelos muito brilhantes e lisos, mas também uma pele impecável de um modelo pintado com aerógrafo, do tipo que se vê nas capas de revistas de moda, sorrindo arrogantemente para você na fila de saída. Só que Esp nunca sorri, da mesma forma que Pão de Ló nunca fala. Assim, decidi me ater à possibilidade de que lhe faltem alguns dentes.

Também há algo entre ela e Ben. Agem como se fossem próximos, Eles passaram um longo tempo conversando, quando chegamos a esse lugar. Não que eu estivesse espiando

ou algo parecido, mas estava perto o bastante para escutar as palavras, *xadrez*, *círculo* e *sorriso.*

Então, escuto Ben perguntar:

— Onde você conseguiu o jipe?

— Tive sorte — ela disse. — Eles mudaram vários equipamentos e suprimentos para uma área temporária a oeste do campo, bem perto, acho que por causa do bombardeio. A área era vigiada, mas Pão de Ló e eu estávamos numa posição favorável.

— Esp, você não deveria ter voltado.

— Se eu não tivesse voltado, não estaríamos conversando agora.

— Não foi isso que eu quis dizer. Quando você viu o campo explodir, devia ter voltado para Dayton. Talvez só a gente saiba a verdade sobre a 5ª Onda. Isso é maior do que eu.

— Você voltou para buscar Nugget.

— Isso é diferente.

— Zumbi, você não é tão burro assim. — Como se Ben fosse só um pouco burro. — Você ainda não entendeu? No momento em que decidirmos que uma pessoa não importa mais, eles venceram.

Esse é um ponto em que tenho que concordar com a Senhorita Pele Perfeita. Enquanto seguro meu irmãozinho no colo para mantê-lo aquecido. Na elevação do terreno de onde se vê a rodovia abandonada. Sob um céu tomado por bilhões de estrelas. Não me importo com o que elas dizem sobre como somos pequenos. Um, mesmo o menor, o mais fraco, o mais insignificante, importa.

Está quase amanhecendo. Pode-se sentir o dia chegando. O mundo prende a respiração, porque realmente não há garantia de que o sol vai nascer. O fato de ter existido um ontem não significa que vai haver um amanhã.

O que Evan disse?

"Estamos aqui, e então vamos embora, e não tem nada a ver com o tempo que permanecemos aqui, mas com o que fazemos com ele."

E eu sussurro:

— Efemérida. — O nome que ele me deu.

Ele tinha estado em mim. Ele tinha estado em mim, e eu tinha estado nele, juntos em um espaço infinito, e não havia um ponto em que ele terminava, e eu começava.

Sammy se mexe no meu colo. Ele tinha cochilado, e agora acordou.

— Cassie, por que você está chorando?

— Não estou chorando. Quietinho, e volte a dormir.

Ele roça os nós dos dedos no meu rosto.

— Você está chorando.

Alguém está vindo em nossa direção. E Ben. Enxugo as lágrimas apressadamente. Ele senta-se ao meu lado com muito cuidado, com um gemido de dor. Não olhamos um para o outro. Observamos os espasmos incandescentes dos teleguiados caídos à distância. Ouvimos o vento solitário assobiando entre os galhos secos das árvores. Sentimos o frio do chão congelado penetrando pela sola de nossos sapatos.

— Eu queria lhe agradecer — ele diz.

— Pelo quê? — pergunto.

— Você salvou a minha vida.

Dou de ombros.

— Você me levantou quando caí — respondo. — Então, estamos quites.

O meu rosto está coberto por ataduras, meus cabelos parecem um ninho de passarinhos, estou vestida como um dos soldados de brinquedo de Sammy, e, mesmo assim, Ben Parish se inclina e me beija. Um beijo delicado, um pouco no rosto, um pouco na boca.

— Por que fez isso? — pergunto, a voz saindo em um minúsculo chiado, a garotinha de muito tempo atrás, a Cassie-com-o-rosto-cheio-de-sardas-que-eu-fui com cabelos crespos e joelhos ossudos, uma garota comum que viajava num ônibus escolar amarelo comum todos os dias comuns.

Em todas as minhas fantasias sobre o nosso primeiro beijo, e houve cerca de 600 mil, nenhuma vez imaginei que seria como esse. Nosso sonhado beijo geralmente era acompanhado de luar, ou neblina, ou luar e neblina, uma combinação muito misteriosa e romântica, pelo menos 110 local apropriado. Neblina iluminada pela lua junto a um lago ou um rio de águas calmas; romântico. Neblina iluminada em quase qualquer outro lugar, como um beco estreito: Jack, o Estripador.

"Você se lembra dos bebes?" eu perguntava em minhas fantasias. E Ben sempre diz, "Ah, sim. Claro que lembro. Os bebês!"

— Ei, Ben, eu estava imaginando se você se lembra... íamos juntos de ônibus para a escola, e você contou sobre sua irmãzinha, e eu lhe falei que Sammy tinha acabado de nascer também, e eu estava me perguntando se você se lembrava disso. Sobre eles terem nascido juntos. Não juntos, isso faria deles gêmeos, ha ha. Quero dizer, na mesma época. Não exatamente, mas com uma semana de diferença. Sammy e a sua irmã. Os bebês.

— Desculpe... bebês?

— Esquece. Não é importante.

— Agora tudo é importante.

Estou tremendo. Ele deve ter notado, pois põe 0 braço ao meu redor e ficamos sentados nessa posição durante algum tempo. Meus braços em volta de Sammy, os braços dele em volta de mim, e juntos nós três assistimos ao sol surgir no horizonte, eliminando a escuridão com uma explosão de luz dourada.

FIM

Este *ePub* foi criado em Fevereiro de 2014 por
LeYtor
Tendo como base a digitalização em *Pdf* de
Lúcia Garcia